

O Guarani

JOSÉ DE ALENCAR



JOSÉ DE ALENCAR

O Guarani

Primeira publicação: 1857
Edição de domínio público

JVA Editora

J. DE ALENCAR

O
GUARANY

ROMANCE BRAZILEIRO

QUINTA EDIÇÃO

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

PARIS.—E. MELLIER, 17, RUA SÉGUIER.

Ficção reservados os direitos de propriedade.

1883

AO LEITOR

Publicando este livro em 1857, se disse ser aquella primeira edição uma prova typographica, que algum dia talvez o autor se dispuzesse a rever.

Esta nova edição devia dar satisfação do empenho, que a extrema benevolencia do publico ledor, tão minguido ainda, mudou em bem para divida de reconhecimento.

Mais do que podia fiou de si o autor. Relendo a obra depois de annos, achou elle tão mau e incorrecto quando escrevera, que para bem corrigir, fora mister escrever de novo. Para tanto lhe carece o tempo e sobra o tédio de um labor ingrato.

Cingio-se pois ás pequenas emendas que toleravão o plano da obra e o desalinho de um estylo não castigado.

INDICE

PRIMEIRA PARTE **OS AVENTUREIROS**

- I.—Scenario
- II.—Lealdade
- III.—A bandeira
- IV.—A Luta
- V.—Loura e morena
- VI.—A Volta
- VII.—A prece
- VIII.—Tres linhas
- IX.—Amor
- X.—Ao alvorecer
- XI.—No banho
- XII.—A onça
- XIII.—Revelação
- XIV.—A india
- XV.—Os tres

SEGUNDA PARTE **PERY**

- I.—O Carmelita
- II.—Yara!
- III.—Genio do mal
- IV.—Cecy
- V.—Vilania

VI.—Nobreza

VII.—No precipicio

VIII.—O bracelete

IX.—Testamento

X.—Despedida

XI.—Travessura

XII.—As mensagens de Pery.

XIII.—Trama

XIV.—A chacara

Notas

PRIMEIRA PARTE
OS AVENTUREIROS

I SCENARIO

De um dos cabeços da *Serra dos Órgãos* deslisa um fio d'agua que se dirige para norte, e engrossado com os mananciaes, que recebe no seu curso de dez leguas, torna-se rio caudal.

É o *Paquequer*: soltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na varzea e embeber no Parahyba, que rola magestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-hia que vassallo e tributario desse rei das aguas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suzerano. Perde então a belleza selvatica; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltão contra os barcos e as canôas que resvalão sobre ellas: escravo submisso, soffre o latego do senhor.

Não é neste lugar que elle deve ser visto; sim tres ou quatro leguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indomito desta patria da liberdade.

Ahi, o *Paquequer* lança-se rapido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pello esparso pelas pontas de rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recúa um momento para concentrar as suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece n'uma linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.

A vegetação nessas paragens ostentava outr'ora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendião ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capiteis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no scenario que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas magestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.

No anno do graça de 1604, o lugar que acabamos de descrever estava deserto e inculto; a cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio seculo, e a civilisação não tivera tempo de penetrar o interior.

Entretanto, via-se á margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construida sobre uma eminencia, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.

A esplanada, sobre que estava assentado o edificio, formava um semicirculo irregular que teria quando muito cincoenta braças quadradas: do lado do norte havia uma especie de escada de lagedo feita metade pela natureza e metade pela arte.

Descendo dous ou tres dos largos degrãos de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construida sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha. Continuando a descer, chegava-se á beira do rio, que se curvava em seio gracioso; sombreado pelas grandes gameleiras e angelins que crescião ao longo das margens.

Ahi, ainda a industria do homem tinha aproveitado habilmente a natureza para crear meios de segurança e defeza.

De um e outro lado da escada seguião dous renques de arvores, que, alargando gradualmente, ião fechar como dous braços o seio

do rio; entre o tronco dessas arvores, uma alta cerca de espinheiros tornava aquelle pequeno valle impenetravel.

A casa era edificada com a architectura simples e grosseira, que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janellas de frente, baixas, largas, quasi quadradas.

Do lado direito estava a porta principal do edificio, que dava sobre um pateo cercado por uma estacada, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até á borda da esplanada uma aza do edificio, que abria duas janellas sobre o desfiladeiro da rocha.

No angulo que esta aza fazia com o resto da casa, havia uma cousa que chamaremos jardim, e de facto era uma imitação graciosa de toda a natureza rica, vigorosa e esplendida, que a vista abraçava do alto do rochedo.

Flores agrestes das nossas mattas, pequenas arvores copadas, um estandal de relvas, um fio d'agua, fingindo um rio e formando uma pequena cascata tudo isto a mão do homem tinha creado no pequeno espaço com uma arte e graça admiravel.

Á primeira vista, olhando esse rochedo da altura de duas braças, donde se precipitava um arroio da largura de um copo d'agua, e o monte de gramma, que tinha quando muito o tamanho de um divan, parecia que a natureza se havia feito menina, e se esmerara em crear por capricho uma miniatura.

O fundo da casa, inteiramente separado do resto da habitação por uma cerca, era tomado por dous grandes armazens ou senzalas, que servião de morada a aventureiros e acostados.

Finalmente, na extrema do pequeno jardim, á beira do precipicio, via-se uma cabana de sapé, cujos esteios erão duas palmeiras que

havião nascido entre as fendas das pedras. As abas do tecto descíam até o chão: um ligeiro sulco privava as águas da chuva de entrar nesta habitação selvagem.

Agora que temos descripto o aspecto da localidade, onde se deve passar a maior parte dos acontecimentos desta historia, podemos abrir a pesada porta de jacarandá que serve de entrada, e penetrar no interior do edificio.

A sala principal, o que chamamos ordinariamente sala da frente, respirava um certo luxo que parecia impossivel existir nessa época em um deserto, como era então aquelle sitio.

As paredes e o tecto erão caiados, mas cingidos por um largo florão de pintura a fresco; nos espaços das janellas pendião dous retratos que representavão um fidalgo velho e uma dama tambem idosa.

Sobre a porta do centro desenhava-se um brasão d'armas em campo de cinco vieiras de ouro, riscadas em cruz entre quatro rosas de prata sobre pallas e faixas. No escudo, formado por uma brica de prata, orlada de vermelho, via-se um elmo tambem de prata paquife de ouro e de azul, e por timbre um meio leão de azul com uma vieira de ouro sobre a cabeça.

Um largo reposteiro de damasco vermelho, onde se reproduzia o mesmo brasão, occultava esta porta, que raras vezes se abria, e dava para um oratorio. Defronte, entre as duas janellas do meio, havia um pequeno docel fechado por cortinas brancas com apanhados azues.

Cadeiras de couro de alto espaldar, uma mesa de jacarandá de pés torneados, uma lampada de praia suspensa ao tecto, constituíam a mobilia da sala, que respirava um ar severo e triste.

Os aposentos interiores erão do mesmo gosto, menos as decorações heraldicas; na aza do edificio, porém, esse aspecto mudava de repente, e era substituido por um quer que seja de caprichoso e delicado que revelava a presença de uma mulher.

Com effeito, nada mais loução do que essa alcova, em que os brocateis de seda se confundião com as lindas pennas de nossas aves, enlaçadas em grinaldas e festões pela orla do tecto e pela cupola do cortinado de um leito collocado sobre um tapete de pelles de animaes selvagens.

A um canto, pendia da parede um crucifixo em alabastro, aos pés do qual havia um escabello de madeira dourada.

Pouco distante, sobre uma commoda, via-se uma dessas guitarras hespanholas que os ciganos introduzirão no Brasil quando expulsos de Portugal, e uma collecção de curiosidades mineraes de côres mimosas e formas exquisitas.

Junto á janella, havia um traste que á primeira vista não se podia definir; era uma especie de leito ou sofá de palha matisada de varias côres e entremeiada de pennas negras e escarlates.

Uma garça real empalada, prestes a desatar o vôo, segurava com o bico a cortina de tafetá azul que ella abria com a ponta de suas azas brancas e cahindo sobre a porta, vendava esse ninho da innocencia aos olhos profanos.

Tudo isto respirava um suave aroma de beijoim, que se tinha impregnado nos objectos como o seu perfume natural, ou como a atmosphaera do paraíso que uma fada habitava.

II

LEALDADE

A habitação que descrevemos, pertencia a D.^o Antonio de Mariz, fidalgo portuguez cota d'armas e um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro.

Era dos cavalheiros que mais se havião distinguido nas guerras da conquista, contra a invasão dos francezes e os ataques dos selvagens.

Em 1567 acompanhou Mem de Sá ao Rio de Janeiro, e depois da victoria alcançada pelos portuguezes, auxiliou o governador nos trabalhos da fundação da cidade e consolidação do dominio de Portugal nessa capitania.

Fez parte em 1578 da celebre expedição do D.^o Antonio de Salema contra os francezes, que havião estabelecido uma feitoria em Cabo Frio para fazerem o contrabando de páo-brasil.

Servio por este mesmo tempo de provedor da real fazenda, e depois da alfandega do Rio de Janeiro; mostrou sempre nesses empregos o seu zelo pela republica e a sua dedicação ao rei.

Homem de valor, experimentado na guerra, activo, affeito a combater os indios, prestou grandes serviços nas descobertas e explorações do interior de Minas e Espirito Santo. Em recompensa do seu merecimento, o governador Mem de Sá lhe havia dado uma sesmaria de uma legua com fundo sobre o sertão, a qual depois de haver explorado, deixou por muito tempo devoluta.

A derrota de Alcacerquibir, e o dominio hespanhol que se lhe seguio, vierão modificar a vida de D.^o Antonio de Mariz.

Portuguez de antiga tempera, fidalgo leal, entendia que estava preso ao rei de Portugal pelo juramento da nobreza, e que só a elle devia preito e menagem. Quando pois, em 1582, foi acclamado no Brasil D. Filippe II como o successor da monarchia portugueza, o velho fidalgo embainhou a espada e retirou-se do serviço.

Por algum tempo esperou a projectada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeo transportar ao Brasil a coroa portugueza, collocada então sobre a cabeça do seu legitimo herdeiro, D. Antonio, prior do Crato.

Depois, vendo que esta expedição não se realisava, e que seu braço e sua coragem de nada valião ao rei de Portugal, jurou que ao menos lhe guardaria fidelidade até a morte. Tomou os seus penates, o seu brasão, as suas armas, a sua familia, e foi estabelecer-se naquella sesmaria que lhe concedera Mem de Sá. Ahi, de pé sobre a eminencia em que ia assentar o seu novo solar, D. Antonio de Mariz erguendo o vulto direito, e lançando um olhar sobranceiro pelos vastos horizontes que abrião em torno, exclamou:

—Aqui sou portuguez! Aqui pode respirar á vontade um coração leal, que nunca desmentio a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás n'alma de teus filhos. Eu o juro!

Descobrimdo-se, curvou o joelho em terra, e estendeo a mão direita sobre o abysmo, cujos échos adormecidos repetirão ao longe a ultima phrase do juramento prestado sobre o altar da natureza, em face do sol que transmontava.

Isto se passara em abril de 1593; no dia seguinte, começarão os trabalhos da edificação de uma pequena habitação que servia de

residencia provisoria, até que os artesãos vindos do reino construirão e decorarão a casa que já conhecemos.

D. Antonio tinha ajuntado fortuna durante os primeiros annos de sua vida aventureira; e não só por capricho de fidalguia, mas em attenção á sua familia, procurava dar a essa habitação construida no meio de um sertão, todo o luxo e commodidade possiveis.

Além das expedições que fazia periodicamente á cidade do Rio de Janeiro, para comprar fazendas e generos de Portugal, que trocava pelos productos da terra, mandara vir do reino alguns officiaes mecanicos e hortelãos, que aproveitavão os recursos dessa natureza tão rica, para proverem os seus habitantes de todo o necessario.

Assim, a casa era um verdadeiro solar de fidalgo portuguez, menos as ameias e a barbacan, as quaes havião sido substituidas por essa muralha de rochedos inacessiveis, que offerecião uma defeza natural e uma resistencia inexpugnavel.

Na posição em que se achava, isto era necessario por causa das tribus selvagens, que, embora se retirassem sempre das visinhanças dos lugares habitados pelos colonos, e se entranhassem pelas florestas, costumavão comtudo fazer correrias e atacar os brancos á traição.

Em um circulo de uma legua da casa, não havia senão algumas cabanas em que moravão aventureiros pobres, desejosos de fazer fortuna rapida, e que tinham-se animado a se estabelecer neste lugar, em parcerias de dez e vinte, para mais facilmente praticarem o contrabando do ouro e pedras preciosas, que ião vender na costa.

Estes, apezar das precauções que tomavão contra os ataques dos indios, fazendo palissadas e reunindo-se uns aos outros para defeza

commum, em occasião de perigo vinhão sempre abrigar-se na casa de D. Antonio de Mariz, a qual fazia as vezes de um castello feudal na idade media.

O fidalgo os recebia como um rico-homem que devia protecção e asylo aos seus vassallos; soccorria-os em todas as suas necessidades, e era estimado e respeitado por todos que vinhão, confiados na sua visinhança, estabelecer-se por esses lugares.

Deste modo, em caso de ataques dos indios, os moradores da casa do Paquequer não podião contar senão com os seus proprios recursos; e por isso D. Antonio, como homem pratico e avisado que era, havia-se premunido para qualquer occurrencia.

Elle mantinha, como todos os capitães de descobertas daquelles tempos coloniaes, uma banda de aventureiros que lhe servião nas suas explorações e correrias pelo interior; erão homens ousados, destemidos, reunindo ao mesmo tempo aos recursos do homem civilisado a astucia e agilidade do indio de quem havião aprendido; erão uma especie de guerrilheiros, soldados e selvagens ao mesmo tempo.

D. Antonio de Mariz, que os conhecia, havia estabelecido entre elles uma disciplina militar rigorosa, mas justa; a sua lei era a vontade do chefe; o seu dever a obediencia passiva, o seu direito uma parte igual na metade dos lucros. Nos casos extremos, a decisão era proferida por um conselho de quatro, presidido pelo chefe; e cumpria-se sem appello, como sem demora e hesitação.

Pela força da necessidade, pois, o fidalgo se havia constituido senhor de baração e cutello, de alta e baixa justiça dentro dos seus dominios; devemos porém declarar que rara vez se tornara precisa

a applicação dessa lei rigorosa; a severidade tinha apenas o effeito salutar de conservara ordem, a disciplina e a harmonia.

Quando chegava a epocha da venda dos productos, que era sempre anterior á sahida da armada de Lisboa, metade da banda dos aventureiros ia á cidade do Rio de Janeiro, apurava o ganho, fazia a troca dos objectos necessarios, e na volta prestava suas contas. Uma parte dos lucros pertencia ao fidalgo, como chefe; a outra era distribuida igualmente pelos quarenta aventureiros, que a recebem em dinheiro ou em objectos de consumo.

Assim vivia, quasi nomeio do sertão, desconhecida e ignorada essa pequena communhão de homens, governando-se com as suas leis, os seus usos e costumes; unidos entre si pela ambição da riqueza, e ligados ao seu chefe pelo respeito, pelo habito da obediencia e por essa superioridade moral que a intelligencia e a coragem exercem sobre as massas.

Para D. Antonio e para seus companheiros a quem elle havia imposto a sua fidelidade, esse torrão brasileiro, esse pedaço de sertão, não era senão um fragmento de Portugal livre, de sua patria primitiva; ahi só se reconhecia como rei ao duque de Bragança, legitimo herdeiro da corôa; e quando se corrião as cortinas do docel da sala, as armas que se vião, erão as cinco quinas portuguezas, diante das quaes todas as fronte inclinavão.

D. Antonio tinha cumprido o seu juramento de vassallo leal; e, com a consciência tranquilla por ter feito o seu dever, com a satisfação que dá ao homem o mando absoluto, ainda mesmo em um deserto, rodeado de seus companheiros que elle considerava amigos, vivia feliz no seio de sua pequena familia.

Esta se compunha de quatro pessoas:

Sua mulher, D. Lauriana, dama paulista, imbuida de todos os prejuizos de fidalguia e de todas os abusões religiosas daquelle tempo; no mais, um bom coração, um pouco egoista, mas não tanto que não fosse capaz de um acto de dedicação:

Seu filho, D. Diogo de Mariz, que devia mais tarde proseguir na carreira de seu pai, e que lhe succedeo em todas as honras e foraes; ainda moço na flor da idade, gastava o tempo em correrias e caçadas:

Sua filha, D. Cecilia, que tinha dezoito annos, e que era a deusa desse pequeno mundo que ella illuminava com o seu sorriso, e alegrava com o seu genio travesso e a sua mimosa faceirice:

D. Isabel, sua sobrinha, que os companheiros de D. Antonio, embora nada dissessem, suspeitavão ser o fructo dos amores do velho fidalgo por uma india que havia captivado em uma das suas explorações.

Demorei-me em descrever a scena e fallar de algumas das principaes personagens deste drama porque assim era preciso para que bem se comprehendão os acontecimentos que depois se passarão.

Deixarei porém que os outros perfis se desenhem por si mesmos.

III

A BANDEIRA

Era meio dia.

Um troço de cavalleiros, que constaria quando muito de quinze pessoas, costeava a margem direita do Parahyba.

Estavão todos armados da cabeça até aos pés; além da grande espada de guerra que batia as ancas do animal, cada um delles trazia á cinta dous pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracollo pelo hombro esquerdo.

Pouco adiante, dous homens a pé tocavão alguns animaes carregados de caixas e outros volumes cobertos com uma sarapilheira alcatroada, que os abrigava da chuva.

Quando os cavalleiros, que seguião a trote largo, vencião a pequena distancia que os separava da tropa, os dous caminheiros, para não atrazarem a marcha, montavão na garupa dos animaes e ganhavão de novo a dianteira.

Naquelle tempo dava-se o nome de *bandeiras* a essas caravanas de aventureiros que se entranhavão pelos sertões do Brasil, á busca de ouro, de brilhantes e esmeraldas, ou á descoberta de rios e terras ainda desconhecidos. A que nesse momento costeava a margem do Parahyba, era da mesma natureza; voltava do Rio de Janeiro, onde fora vender os productos de sua expedição pelos terrenos auriferos.

Uma das occasiões, em que os cavalleiros se aproximarão da tropa que seguia á alguns passos, um moço de vinte e oito annos,

bem parecido, e que marchava á frente do troço, governando o seu cavallo com muito garbo e gentileza, quebrou o silencio geral.

—Vamos, rapazes! disse elle alegremente aos caminheiros; um pouco de diligencia, e chegaremos com cedo. Restão-nos apenas umas quatro leguas!

Um dos bandeiristas, ao ouvir estas palavras, chegou as esporas á cavalgadura e avançando algumas braças collocou-se ao lado do moço.

—Ao que parece, tendes pressa de chegar, Sr. Alvaro de Sá? disse elle com um ligeiro accenno italiano, e um meio sorriso cuja expressão de ironia era disfarçada por uma benevolencia suspeita.

—De certo, Sr. Loredano; nada é mais natural a quem viaja, do que o desejo de chegar.

—Não digo o contrario; mas confessareis que nada tambem é mais natural a quem viaja, do que poupar os seus animaes.

—Que quereis dizer com isto, Sr. Loredano? perguntou Alvaro com um movimento de enfado.

—Quero dizer, Sr. cavalheiro, respondeo o italiano em tom de mofa e medindo com os olhos a altura do sol, que chegaremos hoje pouco antes das seis horas.

Alvaro corou.

—Não vejo em que isto vos causa reparo; á alguma hora haviamos chegar; e melhor é que seja de dia, do que de noite.

—Assim como melhor é que seja em um sabbado do que em outro qualquer dia! replicou o italiano no mesmo tom.

Um novo rubor assomou ás faces de Alvaro, que não pôde disfarçar o seu enleio: mas, recobrando o desembaraço, soltou uma risada, e respondeo:

—Ora, Deus, Sr. Loredano: estais ahi a fallar-me na ponta dos beijos e com meias palavras; á fé de cavalheiro que não vos entendo.

—Assim deve ser. Diz a escriptura que não ha peor surdo do que aquelle que não quer ouvir.

—Oh! temos anexim! Aposto que aprendestes isto agora em S. Sebastião: foi alguma velha beata, ou algum licenciado em cânones que vol-o ensinou? disse o cavalheiro gracejando.

—Nem um nem outro, Sr. cavalheiro; foi um fanqueiro da rua dos Mercadores, que por signal tambem me mostrou custosos brocados e lindas arrecadas de perolas, bem proprias para o mimo de um gentil cavalheiro á sua dama.

Alvaro enrubeceo pela terceira vez.

Decididamente o sarcastico italiano, com o seu espirito mordaz, achava meio de ligar a todas as perguntas do moço uma allusão que o incommodava; e isto no tom o mais natural do mundo.

Alvaro quiz cortar a conversação neste ponto; mas o seu companheiro proseguio com extrema amabilidade:

—Não entrastes por acaso na loja desse fanqueiro de que vos falei, Sr. cavalheiro?

—Não me lembro; é de crer que não, pois apenas tive tempo de arranjar os nossos negocios, e nem um me restou para vêr essas galantarias de damas e fidalgas; disse o moço com frieza.

—É verdade! acudio Loredano com uma ingenuidade simulada; isto me faz lembrar que só nos demorámos no Rio de Janeiro cinco dias, quando das outras vezes erão nunca menos de dez e quinze.

—Tive ordem para haver-me com toda a rapidez; e creio, continuou fitando no italiano um olhar severo, que não devo contas de minhas acções senão áquelles a quem dei o direito de pedi-las.

—*Per Bacco*, cavalheiro! Tomais as cousas ao revez. Ninguém vos pergunta por que motivo fazeis aquillo que vos praz: mas tambem achareis justo que cada um pense á sua maneira.

—Pensai o que quizerdes! disse Alvaro levantando os hombros e avançando o passo da sua cavalgadura.

A conversa interrompeo-se.

Os dous cavalleiros, um pouco adiantados ao resto do troço, caminhavão silenciosos uma par do outro.

Alvaro ás vezes enfiava o olhar pelo caminho como para medir a distancia que ainda tinham de percorrer, e outras vezes parecia pensativo e preocupado.

Nestas occasiões, o italiano lançava sobre elle um olhar á furto, cheio de malicia e ironia; depois continuava a assobiar entre dentes uma cansoneta de *condottiere*, de quem elle apresentava o verdadeiro typo.

Um rosto moreno, coberto por uma longa barba negra, entre a qual o sorriso desdenhoso fazia brilhara alvura de seus dentes; olhos vivos, a fronte larga, descoberta pelo chapéo desabado que cahia sobre o hombro; alta estatura, e uma constituição forte, agil e musculosa; erão os principaes traços deste aventureiro.

A pequena cavalgata tinha deixado a margem do rio, que não offerencia mais caminho, e tomára por uma estreita picada aberta na matta.

Apezar de ser pouco mais de duas horas, o crepusculo reinava nas profundas e sombrias abobadas de verdura: a luz, coando entre a espessa folhagem, se decompunha inteiramente; nem uma restea de sol penetrava nesse templo da creação, ao qual servião de columnas os troncos seculares dos acaris e araribás.

O silencio da noite, com os seus rumores vagos e indecisos e os seus échos amortecidos, dormia no fundo dessa solidão, e era apenas interrompido um momento pelo passo dos animaes, que fazião estalar as folhas seccas.

Parecia que devião ser seis horas da tarde, e que o dia cahindo envolvia a terra nas sombras pardacentas do occaso.

Alvaro de Sá, embora habituado a esta illusão, não pôde deixar de sobresaltar-se um instante, em que, sahindo da sua meditação, vio-se de repente nomeio do *claro-escuro* da floresta.

Involuntariamente ergueo a cabeça para vêr se atravez da cupola de verdura descobria o sol, ou pelo menos alguma scentelha de luz que lhe indicasse a hora.

Loredano não pôde reprimir a risada sardonica que lhe veio aos labios.

—Não vos dê cuidado, Sr. cavalheiro, antes de seis horas lá estaremos; sou eu que vo-lo digo.

O moço voltou-se para o italiano, rugando o sobrolho.

—Sr. Loredano, é a segunda vez que dizeis esta palavra em um tom que me desagrada; pareceis querer dar a entender alguma

cousa, mas falta-vos o animo de a proferir. Uma vez por todas, fallai abertamente, e Deus vos guarde de tocar em objectos que são sagrados.

Os olhos do italiano lançarão uma fиска; mas o seu rosto conservou-se calmo e sereno.

—Bem sabeis que vos devo obediência, Sr. cavalheiro, e não faltarei della. Desejais que falle claramente; e a mim me parece que nada do que tenho dito póde ser mais claro do que é.

—Para vós, não duvido; mas isto não é razão de que o seja para outros.

Ora dissei-me, Sr. cavalheiro, não vos parece claro, á vista do que me ouvistes, que adivinhei o vosso desejo de chegar o mais depressa possivel?

—Quanto a isto, já vos confessei eu; não ha pois grande merito em adivinhar.

—Não vos parece claro tambem que observei haverdes feito esta expedição com a maior rapidez, de modo que em menos de vinte dias eis-nos ao cabo della?

—Já vos disse que tive ordem, e creio que nada tendes a oppôr.

—Não de certo; uma ordem é um dever, e um dever cumpre-se com satisfação, quando o coração nelle se interessa.

—Sr. Loredano! disse o moço levando a mão ao punho da espada e colhendo as redeas.

O italiano fez que não tinha visto o gesto de ameaça; continuou:

—Assim tudo se explica. Recebestes uma ordem? foi de D. Antonio de Mariz, sem duvida?

—Não sei que nenhum outro tenha direito de dar-me; replicou o moço com arrogancia.

—Naturalmente por virtude desta ordem, continuou o italiano cortezmente, partistes do *Paquequer* em uma segunda feira, quando o dia designado era um domingo.

—Ah! tambem reparastes nisto? perguntou o moço mordendo os beiços de despeito.

Reparo em tudo, Sr. cavalheiro; assim, não deixei de observar ainda, que sempre em virtude da ordem, fizestes tudo para chegar justamente antes do domingo.

—E não observastes mais nada? perguntou Alvaro com a voz tremula e fazendo um esforço para conter-se.

—Não me escapou tambem uma pequena circumstancia de que já vos fallei.

—E qual é ella, se vos praz?

—Oh! não vale a pena repetir: é cousa de somenos.

—Dizei sempre, Sr. Loredano: nada é perdido entre dous homens que se entendem; replicou Alvaro com um olhar de ameaça.

—Já que o quereis, força é satisfazer-vos. Noto que a ordem de D. Antonio, e o italiano carregou nesta palavra, manda-vos estar no *Paquequer* um pouco antes de seis horas, a tempo de ouvir a prece.

—Tendes um dom admiravel, Sr. Loredano; o que é de lamentar, é que o empregueis em futilidades.

—Em que quereis que um homem gaste seu tempo neste sertão, senão a olhar para seus semelhantes, e ver o que elles fazem?

—Com effeito é uma boa distracção.

—Excelente. Vede vós, tenho visto cousas que se passam diante dos outros, e que ninguém percebe, porque não se quer dar ao trabalho de olhar como eu; disse o italiano com o seu ar de simplicidade fingida.

—Contai-nos isto, ha de ser curioso.

—Ao contrario, é o mais natural possível; um moço que apanha uma flor ou um homem que passeia de noite á luz das estrellas... Póde haver cousa mais simples?

Alvaro empallideceo desta vez.

—Sabeis uma cousa, Sr. Loredano?

—Saberei, cavalheiro, se me fizerdes a honra de dizer.

—Está me parecendo que a vossa habilidade de observador levou-vos muito longe, e que fazeis nem mais nem menos do que o officio de espião.

O aventureiro ergueo a cabeça com um gesto altivo, levando a mão ao cabo de uma larga adaga que trazia á ilharga: no mesmo instante porém dominou este movimento, e voltou á bonhomia habitual.

—Quereis gracejar, senhor cavalheiro?...

—Enganais-vos, disse o moço picando o seu cavallo e encostando-se ao italiano, fallo-vos seriamente; sois um infame espião! Mas juro, por Deus, que á primeira palavra que proferirdes, esmago-vos a cabeça como a uma cobra venenosa.

A physionomia de Loredano não se alterou; conservou a mesma impassibilidade; apenas o seu ar de indiferencia e sarcasmo desapareceo sob a expressão de energia e maldade que lhe accentuou os traços vigorosos.

Fitando um olhar duro no cavalheiro, respondeu:

—Visto que tomais a cousa neste tom, Sr. Alvaro de Sá, cumpre que vos diga que não é a vós que cabe ameaçar; entre nós dous deveis saber qual é o que tem a temer!...

—Esqueceis a quem fallais? disse o moço com altivez.

—Não, senhor, lembro tudo; lembro que sois meu superior, e também, accrescentou com voz surda, que tenho o vosso segredo.

E parando o animal, o aventureiro deixou Alvaro seguir só na frente, e misturou-se com os seus companheiros.

A pequena cavalgata continuou a marcha atravez da picada, e aproximou-se de uma dessas clareiras das mattas virgens, que se assemelham a grandes zimborios de verdura.

Neste momento um rugido espantoso fez estremecer a floresta, e encheo a solidão com os échos estridentes.

Os caminheiros empallidecerão e olharão um para o outro; os cavalleiros engatilharão os arcabuzes e seguirão lentamente, lançando um olhar cauteloso pelos ramos das arvores.

IV A LUTA

Quando a cavalgata chegou á margem da clareira, ahi se passava uma scena curiosa.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abobada de arvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um indio na flor da idade.

Uma simples tunica de algodão a que os indigenas chamavão *aimará*, apertada á cintura por uma faixa de pennas escarlates, cahia-lhe dos hombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diaphana do algodão, a sua pelle, côm do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabellos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente: a pupilla negra, mobil, scintillante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davão ao rosto pouco oval a belleza inculta da graça, da força e da intelligencia.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, á qual se prendião do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinhão roçar com as pontas negras o pescoço flexivel.

Era de alta estatura, tinha as mãos delicadas; a perna agil e nervosa, ornada com uma axorca de fructos amarelllos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flexas com a mão direita cahida, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de páo ennegrecido pelo fogo.

Perto delle estava atirada ao chão uma clavina tauxiada, uma pequena bolsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uso foi depois proibido em Portugal e no Brasil.

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos n'uma sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distancia, e se agitava imperceptivelmente.

Alli, por entre a folhagem, distinguíam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; ás vezes vião-se brilhar na sombra dous raios vitreos e pallidos, que semelhavão os reflexos de alguma crystalisação de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de arvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo: uma especie de riso sardonico e feroz contrahia-lhe as negras mandibulas, e mostrava a linha de dentes amarelllos; as ventas dilatadas aspiravão fortemente, e parecião deleitar-se já com o odor do sangue da victima.

O indio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco secco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma scena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defeza.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem medirão-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata appareceu na entrada da clareira.

Então o animal, lançando ao redor um olhar injectado de sangue, eriçou o pello, e ficou immovel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque.

O indio que ao movimento da onça acurvára ligeiramente os joelhos e apertára o forcado, indireitou-se de novo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, vio a banda que parára á sua direita.

Estendeu o braço e fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas elle era, intimando aos cavalleiros que continuassem a sua marcha.

Como porém o italiano, com o arcabuz em face procurasse fazer a pontaria entre as folhas, o indio bateu com o pé no chão em signal de impaciencia, e exclamou apontando para o tigre, e levando a mão ao peito:

—É meu!... meu só!

Estas palavras forão ditas em portuguez, com uma pronuncia doce e sonora, mas em tom de energia e resolução.

O italiano rio.

—Por Deus! Eis um direito original! Não quereis que se offenda a vossa amiga?... Está bem, dom cacique, continuou lançando o arcabuz a tiracollo; ella vo-lo agradecerá.

Em resposta a esta ameaça, o indio empurrou desdenhosamente com a ponta do pé a clavina que estava atirada ao chão, como para exprimir que, se elle o quitasse, já teria abatido o tigre de um tiro. Os cavalleiros comprehendêrão o gesto, porque, além da precaução necessaria para o caso de algum ataque directo, não fizerão a menor demonstração offensiva.

Tudo isto se passou rapidamente, em um segundo, sem que o indio deixasse um só instante com os olhos o inimigo.

Á um signal de Alvaro de Sá, os cavalleiros proseguirão a sua marcha, e entranhão-se de novo na floresta.

O tigre, que observava os cavalleiros immovel, com o pello eriçado, não ousára investir nem retirar-se, temendo expor-se aos tiros dos arcabuzes: mas apenas viu a tropa distanciar-se e sumir-se no fundo da matta, soltou um novo rugido de alegria e contentamento.

Ouvio-se um rumor de galhos que se espedaçavam como se uma arvore houvesse tombado na floresta, e o vulto negro da fera passou no ar; d'um pulo tinha ganho outro tronco, e mettido entre ella e o seu adversario uma distancia de trinta palmos.

O selvagem comprehendeu immediatamente a razão disto: a onça, com os seus instinctos carniceiros e a sede voraz de sangue, tinha visto os cavallos e desdenhava o homem, fraca presa para sacia-la.

Com a mesma rapidez com que formulou este pensamento, tomou na cinta uma flecha pequena e delgada como um espinho de ouriço, e esticou a corda do grande arco, que excedia de um terço á sua altura.

Ouvio-se um forte sibilo, que foi acompanhado por um bramido da fera; a pequena setta despedida pelo indio se cravára na orelha, e uma segunda, açoutando o ar, ia ferir-lhe a mandibula inferior.

O tigre tinha-se voltado ameaçador e terrivel, aguçando os dentes uns nos outros, rugindo de furia e vingança: de dous saltos approximou-se novamente.

Era uma luta de morte a que ia se travar; o indio o sabia, e esperou tranquillamente, como da primeira vez; a inquietação que sentira um momento de que a presa lhe escapasse, desaparecera: estava satisfeito.

Assim, estes dous selvagens das mattas do Brasil, cada um com as suas armas, cada um com a consciencia de sua força e de sua coragem, consideravão-se mutuamente como uma victima que ia ser immolada.

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou á cousa de quinze passos do inimigo, retrahio-se com uma força de elasticidade extraordinaria, e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio.

Foi cahir sobre o indio, apoiado nas largas patas de traz, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua victima, e os dentes promptos a cortar-lhe a jugular.

A velocidade deste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pelle azevichada, já a fera tocava o chão com as patas.

Mas tinha em frente um inimigo digno della, pela força e agilidade.

Como a principio, o indio havia dobrado um pouco os joelhos, e segurava na esquerda a longa forquilha, sua unica defeza; os olhos sempre fixos magnetisavão o animal. No momento em que o tigre se lançava, curvou-se ainda mais; e fugindo com o corpo apresentou o gancho. A fera, cahindo com a força do peso e a ligeireza do pulo, sentio o forçado cerrar-lhe o collo, e vacillou.

Então, o selvagem, distendeu-se com a flexibilidade da cascavel ao lançar o bote; fincando os pés e as costas no tronco,

arremessou-se e foi cahir sobre o ventre da onça, que, subjugada, prostrada de costas, com a cabeça presa ao chão pelo gancho, debatia-se contra o seu vencedor, procurando debalde alcançá-lo com as garras.

Esta luta durou minutos; o indio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha, mantinha assim immovel a fera que ha pouco corria a mata não encontrando obstaculos á sua passagem.

Quando o animal, quasi asphixiado pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistencia, o selvagem, segurando sempre a forquilha, metteu a mão debaixo da tunica e tirou uma corda de *ticum* que tinha enrolada á cintura em muitas voltas.

Nas pontas desta corda havia dous laços que elle abriu com os dentes e passou nas patas dianteira ligando-as fortemente uma a outra; depois fez o mesmo ás pernas, e acabou por amarrar as duas mandibulas, de modo que a onça não podesse abrir a bocca.

Feito isto, correu a um pequeno arroio que passava perto; e enchendo de agua uma folha de cajueiro bravo, que tornou cova, veio borrifara cabeça da fera. Pouco a pouco o animal ia tornando a si; e o seu vencedor aproveitava este tempo para reforçar os laços que o prendião, e contra os quaes toda a força e agilidade do tigre seriam impotentes.

Neste momento uma cotia timida e arisca appareceu na leiseira da matta, e adiantando o focinho, escondeu-se arrepiando o seu pello vermelho e afogueado.

O indio saltou sobre o arco, e abateu-a dahi a alguns passos no meio da carreira; depois, apanhando o corpo do animal que ainda

palpitava, arrancou a flexa, e veio deixar cahir nos dentes da onça as gotas do sangue quente e fumegante.

Apenas o tigre moribundo sentio o odor da carniça, e o sabor do sangue que filtrando entre as presas cahira na boca, fez uma contorsão violenta, e quiz soltar um urro que apenas exhalou-se n'um gemido surdo e abafado.

O indio sorria, vendo os esforços da fera para arrebentar as cordas que a atavão de maneira que não podia fazer um movimento, a não serem essas retorções do corpo, em que debalde se agitava. Por cautela tinha-lhe ligado até os dedos uns aos outros para privar-lhe que podesse usar das unhas longas e retorcidas, que são a sua arma mais terrivel.

Quando o indio satisfez o prazer de contemplar o seu captivo, quebrou na matta dous galhos soccos de biribá, e roçando rapidamente um contra o outro, tirou fogo pelo attrito e tratou de preparar a sua caça para jantar.

Em pouco tempo tinha acabado a selvagem refeição, que elle acompanhou com alguns favos de mel de uma pequena abelha que fabrica as suas colméas no chão. Foi ao regato, bebeo alguns góles d'agua, lavou as mãos, o rosto e os pés, e cuidou em pôr-se a caminho.

Passando pelas patas do tigre o seu longo arco que suspendeo ao hombro, e vergando ao peso do animal que se debatia em contorsões, tomou a picada por onde tinha seguido a cavalgata.

Momentos depois, no lugar desta scena já deserto, entre-abrio-se uma moita espessa, e surgiu um indio completamente nú, ornado apenas com uma trofa de pennas amarellas.

Lançou ao redor um olhar espantado, examinou cautelosamente o fogo que ardia ainda e o resto da caça; deitou-se encostando o ouvido em terra, e assim ficou algum tempo.

Depois se ergueu e entranhou de novo pela floresta, na mesma direcção que o outro tomára pouco tempo antes.

V LOURA E MORENA

Cahia a tarde.

No pequeno jardim da casado *Paquequer*, uma linda moça se embalançava indolentemente n'uma rede de palha presa aos ramos de uma acacia silvestre, que estremecendo deixava cair algumas de suas flores miudas e perfumadas.

Os grandes olhos azues, meio cerrados, às vezes se abrião languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavão de novo as palpebras rosadas.

Os labios vermelhos e humidos parecião uma flor da gardenia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o halito doce e ligeiro exhalava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes côr de rosa, que ião, desmaiando, morrer no collo de linhas suaves e delicadas.

O seu trajo era do gosto mais mimoso e mais original que é possível conceber; mistura de luxo e de simplicidade.

Tinha sobre o vestido branco de cassa um ligeiro saiote de risso azul apanhado á cintura por um broche; uma especie de arminho côr de perola, feito com a pennugem macia de certas aves, orlava o talho e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus hombros e o harmonioso contorno do seu braço arqueado sobre o seio.

Os longos cabellos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobrião a fronte alva, e cahião em volta do pescoço presos por uma resilha finissima de fios de palha côr de ouro, feita com uma arte e perfeição admiravel.

A mãozinha afilada, brincava com um ramo de acacia que se curvava carregado de flores; e ao qual de vez em quando segurava-se para imprimir á rede uma doce oscillação.

Esta moça era Cecilia.

O que passava nesse momento em seu espirito infantil é impossivel descrever; o corpo cedendo á languidez que produz uma tarde calmosa, deixava que a imaginação corresse livre.

Os sopros tepidos da brisa que vinhão impregnados dos perfumes das madre-silvas e das açucenas agrestes, ainda excitavão mais esse enlevo e bafejavão talvez nessa alma innocente algum pensamento indefinido, algum desses mythos de um coração de moça aos dezoito annos.

Ella sonhava que uma das nuvens brancas que passavão pelo céu anilado, roçando a ponta dos rochedos se abria de repente; e um homem vinha cahir a seus pés timido e supplicante.

Sonhava que córava; e um rubor vivo accendia o rosado de suas faces; mas a pouco e pouco esse casto enleio ia se desvanecendo, e acabava n'um gracioso sorriso que sua alma vinha pousar nos labios.

Com o seio palpitante, toda tremula e ao mesmo tempo contente e feliz, abria os olhos; mas voltava-os com desgosto, porque, em vez do lindo cavalheiro que ella sonhara, via a seus pés um selvagem.

Tinha então, sempre em sonho, um desses assomos de colera de rainha offendida, que fazia arquear as sobranceiras louras, e bater sobre a relva a ponta de um pézinho de menina.

Mas o escravo supplicante erguia os olhos tão magoados, tão cheios de preces mudas e de resignação, que ella sentia um quer

que seja de inexprimível, e ficava triste, triste, até que fugia e ia chorar.

Vinha porém o seu lindo cavalheiro, enxugava-lhe as lágrimas, e ella sentia-se consolada, e sorria de novo; mas conservava sempre uma sombra de melancolia, que só a pouco e pouco o seu genio alegre conseguia desvanecer.

Neste ponto do seu sonho, a por tinha interior do jardim abrio-se, e outra moça, roçando apenas a gramma com o seu passo ligeiro, aproximou-se da rede.

Era um typo inteiramente differente do de Cecilia; era o typo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malicia, de indolencia e vivacidade.

Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabellos pretos, labios desdenhosos, sorriso provacador, davão a este rosto um poder de seducção irresistivel.

Ella parou em face de Cecilia meio deitada sobre a rede, e não pôde furtar-se á admiração que lhe inspirava essa belleza delicada, de contornos tão suaves; e uma sombra imperceptivel, talvez de um despeito, passou pelo seu rosto; mas esvaeceo-se logo.

Sentou-se n'uma das bandas da rede, reclinando sobre a moça para beija-la ou ver se estava dormindo.

Cecilia, sentindo um estremecimento, abrio os olhos e fitou-os em sua prima.

—Preguiçosa!... disse Isabel sorrindo.

—É verdade! respondeo a moça, vendo as grandes sombras que projectavão as arvores; está quasi noite.

—E desde o sol alto que dormes, não é assim? perguntou a outra gracejando.

—Não, não dormi nem um instante; mas não sei o que tenho hoje que me sinto triste.

—Triste! tu Cecilia! não creio; era mais facil não cantarem as aves ao nascer do sol.

—Está bem! não queres acreditar!

—Mas vem cá! Porque razão has de estar triste, tu que durante todo o anno só tens um sorriso, tu que és alegre e travessa como um passarinho?

—É para vêres! Tudo cança neste mundo.

—Ah! comprehendo! Estás enfasiada de viver aqui nestes ermos.

—Já me habituei tanto a ver essas arvores, esse rio, esses montes, que quero-lhes como se me tivessem visto nascer.

—Então o que é que te faz triste?

—Não sei; falta-me alguma cousa.

—Não vejo o que possa ser. Sim?... já adivinho!

—Adivinhas o que? perguntou Cecilia admirada.

—Ora! o que te falta.

—Si eu mesma não sei! disse a moça sorrindo.

—Olha, respondeo Isabel; alli está a tua rola esperando que a chames, e o teu veadinho que te olha com os seus olhos doces; só falta o outro animal selvagem.

—Pery! exclamou Cecilia rindo-se da idéa de sua prima.

—Elle mesmo! Só tens dous captivos para fazeres as tuas travessuras; e como não vês o mais feio, e o mais desengraçado, estás aborrecida.

—Mas agora me lembro, disse Cecilia, tu já o viste hoje?

—Não; nem sei o que é feito delle.

—Sahio antes de hontem á tarde; não vá ter-lhe succedido alguma desgraça! disse a moça estremecendo.

—Que desgraça queres tu que lhe possa succeder? Não anda elle todo o dia batendo o matto, e correndo como uma fera bravia?

—Sim; mas nunca lhe succedeu ficar tanto tempo fora, sem voltar á casa.

—O mais que póde acontecer, é terem-lhe apertado as saudades da sua vida antiga e livre.

—Não! exclamou a moça com vivacidade; não é possivel que nos abandonasse assim!

—Mas então que pensas que andarás fazendo por este sertão?

—É verdade!... disse a moça preocupada.

Cecilia ficou um momento com a cabeça baixa, quasi triste; nesta posição, a vista cahio sobre o veado, que fitava nella a sua pupilla negra com toda a languidez e suavidade, que a natureza puzera em seus olhos.

A moça estendeu a mão, e deo com a ponta dos dedos um estalinho, que fez o lindo animal saltar de alegria e vir pousar a cabeça no seu regaço.

—Tu não abandonarás tua senhora, não é? disse ella passando a mão sobre o seu pello assetinado.

—Não faças caso, Cecilia, replicou Isabel reparando na melancolia da moça; pedirás a meu tio para caçar-te outro que farás domesticar, e ficará mais manso do que o teu Pery.

—Prima, disse a moça com um ligeiro tom de reprehensão, tratas muito injustamente esse pobre indio que não te fez mal algum.

—Ora, Cecilia, como queres que se trate um selvagem que tem a pelle escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um indio é um animal como um cavallo, ou um cão?

Estas ultimas palavras forão ditas com uma ironia amarga, que a filha de Antonio Mariz comprehendeu perfeitamente.

—Isabel!... exclamou ella resentida.

—Sei que tu não pensas assim, Cecilia; e que o teu bom coração não olha a côr do rosto para conhecer a alma. Mas os outros?... Cuidas que não percebo o desdem com que me tratão?

—Já te disse por vezes que é uma desconfiança tua; todos te querem, e te respeitão como devem.

Isabel abanou tristemente a cabeça.

—Vai-te bem o consolar-me; mas tu mesmas tens visto, si eu tenho razão.

—Ora, um momento de zanga de minha mãe...

—É um momento bem longo, Cecilia! respondeo a moça com um sorriso amargo.

—Mas escuta, disse Cecilia passando o braço pela cintura de sua prima e chamando-a a si, tu bem sabes que minha mãe é uma senhora muito severa mesmo para comigo.

—Não te cances, prima; isto só serve para provar-me ainda mais o que já te confessei: nesta casa só tu me amas, os mais me desprezão.

—Pois bem, replicou Cecilia, eu te amarei por todos; não te pedi já que me tratasses como irmã?

—Sim! e isto me causou um prazer, que tu não imaginas. Si eu fosse tua irmã!...

—E porque não has de se-lo? Quero que o sejas!

—Para ti, que para elle...

Este *elle* foi murmurado dentro d'alma.

—Mas olha que exijo uma cousa.

—O que é? perguntou Isabel.

—É que eu serei a irmã mais velha.

—Apezar de seres mais moça?...

—Não importa! Como irmã mais velha, tu me deves obedecer?

—De certo, respondeu a prima sem poder deixar de sorrir.

—Pois bem! exclamou Cecilia beijando-a na face, não te quero ver triste, ouviste? Senão fico zangada.

—E tu não estavas triste ha pouco?

—Oh! já passou! disse a moça saltando ligeiramente da rede.

Com effeito, aquella doce languidez com que se embalançava ha pouco, scismando em mil cousas, tinha desaparecido completamente: seu genio de menina alegre e feiticeira havia cedido um momento ao enlevo, mas voltava de novo.

Era agora como sempre uma moça risonha e faceira, respirando toda a graciosa gentileza, misturada de innocencia e estouvamento, que dão o ar livre e a vida passada no campo.

Erguendo-se, apinhou em botão de rosa os labios vermelhos e imitou com uma graça encantadora os arrulhos doces da jurity; immediatamente a rola saltou dos galhos da acacia, e veio aninhar-se no seu seio, estremecendo de prazer ao contacto da mãozinha que alisava a sua penugem macia.

—Vamos dormir, disse ella á rola com a garridice com que as mãis fallão aos filhinhos recém-nascidos: a rolinha está com somno, não é?

E deixando sua prima um momento só no jardim, foi agasalhar os seus dous companheiros de solidão, com tanto carinho e sollicitude que bem revelava a riqueza de sentimento que havia no fundo desse coração, envolta pela graça infantil de seu espirito.

Nesta occasião ouviu-se um tropel de animaes perto da casa; Isabel lançou os olhos sobre as margens do rio, e viu uma banda de cavalleiros que entravão a cerca.

Soltou um grito de surpresa, de alegria e susto ao mesmo tempo.

—Que é? perguntou Cecilia correndo para sua prima.

—São elles que chegam.

Elles quem?

—O Sr. Alvaro e os outros.

—Ah!... exclamou a moça corando.

—Não achas que voltarão muito depressa? perguntou Isabel sem reparar na perturbação de sua prima.

—Muito; quem sabe se houve alguma cousa!

—Dezenove dias apenas... disse Isabel maquinalmente.

—Contaste os dias?

—É facil! respondeo a moça corando por sua vez; depois de amanhã fazem tres semanas.

—Vamos a ver que lindas cousas elles nos trazem!

—Nos trazem? repetio Isabel carregando sobre a palavra com um tom de melancolia.

—Nos trazem, sim; porque eu encommendei um fio de perolas para ti. Devem ir-te bem as perolas, com tuas faces côr de jambo! Sabes que eu tenho inveja do teu moreninho, prima?

—E eu daria a minha vida para ter a tua alvura, Cecilia.

—Ai! o sol está quasi a se pôr! vamos.

E as duas moças tomáráo pelo interior da casa, dirigindo-se ao lado da entrada.

VI A VOLTA

Ao mesmo tempo que esta scena se passava no jardim, dous homens passeavão do outro lado da esplanada, na sombra que projectava o edificio.

Um delles, de alto porte, conhecia-se immediatamente que era um fidalgo pela altivez do gesto e pelo traje de cavalheiro.

Vestia um gibão do velludo preto com alamares de seda côr de café no peito e nas aberturas das mangas; os calções do mesmo estofo, e tambem pretos, cahião sobre as botas longas de couro branco com esporas de ouro.

Uma simples preguilha de linho alvissimo cercava o talho do seu gibão, e deixava a descoberto o pescoço, que sustentava com graça uma bella e nobre cabeça de velho.

De seu chapéo de feltro pardo sem pluma escapavão-se os anneis de cabellos brancos, que cahião sobre os hombros; atravez da longa barba alva como a espuma da cascata, brilhavão suas faces rosadas, sua bocca ainda expressiva, e seus olhos pequenos mas vivos.

Este fidalgo era D. Antonio de Mariz que, apesar dos seus sessenta annos, mostrava um vigor devido talvez á vida activa; trazia ainda o porte direito, e tinha o passo firme e seguro como se estivesse na força da idade.

O outro velho, que caminhava a seu lado com o chapéo na mão, era Ayres Gomes, seu escudeiro e antigo companheiro de sua vida aventureira; o fidalgo depositava a maior confiança na sua discrição e zelo.

A physionomia deste homem tinha, quer pela sagacidade inquieta que era a sua expressão ordinaria, quer pelos seus traços allongados, uma certa semelhança com o focinho da raposa, semelhança que era ainda mais augmentada pelo seu traje bizarro. Trazia sobre o gibão de belbutina côr de pinhão uma especie de vestia do pello daquelle animal, do qual erão tambem as botas compridas, que lhe servião quasi de calções.

—Em que o negues, Ayres Gomes, dizia o fidalgo ao seu escudeiro, medindo a passos lentos o terreno; estou certo que és do meu parecer.

—Não digo de todo que não, Sr. cavalheiro; confesso que D. Diogo commetteo uma imprudencia matando essa india.

—Dize uma barbaria, uma loucura!... Não penses que com ser meu filho, o desculpo!

—Julgais com demasiada severidade.

—E o devo, porque um fidalgo que mata uma creatura fraca e inoffensiva, commette uma acção baixa e indigna. Durante trinta annos que me acompanhas, sabes como trato os meus inimigos; pois bem, a minha espada, que tem abatido tantos homens na guerra, cahir-me-ia da mão se, n'um momento de desvario, a erguesse contra uma mulher.

—Mas é preciso ver que casta de mulher é esta, uma selvagem...

—Sei o que queres dizer; não partilho essas idéas que vogão entre os meus companheiros; para mim, os indios quando nos atacão, são inimigos que devemos combater, quando nos respeitão são vassallos de uma terra que conquistamos, mas são homens!

—Vosso filho não pensa assim, e bem sabeis que os principios que lhe deo a Sra. D.^{na} Lauriana.

—Minha mulher! . . . replicou o fidalgo com algum azedume. Mas não é disto que discorriamos.

—Sim; fallaveis dos receios que vos inspirava a imprudencia de D.^o Diogo.

—E que pensas tu?

—Já vos disse que não vejo as cousas tão negras como vós, Sr.^e D. Antonio. Os indios vos respeitão, vos temem, e não se animarão a atacar-vos.

—Digo-te que te enganas, ou antes que procuras enganar-me.

—Não sou capaz de tal, Sr.^e cavalheiro!

—Conheces tão bem como eu, Ayres, o character desses selvagens; sabes que a sua paixão dominante é a vingança, e que por ella sacrificão tudo, a vida e a liberdade.

—Não desconheço isto, respondeo o escudeiro.

—Elles me temem, dizes tu; mas desde o momento em que se julgarem offendidos por mim soffrerão tudo para vingar-se.

—Tendes mais experiencia do que eu, Sr.^e cavalheiro; mas queira Deus que vos enganeis.

Voltando-se na beira da esplanada para continuarem o seu passeio, D.^o Antonio de Mariz e o seu escudeiro virão um moço cavalleiro que atravessava pela frente da casa.

—Deixa-me, disse o fidalgo a Ayres Gomes; e pensa no que te disse; em todo o caso que estejamos preparados para recebe-los.

—Se vierem! retrucou o teimoso escudeiro afastando-se.

D. Antonio dirigio-se lentamente para o moço fidalgo que se havia sentado a alguns passos.

Vendo aproximar-se seu pai, D. Diogo de Mariz ergueu-se e descobrindo-se esperou-o n'uma attitude respeitosa.

—Sr. cavalheiro, disse o velho com um ar severo, infringistes hontem as ordens que vos dei.

—Senhor...

—Apezar das minhas recommendações expressas, offendestes um desses selvagens, e excitastes contra nós a sua vingança. Pozestes em risco a vida de vosso pai, de vossa mãe e de homens dedicados. Deveis estar satisfeito de vossa obra.

—Meu pai!...

—Commettestes uma acção má assassinando uma mulher, uma acção indigna do nome que vos dei; isto mostra que ainda não sabeis fazer uso da espada que trazeis á cinta.

—Não mereço esta injuria, senhor! Castigai-me, mas não rebaixeis vosso filho.

—Não é vosso pai que vos rebaixa, Sr. cavalheiro, e sim a acção que praticastes. Não vos quero envergonhar, tirando essa arma que vos dei para combater pelo vosso rei; mas como ainda não vos sabeis servir d'ella, prohibo-vos que a tireis da bainha ainda que seja para defender a vossa vida.

D. Diogo inclinou-se em signal de obediencia.

—Partireis brevemente, apenas chegar a expedição do Rio de Janeiro; e ireis pedir a Diogo Botelho que vos dê serviços nas

descobertas. Sois portuguez, e deveis guardar fidelidade ao vosso rei legitimo; mas combatareis como fidalgo e christão em prol da religião, conquistando ao gentio esta terra que um dia voltará ao dominio de Portugal livre.

—Cumprirei as vossas ordens, meu pai.

—Daqui até então, continuou o velho fidalgo, não arredareis pé desta casa sem minha ordem. Ide, Sr. cavalheiro; lembrai-vos que tenho sessenta annos, e que vossa mãe e vossa irmã breve carecerão de um braço valente para defende-las, e de um conselho avisado para protege-las.

O moço sentio as lagrimas borbulharem nos olhos; mas não balbuciou uma palavra; curvou-se e beijou respeitosamente a mão de seu pai.

D. Antonio de Mariz, depois de olha-lo um momento com uma severidade sob a qual transparecião os assomos do amor de pai, voltou pelo mesmo caminho e ia continuar o seu passeio quando sua mulher appareceu no soleira da porta.

D. Lauriana era uma senhora de cincoenta e cinco annos; magra, mas forte e conservada como seu marido; tinha ainda os cabellos pretos matizados por alguns fios brancos que escondia o seu alto penteado, coroadado por um desses antigos pentes tão largos que cingião toda a cabeça, e fingião uma especie de diadema.

Seu vestido de lapim côr de fumo de cintura comprida, um pouco curto na frente, tinha uma cauda respeitavel, que ella arrastava com um certo donaire de fidalga, resto de sua belleza, ha muito perdida. Longas arrecadas de ouro com pingentes de esmeralda, que lhe roçavão quasi os hombros, e um collar com uma cruz de ouro ao pescoço, erão todos os seus ornatos.

Quanto ao moral, já dissemos que era uma mistura de fidalguia e devoção; o espirito de nobreza que em D.^o Antonio de Mariz era um realce, nella tornava-se uma ridicula exaggeração.

No ermo em que se achava, em lugar de procurar desvanecer um pouco a distincção social que podia haver entre ella e os homens no meio dos quaes vivia, ao contrario, aproveitava o facto de ser a unica dama fidalga daquelle lugar, para esmagar os outros com a sua superioridade, e reinar do alto de sua cadeira de espaldar, que para ella era quasi um throno.

Em religião o mesmo succedia; e um dos maiores desgostos que ella sentia na sua existencia, era não se ver cercada de todo esse apparatus do culto, que D.^o Antonio, como os homens de uma fé robusta e de um espirito direito, tinha sabido substituir perfeitamente.

Apezar desta differença de caracteres, D.^o Antonio de Mariz, ou por concessões ou por severidade, vivia em perfeita harmonia com sua mulher; procurava satisfaze-la em tudo, e quando não era possivel, exprimia a sua vontade de um certo modo, que a dama conhecia immediatamente que era escusado insistir.

Só em um ponto a sua firmeza tinha sido baldada; e fôra em vencer a repugnancia que D.^o Lauriana tinha por sua sobrinha; mas como o velho fidalgo sentia talvez doer-lhe a consciência nesse objecto, deixou sua mulher livre de proceder como lhe parecesse, e respeitou os seus sentimentos.

—Fallaveis a D.^o Diogo com um ar tão severo! disse D.^o Lauriana descendo os degrãos da porta, e vindo ao encontro de seu marido.

—Dava-lhe uma ordem, e um castigo que elle mereceu, respondeo o fidalgo.

—Tratais esse filho sempre com excessivo rigor, Sr. D. Antonio!

—E vós com extrema benevolencia, D. Lauriana. Assim como não quero que o vosso amor o perca, vejo-me obrigado a privar-vos da sua companhia.

—Jesus! Que dizeis, Sr. D. Antonio?

—D. Diogo partirá nesses dias para a cidade de S. Salvador, onde vai viver como fidalgo, servindo a causa da religião e não perdendo o tempo em extravagancias.

—Vós não fareis isto, Sr. Mariz, exclamou sua mulher; desterrar vosso filho da casa paterna!

—Quem vos falla em desterro, senhora? Quereis que D. Diogo passe toda a sua vida agarrado ao vosso avental e á vossa roca?

—Mas, senhor; eu sou mãe, e não posso viver assim longe de meu filho, cheia de inquietações pela sua sorte.

—Entretanto, assim ha de ser, porque assim o decidi.

—Sois cruel, senhor.

—Sou justo apenas.

Foi nesta occasião que se ouviu o tropel de animaes, e que Isabel distinguio a banda de cavalleiros que se aproximava da casa.

—Oh! exclamou D. Antonio de Mariz; eis Alvaro de Sá.

O moço que já conhecemos, o italiano e seus companheiros apeárão-se, subirão a ladeira que conduzia á esplanada, e aproximarão-se do cavalleiro e de sua mulher, a quem cortejarão respeitosamente.

O velho fidalgo estendeu a mão a Alvaro de Sá; e respondeo á saudação dos outros com uma certa amabilidade. Quanto a D. Lauriana, a inclinação da cabeça foi tão imperceptível, que seus olhos nem se abaixarão sobre o rosto dos aventureiros.

Depois de trocada essa saudação, o Fidalgo fez um signal a Alvaro, e os dous se separarão, e forão conversar a um canto do terreiro, sentados sobre dous grossos troncos de arvore lavrados toscamente, que servião de bancos.

D. Antonio desejava saber noticias do Rio de Janeiro e de Portugal, onde se havião perdido todas as esperanças de uma restauração que só teve lugar quarenta annos depois com a aclamação do duque de Bragança.

O resto dos aventureiros ganhou o outro lado da esplanada e foi misturar-se corno seus companheiros que sahião ao seu encontro.

Ahi forão recebidos por um tiroteio de perguntas, de risadas e ditos chistosos, em que tomarão parte; depois, uns, curiosos de novidades, outros, avidos de contar o que virão, começarão a fallar ao mesmo tempo, de modo que ninguem se entendia.

Nesse instante, as duas moças apparecêrão na porta: Isabel parou tremula e confusa; Cecilia descendo ligeiramente os degrãos, correu para sua mãe.

Em quanto ella atravessava o espaço que a separava de D. Lauriana, Alvaro tendo obtido a permissão do fidalgo adiantou-se e com o chapéo na mão foi inclinar-se corando diante da moça.

—Eis-vos de volta, Sr. Alvaro! disse Cecilia com um certo repente, para disfarçar o enleio que tambem sentia: depressa tornastes!

—Menos do que desejava, respondeo o moço balbuciando; quando o pensamento fica, o corpo tem pressa de voltar-se.

Cecilia corou, e fugio para junto de sua mãe.

Durante que esta breve scena se passava no meio da esplanada, tres olhares bem diferentes acompanhavão, e partindo de pontos diversos cruzavão-se sobre essas duas cabeças que brilhavão de belleza e mocidade.

D. Antonio de Mariz, sentado a alguma distancia, considerava aquelle lindo par, e um sorriso intimo de felicidade expandia o seu rosto veneravel.

Ao longe, Loredano, um pouco retirado dos grupos dos seus companheiros, cravava nos moços um olhar ardente, duro, incisivo; emquanto as narinas dilatadas aspiravão o ar com a delicia da fera que fareja a victima.

Isabel, a pobre menina, fitava sobre Alvaro os seus grandes olhos negros, cheios de amargura e de tristeza; sua alma parecia coar-se naquelle raio luminoso e ir curvar-se aos pés do moço.

Nem uma das testemunhas mudas desta scena percebeo o que se passava além do ponto para onde convergião os seus olhares; á excepção do Italiano que vio o sorriso de D. Antonio de Mariz e o comprehendeo.

Em quanto isto succedia, D. Diogo que se havia retirado, voltou a saudar Alvaro, e seus companheiros recém-chegados: o moço tinha ainda no rosto a expressão de tristeza que lhe havião deixado as palavras severas de seu pai.

VII A PRECE

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que illuminava com os seus ultimos raios.

A luz frouxa e suave do occaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de purpura sobre a folhagem das arvores.

Os espinheiros silvestres desatavão as flores alvas e delicadas; e o ouricory abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. Os animaes retardados procuravão a pousada; enquanto a jury, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrara aspereza de sua quêda, e ceder á doce influencia da tarde.

Era Ave-Maria.

Como é solemne e grave no meio das nossas mattas a hora mysteriosa do crepusculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Creador para murmurar a prece da noite!

Essas grandes sombras das arvores que se estendem pela planicie; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que, esvasando-se pelo rendado da folhagem, vão brincar um momento sobre a arêa; tudo respira uma poesia immensa que enche a alma.

O urutão no fundo da matta sólta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao longe como o toque lento e pausado do *angelus*.

A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um debil susurro, que parece o ultimo echo dos rumores do dia, ou o derradeiro suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na esplanada sentião mais ou menos a impressão poderosa desta hora solemne, e cedião involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente, os sons melancolicos de um clarim prolongárão-se pelo ar quebrando o concerto da tarde; era um dos aventureiros que tocava Ave-Maria.

Todos se descobrirão.

D. Antonio de Mariz, adiantando-se até á beira da esplanada para o lado do occaso, tirou o chapéo e ajoelhou.

Ao redor d'elle vierão grupar-se sua mulher, as duas moças, Alvaro e D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de circulo, ajoelharão-se a alguns passos de distancia.

O sol com o seu ultimo reflexo esclarecia a barba e os cabellos brancos do velho fidalgo, e realçava a belleza daquelle busto de antigo cavalheiro.

Era uma scena ao mesmo tempo simples e magestosa a que apresentava essa prece meio christã, meio selvagem; em todos aquelles rostos, illuminados pelos raios de occaso, respirava um santo respeito.

Loredano foi o unico que conservou o seu sorriso desdenhoso, e seguia como mesmo olhar torvo os menores movimentos de Alvaro, ajoelhado perto de Cecilia e embebido em contempla-la, como se ella fosse a divindade a quem dirigia a sua prece.

Durante o momento em que o rei da luz, suspenso no horizonte, lançava ainda um olhar sobre a terra, todos se concentra vão em um fundo recolhimento, e dizião uma oração muda, que apenas agitava imperceptivelmente os labios.

Por fim o sol escondeu-se; Ayres Gomes estendeu o mosquete sobre o precipio, e um tiro saudou o occaso.

Era noite.

Todos se erguêrão; os aventureiros cortejarão e forão-se retirando a pouco e pouco.

Cecilia offereceu a fronte ao beijo de seu pai e de sua mãe, e fez uma graciosa mesura a seu irmão e a Alvaro.

Isabel tocou com os labios a mão de seu tio, e curvou-se em face de D. Lauriana para receber uma benção lançada com a dignidade e altivez de um abbade.

Depois, a familia chegando-se para junto da porta, dispoz-se a passar um desses curtos serões que outr'ora precedião á simples mas succulenta ceia.

Alvaro, em attenção a ser o seu primeiro dia de chegada, fôra emprazado pelo velho fidalgo para tomar parte nessa collação da familia, o que havia recebido como um favor immenso.

O que explicava esse apreço e grande valor dado por elle a um tão simples convite, era o regimen caseiro que D. Lauriana havia estabelecido na sua habitação.

Os aventureiros e seus chefes vivião n'um lado da casa inteiramente separados da familia; durante o dia corrião os mattos e occupavão-se com a caça ou com diversos trabalhos de cordoagem e marcenaria.

Era unicamente na hora da prece que se reunião um momento na esplanada, onde, quando o tempo estava bom, as damas vinhão tambem fazer a sua oração da tarde.

Quanto á familia, esta conservava-se sempre retirada no interior da casa durante a semana: o domingo era consagrado ao repouso, á distracção e á alegria; então dava-se ás vezes um acontecimento extraordinario como um passeio, uma caçada, ou uma volta em canoa pelo rio.

Já se vê pois a razão por que Alvaro tinha tantos desejos, como dizia o italiano, de chegar ao *Paquequer* em um sabbado, e antes das seis horas; o moço sonhava com a ventura desses curtos instantes de contemplação e com a liberdade do domingo, que lhe offereceria talvez occasião de arriscar uma palavra.

Formado o grupo da familia, a conversa travou-se entre D. Antonio de Mariz, Alvaro e D. Lauriana; Diogo ficara um pouco retirado; as moças, timidas, escutavão, e quasi nunca se animavão a dizer uma palavra sem que se dirigissem directamente á ellas, o que rara vez succedia.

Alvaro, desejoso de ouvir a voz doce e argentina de Cecilia, da qual elle tinha saudade pelo muito tempo que não a escutava, procurou um pretexto que a chamasse á conversa.

—Esquecia-me contar-vos, Sr. D. Antonio, disse elle aproveitando-se de uma pausa, um dos incidentes da nossa viagem.

—Qual? Vejamos; respondeo o fidalgo.

—Á cousa de quatro leguas d'aqui, encontrámos Pery.

—Inda bem! disse Cecilia: ha dous dias que não sabemos noticias delle.

—Nada mais simples, replicou o fidalgo; elle corre todo este sertão.

—Sim! tornou Alvaro, mas o modo por que o encontrámos é que não vos parecerá tão simples.

—O que fazia então?

—Brincava com uma onça como vós com o vosso veadinho, D.
Cecilia.

—Meu Deus! exclamou a moça soltando um grito.

—Que tens, menina? perguntou D. Lauriana.

—É que elle deve estar morto á esta hora, minha mãe.

—Não se perde grande cousa, respondeo a senhora.

—Mas eu serei a causa de sua morte!

—Como assim, minha filha? disse D. Antonio.

—Vede-vos, meu pai, respondeo Cecilia enxugando as lagrimas que lhe saltavão dos olhos; conversava quinta feira com Isabel, que tem grande medo de onças, e brincando, disse-lhe que desejava vêr uma viva!...

—E Pery a foi buscar para satisfazer o teu desejo; replicou o fidalgo rindo. Não ha que admirar. Outras tem elle feito.

—Porém, meu pai, isto é cousa que se faça! A onça deve têl-o morto.

—Não vos assusteis, D. Cecilia; elle saberá defender-se.

—E vós, Sr. Alvaro, porque não o ajudastes a defender-se? disse a moça sentida.

—Oh! se visseis a raiva com que ficou por queremos atirar sobre o animal!

E o moço contou parte da scena passada na floresta.

—Não ha duvida, disse D. Antonio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecilia quiz fazer-lhe a vontade com risco de sua vida. É para mim uma das cousas mais admiraveis que tenho visto nesta terra, o character desse indio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só acto de abnegação e heroismo. Crêde-me, Alvaro, é um cavalheiro portuguez no corpo de um selvagem!

A conversa continuou; mas Cecilia tinha ficado triste, e não tomou mais parte nella.

D. Lauriana retirou-se para dar as suas ordens; o velho fidalgo e o moço conversarão até oito horas, em que o toque de uma campa no terreiro da casa veio annunciar a ceia.

Emquanto os outros subião os degrãos da porta e entravão na habitação, Alvaro achou occasião de trocar algumas palavras com Cecilia.

—Não me perguntaes pelo que me ordenastes, D. Cecilia? disse elle á meia voz.

—Ah! sim! trouxestes todas as cousas que vos pedi?

—Todas e mais... disse o moço balbuciando.

—E mais o que? perguntou Cecilia.

—E mais uma cousa que não pedistes.

—Esta não quero! respondeu a moça com um ligeiro enfado.

—Nem por vos pertencer já? replicou elle timidamente.

—Não entendo. É uma cousa que já me pertence, dizeis?

—Sim; porque é uma lembrança vossa.

—Nesse caso guardai-a, Sr. Alvaro, disse ella sorrindo, e guardai-a bem.

E fugindo, foi ter com seu pai, que chegava á varanda, e em presença d'elle recebeu de Alvaro um pequeno cofre, que o moço fez conduzir, e que continha as suas encommendas. Estas consistião em joias, sedas, espiguihas de linho, fitas, galacês, hollandas, e um lindo par de pistolas primorosamente embutidas.

Vendo essas armas, a moça saltou um suspiro abafado e murmurou comsigo:

—Meu pobre Pery! Talvez já não te sirvão nem para te defenderes.

A ceia foi longa e pausada, como costumava ser naquelles tempos em que a refeição era uma occupação seria, e a mesa um altar que se respeitava.

Durante a collação, Alvaro esteve descontente pela recusa que a moça fizera do modesto presente que elle havia acariciado com tanto amor e tanta esperança.

Logo que seu pai ergueu-se, Cecilia recolheu ao seu quarto, e ajoelhando diante do crucifixo, fez a sua oração. Depois, erguendo-se, foi levantar um canto da cortina da janella e olhar a cabana que se erguia na ponta do rochedo, e meu estava deserta e solitaria.

Sentia apertar-se o coração com a idéa de que, por um gracejo, tivesse sido a causa da morte desse amigo dedicado que lhe salvára

a vida, e arriscava todos os dias a sua sómente para faze-la sorrir.

Tudo nesta recamara lhe fallava delle: suas aves, seus dous amiguinhos que dormião, um no seu ninho e outro sobre o tapete, as pennas que servião de ornato ao aposento, as pelles dos animaes que seus pés roçavão, o perfume suave de beijoim que ella respirava; tudo tinha vindo do indio que, como um poeta ou um artista, parecia crear em torno della um pequeno templo dos primores da natureza brasileira.

Ficou assim a olhar pela janella muito tempo; nessa occasião nem se lembrava de Alvaro, o joven cavalheiro elegante, tão delicado, tão timido, que córava diante della, como ella diante delle.

De repente a moça estremeceo.

Tinha visto á luz das estrellas passar um vulto que ella reconheceu pela alvura de sua tunica de algodão, e pelas formas esbeltas e flexiveis; quando o vulto entrou na cabana, não lhe restou a menor duvida.

Era Pery.

Sentio-se alliviada de um grande peso: e pode então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a attenção, os lindos objectos que recebera, e que lhe causavão um vivo prazer.

Nisto gastou seguramente meia hora; depois deitou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo á imagem de Alvaro, e pensando na magoa que lhe fizera, recusando o seu mimo.

VIII

TRES LINHAS

Tudo estava em socego: apenas quando o vento escasseava, ouvia-se do lado do edificio habitado pelos aventureiros um rumor de vozes abafadas.

Á esta hora, havia naquelle lugar tres homens bem differentes pelo seu character, pela sua posição e pela sua origem, que entretanto tinham uma mesma idéa.

Separados pelos costumes e pela distancia, os seus espiritos quebravam essa barreira moral e physica, e se reunião n'um só pensamento, convergindo para um mesmo ponto como os raios de um circulo.

Sigamos pois cada uma das linhas traçadas por essas existencias, que mais cedo ou mais tarde hão de cruzar-se no seu vertice.

N'uma das alpendradas que corrião no fundo da casa, trinta e seis aventureiros cercavam uma longa mesa, no meio da qual trascalavam em escudellas de pão algumas peças de caça, já estreadas de uma maneira que fazia honra ao appetite dos convivas.

O catalão não corria nos cangirões de louça e de metal com tanta fartura quanta era de desejar; mas em compensação, vião-se aos cantos do alpendre grossas talhas cheias de vinho de cajú e ananaz, onde os aventureiros podião beber á larga.

O vicio tinha supprido os licores europeos pelas bebidas selvagens; afóra uma pequena differença de sabor, havia no fundo de todas ellas o alcool que excita o espirito, e produz a embriaguez.

A collação começara á meia hora; nos primeiros momentos não se ouviu senão o mastigar dos dentes, os beijos dados aos cangirões, e o ranger da faca na escudella.

Depois, um dos aventureiros proferio uma palavra, cuja replica correu immediatamente á roda da mesa; a conversa tornou-se uma especie de choro confuso e discordante.

Foi no meio desta algazarra que um dos convivas, erguendo a voz, lançou estas palavras:

—E vós, Loredano, nada dizeis? Estais ahi que não ha modo de vos ouvir uma palavra!

—Certo, acudio outro, Bento Simões diz verdade; se não é a fome que vos traz mudo, algo tendes, misser italiano.

—Voto a Deus, Martim Vaz, disse um terceiro, que são penares por alguma moçoila que andou requestando em S. Sebastião.

—Tirai-vos lá com os vossos penares, Ruy Soeiro; achais que Loredano seja homem de se amofinar por cousas de tal jaez?

—E porque não, Vasco Affonso? Todos calçamos pelo mesmo sapato, em que o aperte mais a uns do que a outros.

—Não julgueis os mais por vós, dom namorado; homens ha que trazem seu pensamento, empregado em cousa de mór valia do que requebros e galanteios.

O italiano conservava-se taciturno, e deixava que os outros o trouxessem á baila, sem dar-se por achado: era facil de ver que elle seguia com affinco uma idéa que lhe trabalhava no espirito.

—Mas, por Deus, continuou Bento Simões, fallai-nos do que vistes na vossa viagem, Loredano; apostaria que alguma vos succedeu!

—Ide com o que vos digo, retrucou Ruy Soeiro, misser italiano está penado da amores.

—E por quem, se vos parece? perguntarão alguns.

—Ora! não custa sabe-lo; por aquelle cangirão de vinho que ahi lhe está fronteiro; não vedes que olhos que lhe deita?

Os aventureiros largarão-se a rir, applaudindo a lembrança.

Ayres Gomes appareceu á porta do saguão.

—Eia, rapazes? disse elle com uma voz que se esforçava por tornar severa. Leva rumor!

—É um dia de chegada, Sr. escudeiro; e deveis leva-lo em conta: acudio Ruy Soeiro.

Ayres sentou-se, e começou a fazer as honras a um resto de veado que estava em frente d'elle.

—Olá! vós outros, gritou elle, com a bocca cheia, para dous aventureiros que se havião levantado, ide encher vosso quarto, que já refizestes, e os mais esperão sua vez.

Os dous aventureiros sahirão para ir revesar os outros que era costume ficarem de sentinella á noite; medida esta necessaria naquelle tempo.

—Estais hoje muito severo, Sr. Ayres Gomes, disse Martim Vaz,

—Aquelle que dá as ordens, sabe o que faz; a nós cumpre obedecer, respondeu o escudeiro.

—Ah! porque não dizieis isto logo!

—Pois ficareis agora entendidos; boa guarda, que talvez breve tenhamos que ver.

—Venha isso, acudio Bento Simões, que já me enfastio de atirar às pacas e porcos do matto.

—E em honra de quem pensais vós que queimaremos breve algumas libras de pólvora? perguntou Vasco Affonso.

—Tem que saber isso? Quem, senão os indios, nos dão esta folia?

Loredano ergueu a cabeça.

—Que historias contaes ahi? Suppondes que os indios nos atacam? perguntou elle.

—Oh! eis misser italiano que acorda; foi preciso cheirar-lhe a chamusco, exclamou Martim Vaz.

A presença de Ayres Gomes, reprimindo a franca hilaridade dos aventureiros, fez com que fossem uns após outros desemparrando a mesa, e deixassem o escudeiro na companhia dos cangirões e escudellas.

Loredano, levantando-se, fez um gesto a Ruy Soeiro e a Bento Simões; e os tres seguirão juntos até ao meio do terreiro; o italiano murmurou-lhes ao ouvido uma simples palavra:

—Amanhã!

Depois, como si nada se tivesse passado entre elles, os dous aventureiros seguirão cada um de seu lado, e deixarão Loredano continuar o seu caminho até a beira do precipicio.

Do lado opposto, o italiano viu reflectir-se sobre as arvores o tenue reflexo da luz que esclarecia o quarto de Cecilia, cujas janellas não podia distinguir por causa do angulo que formava a esplanada.

Ahi esperou.

Alvaro deixando Cecilia, voltára triste e sentido da recusa que soffrêra, embora o consolasse a sua ultima palavra, e sobretudo o sorriso que a acompanhou.

Não se podia resignar á perda desse prazer infinito com que havia contado, de vêr nos ornatos da moça uma prenda sua, uma lembrança que lhe dissesse que pensava nelle. Tinha afagado tanto essa idéa, tinha vivido tanto tempo della, que arranca-la de seu espirito seria um soffrimento cruel.

Emquanto atravessava o espaço que o separava do seu aposento, formulou um projecto e tomou uma resolução. Metteu n'uma pequena bolsa de seda uma caixinha de joias; e, envolvendo-se no seu manto, costeou a casa e aproximou-se do pequeno jardim que entestava com o gabinete de Cecilia.

Tambem elle viu a luz das janellas se reflectir de fronte; e esperou que a noite se adiantasse, e toda a casa dormisse.

Ao tempo que isto se passava, Pery, o indio que já conhecemos, tinha chegado com o seu fardo, tão precioso que não o trocaria por um thesouro.

No vallado que se estendia á beira do rio, deixou o seu prisioneiro, depois de o ter mettido n'uma especie de tronco que arranjou, curvando um galho de arvore. Subio então á esplanada, e foi nesta occasião que a moça o viu entrar na sua cabana; o que porém não pôde distinguir, foi a maneira por que sahira quasi logo.

Havia dous dias que não via sua senhora, que não recebia della uma ordem; que não adivinhava um desejo seu para satisfaze-lo immediatamente.

O primeiro pensamento do indio, foi pois ver Cecilia, ou ao menos a sua sombra; entrando na cabana, percebeu, como os outros, a

restea de luz que coava entre as cortinas da janella.

Suspendeu-se a uma das palmeiras que servia de esteio á choça e por um desses movimentos ageis que lhe erão tão naturaes, de um salto segourou-se ao galho de um oleo gigante que, elevando-se sobre a encosta fronteira, deitava alguns ramos do lado da casa.

Durante um momento o indio pairou sobre o abysmo, balançando-se no galho fraco que o sustinha: depois equilibrou-se e continuou essa viagem aérea com a mesma segurança e a mesma firmeza com que um velho marinheiro caminha sobre as gaviás e sobre as enxarcias.

Com uma ligeireza extraordinária ganhou o outro lado da arvore, e, escondido pela folhagem, aproximou-se até um galho que ficava fronteiro das janellas de Cecilia cerca de uma braça. Era nesse mesmo momento que Loredano chegava de um lado e Alvaro de outro, e se collocavão igualmente á alguns passos.

A principio, Pery, só teve olhos para ver o que se passava dentro do aposento: Cecilia examinava ainda por uma ultima vez as encommendas que lhe havião chegado do Rio de Janeiro.

Nessa muda contemplação, o indio esqueceu tudo; que lhe importava o precipicio que se abria a seus pés para traga-lo ao menor movimento, e sobre o qual plainava n'um ramo fraco que vergava e se podia partir a todo o instante!

Era feliz; tinha visto sua senhora; ella estava alegre, contente, satisfeita; podia ir dormir e repousar.

Uma lembrança triste porém o assaltou; vendo os lindos objectos que a moça recebêra, pensou que podia dar-lhe a sua vida, mas que não tinha primores como aquelles para offertar-lhe.

O pobre selvagem ergueu os olhos ao céu n'um assomo de desespero, como para ver se, collocado duzentos palmos acima da terra, sobre as grimpas da arvore, poderia estender a mão e colher estrellas que deitasse aos pés de Cecilia.

Assim, era esse o ponto onde se irradiavão aquellas tres linhas partidas de pontos tão differentes. De maneira porque estavam collocados, formavão um verdadeiro triangulo, cujo centro era a janella frouxamente illuminada.

Todos elles arriscavão ou ião arriscar sua vida, unicamente para tocarem com a mão o umbral da gelosia: e entretanto nem um pesava o perigo que ia correr; nem um julgava que sua vida valesse a pena de mercadejar por ella um prazer.

É que as paixões no deserto, e sobretudo no seio desta natureza grande e magestosa, são verdadeiras epopéas do coração.

IX AMOR

As cortinas da janella cerrarão-se; Cecilia tinha-se deitado.

Junto da innocente menina adormecida na insenção de sua alma pura e virgem, velavão tres sentimentos profundos, palpitavão tres corações bem differentes.

Em Loredano, o aventureiro de baixa extracção, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instincto brutal dessa natureza vigorosa era ainda augmentado pela impossibilidade moral que a sua condição creava, pela barreira que se elevava entre elle, pobre colono, e a filha de D. Antonio de Mariz, rico fidalgo de solar e brazão.

Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessario um acontecimento extraordinário, um facto que alterasse completamente as leis da sociedade naquelle tempo mais rigorosas do que hoje; era preciso uma dessas situações em face das quaes os individuos, qualquer que seja a sua hierarchia, nobres e pariaás, nivelão-se; e descem ou sobem á condição de homens.

O aventureiro comprehendia isto; talvez que o seu espirito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéa; em todo o caso o que affirmamos é que elle esperava, e esperando vigiava o seu thesouro com um zelo e uma constancia á toda a prova; os vinte dias que passára no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro supplicio.

Em Alvaro, cavalheiro delicado e cortez, o sentimento era uma affeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do enthusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquelle tempo de crença e lealdade.

Sentir-se perto de Cecilia, vê-la e trocar alguma palavra á custo balbuciada; corarem ambos sem saberem porque, e fugirem desejando encontrar-se; era toda a historia desse affecto innocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas azas da esperança.

Nesta noite Alvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, elle comparava quasi com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar máo grado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janella; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecilia lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.

Em Pery o sentimento era um culto, especie de idolatria fanatica, na qual não entrava um só pensamento de egoismo; amava Cecilia não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ella, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse immediatamente uma realidade.

Ao contrario dos outros elle não estava alli, nem por um ciume inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecilia estava contente, feliz e alegre: se não desejava alguma cousa que elle adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava tres sentimentos bem distinctos; um era uma loucura, o outro uma paixão, o ultimo uma religião.

Loredano desejava; Alvaro amava: Pery adorava. O aventureiro daria a vida para gozar: o cavalheiro arrostaria a morte para

merecer um olhar: o selvagem se mataria, se preciso fosse, só para fazer Cecilia sorrir.

Entretanto nenhum desses tres homens podia tocar a janella da moça, sem correr um risco eminente; e isto pela posição em que se achava o quarto de Cecilia.

Embora o alicerce e a parede corressem a uma braça de distancia da ribanceira, D. Antonio de Mariz para defender esta parte do edificio tinha feito construir um respaldo que se abaixava da presinta das janellas até á beira da esplanada: era impossivel pois caminhar sobre esse plano inclinado, cuja face lisa e polida não offerecia nenhuma adhesão ao pé mais firme e mais seguro.

Abaixo da janella abria-se a rocha cortada a pique e formava um vallado profundo, coberto por um docel verde de trepadeiras e cipós que servia de habitação a todos esses reptis de mil fórmás que pullulão na sombra e na humidade.

Assim o homem que se precipitasse do alto da esplanada nessa fenda larga e funda, se por um milagre não se espedaçasse nas pontas da rocha, seria devorado em um momento pelas cobras e insectos venenosos que enchião essas grotas e alcantis.

Havia alguns instantes que a cortina da janella se tinha cerrado; apenas uma luz vaga e mortíça desenhava na folhagem verde-negra do oleo o quadro da janella.

O italiano que tinha os olhos fitos nesse reflexo como em um espelho, onde revia todas as imagens de sua louca paixão, estremeceu de repente. Na claridade debuxava-se uma sombra mobil; um homem se aproximava da janella.

Pallido, com os olhos ardentes e os dentes cerrados, pendido sobre o precipicio seguia as menores evoluções da sombra.

Vio um braço que se estendia para a janella, e a mão que deixava no parapeito um objecto qualquer, mas tão pequeno que não se percebia a forma. Pela manga larga do gibão, ou antes pelo instincto, o italiano adivinhou que este braço pertencia a Alvaro; e comprehendeu o que esta mão havia deitado na janella.

E não se enganava.

Alvaro, segurando-se a uma estaca do jardim e pondo um pé sobre o respaldo, coseu o corpo á parede; inclinando conseguiu realisar o seu intento.

Depois voltou partilhado entre o tempo da acção que praticára, e a esperança de que Cecilia lhe perdoaria.

Loredano apenas viu desaparecer a sombra, e ouviu os echos dos passos do moço, que se repercutião surdamente no fundo do precipicio, sorriu. Sua pupilla fulva brilhou na treva, como os olhos da hirára.

Tirou a sua adaga e cravou-a na parede tão longe quanto lhe permittio a curva que o braço era obrigado a fazer para abarcar o angulo.

Suspendendo-se então a este fraco apoio pôde galgar o respaldo e aproximar-se da janella; á menor indecisão, ao menor movimento, bastava que o pé lhe faltasse, ou que o punhal vacillasse no cimento para precipitar-se com a cabeça sobre as pedras.

Emquanto isto se passava, Pery sentado tranquillamente no galho do oleo, e escondido pela folhagem, assistia immovel a toda esta scena.

Logo que Cecilia cerrou as cortinas da janella, o indio vira os dous homens que collocados á direita e á esquerda parecião esperar.

Esperou também, curioso de saber o que se ia passar; mas resolvido se fosse preciso a lançar-se de um pulo sobre aquelle que ousasse fazer a menor violencia, e a cahirem ambos do alto da esplanada. Tinha reconhecido Alvaro e Loredano; desde muito tempo que conhecia o amor do cavalheiro por Cecilia; mas sobre o italiano nunca tivera a menor suspeita.

O que podião querer estes dous homens? Que vinhão elles fazer alli naquella hora silenciosa da noite?

O movimento de Alvaro explicou-lhe parte do enigma; o de Loredano ia fazer-lhe comprehender o resto.

Com effeito, o Italiano que se aproximára da janella conseguiu com um esforço fazer cahir o objecto que Alvaro ahi tinha deixado no fundo do precipicio. Feito isto voltou do mesmo modo, e retirou-se saboreando o prazer dessa vingança simples; mas cujo alcance elle previa.

Pery não se moveu.

Tinha comprehendido com a sua sagacidade natural o amor de um e o ciume do outro; e formulou na sua intelligencia selvagem e na sua adoração fanatica um pensamento, que para elle era muito simples.

Si Cecilia julgasse que isto devia ser assim, pouco lhe importava o mais; porém, se o que tinha visto lhe causasse uma sombra de tristeza, e empanasse um momento o brilho de seus olhos azues, então era differente. O indio sacrificaria tudo, antes do que consentir que um pezar annuiasse o rostinho faceiro de sua bella senhora.

Assim tranquillizado por esta idéa, ganhou a cabana e dormio sonhando que a lua lhe mandava um raio de sua luz branca e

assetinada para dizer-lhe que protegesse sua filha na terra.

E com effeito, a lua se elevava sobre a cupola das arvores, e illuminava a fachada do edificio.

Então quem se aproximasse de uma das janellas que ficavão na extrema do jardim, veria na penumbra do portal um vulto immovel.

Era Isabel que vellava pensativa, enxugando de vez em quando uma lagrima que desfiava-lhe pela face.

Pensava no seu amor infeliz, na solidão de sua alma, tão erma de recordações doces, de esperanças queridas. Toda essa tarde fôra um martyrio para ella; vira Alvaro fallar a Cecilia, adivinhára quasi as suas palavras. Á poucos momentos tinha percebido a sombra do moço que atravessara a esplanada, e sabia que não era por sua causa que elle passava.

De vez em quando seus labios tremião e deixavão escaparem-se algumas palavras imperceptiveis:

—Si eu quizesse!

Tirava do seio uma redoma de ouro, sob cuja tampa de crystal se via um anel de cabellos que se enroscava no estreito aro de metal.

O que havia dentro desta redoma, de tão poderoso, de tão forte, que justificasses aquella exclamação, e o olhar brilhante que illuminava a pupilla negra de Isabel?

Seria um segredo, um desses segredos terriveis que mudão de repente a face das causas, e fazem surgir o passado para esmagar o presente?

Seria algum thesouro inestimavel e fabuloso, á cuja seducção a natureza humana não devia resistir?

Seria uma arma poderosa e invencível, contra a qual não houvesse defeza possível senão em um milagre da Providencia.

Era o pó subtil do *curari*, o veneno terrível dos selvagens.

Isabel collou os labios no crystal com uma especie de delirio.

—Minha mãe?... minha mãe!...

Um soluço rompeu-lhe o seio.

X AO ALVORECER

No dia seguinte, ao raiar da manhã, Cecilia abriu a portinha do jardim e aproximou-se da cerca.

—Pery! disse ella.

O indio appareceu á entrada da cabana; correu alegre, mas timido e submisso.

Cecilia sentou-se n'um banco de relva; e a muito custo conseguiu tomar um arzinho de severidade, que de vez em quando quasi trahia-se por um sorriso teimoso que lhe queria fugir dos labios.

Fitou um momento no indio os seus grandes olhos azues com uma expressão de doce reprehensão; depois disse-lhe em um tom mais de queixa do que de rigor:

—Estou muito zangada com Pery!

O semblante do selvagem annuviou-se.

—Tu, senhora, zangada com Pery! Porque?

—Porque Pery é máo e ingrato; em vez de ficar perto de sua senhora, vai caçar em risco de morrer! disse a moça resentida.

—Cecy desejou ver uma onça viva!

—Então não posso gracejar? Basta que eu deseje uma cousa para que tu corras atraz della como um louco?

—Quando Cecy acha bonita uma flôr, Pery não vai buscar? perguntou o indio.

—Vai, sim.

—Quando Cecy ouve cantar o soffrer, Pery não o vai procurar?

—Que tem isso?

—Pois Cecy desejou ver uma onça, Pery a foi buscar.

Cecilia não pôde reprimir um sorriso ouvindo esse sillogismo rude, a que a linguagem singela e concisa do indio dava uma certa poesia e originalidade.

Mas estava resolvida a conservar a sua severidade, e ralhar com Pery por causa do susto do lhe havia feito na vespera.

—Isto não é razão, continuou ella; por ventura um animal feroz é a mesma cousa que um passaro, e apanha-se como uma flôr?

—Tudo é o mesmo, desde que te causa prazer, senhora.

—Mas então, exclamou a menina com um assomo de impaciencia, se eu te pedisse aquella nuvem?...

E apontou para os brancos vapores que passavão ainda envolvidos nas sombras pallidas da noite.

—Pery ia buscar.

—A nuvem? perguntou a moça admirada.

—Sim a nuvem.

Cecilia pensou que o indio tinha perdido a cabeça; elle continuou:

Sómente como a nuvem não é da terra e homem não pode tocá-la, Pery morria e ia pedir ao Senhor do céu a nuvem para dar a Cecy.

Estas palavras forão ditas com a simplicidade com que falla o coração.

A menina que um momento duvidara da razão de Pery, comprehendeu toda a sublime abnegação, toda a delicadeza de

sentimento dessa alma inculta.

A sua fingida severidade não pôde mais resistir; deixou pairamos seus lábios um sorriso divino.

—Obrigada, meu bom Pery! Tu és um amigo dedicado; mas não quero que arrisques tua vida para satisfazer um capricho meu; e sim que a conserves para me defenderes como já fizeste uma vez.

—Senhora, não está mais zangada com Pery?

—Não; apesar de que devia estar, porque Pery hontem fez sua senhora affligir-se cuidando que elle ia morrer.

—E Cecy ficou triste? exclamou o Indio.

—Cecy chorou! respondeo a menina com uma graciosa ingenuidade.

—Perdôa, senhora!

—Não só te perdôo, mas quero tambem fazer-te o meu presente.

Cecilia correu ao seu quarto e trouxe o rico par de pistolas que havia encommendado a Alvaro.

—Olha! Pery não desejava ter umas?

—Muito!

—Pois aqui tens! Tu não as deixarás nunca porque são uma lembrança de Cecilia, não é verdade?

—Oh! o sol deixará primeiro a Pery, do que Pery a ellas.

—Quando correres algum perigo, lembra-te que Cecilia as deu para defenderem e salvarem a tua vida.

—Porque é tua, não é, senhora?

—Sim, porque é minha, e quero que a conserves para mim.

O rosto de Pery irradiava com o sentimento de um gozo imenso, de uma felicidade infinita; metteu as pistolas na cinta de pennas e ergueo a cabeça orgulhoso, como um rei que acabasse de receber a unção de Deus.

Para elle essa menina, esse anjo louro, de olhos azues, representava a divindade na terra; admira-la, faze-la sorrir, vê-la feliz, era o seu culto; culto santo e respeitoso em que o seu coração vertia os thesouros de sentimento e poesia que transbordavam dessa natureza virgem.

Isabel entrou no jardim; a pobre menina tinha velado toda a noite, e seu rosto parecia conservar ainda os traços de algumas dessas lagrimas ardentes que escaldão o seio e requeimão as faces.

A moça e o indio nem se olhãrão; odiavão-se mutuamente; era uma antipathia que começára desde o momento em que se virão, e que cada dia augmentava.

Agora, Pery, Isabel e eu vamos ao banho.

—Pery te acompanha, senhora?

—Sim; mas com a condição de que Pery ha de estar muito quieto o socegado.

A razão por que Cecilia impunha esta condição, só podia hem comprehender quem tivesse assistido á uma das scenas que se passavão quando as duas moças ião banhar-se, o que succedia quasi sempre ao domingo.

Pery, com o seu arco, companheiro inseparavel, e arma terrivel na sua mão dextra, sentava-se longe á beira do rio n'uma das pontas mais altas do rochedo ou no galho de alguma arvore, e não deixava

ninguém aproximar-se n'um raio de vinte passos do lugar onde as moças se banhavam.

Quando algum aventureiro por acaso transpunha esse círculo que o índio traçava com o olhar em redor de si, Pery na posição sobranceira em que se collocára o percebia immediatamente.

Então se o descuidado caçador sentia o seu chapéu ornar-se de repente com uma penna vermelha que voava pelos ares sibilando; se via uma setta arrebatá-lhe o fructo que elle estendia a mão para colher; se parava assustado diante de uma longa flexa emplumada que despedida por elevação vinha cair-lhe a dous passos da frente como para embargar-lhe o caminho e servir de balisa; não se admirava.

Comprehendia immediatamente o que isto queria dizer; e pelo respeito que todos votavam a D.^{to} Antonio de Mariz e á sua familia, arripiava caminho; e voltava lançando uma jura contra Pery que lhe crivára o chapéu, e o obrigara a encolher a mão de susto.

E fazia bem em voltar, porque o índio com o seu zelo ardente não duvidaria vasar-lhe os olhos para evitar que chegando-se á beira do rio, visse a moça a banhar-se nas aguas.

Entretanto Cecilia e sua prima tinham o costume de banhar-se vestidas com um traje feito de ligeira estamenha que occultava inteiramente sob a côr escura as formas do corpo, deixando-lhes os movimentos livres para nadarem.

Mas Pery entendia que apesar disto seria uma profanação consentir que um olhar de quem quer que fosse visse a *senhora* no seu traje de banho; nem mesmo o d'elle que era seu escravo, e por conseguinte não podia offende-la, a ella que era o seu unico Deus.

Emquanto porém o indio mantinha assim pela certeza de sua vista rapida, e pela projecção das suas flexas esse circulo impenetravel para quem que quer que fosse, não deixava de olhar com uma attenção escrupulosa a corrente e as margens do rio.

O peixe que beijava a flor da agua, e que podia ir offender a moça; uma cobra verde innocente que se enroscava pelas folhas dos aguapés; um cameleão que se aquecia ao sol fazendo scintillar o seu prisma de côres brilhantes; um sagui branco e felpudo que se divertia a fazer caretas maliciosas suspendendo-se pela cauda ao galho de uma arvore; tudo quanto podia ir causar um susto á moça, o indio fazia fugir se estava longe e se estava perto pregava o animal immovel sobre o tronco ou sobre o chão.

Se um ramo arrastado pela corrente passava, se um pouco do limo das aguas despegava-se da margem pedregosa do rio, se o fructo de uma sapucaia pendida sobre o *Paquequer* estalava prestes a cahir, o indio, veloz como o tiro do seu arco lançava-se e retinha o coco no meio da sua quéda, ou precipitava-se n'agua e apanhava os objectos que boiavão.

Cecilia podia ser offendida pelo tronco que a correnteza carregava, pela fructa que cahia; podia assustar-se com o contacto do limo julgando ser uma cobra; e Pery não perdoaria a si mesmo a mais leve magoa que a moça soffresse por falta de cuidado seu.

Emfim elle estendia ao redor della uma vigilancia tão constante e infatigavel, uma protecção tão intelligente e delicada, que a moça podia descansar, certa de que se soffresse alguma cousa seria porque todo o poder do homem fóra impotente para evitar.

Eis pois a razão porque Cecilia recommendava a Pery que estivesse quieto e socegado; é verdade que ella sabia que essa

recommendação era sempre inutil, e que o indio faria tudo para que uma abelha sequer não viesse beijar os seus labios vermelhos confundindo-os com uma flôr de pequiá.

Quando as duas moças atravessarão a esplanada, Alvaro passeava junto da escada.

Cecilia saudou de passagem com um sorriso ao joven cavalheiro; e desceu ligeiramente seguida por sua prima.

Alvaro que tinha procurado ler-lhe nos olhos e no rosto o perdão de sua loucura da vespera, e nada havia percebido que acabasse com o seu receio, quiz seguir a moça, e fallar-lhe.

Voltou-se para ver se alguém estava alli que reparasse no que ia fazer, e deo com o italiano que a dous passos delle o olhava com um dos seus sorrisos sarcasticos.

—Bom dia, Sr. cavalheiro.

Os dous inimigos trocarão um olhar que se cruzara como laminas de aço que roçassem uma na outra.

Nesse momento Pery se aproximava lentamente delles, carregando uma das pistolas que Cecilia lhe havia dado a alguns minutos.

O indio parou, e com um ligeiro sorriso de uma expressão indefinivel tomou as pistolas pelo cano, e apresentou-as uma a Avaro e outra a Loredano.

Ambos comprehendêrão o gesto e o sorriso; ambos sentirão que tinham commettido uma imprudencia, e que o espirito perspicaz do selvagem havia lido nos seus olhos um odio profundo, e talvez que a causa desse odio.

Voltárão-se fingindo não ter visto o movimento.

Pery levantou os ombros e mettendo as pistolas na cinta passou entre elles com a cabeça alta, o olhar sobranceiro, e acompanhou sua senhora.

XI

NO BANHO

Descendo a escada de pedra da esplanada Cecilia perguntava á sua prima:

—Diz-me uma cousa, Isabel; porque é que tu não fallas ao Sr. Alvaro?

Isabel estremeceu.

—Tenho reparado, continuou a menina, que nem mesmo respondes á cortezia que elle nos faz.

—Que elle te faz, Cecilia, replicou a moça docemente.

—Confessa que não gostas delle. Tens-lhe antipathia?

A moça calou-se.

—Não fallas?... olha que então vou pensar outra cousa! continou Cecilia galanteando.

Isabel empallideceu; e levando a mão ao coração para comprimir as pulsações violentas, fez um esforço supremo e arrancou algumas palavras que parecião queimar-lhe os labios:

—Bem sabes que o aborreço!...

Cecilia não viu a alteração da physionomia de sua prima, porque tendo chegado á baixa nesse momento, esquecera a a conversa, e começára a brincar com uma alegria infantil sobre a relva.

Mas ainda que visse a perturbação da moça, e o choque que ella tinha sentido, de certo attribuiria isto a qualquer outro motivo, menos ao verdadeiro.

A afeição que tinha a Alvaro lhe parecia tão innocente, tão natural, que nunca se lembrára que devia um dia passar daquillo que era; isto é, de um prazer que fazia sorrir, e de um enleio que fazia córar.

Esse amor pois, era amor, não podia conhecer o que se passavava n'alma de Isabel; não podia comprehender a sublime mentira que os labios da moça acabavão de proferir.

Quando a Isabel, temendo trahir o seu segredo, tinha arrancado do seu coração cheio de amor, essa palavra de odio, que para ella era quasi uma blasphemia.

Mas antes isso do que revelar o que se passava em sua alma; esse mysterio, essa ignorancia que envolvia o seu amor, e o escondia a todos os olhos, tinha para ella uma voluptuosidade inexprimivel.

Podia assim fitar horas e horas o moço, sem que elle o percebesse, sem o incommodar talvez com a prece muda do olhar supplicante; podia rever-se em sua alma sem que um sorriso de desdem ou de zombaria a fizesse soffrer.

O sol vinha nascendo.

O seu primeiro raio espreguiçava-se ainda pelo céu anilado, e ia beijar as brancas nuvemzinhas que corrião ao seu encontro.

Apenas a luz branda e suave da manhã esclarecia a terra e sorprehendia as sombras indolentes que dormião sob as copas das arvores.

Era a hora em que o cactus, a flôr da noite, fechava o seu calice cheio das gotas do orvalho com que distilla o seu perfume, temendo que o sol crestasse a alvura diaphana de suas petalas.

Cecilia com a sua graça de menina travessa corria sobre a relva ainda humida colhendo uma graciola azul que se embalava sobre a haste, ou um malvalisco que abria os lindos botões escarlates.

Tudo para ella tinha um encanto inexprimivel; as lagrimas da noite que tremião como brilhantes das folhas das palmeiras; a borboleta que ainda com as azas entorpecidas esperava o calor do sol para reanimar-se; a viuvinha que escondida na ramagem avisava o companheiro que o dia vinha raiando; tudo lhe fazia soltar um grito de surpresa e de prazer.

Emquanto a menina brincava assim pela varzea, Pery, que a seguia de longe parou de repente tomado por uma idéa que lhe fez correr pelo corpo um calafrio: lembrára-se do tigre.

De um pulo sumio-se n'uma grande moita de arvoredos que se elevava á alguns passos; ouviu-se um rugido abafado, um grande farfalhar de folhas que se espedaçavam, e o indio appareceu.

Cecilia tinha-se voltado um pouco tremula:

—Que é isto, Pery?

—Nada, senhora.

—É assim que prometteste estar quieto?

—Cecy não se ha de zangar mais.

—Que queres tu dizer?

—Pery sabe! respondeu o indio sorrindo.

Na vespera tinha provocado uma luta espantosa para domar e vencer um animal feroz, e deita-lo submisso e inoffensivo aos pés da moça, julgando que isso lhe causava um prazer.

Agora estremecendo com o susto que sua senhora podia soffrer, destruíra, em um instante essa acção de heroismo, sem proferir uma palavra que a revelasse. Bastava que elle soubesse o que tinha feito, e o que todos devião ignorar, bastava que sua alma sentisse o orgulho da nobre dedicação que se expandia no sorriso de seus labios.

As moças que esta vão bem longe de saber até que ponto tinha chegado a loucura de Pery, e que não julgavão possivel que um homem podesse fazer o que elle tinha feito, não comprehendêrão nem a phrase, nem o sorriso.

Cecilia tinha chegado a uma latada de jasmineiros que havia á borda d'agua, e que lhe servia de casa de banho; era um dos trabalhos do indio, que o havia arranjado com aquelle cuidado e esmero que punha em satisfazer as vontades da menina.

Pery já tinha ganho a margem do rio, e estava longe; Isabel sentou-se na relva.

Então afastando as ramas dos jasmineiros que occultavão inteiramente a entrada, Cecilia penetrou naquelle pequeno pavilhão de verdura, e examinou se as folhas estavam bem embastidas, se não havia alguma fresta por onde o olhar do dia penetrasse.

A innocente menina tinha vergonha até do raio de luz que podia vir espiar os thesouros de belleza que occultava a cambráia de suas roupagens.

Assim, foi depois desse exame escrupuloso, e ainda córando de si mesma, que começou o seu vestuario de banho. Mas quando o corpinho da anagoa cahindo descobriu suas alvas espaldas e seu collo puro e suave, a menina quasi morreu de pejo e de susto. Um

passarinho escondido entre as folhas, um garrulo travesso e malicioso, gritára distintamente:—*Bem te vi!*

Cecilia rio-se do susto que tivera, e acabou o seu vestuário de banho que a cobria toda, deixando apenas nus os braços e o pézinho de menina.

Atirou-se á agua como um passarinho: Isabel que a acompanhara por com prazer ficou sentada á beira do rio.

Como Cecilia estava bella nadando sobre as aguas limpidas da corrente, com seus cabellos louros soltos, e os braços alvos que se curvavão graciosamente para imprimir ao corpo um doce movimento! Parecia uma dessas garças brancas, ou colhereiras de rosea côr que deslisão mansamente á flôr do lago, nas tardes serenas, espelhando-se no crystal das aguas.

Ás vezes a linda menina se deitava de bruços e sorrindo ao céu azul ia levada pela corrente; ou perseguia os jassanans e marrecas que fugião diante della. Outras vezes Pery que estava distante do lado superior do rio, colhia alguma flôr parasita que deitava sobre um barquinho feito de uma casca de páo e que vinha trazido pela correnteza.

A menina perseguia o barquinho á nado, apanhava a flôr, e ia offerece-la na pontinha dos dedos á Isabel, que desfolhando-a tristemente murmurava as palavras cabalisticas com que o coração procura illudir-se.

Em vez porém de consultar o presente, perguntava o futuro, porque sabia que o presente não tinha esperanças para ella, e se a flôr dissesse o contrario mentia.

Havia meia hora que Cecilia estava no banho, quando Pery, que collocado sobre uma arvore não deixava de lançar o olhar ao redor

de si vio na margem opposta as guaximas se agitarem.

A ondulação produzida nos arbustos foi-se estendendo como um caracol, e aproximando-se do lugar onde a moça se banhava, até que parou detraz de umas grandes pedras que havia á beira do rio.

Do primeiro lança d'olhos o indio conheceu que o largo sulco traçado entre as hastes verdes do arvoredado não podia deixar de ser produzido por um animal de grande corpulencia.

Seguiu rapidamente pelos ramos das arvores, atravessou o rio sobre essa ponte aerea, e conseguiu escondido pelas folhas collocar-se perpendicularmente ao lugar onde ainda se fazia sentir a oscillação dos arbustos.

Viu então sentados entre as guaximas dous selvagens, mal cobertos por uma tanga de pennas amarellas, que com o arco esticado e a flexa a partir, esperavão que Cecilia passasse diante da fresta que formavão as pedras para despedirem o tiro.

E a menina descuidada e tranquillã já tinha estendido o braço, e ferindo a agua passava sorrindo por diante da morte que a ameaçava.

Se se tratasse de sua vida, Pery teria sangue frio; mas Cecilia corria um perigo, e portanto não reflectio, não calculou.

Deixou-se cahir como uma pedra do alto da arvore: as duas flexas que partião, uma cravou-se-lhe no hombro, a outra roçando-lhe pelos cabellos mudou de direcção.

Ergueu-se então, e sem mesmo dar-se ao trabalho de arrancar a seta, de um só movimento tomou á cinta as pistolas que tinha recebido de sua senhora, e despedaçou a cabeça dos selvagens.

Ouvirão-se dous gritos de susto que partião da margem opposta, e quasi logo a voz tremula e colerica de Cecilia que chamava:

—Pery!...

Elle beijou as pistolas ainda fumegantes e ia responder, quando á dous passos surgio de entre a touça o vulto de uma india que sumio-se ligeiramente no matto.

Enfiou um olhar pela fresta, e julgando Cecilia já fora do banho e em lugar seguro, lançou-se atraz da india que já lhe levava um grande avanço.

Uma larga fita vermelha que escapava da ferida tingia a sua alva tunica de algodão; Pery sentio-se vacillar de repente e apertou com desespero o coração como para reter o sangue que espadanava.

Foi um momento de luta terrivel entre o espirito e a materia, entre a força da vontade e o poder da natureza.

O corpo desfallecia, os joelhos se dobravão, e Pery erguendo os braços como para agarrar-se á cupola das arvores, estorcendo os musculos para manter-se em pé, lutava debalde com a fraqueza que se apoderava delle.

Debateu-se um momento contra a poderosa gravitação que o vergava para a terra; mas era homem, e tinha de ceder á lei da creação. Entretanto succumbindo o valente indio resistia sempre: e vencido parecia querer lutar ainda.

Não cahio, não; quando a força lhe faltou de todo, foi-se lentamente retrahindo e tocou a terra com os joelhos.

Mas então lembrou-se de Cecilia, de sua senhora a quem tinha de vingar, e para quem devia viver afim de salva-la, e de velar sobre ella. Fez um esforço supremo: contrahindo-se conseguiu reerguer-

se: deo dous passos vacillantes, gyrou no ar e foi bater de encontra a uma arvore com a qual se abraçou convulsivamente.

Era uma cabuiba de alta grandeza que se elevava pelo cimo da floresta, e de cujo tronco cinzento borbilhava um oleo côr de opala que desfiava em lagrimas.

O suave aroma que rescendia dessas gotas fez o indio abrir os olhos amortecidos, que se illuminárão de uma brilhante irradiação de felicidade. Collou ardentemente os labios no tronco, e sorveu o oleo, que entrou no seu seio como um balsamo poderoso.

Sentio-se renascer.

Estendeu o oleo sobre a ferida, estancou o sangue e respirou.

Estava salvo.

XII

A ONÇA

Voltemos á casa.

Loredano, depois do movimento de Pery, tinha acompanhado com os olhos a Alvaro, o qual seguio pela borda da esplanada para ver Cecilia que dirigia-se ao rio.

Apenas o moço dobrou o angulo que formava o rochedo, o italiano desceu a ladeira rapidamente, e metteu-se pelo matto.

Poucos instantes se tinham passado quando Ruy Soeiro appareceu na esplanada, ganhou abaixo, e entranhou-se por sua vez na floresta.

Bento Simões imitou-o com pequeno intervallo, e guiando-se por alguns talhos frescos que vio nas arvores, tomou na mesma direcção.

O pateo ficou deserto.

Decorreu cerca de meia hora: a casa tinha aberto todas as suas janellas para receber o ar puro da manhã, e as emanações saudaveis dos campos; um ligeiro pennacho de fumo alvadio coroava o tubo da chaminé, annunciando que os trabalhos caseiros havião começado.

De repente ouvio-se um grito no interior da habitação; todas as portas e janellas do edificio fechárão-se com um estrepito e uma rapidez, como se um inimigo cahisse de assalto.

Pela fresta de uma janella entre-aberta appareceu o rosto de D. Lauriana, pallida e com os cabellos sem estarem riçados, o que era uma cousa extraordinária.

—Ayres Gomes!... O escudeiro!... Chamem Ayres Gomes! Que venha já! gritou a dama.

A janella fechou-se de novo com o ferrolho.

A personagem que já conhecemos pouco tardou, e atravessando a esplanada dirigio-se á casa, sem comprehender a razão porque áquella hora com sol alto ainda toda a habitação parecia dormir.

—Fizestes-me chamar! disse elle chegando-se á janella.

—Sim; estais armado? perguntou D. Lauriana por detraz da porta.

—Tenho a minha espada; mas que novidade ha?

A physionomia decomposta de D. Lauriana appareceu de novo na fresta da janella.

—A onça! Ayres Gomes!... A onça!...

O escudeiro deo um salto prodigioso julgando que o animal de que se fallava ia saltar-lhe ao cangote, e sacou da espada pondo-se em guarda.

A dama vendo o movimento do escudeiro suppoz que a onça atirava-se á janella, e cahio de joelhos murmurando uma oração ao santo advogado contra as feras.

Alguns minutos se passarão assim; D. Lauriana rezando; e Ayres Gomes rodando no pateo como um corropio, com receio de que a onça não o atacasse pelas costas, o que além de ser uma vergonha para um homem de armas da sua tempera, seria um pouco desagradavel para sua saude.

Por fim, de pulo em pulo o escudeiro conseguiu ganhar de novo a parede do edificio e encostar-se nella, o que o tranquillizou

completa mente; pela frente não havia inimigo que o fizesse pestanejar.

Então batendo com a folha da espada na ombreira da janella disse em voz alta:

—Explicar-me-heis que onça é essa de que fallais, Sra. D. Lauriana; ou estou cego, ou não vejo aqui sombra de semelhante animal.

—Estais bem certo disso, Ayres Gomes? disse a dama reerguendo-se.

—Se estou certo! Assegurai-vos com os vossos proprios olhos.

—É verdade! Mas em alguma parte ha de estar!

—E porque quereis vós á fina força que aqui esteja uma onça, Sra. D. Lauriana? disse o escudeiro um tanto impacientado.

—Pois não sabeis? exclamou a dama.

—O que, senhora?

—Aquelle bugre endemoninhado não se lembrou de trazer hontem uma onça viva para a casa!

—Quem, o perro do cacique?

—E quem mais senão aquelle cão tihoso!

—É das que elle costuma fazer!

—Viu-se já uma cousa semelhante, Ayres Gomes!

—Mas a culpa não tem elle!

—Quero ver se o Sr. Mariz ainda teima em guardar essa boa joia.

—E que é feito da féra, Sra. D. Lauriana?

—Algures deve estar. Procurai-a, Ayres; corraõ tudo, matem-n'a, e tragão-me aqui.

—É dito e feito, respondeu o escudeiro correndo tanto quando lhe permitião as suas botas de couro de raposa.

Com pouca demora, cerca de vinte aventureiros armados descêrão da esplanada.

Ayres Gomes marchava na frente com um enorme chuço na mão direita, a espada na mão esquerda, e uma faca atravessada nos dentes.

Depois de percorrerem quasi todo o valle e baterem o arvoredó, voltavão, quando o escudeiro estacou de repente e gritou:

—Eil-a, rapazes! Fogo antes que faça o pulo!

Com effeito, por entre a ramagem das arvores via-se a pelle negra e marchetada do tigre, e os olhos felinos que brilha vão com o seu reflexo pallido.

Os aventureiros levarão o mosquete á face, mas no momento de puxarem o gatilho, largarão todos uma risada homérica, e abaixarão as armas.

—Que é lá isso? Tem medo?

E o destemido escudeiro sem se importar com os outros mergulhou por sob as arvores e apresentou-se arrogante em face do tigre.

Ahi porém cahio-lhe o queixo de pasmo e de surpresa.

A onça embalava-se a um galho suspensa pelo pescoço e enforcada pelo laço que apertando-se com o seu proprio peso, a estrangulára.

Emquanto viva, um só homem bastára para trazê-la desde o Parayba até á floresta, onde tinha sido caçada; e da floresta até áquelle lugar onde havia expirado.

Era depois de morta que fazia todo aquelle espalhafato; que punha em armas vinte homens valentes e corajosos; e produzia uma revolução na casa de D.^{na} Lauriana.

Passado o primeiro momento de admiração, Ayres Gomes cortou acorda e arrastando o animal foi apresenta-lo á dama.

Depois que de fora lhe assegurarão que o tigre estava bem morto, entre-abrio-se a porta, e D.^{na} Lauriana ainda toda arripiada, olhou estremecendo o corpo da féra.

—Deixe-o ahi mesmo. O Sr. D.^o Antonio ha da vê-lo com seus olhos!

Era o corpo de delicto, sobre o qual pretendia basear o libello accusatorio que ia fulminar contra Pery.

Por differentes vezes a dama tinha procurado persuadir seu marido a expulsar o indio que ella não podia soffrer, e cuja presença bastava para causar-lhe um faniquito.

Mas todos os seus esforços tinham sido baldados; o fidalgo com a sua lealdade e cavalheirismo apreciava o character de Pery, e via nelle embora selvagem, um homem de sentimentos nobres e de alma grande. Como pai de familia estimava o Indio pela circumstancia a que já alludimos de ter salvado sua filha, circumstancia que mais tarde se explicará.

Desta vez porém D.^{na} Lauriana esperava vencer; e julgava impossivel que seu marido não punisse severamente esse crime abominavel de um homem que ia ao matto amarrar uma onça e

trazê-la viva para a casa. Que importava que elle tivesse salvado a vida de uma pessoa, se punha em risco a existencia de toda a familia, e sobretudo a della?

Terminava esta reflexão justamente no momento em que D. Antonio de Mariz assomava á porta.

—Dir-me-heis, senhora, que rumor é este, e qual a causa?

—Ahi a tendes! exclamou D. Lauriana apontando para a onça comum gesto soberbo.

—Lindo animal! disse o fidalgo adiantando-se e tocando com o pé as presas do tigre.

—Ah! achais lindo! Inda mais achareis quando souberdes quem o trouxe!...

—Deve ter sido um habil caçador, disse D. Antonio contemplando a fêra com esse prazer de monteria que era um dom dos fidalgos daquelle tempo: não tem o signal de uma só ferida!

—É obra daquelle excommungado caboclo, Sr. Mariz! respondeu D. Lauriana preparando-se para o ataque.

—Ah! exclamou o fidalgo rindo; é a caça que Pery hontem perseguia, e de que nos fallou Alvaro!

—Sim; e que trouxe viva como se fosse alguma paca!

—A trouxe viva! Mas não vêdes que é impossivel?

—Como impossivel, se Ayres Gomes vem de acaba-la agora mesmo!

Ayres Gomes quiz retrucar; mas a dama impoz-lhe silencio com um gesto.

O fidalgo curvou-se e segurando o animal pelas orelhas ergueu-o; ao passo que examinava o corpo para ver se lhe descobria alguma bala, notou que tinha as patas e as mandíbulas ligadas.

—É verdade! murmurou elle; devia estar viva ha cousa de uma hora; ainda conserva o calor.

D.^{...} Lauriana deixou que seu marido se fartasse de contemplar o animal, certa de que as reflexões que esta vista produziria não podião deixar de ser favoraveis ao seu plano.

Quando julgou que tinha chegado o momento, deo dous passos, arranjou a cauda do seu vestido, e dando um certo descabido ao corpo, dirigio-se a D.^{...} Antonio:

—Bom é que vejais, S.^{...} Mariz, que nunca me illudo! Que de vezes vos hei dito que fazieis mal em conservar esse bugre? Não quereis acreditar: tinheis um fraco inexplicavel pelo pagão. Pois bem...

A dama tomou um tom oratorio, e accentuou a palavra com um gesto energico apontando para o animal morto:

—Ahi tendes o pago. Toda a vossa familia ameaçada! Vós mesmo que podieis sahir despercebido; vossa filha que ignorando o perigo que corria foi banhar-se, e podia a está hora estar pasto de fêras.

O fidalgo estremeceu á idéa do perigo que corrêra sua filha e ia precipitar-se; mas ouviu um doce murmurio de vozes que parecia um chilrear de sahis: erão as duas moças que subião a ladeira.

D.^{...} Lauriana sorria-se do seu triumpho.

—E se fosse só isto? continuou ella. Porém não pára aqui: amanhã vereis que nos traz algum jacaré, depois uma cascavel ou uma giboia; encher-nos-ha a casa de cobras e lacráos. Seremos aqui

devorados vivos, porque a um bugre arrenegado deo-lhe na cabeça fazer as suas bruxarias!

—Exagerais muito tambem, D.^{mo} Lauriana. É certo que Pery fez uma selvajaria; mas não ha razão para que receiemos tanto. Merece uma reprimenda: lh'a darei e forte. Não continuará.

—Se o conhecesseis como eu, S.^{ro} Mariz! É bugre e basta! Podeis ralhar-lhe quanto quizerdes; elle o fará mesmo por pirraça!

—Prevenções vossas, que não partilho.

A dama conheceu que ia perdendo terreno; e resolveu dar o golpe decisivo; amaciou a voz, e tomou um tom choroso.

—Fazei o que vos aprouver! Sois homem, e não tendes medo de nada! Mas eu, continuou arrepiando-se, não poderei mais dormir, só com a idéa de que uma jararaca sobe-me á cama; de dia a todo o momento julgarei que algum gato montez vai saltar-me pela janella; que a minha roupa está cheia de lagartas de fogo! Não ha forças que resistão a semelhante martyrio!

D.^{mo} Antonio começou a reflectir seriamente sobre o que dizia sua mulher, e a pensar no sem numero de faniquitos, desmaios e arrufos que ia produzir o terror panico justificado pelo facto do indio; comtudo conservava ainda a esperança de conseguir acalmala e dissuadi-la.

D.^{mo} Lauriana espiava o effeito do seu ultimo ataque. Contava vencer.

XIII

REVELAÇÃO

Isabel e Cecilia que voltavão do banho conversando, aproximárão-se da porta, não sem algum susto do animal; susto que se desfez com o sorriso do velho fidalgo, revendo-se na beleza de sua filha.

Com effeito, Cecilia estava nesse momento de uma formosura que fascinava.

Tinha os cabellos ainda humidos, dos quaes se escapava de vez em quando um aljôfar que ia perder-se na covinha dos seios cobertos pelo linho do roupão; a pelle fresca como se ondas de leite corressem pelos seus hombros; as faces brilhantes como dous cardos rosas que se abrem ao pôr do sol.

As duas meninas fallavão com alguma vivacidade; mas ao aproximarem-se da porta, Cecilia que ia um pouco adiante voltou-se para sua prima na pontinha dos pés, e comum arzinho petulante levou o dedo aos labios recommendando silencio.

—Sabes, Celilia, que tua mãi está muito zangada com Pery! disse D. Antonio tomando o rostinho mimoso de sua filha e beijando-a na fronte.

—Porque, meu pai? Fez elle alguma cousa?

—Umas das suas, e de que já sabes parte.

—E eu vou contar-te o resto! atalhou D.^{ma} Lauriana, tocando com a mão o braço de sua filha.

E de facto apresentou com as côres mais negras, e com a emphase mais dramatica, não só o risco imminente que na sua

opinião tinha corrido a casa inteira, mas os perigos que ameaçavam ainda a paz e o socego da família.

Referio que, se por um milagre a sua caseira não tivesse ha cousa de uma hora chegado á esplanada e visto o indio fazendo partes diabolicas com o tigre ao qual naturalmente ensinava a maneira de penetrar na casa, todos áquella hora estarião defuntos.

Cecilia empallideceu, lembrando-se do descuido e alegria com que atravessára o valle e se banhára; Isabel conservou-se calma, mas seus olhos brilharão.

—Assim, concludo peremptoriamente D.^{na} Lauriana, não é concebivel que continuemos com semelhante praga em casa.

—Que dizeis, minha mãe? exclamou Cecilia assustada: pretendeis manda-lo embora?

—Sem duvida: essa casta de gente, que nem gente é, só póde viver bem nos mattos.

—Mas elle nos ama tanto! Tem feito tanto por nós não é verdade, meu pai? disse a menina voltando-se para o fidalgo:

D.^o Antonio respondeu a sua filha por um sorriso que a socegou:

—Vós ralhareis com elle, meu pai: eu ficarei agastada, continuou Cecilia, e elle se emendará e não fará mais outra.

—E a de ha pouco? replicou Isabel dirigindo-se a Cecilia.

D.^{na} Lauriana, que via a sua causa mal parada depois da chegada das moças, apesar da repugnancia que sentia por Isabel, conheceu que tinha nella um alliado; e dirigio-lhe a palavra, o que succedia uma vez por semana.

—Chega-te, menina; o que é que dizes ter acontecido ha pouco?

—E também um perigo que correu Cecilia.

—Qual! minha mãe; foi mais susto de Isabel do que outra coisa.

—Susto, sim; mas pelo que vi...

—Conta me isto; e tu Cecilia, fica ali socegada.

A menina pelo respeito que tinha a sua mãe não se animou a dizer mais uma palavra; porém aproveitando-se do movimento que fez D.^{na} Lauriana ao voltar-se para ouvir a Isabel, abanou a cabeça a sua prima pedindo-lhe que nada dissesse.

A moça fez que não via o gesto, e respondeu a sua tia:

—Cecilia estava se banhando e eu tinha ficado á beira do rio: dahi a algum tempo vejo Pery que passava ao longe pelo galho de uma arvore. Elle sumio-se; e de repente uma setta partida daquelle lugar veio cahir a dous passos de minha prima!

—Ouça cá, Sr.^{na} Mariz! exclamou D.^{na} Lauriana; ouça as estrepolias do capeta!

—No mesmo instante, continuou Isabel, ouvimos dous tiros de pistola, que ainda mais nos assustarão, porque de certo forão apontados também para nosso lado.

—Senhor Deus! É peor do que uma judearia! Mas quem deo pistolas a esse bugio?

—Fui eu, minha mãe; respondeu timidamente Cecilia.

—Melhor seria que rezasses as tuas contas. Era bem feito que com ellas mesmo... Senhor Deus! perdoai-me!

D.^o Antonio tinha ouvido as palavras de Isabel apesar de conservar-se a alguma distancia; o rosto do fidalgo tomara uma expressão grave.

Fez um ligeiro aceno a Cecilia, e afastou-se com ella em ar de quem passeava pela esplanada:

—O que diz tua prima é verdade?

—É, meu pai; mas estou certa que Pery não o fez por maldade.

—Comtudo, replicou o fidalgo, isto pode renovar-se, por outro lado tua mãe está atemorizada; assim, o melhor é afasta-lo.

—Elle vai sentir muito!!

—E eu e tu tambem porque o estimamos; mas não seremos ingratos; eu pagarei a tua e a minha divida de gratidão; deixa isto ao meu cuidado.

—Sim, meu pai! exclamou a menina com um olhar humido de reconhecimento e de admiração: Sim! Vós que sabeis comprehender tudo que é nobre!

—Como tu, minha Cecilia! respondeu o fidalgo acariciando-a.

—Oh! eu aprendi no vosso coração, e nas vossas menores acções.

D. Antonio abraçou-a.

—Ah! tenho uma cousa a pedir-vos!

—Dize: ha muito que não me pedes nada, e eu já tenho queixa disto.

—Mandareis conservar este animal? Sim!

—Desde que o desejas...

—Será uma lembrança que teremos de Pery.

—Para ti, que para mim a melhor lembrança és tu. Se não fosse elle, podia eu agora apertar-te nos meus braços?

—Sabeis que tenho vontade de chorar só de pensar que elle se vai?

—É natural, minha filha, as lagrimas são um balsamo que Deus deo á fraqueza da mulher, e que negou á força do homem.

O fidalgo separou-se de sua filha, e chegou-se á porta onde se achavão ainda sua mulher, Isabel e Ayres Gomes.

—Que decidistes, Sr. D. Antonio? perguntou a dama.

—Decidi fazer-vos a vontade, para socego vosso e descanso meu. Hoje mesmo ou amanhã Pery deixará esta casa; mas enquanto elle aqui estiver, eu não quero, disse carregando ligeiramente sobre aquelle monosyllabo, que se lhe diga uma palavra sequer de desagrado. Pery sahe desta casa porque lh'o peço, e não porque isto seja-lhe ordenado por alguem. Entendeis, minha mulher?

D. Lauriana, que comprehendia o que havia de energia e resolução naquelle imperceptivel entoação dada pelo fidalgo a uma simples phrase, inclinou a cabeça.

—Incumbo-me de fallar eu mesmo a Pery! Dir-lhe-has de minha parte, Ayres Gomes, que venha ter comigo.

O escudeiro inclinou-se; o fidalgo que se ia retirando, voltou-se:

—Ah! esquecia-me. Mandaras encher este lindo animal que desejo conservar; será uma curiosidade para o meu gabinete d'armas.

D. Lauriana fez á sorrelfa uma careta de nojo.

—E servirá para que minha mulher se habitue com sua vista, e tenha menos medo de onças.

D. Antonio afastou-se.

A dama pôde então ir riçar os seus cabellos, e preparar o seu toucado domingueiro; tinha alcançado uma importante victoria.

Pery ia finalmente ser expulso desta casa, onde na sua opinião nunca devêra ter entrado.

Emquanto isto passava, Cecilia, ao separar-se de seu pai, voltára o canto da casa para entrar no jardim, e encontrára Alvaro que passeava inquieto e pensativo.

—D., Cecilia! disse o moço.

—Oh! deixai-me, Sr. Alvaro! respondeu Cecilia sem parar.

—Em que vos offendi eu para que me trateis assim?

—Desculpai-me, estou triste; em nada me offendestes.

—É que quando se commetteu uma falta...

—Uma falta? perguntou a menina admirada.

—Sim! respondeu o moço abaixando os olhos.

—E que falta commettestes vós, Sr. Alvaro?

—Desobedeci-vos.

—Ah! é grave! disse a moça com um meio sorriso.

—Não zombeis, D., Cecilia! Se soubesseis que inquietações isto me tem feito passar! Arrependo-me mil vezes do que pratiquei, e comtudo parece-me que era capaz de pratica-lo de novo.

—Mas, Sr. Alvaro, esqueceis que fallais de uma cousa que ignoro; sei apenas que se trata de uma desobediencia!

—Lembraís-vos que hontem me mandastes guardar um objecto, que...

—Sim! atalhou a moça corando; um objecto que...

—Que vos pertencia, e que eu contra vontade vossa restitui.

—Como! que dizeis!

—Oh! perdoai! foi uma ousadia! mas...

—Mas emfim eu não entendo nem uma palavra de tudo isto! exclamou a moça com um movimento de impaciencia.

Alvaro vencendo emfim o seu acanhamento contou rapidamente o que linha feito na vespera á noite.

Cecilia ouvindo-o, ia se tornando séria.

—Sr. Alvaro, disse ella n'um tom de exprobração, fizestes mal em praticar semelhante acção, muito mal. Que ninguem o saiba ao menos.

—Eu juro pela minha honra!

—Não basta; vós mesmo desfareis o que fizestes. Não abrirei aquella janella emquanto houver alli um objecto que não me veio de meu pai, e em que não posso tocar.

—Senhora!... balbuciou o moço pallido e abatido.

Cecilia levantou os olhos, e viu no rosto de Alvaro tanta amargura e desespero, que sentio-se commovida.

—Não me accuseis de que succede, disse ella com a voz meiga, a culpa é vossa.

—Eu o sinto; e não me queixo.

—Bem vistes que não podendo acceitar, pedi que conservasseis como uma lembrança.

—Oh! eu a conservarei ainda; ella me ensinará a expiar a minha falta, e m'a recordará sempre.

—Será agora uma triste recordação...

—E posso-as eu ter alegres!

—Quem sabe! disse Cecilia desentrançando dos seus cabellos louros um jasmim; é tão doce esperar!

Voltando-se para esconder o rubor de suas faces, Cecilia viu perto a Isabel que devorava esta scena com um olhar ardente.

A menina soltou um grito de susto e entrou rapidamente no jardim. Alvaro apanhou no ar a pequena flôr que se escapára dos dedos de Cecilia e beijou-a julgando que ninguem alli estava. Quando o cavalheiro deo com os olhos na moça, ficou tão perturbado que deixou cahir o jasmim sem sentir.

Isabel apanhou-o; e apresentando a Alvaro, disse com um accento de voz inimitavel:

—É tambem uma restituição!

Alvaro empallideceu.

A moça tremula passou diante d'elle, e entrou no quarto de sua prima.

Cecilia vendo chegar Isabel corou, e não se animou a levantar os olhos, lembrando-se do que ella tinha visto e ouvido: pela primeira vez a innocente menina conhecia que havia na sua pura affeição alguma cousa que se escondia aos olhos dos outros.

Isabel, entrando no aposento da prima ao qual fôra arrastada por um sentimento irresistivel, arrependera-se immediatamente; a perturbação que sentia era tão grande, que temeu trahir-se;

encostou-se no leito defronte de Cecilia, muda e com os olhos cravados no chão.

Assim passou-se um longo intervallo; depois as duas moças quasi ao mesmo tempo erguerão a cabeça e lançarão um olhar para a janella; seus olhos se encontrarão, e ambas corarão ainda mais.

Cecilia revoltou-se; a menina alegre e travessa que conservava n'um cantinho do coração, sob os risos e as graças, o germen da firmeza de character que distinguia seu pai, sentio-se offendida por se ver obrigada a córar de vergonha diante de outrem, como se tivesse commettido uma falta.

Revestio-se de coragem, e tomou uma resolução cuja energia se desenhava em um movimento imperceptível das sobranceiras.

—Isabel, abre esta janella.

A moça estremeceu como se uma fиска electrica tivesse abalado o seu corpo; hesitou, mas por fim atravessou o aposento.

Dous olhares avidos, ardentes, cahirão sobre a janella no momento em que se abriu.

Nada havia alli.

A emoção que teve Isabel foi tão forte, que involuntariamente voltou-se para sua prima soltando uma exclamação de prazer; sua physionomia illuminou-se com um desses reflexos divinos, que parecem descer do céu sobre a cabeça da mulher que ama.

Cecilia olhava sua prima sem comprehendê-la; mas a pouco e pouco a admiração e o espanto desenháráo-se no semblante da menina.

—Isabel!...

A moça cahio de joelhos aos pés de Cecilia.

Tinha-se trahido.

XIV A INDIA

Pery apenas sentio voltarem-lhe as forças, continuou a sua marcha atravez da floresta.

Por muito tempo seguio as pegadas da india pelo meio do matto com uma rapidez e uma certeza incrível para quem não conhecer a facilidade com que os selvagens percebem os mais fracos vestigios que deixão as pisadas de um animal qualquer.

Um ramo quebrado, o capim abatido, as folhas seccas espalhadas e partidas, um galho que ainda se agita, as perolas do orvalho desfeitas, são aos seus olhos exercidos o mesmo que uma linha traçada na floresta, e que elles seguem sem hesitação.

Uma razão havia para que Pery se encarniçasse assim em perseguir aquella india inoffensiva, e a fazer esforços inauditos afim de agarra-la.

Para hem comprehender esta razão, é necessario conhecer alguns acontecimentos que se havião passado nos ultimos dias pelas vizinhanças do *Paquequer*.

No fim da lua das aguas, uma tribu de Aymorés descera das eminencias da Serra dos Orgãos para fazer a colheita dos fructos e preparar os vinhos, bebidas e diversos alimentos de que costumava fazer provisão.

Uma familia dessa tribu trazida pela caça apparecêra ha dias nas margens do Parahyba; compunha-se de um selvagem, sua mulher, um filho e uma filha.

Esta ultima era uma bella india, cuja posse se disputavão todos os guerreiros aymorés; seu pai, o chefe da tribu, sentia o orgulho de ter uma filha tão formosa, como a mais linda setta do seu arco, ou a mais vistosa penna do seu cocar.

Estamos no domingo.

Na sexta-feira, erão dez horas da manhã, Pery atravessava a matta imitando alegremente o canto do sahiyé, cujas notas sibiladas elle traduzia pelo doce nome de Cecy.

Ia então em procura desse animal que tão importante papel representa nesta historia, especialmente depois de morto; como não o satisfazia qualquer pequeno jaguar, assentara buscar nos seus proprios dominios um dos reis das grandes florestas que corrião ao longo do Parabyba.

Cecilia havia dito uma palavra, e elle que não discutia os desejos de sua senhora, tomára o seu arco e sua clavina e se tinha posto a caminho. Chegava a um pequeno regato, quando um cãozinho felpudo sahio do matto, e logo depois uma india que deo dous passos e cahio ferida por uma bala.

Pery voltou-se para ver donde partia o tiro, e reconheceu D. Diogo de Mariz que se aproximava lentamente acompanhado por dous aventureiros.

O moço ia atirar a um passaro, e a india que passava neste momento, recebêra a carga da espingarda e cahira morta.

O cãozinho lançou-se para sua senhora uivando, lambendo-lhe as mãos frias, e roçando a cabeça pelo corpo ensanguentado como procurando reanima-la. D. Diogo, apoiado sobre o arcabuz, volvia um olhar de piedade sobre essa moça victima de um capricho de caçador, que não desejava perder a sua pontaria.

Quanto a seus companheiros, rião-se do acontecimento, e divertião-se a fazer commentarios sobre a qualidade de caça que o cavalheiro tinha escolhido.

De repente o cãozinho que acariciava sua senhora morta, ergueo a cabeça, farejou o ar, e partio como uma flexa.

Pery que tinha sido testemunha muda desta scena, aconselhou a D. Diogo que se recolhesse á casa por prudencia, e continuou a sua caminhada.

O espectaculo que acabava de presenciar o entristecêra; lembrou-se de sua tribu, de seus irmãos que elle havia abandonado ha tanto tempo, e que talvez naquella hora erão tambem victimas dos conquistadores de sua terra, onde outr'ora vivião livres e felizes.

Tendo andado cerca de meia legua, avistou ao longe um fogo na matta; ao redor estavam sentados dous selvagens e uma india.

O mais velho, de estatura gigantesca, engastava as presas longas e aguçadas da capivara nas pontas de cannas silvestres, e afiava n'uma pedra essa arma terrivel. O mais moço enchia de pequenas sementes pretas e vermelhas um fructo ouco, ornado de pennas e preso a um cabo de dous palmos de comprimento.

A mulher, que ainda era moça, cardava uma porção de algodão cujos frocos alvos e puros cahião sobre uma grande folha que tinha no regaço.

Junto do fogo havia um pequeno vaso vidrado com brazas no qual a india de vez em quando deitava umas grandes folhas seccas, que levantavão grossos novellos de fumo. Então os dous indios por meio de uma taboca aspiravão as baforadas deste fumo, até que os olhos lhes choravão; depois continuavão o seu trabalho.

No momento em que Pery examinava de longe esta scena, o cãozinho saltava no meio do grupo: o animal apenas respirou da corrida em que vinha, puxou com os dentes a trofa de pennas do indio mais moço, que o atirou a quatro passos com um empurrão.

Aproximou-se então da india, repetio o mesmo movimento; e como fosse mal acolhido ainda, saltou sobre o algodão, e mordeu-o: a mulher tomou-o pela colleira de fructos que trazia ao pescoço, sacudiu-o pelas costas, e arranjou as suas pastas; mas estavam tintas de sangue.

Examinou com inquietação o animal; e não o vendo ferido, lançou os olhos ao redor de si e soltou um grito rouco e guttural; os dous indios erguêrão a cabeça interrogando com os olhos a causa dessa exclamação.

Por toda a resposta, a india mostrou o sangue que cobria o animal, e pronunciou com a voz cheia de afflicção uma palavra de uma lingua desconhecida, e que Pery não entendeu.

O indio mais moço saltou pela floresta como um campeiro atraz do cãozinho que lhe servia de guia: o velho e a mulher o seguirão de perto.

Pery comprehendeu perfeitamente o que se passava, e seguiu seu caminho pensando que os colonos já devião áquella hora estar fora do alcance dos selvagens.

Era isto o que o indio tinha visto; o que elle ignorava, o acontecimento do banho lhe revelára claramente.

Os selvagens haviam encontrado o corpo de sua filha, e reconhecido o signal da bala; por muito tempo procurarão debalde as pisadas dos caçadores, até que no dia seguinte a cavalgata que passava servio-lhes de guia.

Toda a noite rondarão em torno da habitação, e nessa manhã vendo sahir as duas moças resolverão vingar-se com a applicação dessa lei de talião que era o unico principio de direito e justiça que reconhecião.

Tinhão morto sua filha; era justo que matassem tambem a filha do seu inimigo; vida por vida, lagrima por lagrima, desgraça por desgraça.

Como pretendêrão realizar a sua vingança e o fim que tiverão, já sabemos; os dous selvagens dormião para sempre nas margens do *Paquequer*, sem que uma mão amiga lhes viesse dar sepultura.

Agora é facil conhecer a razão por que Pery perseguia a india, resto da infeliz familia; sabia que ella ia direito ter com seus irmãos, e que á primeira palavra que proferisse, toda a tribu se levantaria como um só homem para vingar a morte do seu cacique, e a perda da mais bella filha dos Aymorés.

Ora, o indio conhecia a ferocidade desse povo sem patria e sem religião, que se alimentava de carne humana e vivia como feras no chão e pelas grutas e cavernas; estremecia só com a idéa de que podesse vir assaltar a casa de D. Antonio de Mariz.

Era preciso pois exterminar toda a familia, e não deixar nem um vestigio de sua passagem.

Fazendo estas reflexões, Pery tinha gasto perto de uma hora a percorrer a floresta inutilmente; a india ganhara um grande avanço durante o tempo em que elle lutava contra o desfalecimento produzido pela ferida. Por fim julgou que o mais prudente era avisar a D. Antonio immediatamente, afim de que tomasse todas as medidas de prevenção que exigia a imminencia de perigo.

Tinha chegado a um campo coberto por algumas moitas de carrascos, que se destacavam aqui e alli sobre um capim aspero e queimado pelo sol.

Apenas o indio deu alguns passos para atravessar o campo, parou fazendo um gesto de surpresa; diante d'elle arquejava um cãozinho, que reconheceu pela colleira de fructos escarlates que tinha ao pescoço.

Era o mesmo que ha dous dias encontrára na floresta, e que naturalmente seguia a india no momento em que ella fugia; o indio não o tinha visto por causa das guaximas.

O animal mostrava ter sido estrangulado por uma torsão tão violenta, que lhe partira a columna vertebral; entretanto ainda agonisava.

Do primeiro lanço d'olhos Pery tinha visto tudo isto, e calculado o que se havia passado.

Aquella morte, pensava elle, não podia ter sido feita senão por uma creatura humana; qualquer outro animal usaria dos dentes ou das garras, e deixaria traços de ferimento.

O cão pertencia á india; fôra ella pois quem o havia estrangulado ha bem poucos momentos, porque a fractura do pescoço era de natureza a produzira morte quasi immediatamente.

Mas por que motivo tinha feito essa barbaridade?—Porque, respondia o espirito do indio, ella sabia que era perseguida, e o cão que a não podia acompanhar serviria para denuncia-la.

Apenas formulou este pensamento, Pery deitou-se e auscultou o seio da terra por muito tempo; duas vezes ergueu a cabeça julgando illudir-se, e encostou de novo o ouvido ao chão.

Quando levantou-se, o seu rosto exprimia grande surpresa e admiração; tinha ouvido alguma cousa de que parecia duvidar ainda, como se os seus sentidos o illudissem.

Caminhou para o lado do nascente, auscultando a terra a cada momento, e assim chegou a alguns passos de uma grande touça de cardos que se elevava n'uma baixa do terreno.

Então, collocando-se de encontro ao vento, aproximou-se com toda a cautela, e ouviu um murmúrio de vozes confusas, e o som de um instrumento que cavava a terra.

Pery applicou o ouvido, e procurou ver o que se passava além, mas era impossivel; nem uma aberta, nem uma fresta davão passagem ao som, ou ao olhar.

Só quem tem viajado nos sertões e visto esses cardos gigantes, cujas largas palmas crivadas de espinhos se entrelação estreitamente formando uma alta muralha de alguns pés de grossura, poderá fazer idéa da barreira impenetravel que cercava por todos os lados as pessoas cuja voz Pery ouvia sem distinguir as palavras.

Entretanto esses homens devião ter ahi entrado por alguma parte; e não podia ser senão pelo galho de uma arvore secca que se estendia sobre os cardos, e ao qual se enroscava um cipó nodoso e forte como uma vide.

Pery estudava a posição, e tratava de descobrir o meio de saber o que se passava a traz daquellas arvores, quando uma voz que julgou reconhecer exclamou.

—*Per Dio! eil-a!*

O indio estremeceu ouvindo esta voz, e resolveu a todo o custo conhecer o que fazião aquelles homens; presentio que havia alli um perigo a conjurar, e um inimigo a combater. Inimigo talvez mais terrivel do que os Aymorés, porque se estes erão fêras, aquelle podia ser a serpente escondida entre as flôres e a relva.

Assim esqueceu tudo, e o seu pensamento concentrou-se n'uma unica idea, ouvir o que aquelles homens dizião.

Mas por que meio?

Era o que Pery procurava; tinha rodeado a touca applicando o ouvido, e pareceu-lhe que em um lugar o ruido das vozes e do ferro que continuava a cavar, lhe chegava mais distincto.

O indio abaixou os olhos, que brilhárão de contentamento.

O que produzira essa agradavel impressão fôra um simples monticulo de barro gretado, que se elevava como um pão de assucar dous palmos acima da terra, e que estava encoberto por folhas de tanchagem.

Era a entrada de um formigueiro, de uma dessas casas subterraneas construidas pelos pequenos architectos que á força de paciencia e trabalho minão um campo inteiro, e formão verdadeiras abodadas debaixo da terra.

Aquelle que Pery descobrira tinha sido abandonado pelos seus habitantes em virtude da enxurrada que penetrara no pequeno subterraneo.

O indio tirou a sua faca, e cerceando a cupola dessa torre em miniatura, deixou a descoberto um buraco que penetrava pelo interior da terra, e de certo ia ter á baixa onde estavão reunidas as pessoas que conversavão.

Este buraco tornou-se para elle uma especie de tubo acustico, que lhe trazia as palavras claras e distinctas.

Sentou-se e ouviu.

XV

OS TRES

Loredano que nessa mesma manhã sahira de casa tão cedo, apenas se entranhou na matta esperou.

Um quarto de hora depois vierão ter com elle Bento Simões e Ruy Soeiro.

Os tres seguirão juntos sem dar uma palavra; o italiano caminhava adiante, e os dous aventureiros o acompanhavão trocando de vez em quando um olhar significativo.

Por fim Ruy Soeiro rompeu o silencio:

—Não foi de certo para espairecer pelos mattos ao romper da alva, que nos fizestes vir aqui, misser Loredano?

—Não, respondeu o italiano laconicamente.

—Mas então desembuchai de uma vez, e não percamos tempo.

—Esperai!

—Que espereis, vos digo eu; atalhou Bento Simões, ides n'uma batida... Onde nos pretendeis levar nesta marcha?

—Vereis.

—Já que não ha meio de vos sacar mais palavra, segui com Deus, misser Loredano.

—Sim, acudio Ruy Soeiro, segui; que nós tornamos por onde viemos.

—Quando estiverdes de vez para fallar, nos avisareis.

E os dous aventureiros pararão dispostos a retroceder; o italiano voltou-se com um gesto de desprezo.

—Parvos que sois! disse elle. Se vos parece, revoltai-vos agora que estais em meu poder, e que não tendes outro remedio senão seguir a minha fortuna! Voltai!... tambem eu voltarei; mas para denunciar-nos a todos.

Os dous aventureiros empallidecerão.

—Não me façais lembrar, Loredano, disse Ruy Soeiro abaixando um olhar rapido para o punhal, que ha um meio de fechar para sempre as boccas que se obstinão a fallar.

—Isto quer dizer, replicou o italiano desdenhosamente, que me matarieis no caso de que eu vos quizesse denunciar?

—A fé que sim! respondeu Ruy Soeiro com um tom que mostrava a sua resolução.

—E eu pela minha parte faria o mesmo! Primeiro está a nossa vida que as vossas venetas, misser italiano.

—E que ganharieis vós em matar-me? perguntou Loredano sorrindo.

—Essa é melhor! Que ganharíamos? Achais que é cousa de pequena valia assegurar a sua existencia e o seu descanso?

—Néscios!... disse o italiano cobrindo-os com um olhar de desprezo e de piedade ao mesmo tempo. Não vedes que quando um homem traz um segredo como o meu, a menos que esse homem não seja um truão da vossa laia, elle deve ter tomado as suas precauções contra estes pequenos incidentes!

—Bem vejo que estais armado, e mais vale assim, respondeu Ruy Soeiro; será morte antes que homizio.

—Direis melhor execução, Ruy Soeiro! retrucou Bento Simões.

O italiano continuou:

—Não são essas armas que me servirão contra vós; outras tenho eu que mais podem; sabei unicamente que vivo ou morto, a minha voz virá de longe, até mesmo da campa, denunciar-vos e vingar-me.

—Quereis gracejar, misser italiano? A ocasião não é asada.

—A seu tempo vereis se gracejo. Tenho na mão de D. Antonio de Mariz o meu testamento, que elle deve abrir quando me saiba ou me julgue morto. Nesse testamento conto as relações que existem entre nós, e o fim para que trabalhamos.

Os dous aventureiros tornárão-se lividos como espectros.

—Compreendeis agora, disse Loredano sorrindo, que se me assassinares, se um accidente qualquer me privar da vida, se me der na cabeça mesmo fugir e fazer suppor que morri, estais perdidos irremediavelmente.

Bento Simões ficou paralysado como se uma catalepsia o tivesse fulminado. Ruy Soeiro, apesar do violento abalo que sentia, conseguiu com um esforço recobrar a palavra.

—É impossivel!... gritou elle. Isso que dizeis é falso. Não ha homem que o fizesse.

—Ponde á prova! respondeu o italiano calmo e impassivel.

—Elle o fez... estou certo... balbuciou Bento Simões em voz sumida.

—Não, retrucou Ruy Soeiro; Satanaz não o faria. Vamos, Loredano; confessai que nos enganastes, que quizestes atemorizar-nos?

—Disse a verdade.

—Mentes! gritou o aventureiro desesperado.

O italiano sorriu: tirando a sua espada, estendeu a mão sobre a cruz do punho, e disse lentamente deixando cair as palavras uma a uma:

—Por esta cruz e pelo Christo que nella soffreu; por minha honra neste mundo, e minha alma no outro, juro.

Bento Simões cahio de joelhos esmagado por este juramento, que não deixava de ter alguma solemnidade no meio da floresta sombria e silenciosa.

Ruy Soeiro pallido, com os olhos a saltarem-lhe das orbitas, os labios tremulos, os cabellos eriçados e os dedos hirtos, parecia a mumia do desespero.

Estendeu os braços para Loredano, e exclamou com a voz tremula e suffocada:

—Pois vós, Loredano, confiastes a D.^{mo} Antonio de Mariz um papel onde existe a machinação infernal que tramastes contra sua familia?

—Confiei-o!

—E nesse papel escrevestes que o pretendeis assassinar a elle e a sua mulher, e lançar fogo á casa se preciso fôr para a realisação de vossos intentos?

—Escrevi tudo!

—Tivestes o arrojo de confessar que tencionais roubar sua filha e fazer della, nobre moça, a barregã de um aventureiro e reprobado como vós?

—Sim!

—E dissestes também, continuou Ruy no auge da desesperação, que a outra sua filha nos pertencerá, a nós que jogaremos á sorte para decidir a qual deverá tocar?

—Não me esqueci de nada, e menos desse ponto importante, respondeu o italiano com um sorriso; tudo isto está escripto em um pergaminho, nas mãos de D.^{mo} Antonio de Mariz. Para sabê-lo, basta que o fidalgo rompa os pingos de cera preta com que mestre Garcia Ferreira, tabellião do Rio de Janeiro, o cerrou na minha penultima viagem.

Loredano pronunciou essas palavras com a maior calma, contemplando os dous aventureiros pallidos e humilhados diante delle.

Passou-se algum tempo em silencio.

—Já vedes, disse o italiano, que estais na minha mão; sirva-vos isto de exemplo. Quando uma vez se pôz o pé sobre o precipicio, amigos, é preciso caminhar por cima delle, para não rolar e ir ao fundo. Caminhemos pois. Só de uma cousa vos advirto; de hoje em diante—obediência cega e passiva!

Os dous aventureiros não dissêrão palavra; porém a sua attitude respondia melhor do que mil protestos.

—Agora deixai essa cara triste e consternada. Estou vivo; e D.^{mo} Antonio é um verdadeiro fidalgo incapaz de abrir um testamento. Creai esperança, confiai em mim, que breve alcançaremos a meta.

A physionomia de Bento Simões reanimou-se.

—Fallai claro uma vez ao menos, retrucou Ruy Soeiro.

—Não aqui; segui-me, que vos levarei a um lugar onde conversaremos á vontade.

—Esperai, acudio Bento Simões; antes de tudo, reparação vos é devida. Ha pouco vos ameaçámos; aqui tendes as nossas armas.

—Sim, depois do que se passou, é justo que desconfieis de nós; tomai.

Os dous tirarão os punhaes e as espadas.

—Guardai as vossas armas, disse Loredano encarnecendo, servirão para me defenderdes. Eu sei quanto vos é preciosa e cara a minha existencia!

Ambos os aventureiros empallidecêrão, e seguirão o italiano, que depois de uma meia hora de caminho chegou á touca de cardos que já descrevêmos.

Á um signal de Loredano, os seus companheiros subirão á arvore, e descêrão pelo cipó ao centro dessa área cercada de espinhos, que tinha quando muito tres braças de comprimento sobre duas de largura.

De um lado, na quebrada que fazia o terreno, via-se uma especie de gruta ou abobada, restos desses grandes formigueiros que se encontrão pelos nossos campos, já meio aluidos pela chuva. Neste lugar, á sombra de um pequeno arbusto que nascêra entre os cardos, sentárão-se os tres aventureiros.

—Oh! disse o italiano immediatamente; ha algum tempo já que não venho dessas bandas; mas parece-me que ainda deve haver aqui o quer que seja que vos dará no gôto.

Reclinou-se, e estendendo o braço pela cava retirou uma botija que alli estava deitada, e que collocou no meio do grupo.

—É de Caparica, mas do bom. Deste cá não vem!

—Diabo! tendes uma adega exclamou Bento Simões a quem avista da botija tinha restituído todo o bom humor.

—A fallar a verdade, disse Ruy, esperaria tudo, menos ver sahir deste buraco uma botija de vinho.

—É para vêrdes! como costume vir a este lugar, onde ás vezes passo bem boas soalheiras, precisava ter um companheiro com quem esparecesse.

—E não podieis achar melhor! disse Bento Simões dando uma empinadella á botija e estalando a lingua. Já lhe tinha saudades!

Cada um dos tres tomou a sua vez de vinho e a botija voltou ao seu lugar.

—Bom, disse o italiano, agora tratemos do que serve. Prometti, quando vos convidei a seguir-me, que vos faria ricos, muito ricos.

Os dous inclinárão a cabeça.

—A promessa que vos fiz vai-se realisar: a riqueza está aqui perto de nós, podemos toca-la.

—Onde? perguntárão os aventureiros lançando um olhar avido em roda.

—Não vai assim tambem, falla-se figuradamente.

Digo que a riqueza está diante de nós, mas para nos apoderarmos della é preciso...

—O que? Dizei!

—A seu tempo: agora quero contar-vos uma historia.

—Uma historia! replicou Ruy Soeiro.

—Da carocha? perguntou Bento Simões.

—Não, uma historia veridica como uma bulla do nosso santo padre. Ouvistes fallar algum dia, em um certo Roberio Dias?

—Roberio Dias... Ah! sei! um tal de S., Salvador? disse Ruy Soeiro.

—O mesmo, sem tirar nem pôr.

—Vi-o ha cousa de oito annos em S., Sebastião, donde se passou ás Hespanhas.

—E sabeis o que ia fazer ás Hespanhas esse digno descendente do Caramurú, amigo Bento Simões? perguntou o italiano.

—Ouvi rosnar que se tratava de um thesouro fabuloso, que contava offerecer a Felipe II, o qual em volta o faria marquez, e grande fidalgo de sua casa.

—E o resto, não vos chegou á noticia?

—Não; nunca mais ouvi fallar do tal Roberio Dias.

—Pois ouvi lá; chegando a Madrid, o homem fez a sua offerta mui lampeiro, e foi recebido na palma das mãos por el-rei Felipe II que, como sabeis, tinha as unhas demasiado longas.

—E cinzou-o como uma raposa que era? acudio Ruy Soeiro.

—Enganais-vos; dessa vez a raposa tornara-se macaco; quiz ver o côco ante de paga-lo.

—E então?

—Então, disse o italiano sorrindo maliciosamente, o côco estava ouco.

—Como ouco?

—Sim, amigo Ruy, tinham-lhe deixado apenas as cascas; felizmente para nós, que vamos lograr o miôlo.

—Sois um homem de caixas encouradas, Loredano!

—Dá-se agente a tratos, e não é possível entender-vos.

—Tenho culpa eu, que não sejais lido na historia das cousas de vossa terra?

—Nem todos são mitrados como vós, dom italiano.

—Bom, acabemos de uma vez; o que Roberio Dias julgava offerecer em Madrid a Felipe II, amigos, está aqui!

E Loredano dizendo esta palavra assentou a mão sobre um seixo que havia ao lado.

Os dous aventureiros olhárão-se sem comprehender, e duvidando da razão de seu companheiro. Quanto a este, sem se importar com o que elles pensavão, tirou a espada, e depois de desenterrar a pedra começou a cavar. Enquanto proseguia neste trabalho, os dous observando-o passavão alternadamente a botija de vinho, e fazião conjecturas e supposições.

O italiano já cavava ha tempo, quando o ferro tocou num objecto duro, que o fez tinir.

—*Per Dio*, exclamou, eil-a!

Dahi a alguns momentos retirava do buraco um desses vasos de barro vidrado, a que os indios chamavão *camuci*; este era pequeno e fechado por todos os lados.

Loredano tomando-o pelas duas mãos abalou-o e sentio o imperceptivel vascolear que fazia dentro um objecto qualquer.

—Aqui tendes, disse elle lentamente, o thesouro de Roberio Dias; pertence-nos. Um pouco de tento, e seremos mais ricos que o sultão de Bagdad, e mais poderosos que o doge de Veneza.

O italiano bateu sobre a pedra com o vaso que se partiu em pedaços.

Os aventureiros, com os olhares incendidos de cobiça, esperando ver correr ondas de ouro, de diamantes e esmeraldas, ficarão estupefactos. Do bojo do vaso saltará apenas um pequeno rolo de pergaminho coberto por um couro avermelhado, e atado em cruz por um fio pardo.

Loredano com a ponta do punhal rompeu o laço, e, abrindo rapidamente o pergaminho, mostrou aos aventureiros um rotulo escripto em grandes letras vermelhas.

Ruy Soeiro soltou um grito: Bento Simões começou a tremer de prazer, de pasmo e admiração.

Passado um momento, o italiano estendeu a mão para o papel collocado no meio do grupo, seus olhos tomarão uma expressão dura.

—Agora, disse elle com a sua voz vibrante, agora que tendes a riqueza e o poder ao alcance da mão, jurai que o vosso braço não tremerá quando chegar a occasião; que obedecereis ao meu gesto, á minha palavra, como á lei do destino.

—Juramos!

—Estou cansado de esperar, e resolvido a aproveitar o primeiro ensejo. A mim como chefe, disse o italiano com um sorriso diabolico, devia pertencer D. Antonio de Mariz; eu vo-lo cedo, Ruy Soeiro. Bento Simões terá o escudeiro. Eu reclamo para mim Alvaro de Sá, o nobre cavalheiro.

Ayres Gomes vai se ver n'uma dansa! disse Bento Simões com um aspecto marcial.

—Os mais, se nos incomodarem, irão depois; se nos acompanharem serão bem vindos. Unicamente vos aviso que aquelle que tocar a soleira da porta da filha de D.^{mo} Antonio de Mariz, é um homem morto; esta é a minha parte de presa! É a parte do leão.

Neste momento ouvio-se um rumor como se as folhas se tivessem agitado.

Os aventureiros não fizeram reparo, e attribuirão naturalmente ao vento.

—Mais alguns dias, amigos, continuou Loredano, e seremos ricos, nobres, poderosos como um rei. Tu, Bento Simões, serás marquez do Paquequer; tu, Ruy Soeiro, duque das Minas; eu... Que serei eu, disse Loredano com um sorriso que illuminou a sua physionomia intelligente. Eu serei...

Uma palavra partio do seio da terra surda e cavernosa, como se uma voz sepulcral a houvesse pronunciado.

—Traidores!...

Os tres aventureiros erguêrão-se de um só movimento, hirtos e lividos: parecião cadaveres surgindo da campã.

Os dous persignárão-se. O italiano suspendeu-se ao ramo da arvore, e lançou um olhar rapido.

Tudo estava em socego.

O sol a pino derramava um oceano de luz: nenhuma folha se agitava ao sopro da brisa; nenhum insecto saltitava sobre a relva.

O dia no seu esplendor dominava a natureza.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

SEGUNDA PARTE

PERY

I O CARMELITA

Corria o mez de março de 1603.

Era portanto um anno antes do dia em que se abriu esta historia.

Havia á beira do caminho que então servia ás raras expedições entre o Rio de Janeiro e o Espirito Santo, um vasto pouso onde habita vão alguns colonos e indios cathequisados.

Estava quasi a anoitecer.

Uma tempestade secca, terrivel e medonha, como as ha frequentemente nas faldas das serranias, desabava sobre a terra. O vento mugindo açoutava as grossas arvores que vergavão os troncos seculares; o trovão ribombava no bojo das grossas nuvens desgarradas pelo céu; o relampago amiudava com tanta velocidade, que as florestas, os montes, toda a natureza nadava n'um oceano de fogo.

No vasto copiár do pouso havia tres pessoas contemplando com um certo prazer a luta espantosa dos elementos, que para homens habituados com elles, não deixava de ter alguma belleza.

Um desses homens, gordo e baixo, deitado em uma rede no meio do alpendre, com as pernas cruzadas e os braços sobre o peito, soltava uma exclamação a cada novo estrago produzido pela tempestade.

O segundo, encostado n'um dos esteios de jacarandá que sustentavão o tecto da alpendrada, era homem trigueiro, de perto de quarenta annos; a sua physionomia apresentava uns longes do

typo da raça judaica; tinha os olhos fitos em uma vereda que serpejava pela frente da casa até perder-se no matto.

Defronte delle, tambem apoiado sobre a outra columna, estava um frade carmelita, que acompanhava com um sorriso de satisfação intima o progresso da borrasca; animava-lhe o rosto bello e de traços accentuados um raio de intelligencia e uma expressão de energia que revelava o seu character.

Ao ver esse homem sorrindo á tempestade e affrontando com o olhar a luz do relampago, conhecia-se que sua alma tinha a força de resolução e a vontade indomavel capaz de querer o impossivel, e de lutar contra o céu e a terra para obtê-lo.

Fr. Angelo di Luca achava-se então no pouso como missionario, incumbido da cathequese e cura das almas entre o gentio daquelle lugar; em seis mezes que apostolava conseguira aldear algumas familias que esperava breve trazer ao gremio da igreja.

Um anno havia que obtivera do prior geral da ordem do Carmo a graça de passar do seu convento de Santa Maria Transpontina, em Roma, para a casa que a sua ordem tinha fundado em 1590 no Rio de Janeiro, afim de empregar-se no trabalho das missões.

Tanto o geral como o provincial de Lisboa, tocados por esse ardente entusiasmo apostolico, o havião recommendado expressamente a Fr. Diogo do Rosario, então prior do convento do Carmo no Rio de Janeiro, pedindo-lhe que empregasse no serviço do Senhor e na gloria da ordem da Beatissima Virgem do Monte Carmelo, o zelo e o santo fervor do irmão Fr. Angelo di Luca.

Eis a razão por que o filho de um pescador, sahido das lagunas de Veneza, achava-se no sertão do Rio de Janeiro, encostado ao esteio de um pouso, contemplando a tempestade que redobrava de furor.

—Sempre partireis esta noite, Fernão Aines? disse o homem que estava deitado na rede.

—Ao quarto d'alva, respondeu o outro sem voltar-se.

—E o tempo que vai fazer?

—Não é isso que me estorva, hem o sabeis, mestre Nunes. Esta maldita caçada!... Receiais que vossos homens não tornem della a tempo?

—Receio que não os leve á todos a bréca por esses mattos com semelhante borrasca.

O frade voltou-se:

—Aquelles que seguem a lei de Deus estão bem em toda a parte, irmão, em andurriaes como neste pouso; os máos é que devem tremer o fogo do céu, e a estes não ha abrigo que os salve.

Fernão Aines sorriu ironicamente.

—Crêdes isso, Fr. Angelo?

—Creio em Deus, irmão.

—Pois embora; prefiro estar onde estou do que por ahi mettido n'algun despenhadeiro.

—Comtudo, acudio Nunes, o que diz o nosso reverendo missionario...

—Ora deixa fallar Fr. Angelo. Aqui sou eu que zombo da tempestade; lá seria a tempestade que zombaria de mim.

—Fernão Aines!... exclamou Nunes.

—Maldita lembrança de caçada! murmurou o outro sem attendê-lo.

O silencio se restabeleceu.

De repente uma nuvem abrio-se; a corrente electrica enroscando-se pelo ar, como uma serpente de fogo, abateu-se sobre um tronco de cedro que havia defronte do pouso.

A arvore fendeu-se desde o olho até á raiz em duas metades; uma permaneceu em pé, esguia e mutilada; a outra, tombando sobre o terreiro, bateu nos peitos de Fernão Aines, e o atirou esmagado no fundo do alpendre.

Seu companheiro ficou immovel por muito tempo; depois começou a tremer como se tiritasse com o frio de terçãs; o pollegar estendido para fazer o signal da cruz, os dentes chocando uns contra os outros, o rosto contrahido, davão-lhe aspecto terrivel e ao mesmo tempo grotesco.

O frade se tinha voltado livido como se elle fosse a victima da catastrophe; o terror decompoz um momento a sua physionomia; porém logo um sorriso sardonico fugio-lhe dos labios ainda descorados pelo choque violento que soffrêra.

Passado o primeiro momento de susto, os dous chegárão-se para o ferido, e quizerão prestar-lhe soccorros; este fez um grande esforço, e erguendo sobre um dos braços soltou n'uma golphada de sangue estas palavras:

—Castigo do céu!

Reconhecendo que não havia mais cura para o corpo, o moribundo exigio o remedio espiritual; com a voz fraca pedio a Fr. Angelo que o ouvisse de confissão.

Nunes fez recolher o seu companheiro a um aposento cuja porta dava para o alpendre, e deitou-o sobre uma cama de couro.

Já havia anoitecido, o aposento estava na maior escuridão, apenas por instantes o relampago brilhava lançando o clarão azulado sobre o confessor meio reclinado para o moribundo, afim de escutar-lhe a voz que ia gradualmente enfraquecendo.

—Ouvi-me sem me interromper, meu padre; sinto que poucos momentos me restão; e embora não haja perdão para mim, quero ao menos reparar o meu crime.

—Fallai, irmão; eu vos escuto.

—Em novembro passado cheguei ao Rio de Janeiro; fui hospedado por um parente meu; tanto elle como sua mulher me fizêrão o melhor acolhimento.

«Elle, que havia muito viajado pelo sertão e se dera á vida de aventureiro, fallou-me um dia de tentarmos uma expedição, cujo resultado seria grande riqueza para nós ambos.

«Por diversas vezes nos entretivemos sobre esse objecto, até que abrio-se inteiramente comigo.

«O pai de um Roberio Dias, colono da Bahia, guiado por um indio, havia descoberto nos sertões daquella provinda minas de prata tão abundantes que se poderião calçar desse metal as ruas de Lisboa.

«Como atravessasse sertões invios e inhospitos, Dias escrevêra um roteiro com as indicações necessarias para em qualquer tempo poder-se achar o lugar onde estão situadas as ditas minas.

«Este roteiro fôra subtrahido a seu dono sem que elle o percebesse; e por uma longa successão de factos, que faltão-me as forças para contar-vos, viera cahir nas mãos do meu parente.

«De quantos crimes já não tinha sido causa esse papel, e de quantos não seria ainda, meu padre, se Deus não houvesse

finalmente punido em mim o ultimo herdeiro desse legado de sangue!...»

O moribundo parou um momento extenuado; depois continuou com a voz debil:

«Já então com a chegada do governador D. Francisco de Souza se sabia que Roberio offerecêra em Madrid a Philippe II a descoberta das minas, e que não o tendo el-rei premiado como esperou, obstinava-se em guardar silencio.

«A razão deste silencio, que se attribuia geralmente ao despeito, só a sabia meu parente em cujas mãos parava o roteiro; Roberio chegado ás Hespanhas se apercebêra do roubo que lhe havião feito, e quizera ao menos lograr o premio.

«O segredo das minas, a chave dessa riqueza immensa que excedia todos os thesouros do Miramolim, estava nas mãos do meu parente que, necessitando de um homem dedicado que o auxiliasse na empreza, julgou que a ninguem melhor do que a mim podia escolher para partilhar os seus riscos e esperanças.

«Aceitei essa meação do crime, esse pacto de roubo, meu padre... Foi o meu primeiro erro!...»

A voz do aventureiro tornou-se ainda mais sumida. O frade, inclinado sobre elle, parecia devorar com os labios entre-abertos as palavras balbuciadas pelo moribundo.

—Coragem, filho!

—Sim! Devo dizer tudo!...Fascinado pela descripção desse thesouro fabuloso, tive uma lembrança unica... essa lembrança tornou-se desejo.....depois idéa, e.... projecto por fim realisou-se.... foi um crime! Assassinei meu parente; e sua mulher...

—E... exclamou o frade com a voz surda.

E roubei o segredo!

O frade sorriu nas trevas.

—Agora só me resta a misericórdia de Deus, e a reparação do mal que fiz... Roberio é morto, sua mulher vive desgraçada na Bahia... Quero que este papel lhe seja entregue... Prometteis, Fr. Angelo?...

—Prometto! O papel?...

—Está... occulto...

—Aonde?

—Nes... ta...

O moribundo agonisava.

Fr. Angelo, debruçado inteiramente sobre elle, com o ouvido collado á sua boca onde borbulhava uma espuma vermelha, com a mão sobre o coração para ver se ainda palpitava, parecia querer reter o ultimo sopro da vida, afim de tirar delle uma palavra ainda.

—Aonde?... murmurava de vez em quando o frade com a voz cava.

O enfermo agonisava sempre; os soluços extremos da vida que se apaga como a lampada que bruxoleia, agitavão apenas o corpo enregelado.

Por fim o frade viu-o levantar o braço hirto, apontando para a parede, e sentio os seus labios gelados e convulsos que tremêrão, lançando no seu ouvido uma palavra que o fez saltar sobre o leito.

—Cruz!...

Fr. Angelo ergueu-se circulando o aposento com a vista allucinada; na cabeceira da cama havia um Christo de ferro sobre

uma grande cruz de páo tosca e mal lavrada.

Com um movimento de raiva o frade apoderou-se da cruz, e quebrou-a de encontro ao joelho; a imagem rolou pelo chão; entre os estilhaços da madeira appareceu um rolo de pergaminho achatado pela pressão em que estivera.

Quebrou com os dentes o sello do papel; chegando á janella leu á claridade vacillante do relampago as primeiras palavras de um rotulo de letras vermelhas, que rezava nestes termos:

«Roteiro verídico e exacto em que se trata da rota que fez Roberio Dias, o pai, em o anno da graça de 1587 ás paragens de Jacobina, onde descobrio com o favor de Deus as mais ricas minas de prataria que existão no mundo; com a summa de todas as indicardes de marcos, balisas e linha equinocial onde demorão aquellas ditas minas; começado em 20 de janeiro, dia do martyr S.^{to} Sebastião, e terminado na primeira dominga de Paschoa em que chegámos com a mercê da Providencia nesta cidade de S.^{to} Salvador.»

Emquanto o frade esforçava para ler, o moribundo agonisava na ultima afflicção, esperando talvez a absolvição final e a extrema uncção do penitente.

Mas o religioso não via nesse momento senão o papel que tinha nas mãos; deixou-se cahir em um banco, e com a cabeça pendida sobre o braço, entregou-se á funda meditação.

Que pensava elle?...

Não pensava; delirava. Diante de seus olhos, a imaginação exaltada lhe apresentava um mar argenteo, um oceano de metal fundido, alvo e resplandecente, que ia se perder no infinito. As vagas desse mar de prata, ora achamalotavão-se, ora rolavão

formando frocos de espuma, que parecião flores de diamantes, de esmeraldas e rubins scintillando á luz do sol.

Às vezes tambem nessa face lisa e polida desenhavão-se como em um espelho palacios encantados, mulheres bellas como as buris do propheta, virgens graciosas como os anjos de Nossa Senhora do Monte Carmelo.

Assim decorreu meia hora, em que o silencio era apenas interrompido pelo estertor do moribundo e pelo trovão que rugia: depois houve uma calma sinistra; o peccador expirava impenitente.

Fr. Angelo levantou-se, arrancou o habito com um gesto desesperado, e pisou-o aos pés; sobre o recosto do leito havia uma muda de roupa com que trajou-se; tirou as armas do cadaver, apanhou o chapéo de feltro, e apertando ao peito o manuscripto, dirigio-se á porta.

Ouvião-se os passos de Nunes, que passeava fóra no alpendre.

O frade estacou; a presença inesperada desse homem diante da porta, deo-lhe uma inspiração. Tomou o habito, vestio-o sobre o seu novo trajo, e escondendo na manga o chapéo do aventureiro, cobrio-se com o largo capello; então abrio a porta e dirigio-se a Nunes.

—*Consumatum est*, irmão! disse elle com um tom compungido.

—Deus tenha sua alma!

—Assim o espero, se não me faltarem as forças para cumprir o seu ultimo voto, que é uma reparação...

—De um grave peccado?

—De um crime, irmão. Dai-me luz; vou escrever a Fr. Diogo do Rosario, nosso prior, porque de onde vou talvez não volte, nem

tenhais mais novas de mim.

O frade escreveu á claridade de uma acha de pão candeia algumas linhas ao prior do convento do Carmo no Rio de Janeiro, e despedindo-se de Nunes partio.

Quando dobrava o canto do pouso o céu abrio-se, e a terra incendiou-se com a luz de um relampago tão forte que o deslumbrou. Dous raios, descrevendo listras de fogos, tinhão cabido sobre a floresta e espalhado em torno um cheiro de sulphur que asphyxiava.

O carmelita teve uma vertigem; lembrou-se da scena da tarde, do tremendo castigo que elle proprio havia evocado na sua hypocrisia, e se realisára tão promptamente. Mas o deslumbramento passou; estremecendo ainda e pallido de terror, o reprobó levantou o braço como desafiando a colera do céu, e soltou uma blasphemia horrivel:

—Podeis matar-me; mas se me deixardes a vida, hei de ser rico e poderoso, contra a vontade do mundo inteiro!

Havia nestas palavras um quer que seja da sanha e raiva impotente de Satanaz precipitado no abysmo pela sentença irrevogavel do Creador.

Continuando o seu caminho pelas trevas, costeou a cerca e chegou a uma grande choça, que havia no fundo do pouso, e onde o missionario conseguira aldear algumas familias de indios; entrou e acordou um dos selvagens, a quem ordenou se preparasse para acompanhá-lo apenas rompesse o dia.

A chuva cahia em torrentes; o vento açoutava as paredes de sapé, esfusiando por entre a palha.

O frade passou a noite em claro, reflectindo e traçando no seu espirito um plano infernal, para cuja realisação não trepidaria diante de nem um obstaculo; de vez em quando levantava-se para ver se o horizonte já se illuminava.

Finalmente veio o dia; a tempestade se tinha desfeito durante a noite; o tempo estava sereno.

O carmelita acompanhado pelo selvagem partio: vagou pela floresta e pelo campo em todas as direcções; alguma cousa procurava. Elle avistou depois de duas horas a touca de cardos junto da qual se passou a ultima scena que narrámos; examinou-a por todos os lados e sorrio de satisfeito. Trepando á arvore escorregando pelo cipó, entrárão elle e o selvagem na área que já conhecemos; o sol tinha nascido ha pouco.

No dia seguinte, por volta de duas horas da tarde, saihio deste lugar um só homem; não era elle, nem o frade, nem o selvagem. Era um aventureiro destemido audaz, em cuja physionomia se reconhecião ainda os traços do carmelita Fr. Angelo di Luca.

Este aventureiro chamou-se Loredano.

Deixava naquelle lugar e sepultado no seio da terra um terrivel segredo; isto é, um rolo de pergaminho, um burel de frade e um cadaver.

Cinco mezes passados, o vigario da ordem participava ao geral em Roma que o irmão Fr. Angelo di Luca morrêra como santo e martyr no zelo de sua fé apostolica.

II YARA!

Dous dias depois da scena do pouso, por uma bella tarde de verão, a familia de D. Antonio de Mariz estava reunida na margem do *Paquequer*.

O lugar em que se achava era uma pequena baixa cavada entre dous outeiros pedregosos que se elevavão naquellas paragens. A relva que tapeçava essas fragoas, as arvores que havião nascido nas fendas das pedras, e reclinando sobre o valle tecião um lindo docel de verdura, tornavão aquelle retiro pittoresco.

Não podia haver sitio mais agradável para se passar uma sesta de estio, do que esse caramanchão cheio de sombra e de frescura, onde o canto das aves concertava com o trepido murmurio das aguas.

Por isso, apezar de ficar elle a alguma distancia da casa, a familia vinha ás vezes quando o tempo estava sereno gozar algumas horas da frescura deliciosa que alli se respirava.

D. Antonio de Mariz, sentado junto de sua mulher, contemplava por entre uma aberta das folhas o céu azul e avelludado de nossa terra, que os filhos da Europa não se cançãõ de admirar. Isabel, encostada a uma palmeira nova, olhava a correnteza do rio, murmurando baixinho uma trova de Bernardim Ribeiro.

Cecilia corria pelo valle perseguindo um lindo colibri, que no vôo rapido iriava-se de mil côres, scintillando como o prisma de um raio solar. A linda menina, com o rosto animado, rindo-se dos volteios que a avezinha lhe fazia dar, como se brincasse com ella, achava nesse folguedo um vivo prazer.

Mas afinal, sentindo-se fatigada, foi recostar-se em um comoro de relva, que elevando-se no sopé do rochedo formava uma especie de divan natural. Descançou a cabeça no declive, e assim ficou com os pézinhos estendidos sobre a gramma que os escondia como a lã de um rico tapete: e o seio mimoso a arfar com o anhelito da respiração.

Algun tempo se passou sem que o menor incidente perturbasse o suave painel que formava esse grupo de familia.

De repente, entre o docel de verdura que cobria esta scena, ouvio-se um grito vibrante e uma palavra de lingua estranha:

—Yara!

E um vocabulo guarany: significa *a senhora*.

D. Antonio levantou-se: volvendo olhos rapidos, vio sobre a eminencia que ficava sobranceira ao lugar em que estava Cecilia, um quadro original.

De pé, fortemente apoiado sobre a base estreita a que formava a rocha, um selvagem coberto com um ligeiro saio de algodão, mettia o hombro a uma lasca de pedra que se desencravára do seu alveolo, e ia rolar pela encosta.

O indio fazia um esforço supremo para suster o peso da lage prestes a esmaga-lo; e com o braço estendido de encontro a um galho de arvore mantinha por uma tensão violenta dos musculos o equilibrio do corpo.

A arvore tremia; por momentos parecia que pedra e homem se enrolavão n'uma mesma volta, e precipitavão-se sobre a menina sentada na aba da collina.

Cecilia ouvindo o grito erguera a cabeça, e olhava seu pai com alguma surpresa, sem adivinhar o perigo que a ameaçava.

Ver, lançar-se para sua filha, toma-la nos braços, arranca-la á morte, foi para D. Antonio de Mariz uma só idéa e um só movimento, que realisou com a força e a impetuosidade do sublime amor de pai, que era toda a sua vida.

No momento em que o fidalgo deitava Cecilia quasi desmaiada sobre o regaço materno, o indio saltava no meio do valle; a pedra gyrando sobre si, precipitada do alto da collina, enterrava-se profundamente no chão.

Foi então que os outros espectadores desta scena, paralysados pelo choque que haviam soffrido, lançarão um grito de terror, pensando no perigo que já estava passado.

Uma larga esteira que descia da eminencia até o lugar onde Cecilia estivera recostada, mostrava a linha que descrevera a pedra na passagem, arrancando a relva e ferindo o chão. D. Antonio, ainda pallido e tremulo do perigo que correra Cecilia, volvia os olhos daquella terra que se lhe afigurava uma campá, para o selvagem que surgira, como um genio bemfazejo das florestas do Brazil.

O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e heroísmo com que elle salvára sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrára a si proprio da morte.

Quanto ao sentimento que dictára esse proceder, D. Antonio não se admirava; conhecia o character dos nossos selvagens, tão injustamente calumniados pelos historiadores; sabia que fora da guerra e da vingança erão generosos, capazes de uma acção grande, e de um estímulo nobre.

Por muito tempo reinou silencio expressivo nesse grupo, que se acabava de transformar de modo tão imprevisto.

D. Lauriana e Isabel de joelhos oravam a Deus, rendendo-lhe graças; Cecilia ainda assustada apoiava-se ao peito de seu pai e beijava-lhe a mão com ternura; o indio humilde e submisso fitava um olhar profundo de admiração sobre a moça que tinha salvado.

Por fim D. Antonio passando o braço esquerdo pela cintura de sua filha, caminhou para o selvagem, e estendeu-lhe a mão com gesto nobre e affavel: o indio curvou-se e beijou a mão do fidalgo.

—De que nação és? perguntou-lhe o cavalheiro em guarany.

—Goytacaz, respondeo o selvagem erguendo a cabeça com altivez.

—Como te chamas?

—Pery, filho de Ararê, primeiro de sua tribu.

—Eu, sou um fidalgo portuguez, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra; mas tu salvaste minha filha; offereço-te a minha amizade.

—Pery aceita; tu já eras amigo.

—Como assim? perguntou D. Antonio admirado.

—Ouve.

O indio começou, na sua linguagem tão rica e poetica, com a doce pronuncia que parecia ter aprendido das auras da sua terra ou das aves das florestas virgens, esta simples narração:

«Era o tempo das arvores de ouro.

«A terra cobrio o corpo de Ararê, e as suas armas; menos o seu arco de guerra.

«Pery chamou os guerreiros de sua nação, e disse:

«—Pai morreu; aquelle que fôr o mais forte entre todos, terá o arco de Ararê. Guerra!»

«Assim fallou Pery; os guerreiros respondêrão Guerra!

«Emquanto o sol allumiou a terra, caminhámos; quando a lua subio ao céu, chegámos. Combatêmos como Goytacazes. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.

«Quando Pery abaixou o arco de Ararê não havia na taba dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo; tudo era cinza.

«Veio o dia e allumiou o campo; veio o vento e levou a cinza.

Pery tinha vencido; era o primeiro da sua tribu, e o mais forte de todos os guerreiros.

Sua mãe chegou e disse:

«Pery, chefe dos Goytacazes, filho de Ararê, tu és grande, tu és forte como teu pai; tua mãe te ama.

«Os guerreiros chegarão e disserão:

«Pery, chefe de Goytacazes, filho de Ararê, tu és o mais valente da tribu, e o mais temido do inimigo; os guerreiros te obedecem.

«As mulheres chegarão e disserão:

«Pery, primeiro de todos, tu és bello como o sol, e flexivel como a canna selvagem que te deo o nome; as mulheres são tuas escravas.

«Pery ouviu e não respondeu; nem a voz de sua mãe, nem o canto dos guerreiros, nem o amor das mulheres, o fez sorrir.

«Na casa da cruz, no meio do fogo, Pery tinha visto a senhora dos brancos; era alva como a filha da lua; era bella como a garça do rio.

«Tinha a cor do céu nos olhos; a cor do sol nos cabellos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz.

«O fogo passou; a casa da cruz cahio.

«De noite Pery teve um sonho; a senhora appareceu; estava triste e fallou assim:

«Pery, guerreiro livre, tu és meu escravo; tu me seguirás por toda a parte, como a estrella grande acompanha o dia.

«A lua tinha voltado o seu arco vermelho, quando tornámos da guerra; todas as noites Pery via a senhora na sua nuvem; ella não tocava a terra, e Pery não podia subir ao céu.

«O cajueiro quando perde a sua folha parece morto; não tem flôr, nem sombra; chora umas lagrimas doces como o mel dos seus fructos.

«Assim Pery ficou triste.

«A senhora não appareceu mais; e Pery via sempre a senhora nos seus olhos.

«As arvores ficarão verdes; os passarinhos fizerão seus ninhos; o sabiá cantou; tudo ria: o filho de Ararê lembrou-se de seu pai.

«Veio o tempo da guerra.

«Partimos; andámos; chegámos ao grande rio. Os guerreiros armarão as redes; as mulheres fizerão fogo; Pery olhou o sol.

«Vio passar o gavião.

«Se Pery fosse o gavião, ia ver a senhora no céu.

«Vio passar o vento.

«Se Pery fosse o vento, carregava a senhora no ar.

Vio passar a sombra.

«Se Pery fosse a sombra, acompanhava a senhora de noite.

«Os passarinhos dormirão tres vezes.

«Sua mãe veio e disse:

«Pery, filho de Ararê, guerreiro branco salvou tua mãe; virgem branca também.

«Pery tomou sua armas e partiu; ia ver o guerreiro branco para ser amigo; e a filha da senhora para ser escravo.

«O sol chegava ao meio do céu e Pery chegava também ao rio; avistou longe a tua casa grande.

«A virgem branca apareceu.

«Era a senhora que Pery tinha visto; não estava triste como da primeira vez; estava alegre; tinha deixado lá a nuvem e as estrelas.

«Pery disse:

«A senhora desceu do céu, porque a lua sua mãe deixou; Pery, filho do sol, acompanhará a senhora na terra.

«Os olhos esta vão na senhora; e o ouvido no coração de Pery. A pedra estalou e quiz fazer mal á senhora.

«A senhora tinha salvado a mãe de Pery, Pery não quiz que a senhora ficasse triste, e voltasse ao céu.

«Guerreiro branco, Pery, primeiro de sua tribo, filho de Ararê, da nação Goytacaz, forte na guerra, te oferece o seu arco; tu és amigo.»

O indio terminou aqui a sua narração.

Emquanto fallava, um assomo do orgulho selvagem da força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros, e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei; tinha a realza da força.

Apenas concluio, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou timido e modesto; já não era mais do que um barbaro em face de creaturas civilisadas, cuja superioridade de educação o seu instincto reconhecia.

D. Antonio o ouvia sorrindo-se do seu estylo ora figurado, ora tão singelo como as primeiras phrases que balbucia a criança aos peitos maternos. O fidalgo traduzia da melhor maneira que podia essa linguagem poetica a Cecilia, a qual já livre do susto queria por força, apesar do medo que lhe causava o selvagem, saber o que elle dizia.

Comprehendêrão da historia de Pery, que uma india salva havia dous dias por D. Antonio das mãos dos aventureiros e a quem Cecilia enchêra de presentes de velorios azues e escarlates, era a mãi do selvagem.

—Pery, disse o fidalgo, quando dous homens se encontrão e ficão amigos, o que está na casa do outro recebe a hospitalidade.

—E o costume que os velhos transmittirão aos moços da tribu e os pais aos filhos.

—Tu cearás comnosco.

—Pery te obedece.

A tarde declinava; as primeiras estrellas luzião. A familia, acompanhada por Pery, dirigio-se á casa, e subio a esplanada.

D. Antonio entrou um momento e voltou trazendo uma linda clavina tauxiada com o braço de armas do fidalgo, a mesma que já vimos nas mãos do indio.

—É a minha companheira fiel, a minha arma de guerra: nunca mentio fogo, nunca errou o alvo: a sua bala é como a seta do teu arco. Pery tu me deste minha filha; minha filha te dá a arma de guerra de seu pai.

O indio recebeu o presente com uma effusão de profundo reconhecimento.

—Esta arma que vem da senhora e Pery farão um só corpo.

A campa do terreiro tocou annunciando a ceia.

O indio, vexado no meio dos usos estranhos, tomado de um santo respeito, não sabia como se ter.

Apezar de todos os esforços do fidalgo, que sentia um prazer indizível em mostrar-lhe quanto apreciava a sua acção e remoçara com a alegria de ver sua filha viva, o selvagem não tocou em um só manjar.

Por fim D. Antonio de Mariz conhecendo que toda a insistencia era inutil, encheu duas taças de vinho das Canarias.

—Pery, disse o fidalgo, ha um costume entre os brancos, de um homem beber por aquelle que é amigo. O vinho é o licor que dá a força, a coragem, a alegria. Beber por um amigo é uma maneira de dizer que o amigo é e será forte, corajoso e feliz. Eu bebo pelo filho de Ararê.

—E Pery bebe por ti, porque és pai da senhora; bebe por ti, porque salvaste sua mãe; bebe por ti, porque és guerreiro.

A cada palavra o indio tocou a taça e bebeu um trago de vinho, sem fazer o menor gesto de desgosto; elle beberia veneno á saude do pai de Cecilia.

III

GENIO DO MAL

Pery voltou por differentes vezes á casa de D. Antonio de Mariz.

O velho fidalgo o recebia cordialmente e o tratava como amigo; seu character nobre sympathisava com aquella natureza inculta.

Cecilia porém, apesar do reconhecimento que lhe inspirava a sua dedicação por ella, não podia vencer o receio que sentia vendo um desses selvagens de quem sua mãe lhe fazia tão feia descripção, e de cujo nome se servia para metter-lhe medo quando criança.

Em Isabel o indio fizera a mesma impressão que lhe causava sempre a presença de um homem daquella côr; lembrou-se de sua mãe infeliz, da raça de que provinha, e da causa do desdem com que era geralmente tratada.

Quanto a D. Lauriana, via em Pery um cão fiel que tinha um momento prestado um serviço á familia, e a quem se pagava com um naco de pão. Devemos porém dizer que não era por mão coração que ella pensava assim, mas por prejuizos de educação.

Quinze dias depois que Cecilia fôra salva por Pery, uma manhã Ayres Gomes atravessou a esplanada e foi ter com D. Antonio que estava no seu gabinete.

—Sr. D. Antonio, esse estrangeiro a quem destes hospedagem ha duas semanas, pede-vos audiencia.

—Manda-o vir.

Ayres Gomes introduzio o estrangeiro. Era esse mesmo Loredano em que se havia transformado o carmelita Fr. Angelo di Luca.

—Que desejais, amigo, faltá-vo-vos em alguma cousa?

—Ao contrario, Sr. cavalheiro; acho-me tão bem, que o meu desejo seria ficar.

—E quem vos impede? A nossa hospitalidade assim como não pergunta o nome do que chega, tambem não lhe inquire o tempo da partida.

—A vossa hospitalidade é de um verdadeiro fidalgo, Sr. cavalheiro; mas não é della que desejo fallar.

—Explicai-vos então.

—Um homem da vossa banda vai ao Rio de Janeiro, onde tem mulher e filhos que lhe chegarão do Reino.

—Sim; já hontem me fallou disso.

—Falta-vos pois um homem; eu posso ser este homem, se não achais nisso inconveniente.

—Nem um absolutamente.

—Nesse caso posso considerar-me como admittido?

—Attendei; Ayres Gomes vai dizer-vos as condições a que vos sujeitais; se estiverdes por ellas é negocio decidido.

—Creio que já conheço essas condições, disse o italiano sorrindo.

—Ide sempre.

O fidalgo chamou o seu escudeiro, e incumbio-o de pôr o italiano ao facto das condições do bando de aventureiros que tinha ao seu serviço. Era este um dos privilegios de Ayres Gomes, que o desempenhava com toda a gravidade de que era susceptivel a sua personagem um tanto grotesca.

Chegados á esplanada, o escudeiro perfilou-se, e proferio o seguinte introito:

—Lei, estatuto, regimento, disciplina ou como melhor nome haja, a que se sujeita todo aquelle que entrar á soldada na banda do Sr. cavalheiro D. Antonio de Mariz, fidalgo cota d'armas, do tronco dos Marizes em linha recta.

Aqui o escudeiro molhou a palavra e proseguio.

—*Primo*: Obedecer sem repinicar. Quem o contrario fizer pereça morte natural.

O italiano fez um gesto de approvação.

—Isto quer dizer, misser Italiano, que se um dia o Sr. D. Antonio vos mandar saltar deste rochedo em baixo, fazei a vossa oração e saltai; porque de uma ou outra maneira, pelos pés ou pela cabeça, fé de Ayres Gomes, lá ireis.

Loredano sorrio.

—*Segundo*: Contentar-se com o que ha. Quem o contrario...

—Com o vosso respeito, Sr. Ayres Gomes, não vos deis a um trabalho inutil; sei tudo o que ides reza-me, e por isso dispenso-vos de continuar.

—Que quereis dizer?

—Quero dizer que todos os camaradas, cada um por sua vez, já me descreverão a cerimonia que ora pondez em pratica.

—Não obstante...

—Escusado é. Sei tudo, aceito tudo, juro tudo que quizerdes.

E dizendo isto o italiano fez uma viravolta, e dirigio-se para o gabinete de D. Antonio, enquanto o escudeiro, zangado por não ter levado ao fim a scena de iniciação a que dava tão grande valor, resmungava:

—Não póde ser boa casta de gente?

Loredano apresentou-se a D. Antonio.

—Então? disse o fidalgo.

—Aceito.

—Bem; agora só falta uma cousa, que Ayres Gomes não vos disse naturalmente.

—Qual, Sr. cavalheiro?

—É que D. Antonio de Mariz, disse o fidalgo pousando a mão sobre o hombro do italiano, é um chefe rigoroso para seus homens, porém um amigo leal para seus companheiros. Sou aqui o senhor da casa e o pai de toda a familia a que actualmente pertenceis.

O italiano curvou-se para agradecer, mas sobretudo para esconder a alteração da physionomia.

Ouvindo as palavras nobres do fidalgo, sentio-se perturbado; porque já então lhe fermentava no cerebro o plano da trama que ia urdir, e que vimos revelar-se um anno depois.

Sahindo do lugar cm que deixara occulto o seu thesouro, o aventureiro caminhou direito á casa de D. Antonio de Mariz e pedio a hospitalidade que a ninguem se recusava: sua intenção era passar-se ao Rio de Janeiro, onde concertaria os meios de aproveitar a fortuna.

Duas idéas se tinham apresentado ao seu espirito no momento em que se vira possuidor do roteiro de Roberio Dias.

Iria á Europa vender o seu segredo a Felipe III ou a qualquer outro soberano de uma nação poderosa e inimiga da Hespanha?

Exploraria por sua conta com alguns aventureiros que tomasse ao seu serviço esse thesouro fabuloso que devia eleva-lo ao fastigio da grandeza?

Esta ultima idéa lhe sorria mais; entretanto não tomou nem uma resolução definitiva; posto o seu segredo em lugar seguro, alliviado desse peso que o fazia estremecer a cada momento, o italiano resolveu, como dissemos, ir pedir hospitalidade a D.^o Antonio de Mariz.

Ahi formularia o seu plano, traçaria o caminho que devia seguir, e então voltaria a procurar o papel que dormia no seio da terra, e com elle marcharia á riqueza, á fortuna, ao poder.

Chegado á casa do fidalgo, o ex-carmelita com o seu espirito de observação estudou o terreno e achou-o favoravel á realisação de uma idéa que começou logo a germinar no seu espirito até que tomou as proporções de um projecto.

Homens mercenarios que vendem a sua liberdade, consciencia e vida por um salario, não tem dedicação verdadeira senão a um objecto, o dinheiro; seu senhor, seu chefe e seu amigo é o que mais lhes paga. Fr.^o Angelo conhecia o coração humano, e por isso apenas iniciado no regimento da banda, avaliou do character dos aventureiros.

—Esses homens me servirão perfeitamente, disse elle comsigo.

No meio dessas reflexões um facto veio produzir completa revolução nas suas idéas.

Viu Cecilia.

A imagem dessa bella menina, casta e innocente, produziu naquella organização ardente e por muito tempo comprimida o mesmo effeito da faísca sobre a pólvora.

Toda a continencia da sua vida monastica, todos os desejos violentos que o habito tinha sellado como uma crosta de gelo, todo esse sangue vigoroso e forte da mocidade, passada em vigílias e abstinencias, refluirão ao coração e o suffocárão um momento.

Depois um extasis de voluptuosidade immensa embebeu essa alma velha pela corrupção e pelo crime, mas virgem para o amor. O seu coração revelava-se com toda a vehemencia da vontade audaz, que era o movel de sua vida.

Sentio que essa mulher era tão necessaria á sua existencia, como o thesouro que sonhava; ser rico para ella, possui-la para gozar a riqueza, foi desde então o seu unico pensamento, a sua idéa dominante.

Um dos aventureiros deixava a casa; Loredano solicitou o seu lugar e o obteve como acabamos de ver; o seu plano estava traçado.

Qual era, já o sabemos pelas scenas passadas; o italiano contava tornar-se senhor da banda, apoderar-se de Cecilia, ir ás minas encantadas, carregar tanta prata quanta podesse levar, dirigir-se á Bahia, assaltar uma não hespanhola, toma-la de abordagem, e fazer-se de vela para a Europa.

Ahi armava navios de corso, voltava ao Brazil, explorava o seu thesouro, tirava delle riquezas immensas e... E o mundo abria-se

diante de seus olhos cheio de esperança, de futuro e felicidade.

Durante um anno trabalhou nessa empreza com uma sagacidade e intelligencia superior; ganhara os dous homens influentes da banda. Ruy Soeiro e Bento Simões; por meio delles preparava o desenlace final.

Ignorado pelos outros elle dirigia essa conspiração que lavrava surdamente; só havia em toda a banda duas pessoas que o podião perder. Ora, Loredano não era homem que deixasse de prever a eventualidade de uma traição, e que entregasse aos seus dous complices uma arma com que podessem feri-lo; dahi a lembrança desse testamento que entregára a D. Antonio de Mariz.

Sómente nesse papel, em vez de ter revelado o seu plano, como o italiano dissera a Ruy Soeiro, elle havia apenas indicado a traição dos dous aventureiros, declarando-se seduzido por elles; o frade mentia pois até na hora extrema em que o papel devia fallar.

A confiança que tinha, e com razão, no character de D. Antonio tranquillisava-o completamente; sabia que em caso algum o fidalgo abriria um testamento que lhe fôra dado em deposito.

Eis como Fr. Angelo di Luca achava-se sob o seu novo nome de Loredano, pertencendo á casa de D. Antonio de Mariz e preparando-se para realizar a final o seu pensamento de todos os instantes.

Um anno havia que esperava, e como elle dizia estava cançado: resolvera dar emfim o golpe e para isso, depois de haver esmagado os dous complices com a sua ameaça, depois de os haver reduzido a automatos obedecendo ao seu gesto; entendeu que seria conveniente ao mesmo tempo animar esses manequins com algum sentimento que lhes dêsse o atrevimento, a audacia e a força

necessaria para se lançarem na voragem, e não trepidarem diante de nenhum obstaculo.

Este sentimento foi a ambição.

Á vista do roteiro era impossivel que não sentissem a febre da riqueza, a *auri sacra fames* que se havia apoderado delle proprio, no momento em que vira abrir-se diante de seus olhos um mar de prata fundida em que os seus labios podido matar a sede ardente que o devorava.

O effeito não desmentio a sua previsão; lendo o rotulo, cada um dos aventureiros ficára electrizado; para tocar aquelle abysmo insondavel de riquezas, nem um delles hesitaria em passar sobre o corpo de seu amigo, ou mesmo sobre as cinzas de uma casa ou a ruina de uma familia.

Infelizmente aquella voz inesperada, sahida do seio da terra, viera modificar a situação.

Mas não antecipemos; por ora ainda estamos em 1603, um anno antes daquella scena, e ainda nos faltão contar certas circumstancias que servirão para o seguimento desta veridica historia.

IV CECY

Poucas horas depois que Loredano fôra admittido na casa de D. Antonio de Mariz, Cecilia, chegando á janella do seu quarto, viu do lado opposto do rochedo Pery que a olhava com uma admiração ardente.

O pobre indio, timido e esquivo, não se animava a chegar-se á casa, senão quando via de longe a D. Antonio de Mariz passeando sobre a esplanada; adivinhava que naquella habitação só o coração nobre do velho fidalgo sentia por elle alguma estima.

Havia quatro dias que o selvagem não apparecia; D. Antonio suppunha já que elle tivesse voltado com sua tribu para os lugares onde vivia, e que só deixára para fazer a guerra aos Indios e Portuguezes.

A nação goytacaz dominava todo o territorio entre o Cabo de S. Thomé e o Cabo Frio; era um povo guerreiro, valente e destemido, que por diversas vezes fizera sentir aos conquistadores a força de suas armas.

Tinha arrasado completamente a colonia da Parahyba fundada por Pedro de Góes; e depois de um assedio de seis mezes conseguira destruir igualmente a colonia da Victoria fundada no Espirito Santo por Vasco Fernandes Coutinho.

Voltemos dessa pequena digressão historica ao nosso heróe.

O primeiro movimento de Cecilia, vendo o indio, fôra de susto; fugira insensivelmente da janella. Mas o seu bom coração irritou-se contra esse receio, e disse-lhe que ella não tinha que temer do

homem que lhe salvára a vida. Lembrou-se que era ser má e ingrata pagar a dedicação que o índio lhe mostrava deixando-lhe ver a repugnância que lhe inspirava.

Venceu pois a timidez, e assentou de fazer um sacrifício ao reconhecimento e gratidão que devia ao selvagem. Chegou á janella; fez com a mão alva e graciosa um gesto dizendo a Pery que se aproximasse.

O índio, não se contendo de alegria, correu para a casa, enquanto Cecilia ia ter com seu pai, e dizia-lhe:

—Vinde ver Pery, que chega, meu pai.

—Ah! inda bem, respondeu o fidalgo.

E acompanhando sua filha, D. Antonio foi ao encontro do índio que já subia a esplanada.

Pery trazia um pequeno cofo, tecido com extraordinaria delicadeza, feito de palha muito alva, todo rendado; por entre o crivo que formavão os fios, ouvião-se uns chilidos fracos e um rumor ligeiro que fazião os pequenos habitantes desse ninho gracioso.

O índio ajoelhou aos pés de Cecilia; sem animar-se a levantar os olhos para ella apresentou-lhe o cabaz de palha: abrindo a tampa, a menina assustou-se, mas sorriu; um enxame de beija-flôres esvoaçava dentro; alguns conseguirão escapar-se.

Destes um veio aninhar-se no seu seio, o outro começou a voltejar em torno de sua cabeça loura, como se tomasse a sua boquinha rosada por um fructo.

A menina admirava essas avezinhas brilhantes, umas escarlates, outras azues e verdes; mas todas de reflexos dourados, e fórmãs

mimosas e delicadas!

Vendo-se esses iris animados acredita-se que a natureza os creou com um sorriso, para viverem de pollen e de mel, e para brilharem no ar como as flôres na terra e as estrellas no céu.

Quando Cecilia se cansou de admira-los, tomou-os um por um, beijou-os, aqueceu-os no seio, e sentio não ser uma flôr bella e perfumada para que elles a beijassem tambem, e esvoaçassem constantemente em torno della.

Pery olhava e era feliz; pela primeira vez depois que a salvára, tinha sabido fazer uma cousa, que trouxera um sorriso de prazer aos labios da senhora. Entretanto, apesar dessa felicidade que sentia interiormente, era facil de vêr que o indio estava triste; elle chegou-se para D. Antonio de Mariz e disse-lhe:

—Pery vai partir.

—Ah! disse o fidalgo, voltas aos teus campos?

—Sim: Pery volta á terra que cobre os ossos de Ararê.

D. Antonio encheu o indio de presentes dados em seu nome e em nome de sua filha.

—Perguntai a elle por que razão parte e nos deixa, meu pai, disse Cecilia.

O fidalgo traduzio a pergunta.

—Porque a senhora não precisa de Pery, e Pery deve acompanhar sua mãe e seus irmãos.

—E se a pedra quizer fazer mal á senhora quem a defenderá? perguntou a menina sorrindo e fazendo allusão á narração do indio.

Ouvindo dos labios de D. Antonio a pergunta, o selvagem não soube o que responder, porque lhe lembrava um pensamento que já tinha passado por seu espirito; temia que na sua ausencia a menina corresse um perigo e elle não estivesse junto della para salva-la.

—Se a senhora manda, disse emfim, Pery fica.

Cecilia, apenas seu pai lhe traduzio a resposta do indio, rio-se daquella cega obediencia; mas era mulher; um atomo de vaidade dormia no fundo do seu coração de moça.

Yer aquella alma selvagem, livre como as aves que plainavão no ar, ou como os rios que corrião na varzea; aquella natureza forte e vigorosa que fazia prodigios de força e coragem; aquella vontade indomavel como a torrente que se precipita do alto da serra; prostrar-se aos seus pés submissa, vencida, escrava!...

Era preciso que não fosse mulher para não sentir o orgulho de dominar essa organização e brincar com a força, obrigando-a a curvar-se diante do seu olhar.

As mulheres têm isso de particular; reconhecendo-se fracas, a sua maior ambição é reinar pelo iman dessa mesma fraqueza, sobre tudo o que é forte, grande e superior a ellas: não amão a intelligencia, a coragem, o genio, o poder, senão para vencê-los e subjuga-los.

Entretanto a mulher deixa-se bastante vezes dominar; mas é sempre pelo homem que não lhe excitando a admiração, não irrita a sua vaidade e não provoca por conseguinte essa luta da fraqueza contra a força.

Cecilia era uma menina ingenua e innocente, que nem sequer tinha consciência do seu poder, e do encanto de sua casta belleza;

mas era filha de Eva, e não podia se eximir de um quasi nada de vaidade.

—A senhora não quer que Pery parta, disse ella com um arzinho de rainha, e fazendo um gesto com a cabeça.

O indio comprehendeu perfeitamente o gesto.

—Pery fica.

—Vêde, Cecilia, replicou D. Antonio rindo: elle te obedece!

Cecilia sorrio.

—Minha filha te agradece o sacrificio, Pery, continuou o fidalgo; mas nem ella nem eu queremos que abandones a tua tribu.

—A senhora mandou, respondeu o indio.

—Ella queria ver se tu lhe obedecias: conheceu a tua dedicação, está satisfeita; consente que partas.

—Não!

—Mas os teus irmãos, tua mãe, tua vida livre?

—Pery é escravo da senhora.

—Mas Pery é um guerreiro e um chefe.

—A nação goytacaz tem cem guerreiros fortes como Pery; mil arcos ligeiros como o vôo do gavião.

—Assim, decididamente queres ficar?

—Sim; e como tu não queres dar a Pery a tua hospitalidade, uma arvore da floresta lhe servirá de abrigo.

—Tu me offendes, Pery! exclamou o fidalgo; a minha casa está aberta para todos, e sobretudo para ti que és amigo, e salvaste

minha filha.

—Não, Pery não te offende; mas sabe que tem a pelle côr de terra.

—E o coração de ouro.

Emquanto D. Antonio continuava a insistir com o indio para que partisse, ouviu-se um canto monotono que sahia da floresta.

Pery applicou o ouvido; descendo á esplanada correu na direcção donde partia a voz, que cantava com a cadencia triste e melancolica particular aos indios, a seguinte endeixa na lingua dos Guaranys:

«A estrella brilhou; partimos com a tarde. A brisa soprou; nos leva nas azas.

«A guerra nos trouxe; vencemos. A guerra acabou; voltamos.

«Na guerra os guerreiros combatem; ha sangue. Na paz as mulheres trabalham; ha vinho.

«A estrella brilhou; é hora de partir. A brisa soprou; é tempo de andar.»

A pessoa que modulava esta canção selvagem era uma india já idosa; encostada a uma arvore da floresta ella vira por entre a folhagem a scena que passava na esplanada.

Chegando-se a ella, Pery ficou triste e vexado.

—Mãi!... exclamou elle.

—Vem! disse a india seguindo pela matta.

—Não!

—Nós partimos.

—Pery fica.

A índia fitou em seu filho um olhar de profunda admiração.

—Teus irmãos partem!

O selvagem não respondeu.

—Tua mãe parte!

O mesmo silêncio.

—Teu campo te espera!

—Pery fica, mãe! disse elle com a voz commovida.

—Porque?

—A senhora mandou.

A pobre mãe recebeu esta palavra como uma sentença irrevogavel; sabia do imperio que exercia sobre a alma de Pery a imagem de Nossa Senhora, que elle tinha visto no meio de um combate e havia personificado em Cecilia.

Sentio que ia perder o filho, orgulho de sua velhice, como Ararê tinha sido o orgulho de sua mocidade. Uma lagrima deslisou pela sua face côr de cobre.

—Mãe, toma o arco de Pery; enterra junto dos ossos de seu pai: e queima a cabana de Ararê.

—Não; se algum dia Pery voltar, achará a cabana de seu pai, e sua mãe para ama-lo: tudo vai ficar triste até que a lua das flôres leve o filho de Ararê ao campo onde nasceu.

Pery abanou a cabeça com tristeza;

—Pery não voltará!

Sua mãe fez um gesto de espanto e desespero.

—O fructo que cabe da arvore não torna mais a ella; a folha que se despega do ramo, murcha, secca e morre; o vento a leva. Pery é a folha; tu és a arvore, mãe. Pery não voltará ao teu seio.

—A Virgem branca salvou tua mãe; devia deixa-la morrer, para não lhe roubar seu filho. Uma mãe sem seu filho é uma terra sem agua; queima e mata tudo que se chega a ella.

Estas palavras forão acompanhadas de um olhar de ameaça, em que se revelava a ferocidade do tigre que defende os seus cachorrinhos.

—Mãe, não offende a senhora; Pery morreria, e na ultima hora não se lembraria de ti.

Os dous ficarão algum tempo em silencio.

—Tua mãe fica! disse a india com um accento de resolução.

—E quem será a mãe da tribu? Quem guardará a cabana de Pery? Quem contará aos pequenos as guerras de Ararê, forte entre os mais fortes? Quem dirá: quantas vezes a nação goytacaz levou o fogo á taba dos brancos, e venceu os homens do raio? Quem ha de preparar os vinhos e as bebidas para os guerreiros, e ensinar aos filhos os costumes dos velhos?

Pery proferio estas palavras com a exaltação, que despertavão nelle as reminiscencias de sua vida selvagem; a india ficou pensativa e respondeu:

—Tua mãe volta; vai te esperar na porta da cabana, á sombra do jambeiro; se a flor do jambo vier sem Pery, tua mãe não verá os fructos da arvore.

A india pousou a mãos sobre os hombros de seu filho, e encostou a fronte na fronte delle; durante um momento as lagrimas que salta

vão dos olhos de ambos se confundirão.

Depois ella afastou-se lentamente; Pery seguio-a com os olhos até que desapareceu na floresta: esteve a correr, chama-la e partir com ella. Mas o vento lhe trazia a voz argentina de Cecilia que fallava com seu pai; ficou.

Nessa mesma noite construirá aquella pequena cabana que se via na ponta do rochedo, e que ia ser o seu mundo.

Passarão tres mezes.

Cecilia que um momento conseguira vencer a repugnancia que sentia pelo selvagem, quando lhe ordenára que ficasse, não se lembrou da ingratidão que commettia e não disfarçou mais a sua antipathia.

Quando o indio chegava-se a ella, soltava um grito de susto; ou fugia, ou ordenava-lhe que se retirasse; Pery que já fallava e entendia o portuguez, afastava-se triste e humilde.

Entretanto a sua dedicação não se desmentia; elle acompanhava a D. Antonio de Mariz nas suas excursões, ajudava-o com a sua experiencia, guiava-o aos logares onde havião terrenos auriferos ou pedras preciosas. De volta destas expedições corria todo o dia os campos para procurar um perfume, uma flôr, um passaro, que entregava ao fidalgo e pedia-lhe dêsse a Cecy, pois já não se animava a chegar-se para ella, com receio de desgota-la.

Cecy era o nome que o indio dava á sua senhora, depois que lhe tinhão ensinado que ella se chamava Cecilia.

Um dia a menina ouvindo chamar-se assim por elle, e achando um pretexto para zangar-se contra o escravo humilde que obedecia ao seu menor gesto, repreendeu-o com aspereza:

—Porque me chamas tu *Cecy*?

—Não sabes dizer *Cecilia*?

Pery pronunciou claramente o nome da moça com todas as syllabas; isto era tanto mais admiravel quando a sua lingua não conhecia quatro letras, das quaes uma era o L.

—Mas então, disse a menina com alguma curiosidade, se tu sabes o meu nome, porque não o dizes sempre?

—Porque *Cecy* é o nome que Pery tem dentro da alma.

—Ah! é um nome de tua lingua?

—Sim.

—O que quer dizer?

—O que Pery sente.

—Mas em portuguez?

—Senhora não deve saber.

A menina bateu com a ponta do pé no chão e fez um gesto de impaciencia.

D. Antonio passava: *Cecilia* correu ao seu encontro:

—Meu pãí, dissei-me o que significa *Cecy* nessa lingua selvagem que fallais.

—*Cecy*!... disse o fidalgo procurando lembrar-se. Sim! É um verbo que significa doer, magoar.

A menina sentio um remorso; reconheceu a sua ingratidão, e lembrando-se do que devia ao selvagem e da maneira por que o tratava, achou-se má, egoista e cruel.

—Que doce palavra! disse ella a seu pai; parece um canto de passaro.

Desde este dia foi boa para Pery; pouco a pouco perdeu o susto; começou a comprehender essa alma inculta; viu nelle um escravo, depois um amigo fiel e dedicado.

—Chama-me Cecy, dizia ás vezes ao indio sorrindo-se; este doce nome me lembrará que fui má para ti; e me ensinará a ser boa.

V VILANIA

É tempo de continuar esta narração interrompida pela necessidade de contar alguns factos anteriores.

Voltemos pois ao lugar em que se achava Loredano e seus companheiros tomados de medo pela exclamação inesperada que soára no meio delles.

Os dous complices, supersticiosos, como erão as pessoas de baixa classe naquelle tempo, attribuião o facto a uma causa sobrenatural, e vião nelle um aviso do céu. Loredano porém não era homem que cedesse a semelhante fraqueza; tinha ouvido uma voz; e essa voz embora surda e cava devia ser de um homem.

Quem elle era? Seria D.^o Antonio de Mariz? Seria algum dos aventureiros? Não podia saber; o seu espirito perdia-se n'um cahos de duvidas e incertezas.

Fez um gesto a Ruy Soeiro e a Bento Simões para que o seguissem; e apertando ao seio o fatal pergaminho, causa de tantos crimes, lançou-se pelo campo. Terião feito umas cincoenta braças de caminho, quando virão cortar pela vereda que elles seguião um cavalheiro que o italiano reconheceu immediatamente; era Alvaro.

O moço procurava a solidão para pensar em Cecilia, mas sobretudo para reflectir n'um facto que se tinha dado essa manhã e que elle não podia comprehender.

Vira de longe a janella de Cecilia abrir-se, as duas moças apparecerem, trocaram um olhar; depois Isabel cahir de joelhos aos pés de sua prima. Se elle tivesse ouvido o que já sabemos, teria

perfeitamente compreendido, mas longe como estava, apenas podia ver sem ser visto das duas moças.

Loredano, vendo o cavalheiro passar, voltou-se para os seus companheiros:

—Ei-lo!... disse com um olhar que brilhou de alegria. Imbeceis! que attribuis ao céu aquillo que não sabeis explicar!...

E acompanhou estas palavras com um sorriso de profundo desprezo.

—Esperai-me aqui.

—O que ides fazer? perguntou Ruy Soeiro.

O italiano se voltou sorpreso: depois levantou os hombros, como se a pergunta do seu companheiro não merecesse reposta.

Ruy Soeiro, que conhecia o character desse homem, entendeu o gesto; um resquicio de generosidade que ainda havia no seu coração corrompido, o fez segurar o braço do seu companheiro para rete-lo.

—Quereis que falle?... disse Loredano.

—É mais um crime inutil! acudio Bento Simões.

O italiano fitou nelle os olhos frios como o contacto do aço polido:

—Ha um mais util, amigo Simões; cuidaremos delle a seu tempo.

E sem esperar a replica, metteu-se pelas moitas que cobrião o campo nesse lugar, e seguiu Alvaro que continuava lentamente o seu caminho.

O moço, apesar de preocupado, tinha o habito da vida arriscada dos nossos caçadores do interior, obrigados a romper as mattas virgens.

Ahi o homem vê-se cercado de perigos por todos os lados; da frente, das costas, á esquerda, á direita, do ar, da terra, póde surgir de repente um inimigo occulto pela folhagem, que se aproxima sem ser visto.

A unica defeza é a subtileza do ouvido que sabe distinguir entre os rumores vagos da floresta aquelle que é produzido por uma acção mais forte do que a do vento; assim como a rapidez e certeza da vista que vai perscrutar as sombras das moitas, e devassar a folhagem espessa das arvores.

Alvaro tinha esse dom dos caçadores habéis; apenas o vento lhe trouxe um estalido de folhas seccas pisadas levantou a cabeça, e circulou o campo com os olhos: depois por prudencia encostou-se ao grosso tronco de uma arvore isolada, e cruzando os braços sobre a clavina esperou.

Nessa posição o inimigo, qualquer que elle fosse, féra, reptil ou homem, não o podia atacar senão de face; elle o veria aproximar-se e o receberia.

Loredano agachado entre as folhas tinha notado este movimento e hesitára; mas o seu segredo estava compromettido; a suspeita que concebêra de que Alvaro fôra quem ha pouco o ameaçára com a palavra *traidores*, acabava de confirmar-se no seu espirito, vendo a prudencia com que o moço evitava uma surpresa.

O cavalheiro era um inimigo terrivel, e jogava todas as armas com uma destreza admiravel.

A lamina de sua espada como uma cobra elastica, flexivel, rapida, volteava sibilando e atirava o bote com a velocidade e a certeza do cascavel. O arremesso do seu punhal, vibrado pelo braço ligeiro e auxiliado pela agilidade do corpo, era como raio; listrava no ar uma cruz de fogo, e cahia sobre o peito do inimigo e o fulminava.

A bala de sua clavina era uma mensageira fiel que ia buscar a ave que parava no ar, ou a folha que o vento agitava. Muitas vezes na esplanada da casa, o italiano vira Alvaro, depois de ter feito milagres de pontaria, quebrar no ar as settas que Pery atirava de proposito para lhe servirem de alvo.

Cecilia applaudia batendo as mãos; Pery ficava contente por vêr a senhora alegre; e embora para elle que fazia muito mais, aquillo fosse uma cousa vulgar, deixava que o moço conservasse a superioridade, e fosse por todos admirado.

Mas Alvaro sabia que só um homem podia lutar com elle, elevar-lhe vantagem em qualquer arma, e esse era Pery; porque juntava á arte a superioridade do selvagem habituado desde o berço á guerra constante que é a sua vida.

Loredano tinha pois razão de hesitar em atacar de frente um inimigo desta força; mas a necessidade urgia, e o italiano era corajoso e agil tambem. Endireitou para o cavalheiro, resolvido a morrer ou a salvar a sua vida e a sua fortuna.

Alvaro vendo-o aproximar-se rugou o sobr'olho; depois do que se tinha passado na vespera e nessa manhã, odiava aquelle homem ou antes desprezava-o.

—Aposto que tivestes o mesmo pensamento que eu, Sr. cavalheiro? disse o aventureiro, quando chegou a tres passos de distancia.

—Não sei o que pretendeis dizer, replicou o moço seccamente.

—Pretendo, Sr. cavalheiro, que dous homens que se odeião achão-se melhor n'um lugar solitario, do que no meio dos companheiros.

—Não é odio que me inspirais, é desprezo; é mais do que desprezo, é asco. O reptil que se roja pelo chão causa-me menos repugnancia do que o vosso aspecto.

—Não disputemos sobre palavras, Sr. cavalheiro; tudo vem dar no mesmo; eu vos odeio, vos me desprezais; podia dizer-vos outro tanto.

—Miseravel!... exclamou o cavalheiro levando a mão á guarda da espada.

O movimento foi tão rapido, que a palavra soou ao mesmo tempo que a ponta da lamina de aço batendo na face do italiano.

Loredano quiz evitar o insulto, mas não era tempo: seus olhos injectarão-se de sangue:

—Sr. cavalheiro, deveis-me satisfação do insulto que me acabais de fazer.

—É justo, respondeu Alvaro com dignidade; mas não á espada que é a arma do cavalheiro; tirai o vosso punhal de bandido, e defendei-vos.

Proferindo estas palavras, o moço embainhou a espada com toda a calma, segurou-a á cinta para não embaraçar-lhe os movimentos e sacou o seu punhal, excellente folha de Damasco.

Os dous inimigos marcharão um para o outro, e lançarão-se; o italiano era agil e forte, e defendia-se com summa dextreza; por

duas vezes já, o punhal de Alvaro, roçando-lhe o pescoço, tinha cortado o talho de seu gibão de belbute.

De repente Loredano, fincando os pés, deo um pulo para trás, e ergueu a mão esquerda em signal de tregoa.

—Estais satisfeito? perguntou Alvaro.

—Não, Sr. cavalheiro; mas penso que em vez de nos estarmos aqui a fatigar inutilmente, melhor seria tomarmos um meio mais expedito.

—Escolhei o que quizerdes, menos a espada; o mais me é indifferente.

—Outra cousa ainda; se nos batermos aqui, podemos incommodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito. Ora é preciso que desapareça o que ficar, e o outro não leve um vestigio que o possa denunciar.

—Que quereis fazer neste caso?

—O rio está aqui perto, tendes a vossa clavina; collocar-nos-hemos cada um sobre uma ponta de rochedo, aquelle que cahir morto ou simplesmente ferido, pertencerá ao rio e á cachoeira; não incommodará o outro.

—Tendes razão, é melhor assim; eu me envergonharia se D. Antonio de Mariz soubesse que me bati com um homem da vossa qualidade.

—Sigamos, Sr. cavalheiro; nós nos odiamos bastante para não gastarmos tempo em palavras.

Ambos tomáráo na direcção do rio, cujo estrepito ouvia-se distinctamente.

Alvaro, valente e corajoso, desprezava muito o seu inimigo para ter o menor receio d'elle; demais a sua alma nobre e leal, incapaz da mais pequena vilania, não pensava na traição. Nunca podia lembrar-lhe que um homem que o viera provocar e ia medir-se com elle n'um combate franco, levasse a infamia a ponto de querer feri-lo pelas costas.

Assim, continuou a caminhar, quando o italiano, deixando cair de proposito a cinta da espada, parou um instante para apanha-la e prende-la de novo.

O que se passava então no seu espirito não estava de acordo com as idéas nobres do cavalheiro; vendo o moço adiantar-se, disse comsigo?

—Preciso da vida deste homem, eu a tenho! Seria uma loucura deixa-la escapar, e pôr a minha em risco. Um duello neste deserto, sem testemunhas, é um combate em que a victoria pertence ao mais esperto.

Dizendo isto o italiano ia armando a sua clavina com toda a cautela, e seguia de longe a Alvaro, afim de que o ranger do ferro ou o silencio de suas pisadas não excitassem a attenção do moço.

Alvaro caminhava tranquillamente; seu pensamento estava bem longe d'elle, e esvoaçava em torno da imagem de Cecilia, junto da qual via os grandes olhos negros e avelludados de Isabel embebidos n'uma languidez melancolica: era a primeira vez que aquelle rosto moreno e aquella belleza ardente e voluptuosa se viera confundir em sonhos com o anjo louro de seus amores.

Donde provinha isto? O moço não sabia explicar; mas um quer que seja, como um presentimento, lhe dizia que naquella scena da

janella havia entre as duas moças um segredo, uma confidencia, uma revelação, e que esse segredo era elle.

Assim, quando a morte se aproximava, quando já o bafejava e ia toca-lo, elle descuidoso e pensativo repassava no pensamento idéas de amor, e alimentava-se de esperanças. Não se lembrava de morrer; tinha consciencia de si e fé em Deus; mas se por acaso uma fatalidade cahisse sobre elle, consolava-o a idéa de que Cecilia, offendida, lhe perdoaria um resto de resentimento que talvez conservasse.

Nisto metteu a mão no seio do gibão e tirou o jasmim que a moça lhe dera, e que já tinha murchado ao contacto dos seus labios ardentes; ia beija-lo ainda uma vez, quando lembrou-se que o italiano podia vê-lo.

Mas não ouviu os passos do aventureiro; a primeira idéa que lhe veio foi que elle tinha fugido; e como a cobardia para as almas grandes se associa á baixeza, lembrou-se de uma traição.

Quiz voltar-se, e entretanto não o fez. Mostrar que tinha medo daquelle miseravel revoltava os seus brios de cavalheiro; ergueu a cabeça com altivez e seguiu.

Mal sabia elle que nesse momento o fecho da clavina movido por um dedo seguro cahia, e que a bala ia partir guiada pelo olhar certo do italiano.

VI NOBREZA

Alvaro ouviu um sibillo agudo.

A bala roçando pela aba rebatida de seu chapéu de feltro cortou a ponta da pluma escarlata que se enroscava sobre o hombro.

O moço voltou-se calmo, sereno, impassivel; nem um musculo do seu rosto agitou-se; apenas um sorriso de soberano desprezo arqueava o labio superior, sombreado pelo bigode negro.

O espectaculo que se offereceu aos seus olhos causou-lhe uma surpresa extraordinária; não esperava de certo ver o que se passava a dez passos delle.

Pery mostrando nos movimentos toda a força muscular de sua organização de aço, com a mão esquerda segura á nuca de Loredano, curvava-o sob a pressão violenta, e obrigava-o a ajoelhar.

O italiano livido, com o rosto contrahido e os olhos immensamente dilatados, tinha ainda entre as mãos hirtas a clavina fumegante.

O indio arrancou-a e sacando a longa faca, levantou o braço para crava-la no alto da cabeça do italiano.

Mas Alvaro tinha-se adiantado e aparou o golpe: depois estendeu a mão ao indio.

—Solta este miseravel, Pery!

—Não!

—A vida deste homem me pertence; atirou sobre mim; é a minha vez de atirar sobre elle.

Alvaro ao mesmo tempo que dizia estas palavras, armava a clavina, e apoiava a bocca na fronte do italiano.

—Ides morrer. Fazei a vossa oração.

Pery abaixou a faca; recuou um passo, e esperou.

O italiano não respondeu; a sua oração foi uma blasphemia horrivel e satanica; as palpitações violentas do coração batião de encontro ao pergaminho que tinha no seio, e lembravão-lhe o seu thesouro que ia talvez cahir nas mãos de Alvaro e dar-lhe a riqueza de que não podêra gozar.

Entretanto, na baixeza dessa alma havia ainda alguma altivez, o orgulho do crime; não supplicou, não disse uma palavra, sentindo o contacto frio do ferro sobre a fronte, fechou os olhos e julgou-se morto.

Alvaro olhou-o um instante, e abaixou a clavina:

—Tu és indigno de morrer á mão de um homem, e por uma arma de guerra; pertences ao pelourinho e ao carrasco. Seria um roubo feito á justiça de Deus.

Loredano abrio os olhos; seu rosto illuminou-se com um raio de esperança.

—Vais jurar que amanhã deixarás a casa de D. Antonio de Mariz, e nunca mais porás o pé neste sertão; por tal preço tens a vida salva.

—Juro! exclamou o italiano.

O moço tirou o collar que dava tres voltas sobre os hombros, e apresentou a Loredano a cruz vermelha do Christo que lhe pendia do peito: o aventureiro estendeu a mão, e repetio o juramento.

—Ergue-te; e tira-te dos meus olhos.

E com o mesmo desprezo e a mesma nobreza, o cavalheiro desarmou a sua clavina; voltou-se para continuar o seu caminho fazendo um signal a Pery para que o acompanhasse.

O indio, enquanto se passava a rapida scena que descrevemos, reflectia profundamente.

Quando ouvira o que dizião ha pouco Loredano e seus dous companheiros, quando pelo resto da conversa comprehendêra que se tratava de fazer mal á sua senhora e a D.^{na} Antonio de Mariz, a sua primeira idéa tinha sido lançar-se aos tres inimigos e mata-los.

Foi por isso que soltou aquella palavra que revelava a sua indignação; mas immediatamente lembrou-se que elle podia morrer, e que nesse caso Cecilia não teria quem a defendesse. Pela primeira vez na sua vida teve medo; teve medo por sua senhora, e sentio não possuir mil vidas para sacrificá-las todas á sua salvação.

Fugio então com bastante rapidez para não ser visto pelo italiano que subia á arvore: afastou-se delles; chegando á beira do rio, lavou a sua tunica de algodão, que ficára manchada de sangue; não queria que soubessem que estava ferido.

Emquanto se entregava a este trabalho, combinava um plano de acção.

Resolveu não dizer nada a quem quer que fosse, nem mesmo a D.^{na} Antonio de Mariz: duas razões o levavão a proceder assim; a primeira era o receio de não ser acreditado, pois não tinha provas com que podesse justificar a accusação, que elle, indio ia fazer contra homens brancos; a segunda era a confiança que tinha de que elle só bastava para desfazer todas as tramas dos aventureiros, e lutar contra o italiano.

Assentado este primeiro ponto, passou á execução do plano; esta reduzia-se para elle em uma punição; aquelles tres homens querião matar, portanto devião morrer, mas devião morrer ao mesmo tempo, do mesmo golpe. Pery receava que, combinados como estavam, se um escapasse vendo succumhir seus companheiros, se deixaria levar pelo desespero e anticiparia a realisação do crime antes que elle o podesse prevenir.

A sua intelligencia sem cultura, mas brilhante como o sol de nossa terra, vigorosa como a vegetação deste solo, guiava-o nesse raciocinio com uma logica e uma prudencia, dignas do homem civilisado; previa todas as hypotheses, combinava todas as probabilidades, e preparava-se para realisar o seu plano com a certeza e a energia de acção que ninguem possuia em grão tão elevado.

Assim dirigindo-se para a casa onde o chamava um outro dever, o de avisar a D.^o Antonio da eventualidade de um ataque dos Aymorés, elle tinha passado junto de Bento Simões e Ruy Soeiro, e guiado pelos olhares destes viu ao longe Loredano no momento em que apontava sobre o cavalheiro.

Correr, cahir sobre o italiano, desviar a pontaria, e dobra-lo sobre os joelhos, foi um movimento tão rapido que os dous aventureiros apenas o virão passar, virão ao mesmo tempo o seu companheiro subjugado.

A realisação do projecto de Pery apresentava-se naturalmente, sem ser procurada. Tinha o italiano na sua mão; depois d'elle caminhava aos dous aventureiros, para os quaes bastava a sua faca; e quando tudo estivesse consumado iria ter com D.^o Antonio de Mariz e lhe diria:

—Esses tres homens vos trahião, matei-os; se fiz mal, puni-me.

A intervenção de Alvaro, cuja generosidade salvou a vida de Loredano, transtornou completamente esse plano; ignorando o motivo por que Pery ameaçava o aventureiro, julgando que era unicamente para puni-lo da tentativa que acabava de commetter perfidamente contra elle, o cavalheiro a quem repugnava tirar a vida a um homem sem necessidade, satisfez-se com o juramento, e a certeza de que deixaria a casa.

Emquanto isto se dava, Pery reflectia na possibilidade de fazer as cousas voltarem á mesma posição; ruas conheceu que não o conseguiria.

Alvaro tinha recebido de D. Antonio de Mariz todos os principios daquella antiga lealdade cavalheiresca do seculo XV, os quaes o velho fidalgo conservava como o melhor legado de seus avós; o moço moldava todas as suas acções, todas as suas idéas, por aquelle typo dos barões portuguezes que havião combatido em Aljubarrota ao lado do Mestre de Aviz, o rei cavalheiro.

Pery conhecia o character do moço; e sabia que depois de ter dado a vida a Loredano, embora o desprezasse, não consentiria que em presença d'elle lhe tocassem n'um cabelo; e se preciso fosse tiraria a sua espada para defender este homem, que acabava de tentar contra sua existencia.

E o indio respeitava a Alvaro, não por sua causa, mas por Cecilia a quem elle amava; qualquer desgraça que succedesse ao cavalheiro tornaria a senhora triste; isto bastava para que a pessoa do moço fosse sagrada, como tudo o que pertencia á menina, ou que era necessario ao seu descanso, ao seu socego e felicidade.

O resultado desta reflexão foi Pery metter a sua faca á cinta; e sem importar-se mais com o italiano, acompanhar o cavalheiro.

Ambos seguirão em direcção da casa, caminhando ao longo da margem do rio.

—Obrigado ainda uma vez, Pery; não pela vida que me salvaste, mas pela estima que me tens.

E o moço apertou a mão do selvagem:

—Não agradece; Pery nada te fez; quem te salvou foi a senhora.

Alvaro sorriu-se da franqueza do indio, e córou da allusão que havia em suas palavras.

—Se tu morresses, a senhora havia de chorar; e Pery quer vêr a senhora contente.

—Tu te enganas; Cecilia é boa, e sentiria da mesma maneira o mal que succedesse a mim, como a ti, ou a qualquer dos que está acostumada a ver.

—Pery sabe porque falla assim; tem olhos que vêem, e ouvidos que ouvem; tu és para a senhora o sol que faz o jambo corado, e o sereno que abre a flôr da noite.

—Pery!... exclamou Alvaro.

—Não te zangues, disse o indio com doçura; Pery te ama, porque tu fazes a senhora sorrir. A canna quando está á beira d'agua, fica verde e alegre; quando o vento passa, as folhas dizem Ce-Cy. Tu és o rio; Pery é o vento que passa docemente, para não abafar o murmurio da corrente; é o vento que curva as folhas até tocarem n'agua.

Alvaro fitou no indio um olhar admirado. Onde é que este selvagem sem cultura aprendêra a poesia simples, mas graciosa; onde bebêra a delicadeza de sensibilidade que difficilmente se encontra n'um coração gasto pelo attrito da sociedade?

A scena que se desenrolava a seus olhos respondeu-lhe; a natureza brasileira, tão rica e brilhante, era a imagem que reproduzia aquelle espirito virgem, como o espelho das aguas reflecte o azul do céu.

Quem conhece a vegetação de nossa terra desde a parasita mimosa até o cedro gigante; quem no reino animal desce do tigre e do tapir, symbolos da ferocidade e da força, até o lindo beija-flôr e o insecto dourado; quem olha este céu que passa do mais puro anil aos reflexos bronzeados que annuncião as grandes borrascas; quem viu sob a verde pellucia da relva esmaltada de flôres que cobre as nossas varzeas deslizar mil reptis que levão a morte n'um atomo de veneno, comprehende o que Alvaro sentio.

Com effeito, o que exprime essa cadêa que liga os dous extremos de tudo o que constitue a vida? Que quer dizer a força no apice do poder alliada á fraqueza em todo o seu mimo; a belleza e a graça succedendo aos dramas terriveis e aos monstros repulsivos; a morte horrivel a par da vida brilhante?

Não é isso a poesia? O homem que nasceu, embalou-se e cresceu nesse berço perfumado; no meio de scenas tão diversas, entre o eterno contraste do sorriso e da lagrima, da flôr e do espinho, do mel e do veneno, não é um poeta?

Poeta primitivo, canta a natureza na mesma linguagem da natureza; ignorante do que se passa nelle, vai procurar nas imagens

que tem diante dos olhos, a expressão do sentimento vago e confuso que lhe agita a alma.

Sua palavra é a que Deus escreveu com as letras que formão o livro da criação; é a flôr, o céu, a luz, a côr, o ar, o sol; sublimes cousas que a natureza fez sorrindo.

A sua phrase corre como o regato que serpeja, ou salta como o rio que se despenha da cascata; ás vezes se eleva ao cimo da montanha, outras desce e rasteja como o insecto, subtil, delicada e mimosa.

Eis o que a decoração da scena magestosa, no meio da qual se achava á beira do *Paquequer*, disse a Alvaro; mas rapidamente, por uma dessas impressões que se projectão no espirito como a luz no espaço.

O moço recebeu a confissão ingenua do indio sem o minimo sentimento hostil; ao contrario apreciava a dedicação que o selvagem tinha por Cecilia, e ia ao ponto de amar a tudo quanto sua senhora estimava.

Assim, disse Alvaro sorrindo, tu só me amas porque pensas que Cecilia me quer? disse o moço.

—Pery só ama o que a senhora ama: porque só ama a senhora neste mundo: por ella deixou sua mãe, seus irmãos e a terra onde nasceu.

—Mas se Cecilia não me quizesse como julgas?

—Pery faria o mesmo que o dia com a noite; passaria sem te vêr.

—E se eu não amasse a Cecilia?

—Impossivel!

—Quem sabe? disse o moço sorrindo.

—Se a senhora ficasse triste por ti!... exclamou o indio, cuja pupilla negra irradiou.

—Sim? o que farias?

—Pery te mataria.

A firmeza com que erão ditas estas palavras não deixava a menor duvida sobre a sua realidade; entretanto Alvaro apertou a mão do indio com effusão.

Pery temeu offender o moço; para desculpar a sua franqueza, disse-lhe com um tom commovido:

—Escuta. Pery é filho do sol; e renegava o sol se elle queimasse a pelle alva de Cecy. Pery ama o vento; e odiava o vento se elle arrancasse um cabello de ouro de Cecy. Pery gosta de vêr o céu; e não levantava a vista, se elle fosse mais azul do que os olhos de Cecy.

—Comprehando-te, amigo; votaste a tua vida inteira á felicidade dessa menina. Não receies que te offenda nunca na pessoa della. Sabes se eu a amo; e não te zangues, Pery, se disser que a tua dedicação não é maior do que a minha. Antes que me matasses, creio que me mataria a mim mesmo se tivera a desgraça de fazer Cecilia infeliz.

—Tu és bom; Pery quer que a senhora te ame.

O indio contou então a Alvaro o que se tinha passado na noite antecedente; o moço empallideceu de colera, e quiz voltar em busca do italiano; desta vez não lhe perdoára.

—Deixa! disse o indio; Cecy teria medo; Pery vai endireitar isto.

Os dous tinham chegado perto da casa e ião entrar a cerca do valle, quando Pery segurou o braço de Alvaro:

—O inimigo da casa quer fazer mal; defende a senhora; se Pery morrer, manda dizer a sua mãe, e verás todos os guerreiros da tribo chegarem para combaterem contigo, e salvarem Cecy.

—Mas quem é o inimigo da casa?

—Queres saber?

—De certo; como hei de combater-los?

—Tu saberás.

Alvaro quiz insistir; mas o indio não lhe deu tempo; metteu-se de novo pelo matto; enquanto o moço subia a escada, elle fazia uma volta ao redor da casa, e ganhava o lado para onde dava o quarto de Cecilia.

Já tinha vistado ao longe a janella, quando debaixo de uma ramagem surgiu a figura magra e esguia de Ayres Gomes, coberto de ortigas e hervas de passarinho, e deitando o bofes pela boca.

O digno escudeiro, tendo encontrado em cima de sua cabeça um maldito galho desageitado, foi de narizes ao chão, estendeu-se maciamente sobre a relva.

Apezar disto ergueu-se um pouco sobre os cotovellos, e gritou com toda a força dos pulmões:

—Olá! mestre bugre!... Dom Cacique!... Caçador de onça viva!... Ouve cá!

Pery não se voltou.

VII NO PRECIPICIO

Pery tinha parado para ver Cecilia de longe.

Ayres Gomes ergueu-se, correu para o indio, e deitou-lhe a mão ao braço.

—Afinal pilhei-o, dom caboclo! Safa!... Deo-me agua pela barba?... disse o escudeiro resfolgando.

—Deixa! respondeu o indio sem se mover.

—Deixar-te! Uma figa! Depois de ter batido esta mattaria á tua procura! Tinha que ver!

Com effeito D. Lauriana desejando ver o indio fóra de casa quanto antes, havia expedido o escudeiro em busca de Pery para trazê-lo á presença de D. Antonio de Mariz.

Ayres Gomes, fiel executor das ordens de seus amos corria o matto havia boas duas horas; todos os incidentes comicos, possiveis ou imaginaveis, tinham-se como que de proposito collocado em seu caminho.

Aqui era uma casa de maribondos, que elle assanhava com o chapéo, e o fazião baterem retirada honrosa, correndo a todo o estirão das pernas; ali era um desses lagartos de longa cauda que pilhado de improvisos se enrolára pelas pernas do escudeiro com uma formidavel chicotada.

Isto sem fallar das ortigas, e das unhas de gato, cabeçadas e quedas, que fazião o digno escudeiro arrenegar-se, e maldizer da selvajaria de semelhante terra! Ah! quem o dera nos tojos e charnecas de sua patria!

Tinha pois Ayres Gomes razão de sobra para não querer largar o indio, causa de todas as tribulações por que passara; infelizmente Pery não estava de accordo.

—Larga, já te disse! exclamou o indio começando a irritar-se.

—Tem santa paciencia, caboclinho de minha alma! Fé de Ayres Gomes, não é possível; e tu sabes! Quando eu digo que não é possível, é como se a nossa madre Igreja... Que diabo ia rezar-lhe?... Ai! que chamei sem querer a madre Igreja do diabo! Forte heresia! Quem se mette a tagarellar dos santos!... Virgem Santissima! Estou incapaz! Cala-te, boca! não me pies mais!

Emquanto o escudeiro desfiava esse discurso, meio soliloquio, no qual havia ao menos o merito da franqueza, Pery não o ouvia, embebido como estava em olhar para a janella; depois, desprendendo-se da mão que segurava-lhe o braço, continuou o seu caminho.

Ayres acompanhou-o pisada sobre pisada, com a impassibilidade de um auto mato.

—Que vens fazer? perguntou-lhe o indio.

—E esta! Seguir-te e levar-te á casa; é a ordem.

—Pery vai longe!

—Ainda que vás ao fim do mundo, é o mesmo, filho.

O indio voltou-se para elle com um gesto decidido.

—Pery não quer que tu o sigas.

—Lá quanto a isto, mestre bugre, perdes o teu tempo; por força ainda ninguem levou o filho de meu pai, que bom é que, saibas foi homem de faca e calhão.

—Pery não manda duas vezes!

—Nem Ayres Gomes olha atrás quando executa uma ordem.

Pery, o homem da cega dedicação, reconheceu no escudeiro o homem da obediência passiva; sentio que não havia meio de convencer este executor fiel: assim, resolveu livrar-se d'elle por meio decisivo.

—Quem te deu a ordem?

—D. Lauriana.

—Para que?

—Para te levar á casa.

—Pery vai só.

—Veremos!

O indio tirou a sua faca.

—Heim!... gritou o escudeiro. A conversa vai agora nesse tom? Se o Sr. D. Antonio não me tivesse prohibido expressamente, eu te mostraria! Mas... Podes matar-me, que eu não arredo pé.

—Pery só mata o seu inimigo, e tu não és; tu teimas, Pery te amarra.

—Como?... Como é lá isso?

O indio começou a cortar com a maior calma um longo cipó que se engrasava pelos galhos das arvores, o escudeiro meio espantado sentia a mostarda subir-lhe ao nariz, e esteve quasi não quasi, atirando-se ao selvagem.

Mas a ordem de D. Antonio era formal; via-se pois obrigado a respeitar o indio; ornais que o digno escudeiro podia fazer era

defender-se valentemente.

Quando Pery cortou umas dez braças do cipó que ia enrolando ao pescoço, embainhou a faca, e voltou-se para o escudeiro sorrindo. Ayres Gomes sem trepidar puxou da espada, e pôz-se em guarda, segundo as regras da nobre e liberal arte do jogo de espadão, que professava desde a mais tenra idade.

Era um duello original e curioso, como talvez não tenha havido segundo, combate em que as armas lutavão contra a agilidade, e o ferro contra um vime delgado.

—Mestre Cacique, disse o escudeiro rugando o sobr'olho; deixa-te de partes: porque, palavra de Ayres Gomes, se te encostas, espeto-te na durindana!

Pery estendeu o labio inferior, em signal de pouco caso; e começou a voltear rapidamente em torno do escudeiro, n'um circulo de seis passos de diametro que o punha fora do alcance da espada: a sua tenção era assaltar o adversario pelas costas.

Ayres Gomes apoiado a um tronco, e obrigado a gyrar sobre si mesmo, para defender as costas, sentio a cabeça tontear e vacillou. O indio aproveitou o momento, atirou-se a elle, pilhou-o de costas, agarrou-o pelos dous braços, e passou a amarra-lo ao mesmo tronco da arvore em que estava encostado.

Quando o escudeiro voltou a si da vertigem, uma rodilha de cipós ligava-o ao tronco desde o joelho até os hombros; o indio seguira seu caminho placidamente.

—Bugre de um demo! Perro infernal! gritava o digno escudeiro, tu me pagarás com lingua de palmo!...

Sem prestar a menor atenção á ladainha de nomes injuriosos com que o mimoseava Ayres Gomes, Pery aproximou-se da casa.

Via Cecilia, com a face apoiada na mão, a olhar tristemente o fosso profundo que passava em baixo de sua janella.

A menina, depois do primeiro momento de surpresa em que adivinhou o ciúme de Isabel e o seu amor por Alvaro, conseguiu dominar-se. Tinha a nobre altivez da castidade; não quiz deixar ver a sua prima o que sentia nesse momento; era boa também, amava Isabel, e não desejava magoa-la.

Não lhe disse pois uma só palavra de exprobração nem de queixa; ao contrario ergueu-a, beijou-a com carinho, e pediu-lhe que a deixasse só.

—Pobre Isabel! murmurou ella; com deve ter soffrido!

Esquecia-se de si para pensar em sua prima; mas as lagrimas que saltarão de seus olhos, e o soluço que fez arfar os seios ruinosos a chamarão ao seu proprio soffrimento.

Ella, a menina alegre e feticieira que só aprendera a sorrir, ella, o anginho do prazer que bafejava tudo quando a rodeava, achou um gozo ineffavel em chorar. Quando enxugou as lagrimas, soffria menos; sentio-se alliviada; pôde então reflectir sobre o que havia passado.

O amor revelava-se para ella sob uma nova forma; até aquelle dia a affeição que sentia por Alvaro era apenas um enleio que a fazia corar, e um prazer que a fazia sorrir.

Nunca se lembrára que esta affeição pudesse passar daquillo que era, e produzir outras emoções que não fossem o rubor e o sorriso;

o exclusivismo do amor, a ambição de tornar seu e unicamente seu o objecto da paixão, acabava de ser-lhe revelado por sua prima.

Ficou por muito tempo pensativa; consultou o seu coração, e conheceu que não amava assim; nunca a afeição que tinha a Alvaro podia obriga-la a odiar sua prima, a quem queria como irmã.

Cecilia não comprehendia essa luta do amor com os outros sentimentos do coração, luta terrível em que quasi sempre a paixão victoriosa subjugava o dever, e a razão. Na sua ingenua simplicidade acreditava que podia ligar perfeitamente a veneração que tinha por seu pai, o respeito que votava a sua mãe, o affecto que sentia por Alvaro, o amor fraternal que consagrava a seu irmão e a Isabel, e a amizade que tinha a Pery.

Estes sentimentos erão toda a sua vida; no meio delles sentia-se feliz: nada lhe faltava: tambem nada mais ambicionava. Enquanto podesse beijar a mão de seu pai e de sua mãe, receber uma caricia de seu irmão e de sua prima, sorrir a seu cavalheiro e brincar com o seu escravo, a existencia para ella seria de flôres.

Assustou-se pois com a necessidade de quebrar um dos fios de ouro que tecião os seus dias innocentes e felizes; soffreu com a idéa de ver em luta duas das afeições calmas e serenas de sua alma.

Teria menos um encanto na sua vida, menos uma imagem nos seus sonhos menos uma flor na sua alma; porém não faria a ninguem desgraçado, e sobretudo a sua prima Isabel, que ás vezes se mostrava tão melancolica.

Restavão-lhe suas outras afeições; com ellas pensava Cecilia que a existencia ainda podia sorrir-lhe; não devia tornar-se egoista.

Para assim pensar era preciso ser uma menina pura e isenta como ella; era preciso ter o coração como recente botão, que ainda não

começou a desatar-se com o primeiro raio do sol.

Estes pensamentos adejavão ainda na mente de Cecilia enquanto ella olhava pensativa o fosso, onde tinha cahido o objecto que viera modificar a sua existencia.

—Se eu pudesse obter essa prenda? dizia comsigo. Mostraria a Isabel como eu a amo e quanto a desejo feliz.

Vendo sua senhora olhar tristemente o fundo do precipicio, Pery comprehendeu parte do que passava no seu espirito; sem poder adivinhar como Cecilia soubera que o objecto tinha cahido alli, percebeu que a moça sentia por isso um pezar.

Nem tanto bastava para que o indio fizesse tudo afim de trazer a alegria ao rostinho de Cecilia: além de que já tinha promettido a Alvaro *endireitar* isto, como elle dizia na sua linguagem simples.

Chegou-se ao fosso.

Uma cortina de musgos e trepadeiras lastrando pelos bordas do profundo precipicio cobria as fendas da pedra: por cima era um topete de verde risonho sobre o qual adejavão as borboletas de côres vivas; em baixo uma cava cheia de limo onde a luz não penetrava.

Ás vezes ouvião-se partir do fundo do balseiro os silvos das serpentes, os pios tristes de algum passaro, que magnetizado ia entregar-se á morte; ou o tanger de um pequeno chocalho sobre a pedra.

Quando o sol estava a pino, como então, via-se entre a relva, sobre o calice das campanulas roxas, os olhos verdes de alguma serpente ou uma linda fita de escamas pretas e vermelhas enlaçando a baste de um arbusto.

Pery pouco se importava com estes habitantes do fosso e com o acolhimento que lhe farião na sua morada; o que o inquietava era o receio de que não tivesse luz bastante no fundo para descobrir o objecto que ia procurar.

Cortou o galho de uma arvore, que pela sua propriedade, os colonisadores chamarão *candêa*; tirou fogo, e começou a descer com o facho acceso. Foi só nessa ocasião que Cecilia, embebida nos seus pensamentos, viu defronte de sua janella o indio a descer pela encosta.

A menina assustou-se; porque a presença de Pery lembrou-lhe de repente o que se passára pela manhã; era mais uma affeição perdida.

Dous laços quebrados ao mesmo tempo, dous habitos rompidos um sobre o outro, era muito; duas lagrimas correrão pelas suas faces, como se cada uma fosse vertida pelas cordas do coração que acabavão de ser vibradas.

—Pery!...

O indio levantou os olhos para ella.

—Tu choras, senhora? disse elle estremecendo.

A menina sorrio-lhe; mas com um sorriso tão triste que partia a alma.

—Não chores, senhora; disse o indio supplicante; Pery vai te dar o que desejas.

—O que eu desejo?...

—Sim; Pery sabe.

A moça abanou a cabeça.

—Está alli; e apontou para o fundo do precipicio.

—Quem te disse? perguntou a menina admirada.

—Os olhos de Pery.

—Tu viste?

—Sim.

O indio continuou a descer.

—Que vais fazer? exclamou Cecilia assustada.

—Buscar o que é teu.

—Meu!... murmurou melancolicamente.

—Elle te deo.

—Elle quem?

—Alvaro.

A moça córou; mas o susto reprimio o pejo; abaixando os olhos sobre o precipicio, tinha visto um reptil deslizando pela folhagem e ouvido o murmurio confuso e sinistro que vinha do fundo do abysmo.

—Pery, disse empallidecendo, não desças, volta!

—Não; Pery não volta sem trazer o que te fez chorar.

—Mas tu vais morrer!...

—Não tem medo.

—Pery, disse Cecilia com severidade, tua senhora manda que não desças.

O indio parou indeciso; uma ordem de sua senhora era uma fatalidade para elle: cumpria-se irremissivelmente.

Fitou na moça um olhar tímido: nesse momento Cecilia, vendo Alvaro na ponta da esplanada junto da cabana do selvagem, retirava-se para dentro da janella córando.

O índio sorriu.

—Pery desobedece á tua voz, senhora, para obedecer ao teu coração.

E o índio desapareceu sob as trepadeiras que cobrião o precipício.

Cecilia soltou um grito, e debruçou-se no parapeito da janella.

VIII

O BRACELETE

O que Cecilia viu debruçando-se á janella, gelou-a de espanto e horror.

De todos os lados surgião reptis enormes que, fugindo pelos alcantis, lançavão-se na floresta; as viboras escapavão das fendas dos rochedos, e aranhas venenosas suspendião-se aos ramos das arvores pelos fios da têa.

No meio do concerto horrivel que formava o sibillar das cobras e o estridulo dos grillos, ouvia-se o canto monotono e tristonho da cauan no fundo do abysmo.

O indio tinha desaparecido; apenas se via o reflexo da luz do facho.

Cecilia pallida e tremula julgava impossivel que Pery não estivesse morto e já quasi devorado por esses monstros de mil fórmãs: chorava o seu amigo perdido, e balbuciava preces pedindo a Deus um milagre para salva-lo.

Ás vezes fechava os olhos para não ver o quadro terrivel que se desenrolava diante della, e abria-os logo para prescrutar o abysmo e descobrir o indio.

Em um desses momentos um dos insectos que pullulavão no meio da folhagem agitada esvoaçou, e veio pousar no seu hombro; era uma esperança, um desses lindos coleopteros verdes que a poesia popular chama *lavandeira de Deus*.

A alma nos momentos supremos de afflicção suspende-se ao fio mais tenue da esperança; Cecilia sorrio-se entre as lagrimas, tomou

a lavandeira entre os seus dedos rosados e acariciou-a.

Precisava esperar; esperou, reanimou-se, e pôde proferir uma palavra ainda com a voz tremula e fraca:

—Pery!

No curto instante que succedeu a este chamado, soffreu uma anciedade cruel; se o indio não respondesse, estava morto; mas Pery fallou:

—Espera, senhora!

Entretanto apezar da alegria que lhe causarão estas palavras, pareceu á menina que erão pronunciadas por um homem que soffria; a voz chegou-lhe ao ouvido surda e rouca.

—Estás ferido? perguntou inquieta.

Não houve resposta; um grito agudo partio do fundo do abysmo, e echoou pelas fragoas; depois o cauan cantou de novo, e uma cascavel silvando bravia passou seguida por uma ninhada de filhos.

Cecilia vacillou; soltando um gemido plangente cahio desmaiada de encontro á almofada da janella.

Quando, passado um quarto d'hora, a menina abriu os olhos, vio diante della Pery que chegava naquelle momento, e lhe apresentava sorrindo uma bolsa de malha de retroz dentro da qual havia uma caixinha de velludo escarlate.

Sem se importar com a joia, Cecilia ainda impressionada pelo quadro horrivel que presenciára, tomou as mãos do indio, e perguntou-lhe com sofreguidão:

—Não estás mordido, Pery?... Não soffres?... Dize!

O indio olhou-a admirado do susto que via no seu semblante.

—Tiveste medo, senhora?

—Muito! exclamou a menina.

O indio sorriu.

—Pery é um selvagem, filho das florestas; nasceu no deserto, no meio das cobras; ellas conhecem Pery e o respeito.

O indio dizia a verdade; o que acabava de fazer era a sua vida de todos os dias no meio dos campos: não havia nisto o menor perigo.

Tinha-lhe bastado a luz do seu facho, e o canto do cauan que elle imitava perfeitamente, para evitar os reptis venenosos que são devorados por essa ave. Com este simples expediente de que os selvagens ordinariamente se servião quando atravessavão as mattas de noite, Pery descera e tivera a felicidade de encontrar presa aos ramos de uma trepadeira a bolsa de seda, que adivinhou ser o objecto dado por Alvaro.

Soltou então um grito de prazer que Cecilia tomou por grito de dôr: assim como antes tinha tomado o écho do precipicio por uma voz cava e surda.

Entretanto Cecilia que não podia comprehender como um homem passava assim no meio de tantos animaes venenosos sem ser offendido por elles, attribuia a salvação do indio a um milagre, e considerava a acção simples e natural que acabava de praticar como um heroismo admiravel. A sua alegria por ver Pery livre de perigo, e por ter nas suas mãos a prenda de Alvaro foi tal, que esqueceu tudo o que se tinha passado.

A caixinha continha um simples bracelete de perolas; mas estas erão do mais puro esmalte e lindas como perolas que erão; bem

mostravão que tinham sido escolhidas pelos olhos de Alvaro, e destinadas ao braço de Cecilia.

A menina admirou-as um momento com o sentimento de faceirice que é innato na mulher, e lhe serve de setimo sentido; pensou que devia ir-lhe bem esse bracelete; levada por esta idéa cingio-o ao braço, e mostrou a Pery que a contemplava satisfeito de si mesmo:

—Pery sente uma cousa.

—O que?

—Não ter contas mais bonitas do que estas para dar-te.

—E porque sentes isto?

—Porque te acompanhariam sempre.

Cecilia sorrio; ia fazer uma travessura.

Assim, tu ficarias contente se tua senhora em vez de trazer este bracelete, trouxesse um presente dado por ti?

—Muito.

—E o que me dás tu para que eu me faça bonita? perguntou a menina gracejando.

O indio correu os olhos ao redor de si e ficou triste; podia dar a sua vida, que de nada valia; mas onde iria elle, pobre selvagem, buscar um adorno digno de sua senhora!

Cecilia teve pena do seu embaraço.

—Vai buscar uma flor que tua senhora deitará nos seus cabellos, em vez deste bracelete que ella nunca deitará no seu braço.

Estas ultimas palavras forão ditas com um tom de energia, que revelava a firmeza do character desta menina; ella fechou outra vez o bracelete na caixa, e ficou um momento melancolica e pensativa.

Pery voltou trazendo uma linda flôr sylvestre que encontrára no jardim; era uma parasita avelludada, de lindo escarlata. A menina prendeu a flôr nos cabellos, satisfeita por ter cumprido um innocente desejo de Pery, que só vivia para cumprir os seus; e dirigio-se ao quarto de sua prima, occultando no seio a caixinha de velludo.

Isabel pretextára uma indisposição; não sahira do seu quarto depois que voltára do aposento de Cecilia, tendo trahido o segredo de seu amor.

As lagrimas que derramou não forão como as de sua prima, de allivio e consolo; forão lagrimas ardentes, que em vez de refrescarem o coração, o queimão como o rescaldo da paixão.

Ás vezes, ainda humedecidos de pranto, seus olhos negros brilhavão com um fulgor extraordinario; parecia que um pensamento delirante passava rapidamente no seu espirito desvairado. Então ajoelhava-se, e fazia uma oração, no meio da qual suas lagrimas vinhão de novo orvalhar-lhe as faces.

Quando Cecilia entrou, elle estava sentada á beira do leito, com os olhos fitos na janella, por entre a qual se via uma nesga do céu.

Estava bella da melancolia e languidez que prostrava o seu corpo n'um enlevo seductor, fazendo realçar as linhas harmoniosas de talhe gracioso.

Cecilia aproximou-se sem ser vista, e estalou um beijo na face morena de sua prima.

—Já te disse que não te quero vêr triste.

—Cecilia!... exclamou Isabel sobresaltando-se.

—Que é isto? Faça-te medo?

—Não... mas...

—Mas, o que?

—Nada...

—Sei o que queres dizer, Isabel; julgaste que conservava uma queixa de ti. Confessa!

—Julguei, disse a moça balbuciando, que me tinha tornado indigna de tua amizade.

E porque? Fizeste-me tu algum mal? Não somos nós duas irmãs, que nos devemos amar sempre?

—Cecilia, o que tu dizes não é o que tu sentes? exclamou Isabel admirada.

—Algum dia te enganei? replicou Cecilia magoada.

—Não; perdoa; porém é que...

A moça não continuou; o olhar terminou o seu pensamento, e exprimio o espanto que lhe causava o procedimento de Cecilia. Mas de repente uma idéa assaltou-lhe o espirito.

Cuidou que Cecilia não tinha ciumes della, porque a julgava indigna de merecer um só olhar de Alvaro; esta lembrança a fez sorrir amargamente.

—Assim, está entendido, disse Cecilia com volubilidade, nada se passou entre nós; não é verdade?

—Tu o queres!

—Quero, sim; nada se passou; somos as mesmas, com uma diferença, accrescentou Cecilia corando, que de hoje em diante tu não deves ter segredos para comigo.

—Segredos! Tinha um que já te pertence! murmurou Isabel.

—Porque o adivinhei! Não é assim que desejo; prefiro ouvir de tua boca; quero consolar-te quando estiveres toda tristezinha como agora, e rir-me contigo quando ficares contente. Sim?

—Ah! nunca! Não me peças uma cousa impossivel, Cecilia! Já sabes de mais; não me obrigues a morrer a teus pés de vergonha.

—E porque te causaria isto vergonha? Assim como tu me amas, não podes amar uma outra pessoa?

Isabel escondeu o rosto nas mãos para disfarçar o rubor que subia-lhe ás faces, Cecilia um pouco commovida olhava sua prima, e comprehendia nesse momento a causa porque ella propria córava quando sentia os olhos de Alvaro fitos nos seus.

—Cecilia, disse Isabel fazendo um esforço supremo, não me illudas, minha prima; tu és boa, tu me amas, e não queres magoar-me; mas não zombes da minha fraqueza. Se soubesses como soffro!

—Não te illudo, já te disse; não desejo que soffras, e menos que soffras por minha causa; entendes?

—Entendo, e juro-te que saberei fazer calar meu coração; se fôr preciso elle morrerá antes do que dar-te uma sombra da tristeza.

—Não, exclamou Cecilia, tu não me comprehendes: não é isto que eu te peço, bem ao contrario quero que... sejas feliz!

—Que eu seja feliz? perguntou Isabel arrebatadamente.

—Sim, respondeu a menina abraçando-a e fallando-lhe baixinho ao ouvido; que o ames a elle, e a mim tambem.

Isabel ergueu-se pallida, e duvidando do que ouvia; Cecilia teve bastante força para sorrir-lhe com um dos seus divinos sorrisos.

—Não, é impossivel? Tu me queres tornar louca, Cecilia?

Quero tornar-te alegre, respondeu a menina acariciando-a; quero que deixes esse rostinho melancolico, e me abrases como tua irmã. Não o mereço?

—Oh! sim, minha irmã; tu és um anjo de bondade, mas o teu sacrificio é perdido; eu não posso ser feliz, Cecilia.

—Porque?

—Porque elle te ama! murmurou Isabel.

A menina corou.

—Não digas isto, é falso.

—É bem verdade.

—Elle te disse?

—Não, mas adivinhei-o antes de ti mesma.

—Pois te enganaste, e sabes que mais, não me falles nisto. Que me importa o que elle sente a meu respeito?

E a menina conhecendo que a emoção se apoderava della fugio, mas voltou da porta.

—Ah! esqueci-me de dar-te uma cousa que trouxe para ti.

Tirou a caixinha de velludo, e abrindo-a atou o bracelete de perolas ao braço de Isabel.

—Como te vão bem! Como assentão no teu moreno tão lindo! Elle te achará bonita!

Este bracelete!...

Isabel teve de repente uma suspeita.

A menina percebeu: ia mentir pela primeira vez na sua vida.

—Foi meu pai que m'o deo hontem; mandou vir dous irmãos; um para mim, e outro que eu lhe pedi para ti. Assim, não tens que recusar, senão agasto-me contigo.

Isabel abaixou a cabeça.

—Não o tires; eu vou deitar o meu e ficaremos irmãs. Adeus, até logo.

E apinhando os dedos atirou um beijo á prima e sahio correndo.

A travessura e jovialidade do seu genio já tinham dissipado as impressões tristes da manhã.

IX TESTAMENTO

No momento em que Cecilia deixou Isabel, D.^o Antonio de Mariz subia a esplanada, preocupado por algum objecto importante, que dava á sua physionomia expressão ainda mais grave que a habitual.

O velho fidalgo avistou de longe seu filho D.^o Diogo e Alvaro passeando ao longo da cerca que passava no fundo da casa; fez-lhes signal de que se aproximassem.

Os moços obedecerão promptamente, e acompanhárão D.^o Antonio de Mariz até o seu gabinete d'armas, pequena saleta que ficava ao lado do oratorio, e que nada tinha de notavel, a não ser a portinha de uma escada que descia para uma especie de cava ou adega, servindo de paiol.

Na occasião em que se abrião os alicerces da casa, os obreiros descobrirão um socavão profundo talhado na pedra; D.^o Antonio como homem previdente, lembrando-se da necessidade que teria para o futuro de não contar senão com os seus proprios recursos, mandou aproveitar essa abobada natural, e fazer della um deposito que podesse conter algumas arrobas de polvora.

O fidalgo achára ainda uma outra grande vantagem na sua lembrança; era a tranquillidade de sua familia, cuja vida não estaria sujeita a um descuido de qualquer domestico ou aventureiro; porque no seu gabinete d'armas ninguem entrava, senão estando elle presente.

D.^o Antonio sentou-se junto da mesa coberta com um couro de moscovia e fez signal aos dous moços para que se sentassem a seu lado.

—Tenho que fallar-vos de objecto muito serio, de objecto de familia, disse o fidalgo. Chamei-vos para me ouvirdes como em uma cousa que vos interessa e a mim antes do que a todos.

D. Diogo inclinou-se diante de seu pai; Alvaro imitou-o, sentindo um sobresalto ao ouvir aquellas palavras graves e pausadas do velho fidalgo.

—Tenho sessenta amos, continuou D. Antonio; estou velho. O contacto deste solo virgem do Brazil, o ar puro destes desertos remoçou-me durante os ultimos annos; mas a natureza reassume os seus direitos, e sinto que o antigo vigor cede á lei da creação que manda voltar á terra aquillo que veio da terra.

Os dous moços ião dizer alguma doce palavra como quando procuramos illudir a verdade áquelles a quem prezamos, esforçando por nos illurdirmos a nós proprios.

D. Antonio conteve-os com um gesto nobre.

—Não me interrompeis. Não é uma queixa que vos faço; é sim uma declaração que deveis receber, pois é necessaria para que possais comprehender o que tenho de dizer-vos ainda. Quando durante quarenta annos jogamos nossa vida quasi todos os dias, quando vimos a morte cem vezes sobre nossa cabeça, ou debaixo de nossos pés, podemos olhar tranquillo o termo da viagem que fazemos neste valle de lagrimas.

Oh! nunca duvidamos de vós, meu pai! exclamou D. Diogo; mas é a segunda vez em dous dias que me fallais da possibilidade de uma tal desgraça; e esta só idéa me assusta! Estais forte e vigoroso ainda!

—De certo, retrucou Alvaro; dizeis ha pouco que o Brazil vos tinha remoçado, e eu affirmo-vos que ainda estais na juventude da segunda vida que vos deo o novo mundo.

—Obrigado, Alvaro, obrigado, meu filho, disse D. Antonio sorrindo; quero acreditar nas vossas palavras. Comtudo julgareis que é prudente da parte de um homem que chega ao ultimo quartel da vida, dispor a sua ultima vontade, e fazer o seu testamento.

—O vosso testamento, meu pai! disse D. Diogo pallido.

—Sim: a vida pertence a Deus, e o homem que pensa no futuro, deve preveni-lo. É costume encarregar-se isto a um escriba; nem o tenho aqui, nem o julgo necessario. Um fidalgo não pôde confiar melhor a sua ultima vontade do que a duas almas nobres e leaes como as vossas. Perde-se um papel, rompe-se, queima-se; o coração de um cavalheiro que tem sua espada para defendê-lo e seu dever para guia-lo, é um documento vivo e um executor fiel. Este será pois o meu testamento. Ouvi-me.

Os dous cavalheiros conhecêrão pela firmeza com que fallava D. Antonio, que sua resolução era inabalavel; dispuzerão-se a ouvi-lo com uma emoção de tristeza e respeito.

—Não trato de vós, D. Diogo, a minha fortuna pertence-vos como chefe da familia que sereis; não trato de vossa mãe, porque perdendo um esposo restar-lhe-ha um filho devotado: amo-vos a ambos, e vos bem-direi na ultima hora. Ha porém duas cousas que mais prezo neste mundo, duas cousas sagradas que devo zelar como um thesouro ainda mesmo depois que me partir desta vida. É a felicidade de minha filha, e a nobreza do meu nome; uma foi presente que recebi do céu, o outro legado que me deixou meu pai.

O fidalgo fez pausa, e volveu um olhar do rosto triste de D. Diogo para o semblante de Alvaro, que estava em extraordinaria agitação.

—A vós, D. Diogo, transmitto o legado de meu pai; estou convencido que conservareis o seu nome tão puro como a vossa

alma, e vos esforçareis por eleva-lo, servindo uma causa santa e justa. A vós, Alvaro, confio a felicidade de minha Cecilia; e creio que Deus enviando-vos a mim, fazem já dez annos, não quiz senão completar o dom que me havia concedido.

Os dous moços tinham deitado um joelho em terra, e beijavam cada uma das mãos do velho fidalgo, que collocado no meio delles envolvia-os n'um mesmo olhar de amor paternal.

—Erguei-vos, meus filhos, abraçai-vos como irmãos, e ouvide-me ainda.

D. Diogo abriu os braços, e apertou Alvaro ao peito; um instante os dous corações nobres baterão um de encontro ao outro.

—O que me resta dizer-vos é difficil; custa sempre confessar uma falta, ainda mesmo quando se falla a almas generosas. Tenho uma filha natural: a estima que voto a minha mulher e o receio de fazer essa pobre menina corar de seu nascimento, obrigá-ão-me a dar-lhe em vida o titulo de sobrinha.

—Isabel?... exclamou D. Diogo.

—Sim, Isabel é minha filha. Peço-vos a ambos que a trateis sempre como tal; que a ameis como irmã, e a rodeieis de tanto affecto e carinho, que ella possa ser feliz, e perdoar-me a indifferença que lhe mostrei e a infelicidade involuntaria que causei á sua mãe.

A voz do velho fidalgo tornou-se um tanto tremula e commovida; sentia-se que uma recordação dolorosa, adormecida no fundo do coração, havia despertado.

—Pobre mulher!... murmurou elle.

Levantou-se, passeou pelo aposento, e conseguindo dominar a sua emoção, voltou aos dous moços.

—Eis a minha ultima disposição; sei que a cumprireis; não vos peço um juramento; basta-me a vossa palavra.

Diogo estendeu a mão, Alvaro levou a sua ao coração; D. Antonio, que comprehendeu tudo quanto dizia essa muda promessa, abraçou-os.

—Agora deixai a tristeza; quero-vos risonhos; eu o estou, vêde! A tranquillidade sobre o futuro vai remoçar-me de novo; e esperareis muito tempo talvez, antes que tenhais de executar a minha vontade, que até lá fica sepultada no vosso coração, como testamento que é.

—Assim o tinha entendido, disse Alvaro.

—Pois então, replicou o fidalgo sorrindo, deveis ficar entendendo tambem um ponto; é que talvez me incumba eu mesmo de realizar uma das partes do meu testamento. Sabeis qual?

—A da minha felicidade!... respondeu o moço córando.

D. Antonio apertou-lhe a mão.

—Estou contente e satisfeito, disse o fidalgo; pena é que tenha um triste dever a cumprir. Sabeis de Pery, Alvaro?

—Vi-o ha pouco.

—Ide e mandai-o a mim.

O moço retirou-se.

—Fazei chamar vossa mãe e vossa irmã, meu filho.

D. Diogo obedeceu.

O fidalgo sentou-se á mesa e escreveu n'uma tira de pergaminho, que fechou com um retroz e sellou com as suas armas.

D.^{...} Lauriana e Cecilia entráráo acompanhadas por D.^{...} Diogo.

—Sentai-vos, minha mulher.

D.^{...} Antonio reunia sua familia para dar uma certa solemnidade ao acto que ia praticar.

Quando Cecilia entrou, elle perguntou-lhe ao ouvido:

—Que queres tu dar-lhe?

A menina comprehendeu immediatamente; a affeição pouco commum que tinham a Pery, a gratidão que lhe votavão, era uma especie de segredo entre esses dous corações; era uma planta delicada que não querião expor ao reparo que causaria aos outros amizade tão sincera por um selvagem.

Ouvindo a pergunta de seu pai, Cecilia, que neste dia tinha soffrido tantas emoções diversas, lembrou-se do que se tratava.

—Como! sempre pretendeis manda-lo embora! exclamou ella.

—É necessario; eu te disse.

—Sim: mas pensei que depois houvesseis resolvido o contrario.

—Impossivel!

—Que mal faz elle aqui?

—Sabes quanto eu o estimo; quando digo que é impossivel, deves crêr-me.

—Não vos agasteis!...

—Assim não te oppões?

Cecilia calou-se.

—Se não queres absolutamente, não se fará; mas tua mãe soffrerá, e eu, porque lhe prometti.

—Não; a vossa palavra antes de tudo, meu pai.

Pery appareceu na porta da sala; uma vaga inquietação resumbrava no seu rosto, quando viu-se no meio da familia reunida.

A sua attitude era respeitosa, mas o seu porte tinha a altivez innata das organizações superiores; seus olhos grandes, negros e limpidos percorrêrão o aposento, e fixárão-se na physionomia veneravel do cavalheiro.

Cecilia prevendo o que se ia passar tinha-se escondido por detraz de seu irmão D. Diogo.

—Pery, acreditas que D. Antonio de Mariz é teu amigo? perguntou o fidalgo.

—Tanto quanto um homem branco pode ser de um homem de outra côr.

—Acreditas que D. Antonio de Mariz te estima?

—Sim; porque o disse e mostrou.

—Acreditas que D. Antonio de Mariz deseja poder pagar-te o que fizeste por elle, salvando sua filha?

—Se fosse preciso, sim.

—Pois bem, Pery; D. Antonio de Mariz, teu amigo, te pede que voltes á tua tribu.

O indio estremeceu.

—Porque pedes isto?

—Porque assim é preciso, amigo.

—Pery entende; estás cansado de dar-lhe hospitalidade!

—Não!

—Quando Pery te disse que ficava não te pediu nada; sua casa é feita de palha em cima de uma pedra; as árvores do matto lhe dão o sustento: sua roupa foi tecida por sua mãe que veio trazê-la na outra lua. Pery não te custa nada.

Cecilia chorava; D. Antonio e seu filho estavam commovidos; D. Lauriana mesma parecia enternecida.

—Não digas isto, Pery? Nunca na minha casa te faltaria a menor coisa, se tu não recusasses tudo e não quizesse viver isolado na tua cabana. Mesmo agora dize o que desejas, o que te agrada, e é teu.

—Porque então mandas Pery embora?

D. Antonio não sabia o que responder; e foi obrigado a procurar um pretexto para explicar ao índio o seu procedimento: a idéa da religião, que todos os povos comprehendem, pareceu-lhe a mais própria.

—Tu sabes que nós os brancos temos um Deus, que mora lá em cima, a quem amamos, respeitamos e obedecemos.

—Sim.

—Esse Deus não quer que viva no meio de nós um homem que não o adora, e não o conhece; até hoje lhe desobedecemos; agora elle manda.

—O Deus de Pery também mandava que elle ficasse com sua mãe, na sua tribo, junto dos ossos de seu pai, e Pery abandonou tudo

para seguir-te.

Houve um momento de silencio; D. Antonio não sabia o que replicar.

—Pery não te quer aborrecer; só espera a ordem da senhora. Tu mandas que Pery vá, senhora?

D. Lauriana que apenas se tinha fallado em religião voltára ás suas prevenções contra o indio, fez um gesto imperioso a sua filha.

—Sim! balbuciou Cecilia.

O indio abaixou a cabeça; uma lagrima deslisou-lhe pela face.

O que elle soffria é impossivel dizer; a palavra não sabe o segredo das tormentas profundas de uma alma forte e vigorosa, que pela primeira vez sente-se vencida pela dôr.

X DESPEDIDA

D. Antonio aproximou-se de Pery e apertou-lhe a mão:

—O que eu te devo, Pery, não se paga; mas sei o que devo a mim mesmo. Tu voltas á tua tribu: apesar da tua coragem e esforço, pode a sorte da guerra não te ser favoravel, e cahires em poder de algum dos nossos. Este papel te salvará a vida e a liberdade; acceita-o em nome e de tua senhora e no meu.

O fidalgo entregou ao indio o pergaminho que ha pouco tinha escripto e voltou-se para seu filho:

—Este papel, D. Diogo, assegura a qualquer Portuguez de quem Pery possa ser prisioneiro, que D. Antonio de Mariz e seus herdeiros respondem por elle e pelo seu resgate, qualquer que fôr. É mais um legado que vos deixo a cumprir, meu filho.

—Ficai certo, meu pai, replicou o moço, que saberei responder á essa divida de honra, não só em respeito á vossa memoria, como em satisfação dos meus proprios sentimentos.

—Toda a minha familia aqui presente, disse o fidalgo dirigindo-se ao indio, te agradece ainda uma vez o que fizeste por ella; reunimo-nos todos para te desejarmos a boa volta ao seio dos teus irmãos e ao campo onde nasceste.

Pery fitou o olhar brilhante no rosto de cada uma das pessoas presentes, como para dizer-lhes o adeus que seus labios naquella occasião não podião exprimir.

Apenas seus olhos se fitarão em Cecilia, impellido por uma força invencivel atravessou o aposento e foi ajoelhar-se aos pés de sua

senhora.

A menina tirou do peito uma pequena cruz de ouro presa a uma fita preta, e deitou-a no pescoço do indio:

—Quando tu souberes o que diz esta cruz, volta, Pery.

—Não, senhora; de onde Pery vai, ninguém voltou.

Cecilia estremeceu.

O selvagem ergueu-se, e caminhou para D. Antonio de Mariz, que não podia dominar a sua emoção.

—Pery vai partir; tu mandas, elle obedece; antes que o sol deixe a terra, Pery deixará tua casa; o sol voltará amanhã, Pery não voltará nunca. Leva a morte no seio porque parte hoje; levaria a alegria se partisse no fim da lua.

—Por que razão? perguntou D. Antonio; desde que é necessario que nos separemos, tanto deves sentir hoje, como d'aqui a tres dias.

—Não, replicou o indio; tu vais ser atacado amanhã talvez, e Pery estaria comtigo para defender-te.

—Vou ser atacado? exclamou D. Antonio pensativo.

—Sim: podes contar.

E por quem?

—Pelo Aymoré.

—E como sabes isto? perguntou D. Antonio fitando nelle um olhar desconfiado.

O indio hesitou durante um momento; estudava a resposta.

—Pery sabe porque viu o pai e o irmão da india, que teu filho matou sem querer, olharem tua casa de longe, soltarem o grito da

vingança, e caminharem para sua tribo.

—E tu o que fizeste?

—Pery viu-os passar; e vem te avisar para que te prepares.

O fidalgo fez com a cabeça um movimento de incredulidade.

—É preciso não te conhecer, Pery, para acreditar no que dizes; tu não podias olhar com indiferença para os inimigos de tua senhora e meus.

O indio sorriu tristemente.

—Erão mais fortes; Pery deixou que passassem.

D. Antonio começou a reflectir; parecia evocar as suas reminiscencias, e combinar certas circumstancias que tinha impressas na memoria.

Seu olhar abaixando-se do rosto de Pery, cahira sobre os hombros; a principio vago e distrahido como o de um homem que medita, começou a fixar-se e a distinguir um ponto vermelho quasi imperceptivel, que apparecia no saio de algodão do indio.

Á proporção que a vista se firmava, e que o objecto se desenhava mais distincto, o semblante do fidalgo se esclarecia, como se tivesse achado a solução de um difficil problema.

—Estás ferido? exclamou o fidalgo de repente.

Pery recuou um passo; mas D. Antonio lançando-se para elle entreabrio o talho de sua camisa, e tirou-lhe as duas pistolas da cinta; examinou-as, e viu que estavam descarregadas.

O cavalheiro depois deste exame cruzou os braços, e contemplou o indio com admiração profunda.

—Pery, disse elle, o que fizeste é digno de ti; o que fazes agora é de um fidalgo. Teu nobre coração pode bater sem envergonhar-se sobre o coração de um cavalheiro portuguez. Tomo-vos a todos por testemunhas, que viste um dia D. Antonio de Mariz apertar ao seu peito um inimigo de sua raça e de sua religião como a seu igual em nobreza e sentimentos.

O fidalgo abriu os braços e deo em Pery o abraço fraternal consagrado pelos estylos da antiga cavallaria, da qual já naquelle tempo apenas restavão vagas tradições. O indio, de olhos baixos, commovido e confuso, parecia um criminoso em face do juiz.

—Vamos, Pery, disse D. Antonio, um homem não deve mentir, nem mesmo para esconder as suas boas acções. Responde-me a verdade.

—Falla.

—Quem disparou dous tiros junto ao rio, quando tua senhora estava no banho?

—Foi Pery.

—Quem atirou uma flexa que cahio junto de Cecilia?

Um Aymoré, respondeu o indio estremecendo.

—Porque a outra flexa ficou sobre o lugar onde estão os corpos dos selvagens?

Pery não respondeu.

—É escusado negares; tua ferida o diz. Para salvar tua senhora, te offereceste aos tiros dos inimigos; depois os mataste.

—Tu sabes tudo; Pery não é mais preciso: volta á sua tribu.

O indio lançou um ultimo olhar a sua senhora, e caminhou para a porta.

—Pery! exclamou Cecilia, fica; tua senhora manda.

Depois correndo para seu pai, e sorrindo-lhe entre as lagrimas, disse com um tom supplicante:

—Não é verdade? Elle não deve partir mais. Vós não podeis manda-lo embora, depois do que fez por mim?

—Sim! A casa onde habita um amigo dedicado como este, tem um anjo da guarda que vela sobre a salvação de todos. Elle ficará comnosco, e para sempre.

Pery, tremulo e palpitando de alegria e esperança, estava suspenso aos labios de D.^{ma} Antonio.

—Minha mulher, disse o fidalgo dirigindo-se a D.^{ma} Lauriana com uma expressão solemne, julgais que um homem que acaba de salvar pela segunda vez vossa filha pondo em risco a sua vida, que, despedido por nós, apezar da nossa ingratidão, a sua ultima palavra é uma dedicação por aquelles que o desconhecem, julgais que este homem deva sahir da casa onde tantas vezes a desgraça teria entrado, se elle ahi não estivera?

D.^{ma} Lauriana, tirados os seus prejuizos, era uma boa senhora, e quando o seu coração se commovia sabia comprehender os sentimentos generosos. As palavras de seu marido acháráo écho em sua alma.

—Não, disse ella levantando-se e dando alguns passos; Pery deve ficar, sou eu que vos peço agora esta graça, Sr.^{te} D.^{ma} Antonio de Mariz; tenho tambem a minha divida a pagar.

O indio beijou com respeito a mão que a mulher do fidalgo lhe estendêra.

Cecilia batia as mãos de contente; os dous cavalheiros sorrião um para o outro, e comprehendião-se. O filho sentia um certo orgulho, vendo seu pai nobre, grande e generoso. O pai conhecia que seu filho o approvava, e seguiria o exemplo que lhe dava.

Neste momento Ayres Gomes appareceu no vão da porta e ficou estupefacto.

O que se passava era para elle uma cousa incomprehensivel, um enigma indecifrável para quem ignorava o que succedêra anteriormente.

Pela manhã, depois do almoço, D. Antonio de Mariz, chegando a uma janella da sala, vira uma grande nuvem negra abater-se sobre a margem do *Paquequer*. A quantidade dos abutres que formavão essa nuvem, indicava que o pasto era abundante; devia ser um ou muitos animaes de grande corpulencia.

Levado pela curiosidade natural em uma existencia sempre igual e monotona, o fidalgo desceu ao rio; encontrou junto da latada de jasmineiros que servia de casa de banho á Cecilia, uma pequena canôa em que atravessou para a margem opposta.

Ahi descobrio os corpos dos dous selvagens que immediatamente reconheceu pertencerem á raça dos Aymorés; viu que tinham sido mortos com arma de fogo. Nesse momento não se lembrou de cousa alguma senão de que os selvagens ião talvez atacar a sua casa, e um terrivel presentimento cerrou-lhe o coração.

D. Antonio não era supersticioso; mas não podêra eximir-se de um receio vago quando soube da morte que D. Diogo tinha feito involuntariamente e por falta de prudencia; fôra este o motivo por que se tinha mostrado tão severo com seu filho.

Vendo agora o começo da realização de suas sinistras previsões, aquelle receio vago que a principio sentira, redobrou; auxiliado pela disposição de espirito em que se achava, tornou-se em forte presentimento.

Uma voz interior parecia dizer-lhe que uma grande desgraça pesava sobre sua casa, e a existencia tranquilla e feliz que até então vivêra naquelle ermo ia transformar-se n'uma afflicção que elle não sabia definir. Sob a influencia desse movimento involuntario d'alma, que ás vezes sem motivo nos mostra a esperanza ou a dôr, o fidalgo voltou á casa.

Perto viu dous aventureiros a quem ordenou que fossem immediatamente enterrar os selvagens, e guardassem o maior silencio sobre isto; não queria assustar sua mulher.

O mais já sabemos.

Pensou que podia a desgraça, que elle temia, recahir sobre sua pessoa, e quiz dispor a sua ultima vontade, assegurando o socego de sua familia.

Depois, o aviso de Pery lembrou-lhe de repente o que tinha visto; recordou-se das menores circumstancias, combinou-as com o que Isabel havia contado a sua tia, e conheceu o que se tinha passado como se o houvesse presenciado.

A ferida do indio que se abria com as emoções por que passou durante o momento cruel em que sua senhora o mandava partir, tinha manchado o saio de algodão com um ponto quasi imperceptivel; este ponto foi um raio de luz para D. Antonio.

O escudeiro, o digno Ayres Gomes, que depois de esforços inauditos conseguira arrastar com o pé a sua espada, levanta-la e

com ella cortar os laços que o prendião, tinha pois razão de ficar pasmado diante do que se passava.

Pery, beijando a mão de D.^{na} Lauriana, Cecilia contente e risonha, D.^o Antonio de Mariz e D.^o Diogo contemplando o indio com um olhar de gratidão; tudo isto ao mesmo tempo, era para fazer enlouquecer ao escudeiro.

Sobretudo para quem souber que apenas livre correra á casa unicamente com o fim de contar o occorrido e pedir a D.^o Antonio de Mariz licença para esquartejar o indio; resolvido se o fidalgo lh'a negasse despedir-se do seu serviço, no qual se conservava havia trinta annos; mas tinha uma injuria a vingar, e bem que lhe custasse deixar a casa, Ayres Gomes não hesitava.

D.^o Antonio vendo a figura espantada do escudeiro, rio-se; sabia que elle não gostava do indio, e quiz neste dia reconciliar todos com Pery.

—Vem cá, meu velho Ayres, meu companheiro de trinta annos. Estou certo que tu, a fidelidade em pessoa, estimarás apertar a mão de um amigo dedicado de toda a minha familia.

Ayres Gomes não ficou pasmado só; ficou uma estatua. Como desobedecer a D.^o Antonio que lhe fallava com tanta amizade? Mas como apertar a mão que o havia injuriado?

Se já se tivesse despedido do serviço, seria livre; mas a ordem o pilhára de surpresa; não podia sophisma-la.

—Vamos, Ayres!

O escudeiro estendeu o braço hirto; o indio apertou-lhe a mão sorrindo.

—Tu és amigo; Pery não te amarrará outra vez.

Por estas palavras todos adivinharão confusamente o que se tinha passado, e ninguém pôde deixar de rir-se.

—Maldito bugre! murmurava o escudeiro entre dentes; has de sempre mostrar o que és.

Era hora do jantar: o toque soou.

XI

TRAVESSURA

Na tarde desse mesmo domingo em que tantos acontecimentos se tinham passado, Cecilia e Isabel sahião do jardim com o braço na cintura uma da outra.

Estavão vestidas de branco; lindas ambas, mas tinha cada uma diversa belleza; Cecilia era a graça; Isabel era a paixão; os olhos azues de uma brincavão; os olhos negros da outra brilhavão.

O sorriso de Cecilia parecia uma gota de mel e perfume que distillavão os seus labios mimosos; o sorriso de Isabel era um beijo ideal, que fugia-lhe da boca e ia roçar com as suas azas a alma daquelles que a contemplavão.

Vendo aquella menina loura, tão graciosa e gentil, o pensamento elevava-se naturalmente ao céu, despia-se do envolucro material e lembrava-se dos anginhos de Deus.

Admirando aquella moça morena, languida e voluptuosa, o espirito apegava-se á terra; esquecia o anjo pela mulher; em vez do paraíso, lembrava-lhe algum retiro encantador, onde a vida fosse um breve sonho.

No momento em que sahião do jardim, Cecilia olhava sua prima com um certo arzinho malicioso, que fazia prever alguma travessura das que costumava praticar.

Isabel, ainda impressionada pela scena da manhã, tinha os olhos baixos; parecia-lhe, depois do que se havia passado, que todos, e principalmente Alvaro, ião ler o seu segredo, guardado por tanto tempo no fundo de sua alma.

Entretanto sentia-se feliz; uma esperança vaga e indefinida dilatava-lhe o coração e dava á sua physionomia a expressão de júbilo, expansão da creatura quando acredita ser amada, aureola brilhante que bem se podia chamar *a alma do amor*.

O que esperava ella? Não sabia; mas o ar lhe parecia mais perfumado, a luz mais brilhante, o olhar via os objectos côr de rosa, e o leve roçar da espiguiha do vestido no seu collo avelludado causava-lhe sensações voluptuosas.

Cecilia com o mysterioso instincto da mulher adivinhava, sem comprehender, que alguma cousa de extraordinario se passava em sua prima, e admirava a irradiação de belleza que brilhava no seu moreno semblante.

—Como estás bonita! disse a menina de repente.

E conchegando a face de Isabel aos labios, imprimio nella um beijo suave; a moça respondeu affectuosamente á caricia de sua prima.

—Não trouxeste o teu bracelete? exclamou ella reparando no braço de Cecilia.

É verdade! replicou a menina com um gesto de enfado.

Isabel julgou que este gesto era produzido pelo esquecimento; mas a verdadeira causa foi o receio que teve Cecilia de se trahir.

—Vamos busca-lo?

—Oh! não! ficaria tarde, e perderíamos o nosso passeio.

—Então devo tirar o meu; já não estamos irmãs.

—Não importa; quando voltarmos prometto-te que ficaremos bem irmãs.

Dizendo isto Cecilia sorria maliciosamente.

Tinhão chegado á frente da casa. D.^{na} Lauriana conversava com seu filho D.^o Diogo, enquanto D.^o Antonio de Mariz e Alvaro passeavão pela esplanada conversando.

Cecilia se dirigio a seu pai, levando Isabel, que ao aproximar-se do joven cavalheiro sentio fugir-lhe a vida.

—Meu pai, disse a menina, nós queremos dar um passeio. A tarde está tão linda! Se eu vos pedisse e ao Sr.^o Alvaro para que nos acompanhassem?

—Nós faríamos como sempre que tu pedes, respondeu o fidalgo galanteando; cumpriríamos a tua ordem.

—Oh! ordem, não, meu pai! Desejo apenas!

—E o que são os desejos de um lindo anginho como tu?

—Assim, nos acompanhais?

—De certo.

—E vós, Sr.^o Alvaro?

—Eu... obedeço.

Cecilia fallando ao moço não pode deixar de córar; mas venceu a perturbação e seguiu com sua prima para a escada que descia ao valle.

Alvaro estava triste; depois da conversa que tivera com Cecilia, vira-a durante o jantar; a menina evitava os seus olhares, e nem uma só vez lhe dirigira a palavra. O moço suppunha que tudo isto era resultado da sua imprudencia da vespera; mas Cecilia mostrava-se tão alegre e satisfeita que parecia impossivel ter conservado a lembrança da offensa de que elle se accusava.

A maneira por que a menina o tratava tinha mais de indiferença do que de ressentimento; dir-se-hia que esquecera tudo que havia passado; nem guardava já a minima lembrança da manhã. Era isto o que tornára Alvaro triste, apesar da felicidade que sentira quando D. Antonio o chamára seu filho; felicidade que ás vezes parecia-lhe um sonho encantador que ia esvaecer-se.

As duas moças haviam chegado ao valle, e seguirão por entre as moitas de arvoredo que bordavão o campo formando um gracioso labyrintho. Ás vezes Cecilia desprendia-se do braço de sua prima, e correndo pela vereda sinuosa que recortava as moitas de arbustos, escondia-se por detraz da folhagem, e fazia com que Isabel a procurasse debalde por algum tempo. Quando sua prima por fim conseguia descobri-la, rião-se ambas, abraçavão-se e continuavão o innocente folguedo.

Uma occasião porém Cecilia deixou que D. Antonio e Alvaro se aproximassem; a menina tinha um olhar tão travesso e um sorriso tão brejeiro, que Isabel ficou inquieta.

—Esqueci-me dizer-vos uma cousa, meu pai.

—Sim! E o que é?

—Um segredo.

—Pois vem contar-m'o.

Cecilia separou-se de Isabel; chegando-se para o fidalgo, tomou-lhe o braço.

—Tende paciencia por um instante, Sr. Alvaro, disse ella voltando-se; conversai com Isabel; dizei-lhe vossa opinião sobre aquelle lindo bracelete... Ainda não o vistes?

E sorrindo afastou-se ligeiramente com seu pai; o segredo que ella tinha, era a travessura que acabava de praticar, deixando Alvaro e Isabel sós, depois de lhes ter lançado uma palavra, que devia produzir o seu effeito.

A emoção que sentirão os dous moços ouvindo o que dissera Cecilia é impossivel de descrever.

Isabel suspeitou o que se tinha passado; conheceu que Cecilia a enganára para obriga-la a aceitar o presente de Alvaro; o olhar que sua prima lhe lançára afastando-se com seu pai, lh'o tinha revelado.

Quanto á Alvaro, não comprehendia cousa alguma, senão que Cecilia tinha-lhe dado a maior prova do seu desprezo e indifferença; mas não podia adivinhar a razão por que ella associara Isabel a esse acto que devia ser um segredo entre ambos.

Ficando sós em face um do outro, não ousavão levantar os olhos; avista de Alvaro estava cravada no bracelete; Isabel, tremula, sentia o olhar do moço, e soffria como se um anel de ferro em braza cingisse o seu braço mimoso.

Assim estiverão tempo esquecido; por fim Alvaro desejoso deter uma explicação, animou-se a romper o silencio:

—Que significa tudo isto, D.^{na} Isabel? perguntou elle supplicante.

—Não sei!... Fui escarnecida! respondeu Isabel balbuciando.

—Como?

—Cecilia fez-me acreditar que este bracelete vinha de seu pai, para me fazer aceita-lo; pois se eu soubesse...

—Que vinha de minha mão! Não aceitarieis?

—Nunca!... exclamou a moça com fogo.

Alvaro admirou-se do tom com que Isabel proferio aquella palavra; parecia dar um juramento.

—Qual o motivo? perguntou depois de um momento.

A moça fitou nelle os seus grands olhos negros; havia tanto amor e tanto sentimento nesse olhar profundo, que se Alvaro o comprehendesse teria a resposta á sua pergunta. Mas o cavalheiro não comprehendeu nem o olhar nem o silencio de Isabel; adivinhava que havia nisto um mysterio, e desejava esclarecê-lo.

Aproximou-se da moça e disse-lhe com a voz doce e triste:

—Perdoai-me, D.^{na} Isabel; sei que vou commetter uma indiscrição; mas o que se passa exige uma explicação entre nós. Dizeis que fostes escarnecida; tambem eu o fui. Não achais que o melhor meio de acabar com isto, seja o fallarmos francamente um ao outro?

Isabel estremeceu.

—Fallai: eu vos escuto, Sr.^o Alvaro.

—Escuso confessar-vos o que já adivinhastes; sabeis a historia deste bracelete, não é verdade?

—Sim! balbuciou a moça.

—Dizei-me pois como elle passou do lugar onde estava ao vosso braço. Não penseis que vos censuro por isso, não; desejo apenas conhecer até que ponto zombão de mim.

—Já vos confessei o que sabia. Cecilia enganou-me.

—E a razão que teve ella para enganar-vos não atinais?

—Oh! se atino.... exclamou Isabel reprimindo as palpitações do coração.

—Deizei-m'a então. Eu vo-lo peço e supplico!

Alvaro tinha deitado um joelho em terra, e tomando a mão da moça implorava della a palavra que devia explicar-lhe o acto de Cecilia, e revelar-lhe a razão que tivera a menina para rejeitar a prenda que elle havia dado.

Conhecendo esta razão talvez podesse desculpar-se, talvez podesse merecer o perdão da menina; e por isso pedia com instancia a Isabel que lhe declarasse o motivo porque Cecilia a havia enganado.

A moça vendo Alvaro a seus pés, supplicante, tinha-se tornado livida; seu coração batia com tanta violencia que via-se o peito de seu vestido elevar-se com as palpitações fortes e apressadas: o seu olhar ardente cahia sobre o moço e o fascinava.

—Fallai! dizia Alvaro; fallai! Sois boa; e não me deixeis soffrer assim, quando uma palavra vossa pode dar-me a calma e o socego.

—E se essa palavra vos fizesse odiar-me? balbuciou a moça.

—Não tendes esse receio; qualquer que seja a desgraça que me annunciardes, será bem vinda pelos vossos labios; é sempre um consolo receber-se a má nova de voz amiga!

Isabel ia fallar, mas parou estremecendo:

—Ah! não posso! seria preciso confessar-vos tudo!

—E porque não confessais? Não vos mereço confiança? Tendes em mim um amigo.

—Se fosseis!...

E os olhos de Isabel scintillarão.

—Acabai!

—Se me fosseis amigo, me haviéis de perdoar.

—Perdoar-vos, D.^{na} Isabel! Que me fizestes vós para que eu vos perdoe? disse Alvaro admirado.

A moça teve medo do que havia dito; cobrio o rosto com as mãos.

Todo este dialogo, vivo, animado, cheio de reticencias e hesitações da parte de Isabel, tinha excitado a curiosidade do cavalheiro; seu espirito perdia-se n'um dedalo de duvidas e incertezas.

Cada vez o mysterio se obscurecia mais; a principio Isabel dizia que tinham escarnecido della; agora dava a entender que era culpada: o cavalheiro resolveu a todo o transe penetrar o que para elle era um enigma.

—D.^{na} Isabel!

A moça tirou as mãos do rosto; tinha as faces inundadas de lagrimas.

—Porque chorais? perguntou Alvaro sobrepuado.

—Não m'o pergunteis!...

—Escondeis-me tudo! Deixais-me na mesma duvida! O que me fizestes vós? Dizei!

—Quereis saher? perguntou a moça com exaltação.

—Tanto tempo ha que supplico-vos!

Alvaro tomara as duas mãos da moça, e com os olhos fitos nos della esperava enfim uma resposta.

Isabel estava branca como a cambraia do seu vestido; sentia a pressão das mãos do moço nas suas e o seu halito que vinha

bafejar-lhe as faces.

—Me perdoareis?

—Sim! Mas porque?

—Porque...

Isabel pronunciou esta palavra n'uma especie de delirio; uma revolução subita se tinha operado em toda a sua organização.

O amor profundo, vehemente que dormia no intimo de sua alma, a paixão abafada e reprimida, por tanto tempo, acordára, e quebrando as cadêas que a retinhão erguia-se impetuosa e indomavel.

O simples contacto das mãos do moço tinha causado essa revolução; a menina timida ia transformar-se na mulher apaixonada: o amor ia transbordar do coração como a torrente caudalosa do leito profundo.

As faces se abrazarão; o seio dilatou-se; o olhar envolveu o moço, ajoelhado a seus pés, em fluidos luminosos; a boca entreaberta parecia esperar, para pronuncia-la, a palavra que sua alma devia trazer aos labios.

Alvaro fascinado a admirava; nunca a vira tão bella; o moreno suave do rosto e do collo da moça illuminava-se de reflexos doces e tinha ondulações tão suaves, que o pensamento ia, sem querer, enleiar-se nas curvas graciosas como para sentir-lhe o contacto, espreguiçar-se pelas fôrmas palpitantes.

Tudo isto passára rapidamente enquanto Isabel hesitava ao proferir a primeira palavra.

Por fim vacillou: reclinando sobre o hombro de Alvaro, como uma flor desfallecida sobre a haste, murmurou:

Porque... vos amo!

XII

AS MENSAGENS DE PERY

Alvaro ergueu-se como se os lábios da moça tivessem lançado nas suas veias uma gota do veneno subtil dos selvagens que matava com um atomo.

Pallido, atonito, fitava na menina um olhar frio e severo; seu coração leal exagerava a afeição pura que votava a Cecilia a tal ponto, que o amor de Isabel lhe parecia quasi uma injuria; era ao menos uma profanação.

A moça com as lagrimas nos olhos, sorria amargamente; o movimento rapido de Alvaro tinha trocado as posições; agora era ella que estava ajoelhada aos pés do cavalheiro.

Soffria horripelmente; mas a paixão a dominava; o silencio de tanto tempo queimava-lhe os lábios; seu amor precisava respirar, expandir-se, embora depois o desprezo e mesmo o odio o viessem recalcar no coração.

—Promettestes perdoar-me!... disse ella supplicante.

—Não tenho que perdoar-vos, D.^{na} Isabel, respondeu o moço erguendo-a; peço-vos unicamente que não fallemos mais de semelhante cousa.

—Pois bem! Escutai-me um momento, um instante só, e juro-vos por minha mãe, que não ouvireis nunca mais uma palavra minha! Se quereis, nem mesmo vos olharei! Não preciso olhar para ver-vos!

E acompanhou estas palavras com um gesto sublime de resignação.

—Que desejais de mim? perguntou o moço.

—Desejo que sejais meu juiz. Condemnai-me depois; a pena vindo de vós será para mim um consolo. M'o negareis?

Alvaro sentio-se commovido por essas palavras soltas com o grito de um desespero surdo e concentrado.

—Não commettestes um crime, nem precisais de juiz; mas se quereis um irmão para consolar-vos, tendes em mim um dedicado e sincero.

—Um irmão!... exclamou a moça. Seria ao menos uma affeição.

—E uma affeição calma e serena que vai bem outras, D.^{na} Isabel.

A moça não respondeu; sentio a doce exprobração que havia naquellas palavras; mas sentia tambem o amor ardente que enchia sua alma, e a suffocava.

Alvaro tinha-se lembrado da recommendação de D.^{to} Antonio de Mariz; o que a principio fora uma simples compaixão tornou-se sympathia. Isabel era desgraçada desde a infancia; devia pois consola-la, e desde já cumprir a ultima vontade do velho fidalgo, a quem amava e respeitava como pai.

—Não recuseis o que vos peço, disse elle affectuosamente, aceitai-me por vosso irmão.

—Assim deve ser, respondeu Isabel tristemente, Cecilia me chama sua irmã; vós deveis ser meu irmão. Aceito! Sereis bom para mim?

—Sim, D.^{na} Isabel.

—Um irmão não deve tratar sua irmã pelo seu nome simplesmente? perguntou ella com timidez.

Alvaro hesitou.

—Sim, Isabel.

A moça recebeu essa palavra como um gozo supremo; parecia-lhe que os lábios do cavalheiro, pronunciando assim familiarmente o seu nome, o acariciavam.

—Obrigada! Não sabeis que bem me faz ouvir-vos chamar-me assim. É preciso ter soffrido muito para que a felicidade esteja em tão pouco.

—Contai-me as vossas magoas.

—Não; deixai-as comigo; talvez depois as conte; agora só quero mostrar-vos que não sou tão culpada como pensais.

—Culpada! Em que!

—Em querer-vos, disse Isabel corando.

Alvaro tornou-se frio e reservado.

—Sei que vos incommodo: mas é a primeira e a ultima vez; ouvi-me, depois ralhareis comigo, como um irmão com sua irmã.

A voz de Isabel era tão doce, seu olhar tão supplicante, que Alvaro não pode resistir.

—Fallai, minha irmã.

—Sabeis o que eu sou; uma pobre orphã que perdeu sua mãe muito cedo, e não conheceu seu pai. Tenho vivido da compaixão alheia; não me queixo, mas soffro. Filha de duas raças inimigas devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdem com que me tratão fez-me desprezar a outra.

—Pobre moça! murmurou Alvaro lembrando-se segunda vez das palavras de D. Antonio de Mariz.

—Assim isolada no meio de todos, alimentando apenas o sentimento amargo que minha mãe deixára no meu coração, sentia a

necessidade de amar alguma cousa. Não se póde viver sómente de odio e desprezo!...

—Tendes razão, Isabel.

—Inda bem que me approvais. Precisava amar; precisava de uma affeição que me prendesse á vida. Não sei como, não sei quando, comecei a amar-vos; mas em silencio, no fundo de minha alma.

A moça embebeu um olhar nos olhos de Alvaro.

—Isto me bastava. Quando vos tinha olhado horas e horas, sem que o percebesseis, julgava-me feliz; recolhia-me com a minha doce imagem, e conversava com ella, ou adormecia, sonhando bem lindos sonhos.

O cavalheiro sentia-se perturbado; mas não ousava interromper a Isabel.

—Não sabeis que segredos tem esse amor que vive só de suas illusões, sem que um olhar, uma palavra o alimente. A mais pequenina cousa é um prazer, uma ventura suprema. Quantas vezes não acompanhava o raio de lua que entrava pela minha janella e que vinha a pouco e pouco se aproximando de mim; julgava vêr naquella doce claridade o vosso semblante, e esperava tremula de prazer como se vos esperasse. Quando o raio se chegava, quando a sua luz assetinada cahia sobre mim, sentia um gozo immenso; acreditava que me sorrieis, que vossas mãos aperta vão as minhas, que vosso rosto se reclinava para mim, e vossos labios me fallavão...

Isabel pendeu a cabeça languida sobre o hombro de Alvaro; o cavalheiro palpitando de emoção passou o braço pela cintura da moça e apertou-a ao coração; mas de repente afastou-se com um movimento brusco.

—Não vos arreceieis de mim, disse ella com melancolia, sei que não me deveis amar. Sois nobre e generoso; o vosso primeiro amor serão ultimo. Podeis-me ouvir sem temor.

—Que vos resta a dizer-me ainda? perguntou Alvaro.

—Resta a explicação que ha pouco me pedieis.

—Ah! emfim!

Isabel contou então como apesar de toda a força de vontade com que guardava o seu segredo se havia trahido; contou a conversa de Cecilia, e o modo por que a menina lhe fizera aceitar o bracelete.

—Agora sabeis tudo; o meu affecto vai de novo entrar no meu coração, donde nunca sahiria se não fosse a fatalidade que fez com que vos aproximasseis de mim, e me dirigissem algumas palavras doces. A esperança para as almas que não a conhecêrão ainda, illude tanto e fascina, que devo merecer-vos desculpa. Esquecei-me, meu irmão, antes que lembrar-vos de mim para odiar-me!

—Fazeis-me uma injustiça, Isabel; não posso é verdade ser para vós senão um irmão, mas esse titulo sinto que o mereço pela estima e pela affeição que me inspirais. Adeus, minha boa irmã.

O moço pronunciou estas ultimas palavras com uma terna effusão, e, apertando a mão de Isabel, desapareceu: precisava estar só para reflectir sobre o que lhe acontecia.

Estava agora convencido que Cecilia não o amava, e nunca o havia amado; e esta descoberta tinha lugar no mesmo dia em que D. Antonio de Mariz lhe dava a mão de sua filha!

Sob o peso da magoa dolorosa, como é sempre a primeira magoa do coração, o cavalheiro afastou-se distraído, com a cabeça baixa;

caminhou sem direcção, seguindo a linha que traçavam os grupos de arvores, destacados aqui e alli sobre a campina.

Estava quasi a anoitecer: a sombra pallida e descorada do crepusculo estendia-se como um manto de gaze sobre a natureza; os objectos ião perdendo a forma, a cor, e ondulavão no espaço vagos e indecisos.

A primeira estrella engolfada no azul do céu luzia a furto como os olhos de uma menina que se abrem ao acordar, e cerrão-se outra-vez temendo a claridade do dia: um grillo escondido no toco de uma arvore começava a sua canção; era o trovador insecto saudando a aproximação da noite.

Alvaro continuava o seu passeio, sempre pensativo, quando de repente sentio um sopro vivo bafejar-lhe o rosto; erguendo os olhos viu diante de si uma longa flexa fincada no chão, e que ainda oscillava com o movimento que lhe tinha imprimido o arco.

O moço recuou um passo e levou a mão á cinta; logo reflectindo aproximou-se da seta e examinou a plumagem de que estava ornada; erão de um lado pennas de azulão e do outro pennas de garça.

Azul e branco erão as côres de Pery; erão as cores dos olhos e do rosto de Cecilia.

Um dia a menina, semelhante a uma gentil castellã da media idade, tinha-se divertido em explicar ao indio, como os guerreiros que servião uma dama, costumavão usar nas armas de suas côres.

—Tu dás a Pery as tuas cores, senhora? disse o indio.

—Não tenho, respondeu a menina; mas vou tomar umas para te dar; queres?

—Pery te pede.

—Quaes achas mais bonitas?

—A de teu rosto, e a de teus olhos.

Cecilia sorrio.

—Toma-as; eu te as dou.

Desde este dia, Pery enramou todas as suas settas de pennas azues e brancas; seus ornatos, além de uma faxa de plumas escarlates que fôra tecida por sua mãe, erão ordinariamente das mesmas côres.

Foi por esta razão que Alvaro, vendo a plumagem da setta, tranquillizou-se; conheceu que era de Pery, e comprehendeu o sentido da phrase symbolica que o indio lhe mandava pelos ares.

Com effeito aquella flecha na linguagem de Pery não era mais do que um aviso dado em silencio e de uma grande distancia; uma carta ou mensageira muda, uma simples interjeição: *Alto!*

O moço esqueceu os seus pensamentos e lembrou-se do que Pery lhe havia dito pela manhã; naturalmente o que acabava de fazer tinha relação com esse mysterio que apenas deixara entrever.

Correu os olhos pelo espaço que se estendia diante d'elle, e sondou com o olhar as moitas que o cercavão; não viu nada que merecesse attenção, não percebeu um signal que lhe indicasse a presença do indio.

Alvaro resolveu pois esperar; e parando junto da flecha, cruzou os braços, e com os olhos fitos na linha escura da matta que se recortava no fundo azul do horizonte, esperou.

Um instante depois uma pequena setta açoutando o ar veio cravar-se no tope da primeira, e abalou-a com tal força que a haste inclinou-se; Alvaro comprehendeu que o indio queria arrancar a flecha, e obedeceu á ordem.

Immediatamente terceira setta cahia dous passos á direita do cavalheiro, e outras forão-se succedendo na mesma direcção de duas em duas braças até que uma mergulhou-se n'um arvoredado basto que ficava a trinta passos do lugar onde parára a principio.

Não era difficil desta vez comprehender a vontade de Pery; Alvaro, que acompanhava as settas á proporção que cahião, e que sabia indicarem ellas o lugar onde devia parar, apenas viu a ultima sumir-se no arvoredado, escondeu-se por entre a folhagem.

Dahi, com pequeno intervallo, viu tres vultos que passavão pouco mais ou menos pelo logar que ha pouco havia deixado; Alvaro não os pôde conhecer por causa da ramagem das arvores, mas viu que caminhavão cautelosamente, e pareceu-lhe que tinham as pistolas em punho.

Os vultos afastárão-se dirigindo-se á casa; o cavalheiro ia segui-los, quando os folhas se abrirão, e Pery resvallando como uma sombra, sem fazer o menor rumor, aproximou-se d'elle, e disse-lhe ao ouvido uma palavra.

—São elles.

—Elles quem?

—Os inimigos brancos.

—Não te entendo.

—Espera: Pery volta.

E o índio desapareceu de novo nas sombras da noite que avançava rapidamente.

XIII

TRAMA

Tornemos ao lugar onde deixámos Loredano e seus dois companheiros.

O italiano, depois que Alvaro e Pery se afastarão, levantou-se; passada a primeira emoção, sentira um accesso de raiva e desespero por lhe escaparem os seus inimigos.

Um instante lembrou-se de chamar os complices para atacar o cavalheiro e o indio; mas essa idéa desvaneceu-se logo; o aventureiro conhecia os homens que o seguião; sabia que podia fazer delles assassinos, mas nunca homens de energia e resolução.

Ora, os dous inimigos que tinha a combater, erão respeitaveis; e Loredano temeu comprometter ainda mais a sua causa, já muito mal parada. Devorou pois em silencio a sua raiva, e começou a reflectir nos meios de sahir da posição difficil em que se achava.

Neste meio tempo Ruy Soeiro e Bento Simões vinhão se aproximando receiosos do que tinham visto, e temendo o menor incidente que complicasse a situação.

Loredano e seus companheiros olhárão-se em silencio um momento; havia nos olhos desses ultimos uma interrogação muda e inquieta, a que respondia perfeitamente o rosto pallido e contrahido do italiano.

—Não era elle!... murmurou o aventureiro com a voz surda.

—Como sabeis?

—Se fosse, acreditais que me deixasse a vida?

—É verdade; mas quem foi então?

—Não sei; porém agora pouco importa. Quem quer que fosse, é um homem que sabe o nosso segredo, e pode denuncia-lo, se já não o fez.

Um homem?... murmurou Bento Simões que até então se conservara silencioso.

—Sim; um homem. Quereis que fosse uma sombra?

—Uma sombra não, mas um espirito! acudiu o aventureiro.

O italiano sorriu de escarneo.

—Os espiritos têm mais que fazer para se occuparem com o que vai por este mundo; guardai as vossas abusões, e pensemos seriamente no partido que devemos tomar.

—Lá quanto a isto, Loredano, é escusado; ninguém me tira que anda em tudo isto uma cousa sobrenatural.

—Quereis calar-vos, estúpido carola! replicou o italiano com impaciencia.

—Estupido!... Estupido sois vós que não vistes que não ha ouvido de creatura que podesse ouvir as nossas palavras, nem voz humana que saia da terra. Vinde! E vou mostrar-vos se o que digo é ou não a verdade.

Os dous acompanharão Bento Simões e voltarão á touça de cardos, onde tivera lugar a sua entrevista.

—Ide, Ruy, e fallai á guela despregada para vêr se Loredano ouve uma palavra sequer.

Com effeito a experiencia mostrou-lhes o que Pery tinha conhecido; que o som da voz entaipado dentro daquella especie de

tubo, se elevava e perdia no ar, sem que dos lados se pudesse perceber a menor phrase. Se porém o italiano se tivesse collocado sobre o formigueiro que penetrava até ao chão onde ha pouco estavam sentados, teria tido a explicação da scena anterior.

—Agora, disse Bento Simões, entrai; eu gritarei e vereis que a palavra vos passará pela cabeça e não sahirá da terra.

—Quanto a isto pouco se me dá, respondeu o italiano. A outra observação, sim, tranquillisa-me. O homem que nos ameaçou não ouviu; desconfia apenas.

—Ainda insistis em que fosse um homem?

—Escutai, amigo Bento Simões; ha uma cousa de que tenho mais medo do que de uma cobra; é de um homem visionario.

—Visionario! dizei crente!

—Um vale outro. Visionario ou crente, se me fallais outra vez em espiritos e milagres, prometto-vos que ficareis neste lugar onde servireis de carniça aos urubús.

O aventureiro tornou-se esverdinhado; não era a idéa da morte e sim da pena eterna que segundo uma crença religiosa, soffrem as almas cujos corpos ficão insepultos, o que mais o horrorisava.

—Pensastes?

—Sim.

—Admittis que fosse um homem?

—Admitto tudo.

—Jurais?

—Juro.

—Sobre...

—Sobre minha salvação.

O italiano soltou o braço do miseravel, que cahio de joelhos pedindo ao Deus que offendia perdão para o perjurio que acabava de commetter.

Ruy Soeiro voltou: os tres seguirão calados o caminho que tinham feito; Loredano pensativo, seus companheiros cabisbaixos.

Sentárão-se á sombra de uma arvore; ahi permanecêrão quasi uma hora, sem saber o que devião fazer, nem o que podião esperar. A posição era critica; reconhecião que se achavão n'um desses lances da vida, em que um passo, um movimento, precipita o homem no fundo do abysmo, ou o salva da morte que vai cair sobre elle.

Loredano media a situação com a audacia e energia que nunca o abandonava nas occasiões extremas; uma luta violenta se travára neste homem, só tinha agora um sentimento, uma fibra; era a sêde ardente do gozo, sensualidade exacerbada pelo ascetismo do claustro e o isolamento do deserto. Comprimida desde a infancia, a sua organização se expandira com vehemencia no meio desse paiz vigoroso, aos raios do sol ardente que fazia borbulhar o sangue.

Então, no delirio dos instinctos materiaes, surgirão duas paixões violentas.

Uma era a paixão do ouro; a esperança de poder um dia deleitar-se na contemplação do thesouro fabuloso que como Tantalo elle ia tocar e fugia-lhe.

A outra era a paixão do amor; a febre que lhe requeimava o sangue quando via aquella menina innocente e candida, que parecia

não dever inspirar senão afeições castas.

A luta que naquella momento o agitava dava-se entre essas duas paixões. Devia fugir e salvar o seu thesouro, perdendo Cecilia? Devia ficar e arriscar a vida para saciar o seu desejo infrene?

Às vezes dizia comsigo que bastava-lhe a riqueza para poder escolher no mundo uma mulher que amasse; outras parecia-lhe que o universo inteiro sem Cecilia ficaria deserto, e inutil lhe seria todo o ouro que ia conquistar.

Por fim ergueu a cabeça. Seus companheiros esperavão uma palavra sua como o oraculo do seu destino; prepará-ão-se para ouvi-lo.

—Só ha duas cousas a fazer; ou entrarmos na casa, ou fugirmos daqui mesmo; é preciso resolver. Que pensais vós?

—Eu penso, disse Bento Simões tremulo ainda, que devemos fugir quanto antes, e andar dia e noite sem parar.

—E vós, Ruy, sois do mesmo aviso?

—Não; fugir é nos denunciar e perder. Tres homens sós neste sertão, obrigados a evitar o povoado, não podem viver; temos inimigos por toda a parte.

—Que propondes então?

—Que entremos em casa como se nada se tivesse passado; ou estamos descobertos, e neste caso ainda faltão as provas para nos condemnarem; ou ignorão tudo e não corremos o menor risco.

—Tendes razão, disse o italiano, devemos voltar; nessa casa está a nossa fortuna, ou a nossa ruina. Achamo-nos n'uma posição em que devemos ganhar tudo ou perder tudo.

Houve longa pausa durante que o italiano reflectia.

—Com quantos homens contaes, Ruy? perguntou elle.

—Com oito.

—E vós, Bento?

—Sete.

—Decididos?

—Promptos ao menor signal.

—Bem, disse o italiano com o desempenho de um chefe dispondo o plano da batalha; trouxe cada um os vossos homens amanhã a esta hora; é preciso que á noite tudo esteja concluido.

—E agora o que vamos fazer? perguntou Bento Simões.

—Vamos esperar que escureça; á bocca da noite nos achegaremos da casa. Um de nós á sorte entrará primeiro; se nada houver, dará signal aos outros. Assim, quando um se perca, dois ao menos terão ainda esperança de salvar-se.

Os aventureiros resolverão passar o dia no matto; uma caça, algumas fructas silvestres derão-lhes simples mas abundante refeição.

Por volta de cinco horas da tarde se encaminharão á casa, afim de sondarem o que passava, e realisarem o seu projecto.

Antes de partirem, Loredano carregou a clavina, mandou seus companheiros carregar as suas, e disse-lhes:

—Assentai bem nisto. Na posição difficil em que estamos, quem não é nosso amigo é nosso inimigo. Póde ser um espião, um

denunciante; em todo o caso será depois menos um que teremos contra nós.

Os dous comprehendêrão a justeza dessa observação, e seguirão com as armas engatilhadas, olho vivo e ouvido alerta.

Apezar porém da sua atenção, não vîrão agitar-se as folhas a dous passos delles, e estender-se pelos arbustos uma ondulação que parecia produzida pela correnteza do vento.

Era Pery; havia um quarto d'hora que elle acompanhava os aventureiros como a sua sombra; o indio deixando D. Antonio dera pela sua ausencia, e conjecturando que elles tramavão alguma cousa, lançou-se em sua procura.

O italiano e seus companheiros caminhavão já havia pedaço, quando Bento Simões parou:

—Quem entrará primeiro?

—A sorte decidirá, respondeu Ruy.

—Como?

—Desta maneira, disse o italiano. Vêdes aquella arvore? O que primeiro chegar a ella será o ultimo a entrar; o ultimo será o primeiro.

—Está dito!

Os tres mettêrão as armas á cinta, e preparárão-se para a corrida.

Pery ouvindo-os teve uma inspiração: os aventureiros ião separar-se; como Loredano, elle tambem disse, comsigo:

—O ultimo será o primeiro.

E tomando tres flechas, esticou a corda do arco; mataria os aventureiros sem que um percebesse a morte dos outros.

Os tres partirão; mas não tinham feito uma braça de caminho quando Bento Simões tropeçando, foi de encontro a Loredano, e estendeu-se no chão ao fio comprido do lombo.

Loredano soltou uma blasphemia, Bento gritou misericordia; Ruy que já ia adiante, voltou julgando que alguma cousa succedia.

O plano de Pery tinha gorado.

—Sabeis, disse Loredano, que no pareo perde aquelle que se deixou cahir. Sereis o primeiro, amigo Bento.

O aventureiro não replicou.

Pery não perdêra a esperança de lhe deparar a fortuna outra occasião favoravel para realisar o seu projecto; seguio-os. Foi então que de longe por baixo das arvores avistou Alvaro na mesma direcção em que ião os aventureiros; despedindo uma setta por elevação dera ao cavalheiro o primero signal, e os outros que o fizerão afastar-se.

Deixando Alvaro, a intenção do indio era atalhar os aventureiros, espera-los junto á cerca; e quando elles se separassem para entrar a um e um, mata-los.

Mas uma fatalidade parecia perseguir o indio, e proteger os inimigos.

Quando Bento Simões, destacando-se dos companheiros entrou na cerca, Pery ouviu naquella direcção a voz de Cecilia que voltava do passeio com seu pai e sua prima.

A mão do indio, que nunca tremêra no meio do combate, cahio inerte; escapou-lhe o arco, só com a idéa de que a setta que ia atirar

podesse assustar a menina, quanto mais offendê-la.

Bento Simões passou incolume.

XIV A CHACARA

Pery viu passar pouco depois Loredano e Ruy Soeiro.

Era a terceira vez que os aventureiros depois de estarem na sua mão lhe escapavam por uma especie de fatalidade.

O indio reflectio alguns momentos, e tomou uma resolução definitiva; modificou inteiramente o seu plano. A principio decidira não atacar os tres inimigos de frente, não porque os temesse, mas sim porque receiava que morrendo podessem realizar a salvo o projecto, cujo segredo só elle sabia.

Conheceu porém que não havia remedio senão recorrer a este expediente; o tempo corria; de um momento para outro podia o italiano executara sua trama.

O que precisava era achar um meio para no caso de succumbir prevenir a D. Antonio de Mariz do perigo que o ameaçava; este meio havia já acudido ao pensamento do indio.

Foi ter com Alvaro que o esperava.

O moço já o tinha esquecido; pensava em Cecilia, na sua affeição quebrada, na sua mais doce esperança murcha, e talvez perdida para sempre.

Às vezes tambem apresentava-se ao seu espirito a imagem melancolica de Isabel; lembrava-se que ella tambem amava, e não era amada. Esta lembrança creava certo laço entre elle e a moça; ambos soffrião pela mesma causa, ambos sentião o mesmo pezar, e curtião igual desengano.

Depois vinha a idéa de que era a elle que Isabel amava; sem querer repassava na memoria as ternas palavras; revia o sorriso triste e os olhares de fogo que se avelludavão com alanguidez do amor.

Parecia-lhe que sentia ainda o halito perfumado da moça, a pressão da cabeça desfallecida em seu hombro, o contacto das mãos tremulas, e o echo das queixas murmuradas pela voz maviosa.

O coração lhe palpitava com violencia; esquecia-se revendo a bella imagem, de um moreno suave, a que o amor dava reflexos e uma aureola esplendida.

Mas de repente estremecia, como se a moça ainda estivesse perto d'elle; passava a mão pela fronte para arrancar as reminiscencias que o incommodavão; e tornava á indifferença de Cecilia e ao desengano de suas esperanças.

Quando Pery se aproximou, Alvaro estava n'um dos momentos de tedio e desapego da vida, que succedem ás dores profundas.

—Diz-me, Pery. Fallaste de inimigos?

—Sim; respondeu o indio.

—Quero conhecê-los.

—Para que?

—Para ataca-los.

—Mas são tres.

—Melhor.

O indio hesitou:

—Não; Pery quer combater só os inimigos de sua senhora; se elle morrer tu saberás tudo; acaba então o que Pery tiver começado.

—Para que este mysterio? Não podes dizer já quem são esses inimigos?

—Pery póde; mas não quer dizer.

—Porque?

—Porque tu és bom e pensas que os outros também são; tu defenderás os máos.

—Oh! que não. Falla!

—Ouve. Se Pery não apparecer amanhã, tu não tornarás a vê-lo: mas a alma de Pery voltará para te dizer os nomes delles.

—Como?

—Tu verás. São tres; querem offender a senhora, matar seu pai, a ti, a todos da casa. Tem outros que os seguem.

—Uma revolta!... exclamou Alvaro.

—O primeiro delles quer fugir e levar Cecy, que tu amas; mas Pery não deixará.

—É impossivel! disse o moço surpreso.

Pery te diz verdade.

—Não creio!...

Com effeito o cavalheiro attribuindo as desconfianças do indio a uma exaggeração filha da sua dedicação extrema pela filha de D. Antonio, não podia acreditar no horrivel attentado: sua direitura de sentimentos repellia a possibilidade de um crime tal.

O fidalgo era amado e respeitado por todos os aventureiros: nunca durante dez annos que o moço o acompanhava se tinha dado na banda um só acto de insubordinação contra a pessoa do chefe; havia faltas de disciplina, rixas entre os companheiros, tentativas de deserção; mas não passava disto.

O indio sabia que Alvaro duvidaria do que se passava; e por isso se obstinava em guardar parte do segredo, receiando que o moço com o seu cavalheirismo não tomasse o partido dos tres aventureiros.

—Tu duvidas de Pery?

—Quem faz uma accusação tal, precisa prova-la. Tu és um amigo, Pery; mas os outros tambem o são, e têm o direito de se defenderem.

—Quando um homem vai morrer, tu julgas que elle mente? perguntou o indio com firmeza.

—Que queres dizer com isto?

—Pery vai vingar sua senhora; vai se separar de tudo quanto ama; se elle perder a vida dirás ainda que se engana?

Alvaro foi abalado pelas palavras do indio.

—Melhor é que falles a D.^{to} Antonio de Mariz.

—Não; elle e tu servem para combater homens que atacam pela frente; Pery sabe caçar o tigre na floresta, e esmagar a cobra que vai lançar o bote.

—Mas então o que queres de mim?

—Que se Pery morrer, acredites no que elle te diz e faças o que elle fez; que salves a senhora!

—Assassinar?... Nunca, Pery; nunca o meu braço brandirá o ferro senão contra o ferro!

O índio lançou ao moço um olhar que brilhou nas trevas.

—Tu não amas Cecy!

Alvaro estremeceu.

—Se tu a amasses, matarias teu irmão para livra-la de um perigo.

—Pery, talvez não comprehendas o que vou dizer-te. Daria a minha vida sem hesitar por Cecilia; mas a minha honra pertence a Deus e á memoria de meu pai.

Os dous homens olhárão-se um momento em silencio; ambos tinham a mesma grandeza de alma, e a mesma nobreza de sentimento; entretanto as circumstancias da vida haviam creado nelles um contraste.

Em Alvaro, a honra e um espirito de lealdade cavalheiresca dominavão todas as suas acções; não havia affeição ou interesse que podesse quebrar a linha invariavel que elle havia traçado, e era a linha do dever.

Em Pery a dedicação sobrepujava tudo; viver para sua senhora, crear em torno della uma especie de providencia humana, era a sua vida; sacrificaria o mundo se possivel fosse, contanto que podesse como o Noé dos indios, salvar uma palmeira onde abrigar Cecilia.

Entretanto essas duas naturezas, uma filha da civilização, a outra filha da liberdade selvagem, embora separadas por distancia immensa, comprehendião-se: a sorte lhes traçára um caminho differente; mas Deus vasára em suas almas o mesmo germen de heroismo, que nutre os grandes sentimentos.

Pery conheceu que Alvaro não cederia; Alvaro sabia que Pery apezar de sua recusa, cumpriria exactamente o que tinha resolvido.

O indio a principio pareceu impressionado pela obstinação do cavalheiro; porém ergueu a cabeça com um gesto altivo, e batendo com a mão no peito largo e vigoroso, disse em tom de energia:

—Pery só, defenderá sua senhora: não precisa de ninguém. É forte; tem como a andorinha as azas de suas flechas; como a cascavel o veneno das settas; como o tigre a força de seu braço; como a ema a velocidade de sua carreira. Só póde morrer uma vez; mas uma vida lhe basta.

—Pois bem, amigo, respondeu o cavalheiro com nobreza, vais realizar o teu sacrificio; eu cumprirei o meu dever. Tenho uma vida tambem, e a minha espada. Farei de uma a sombra de Cecilia; com a outra traçarei em torno della um circulo de ferro. Podes ficar certo que os inimigos que passarem por cima de teu corpo acharão o meu antes de chegarem á tua senhora.

—Tu és grande; podias ter nascido no deserto, e ser o rei das florestas; Pery te chamaria irmão.

Apertarão as mãos e dirigirão-se á casa; em caminho Alvaro lembrou-se que ainda não conhecia os homens contra os quaes tinha de defender Cecilia; perguntou seus nomes; Pery recusou formalmente e prometeu que o cavalheiro saberia, quando fosse tempo.

O indio tinha a sua idéa.

Chegando á casa os dous separárão-se; Alvaro ganhou o aposento que occupava; Pery encaminhou-se para o jardim de Cecilia.

Erão então oito horas da noite, toda a familia se achava reunida na cêa; o quarto da menina estava ás escuras. Pery examinou os arredores para vêr se tudo estava tranquillo e em socego; e sentou-se n'um banco do jardim.

Meia hora depois uma luz esclareceu a janella do quarto, e a porta abrindo-se deixou vêr o corpinho gracioso de Cecilia que se destacava no vão esclarecido.

A menina avistando o indio correu para elle:

—Meu pobre Pery, disse ella; tu soffreste hoje muito, não é verdade? E achaste tua senhora bem má e bem ingrata, porque te mandou partir! Mas agora, meu pai disse: Ficarás comnosco para sempre.

—Tu és boa senhora: tu choravas quando Pery ia partir; pediste para elle ficar.

—Então não tens queixa de Cecy? disse a menina sorrindo.

—O escravo póde ter queixa de sua senhora? tornou o indio simplesmente.

—Mas tu não és escravo!... respondeu Cecilia com um gesto de contrariedade; tu és um amigo sincero e dedicado. Duas vezes me salvaste a vida; fazes impossiveis para me veres contente e satisfeita; todos os dias te arriskas a morrer por minha causa.

O indio sorrio:

—Que queres que Pery faça de sua vida, senhora?

—Quero que estime sua senhora e lhe obedeça, e aprenda o que ella lhe ensinar, para ser um cavalheiro como meu irmão D... Diogo e o Sr. Alvaro.

Pery abanou a cabeça.

—Olha, continuou a menina; Cecy vai te ensinar a conhecer o Senhor do céu, e a rezar também e ler bonitas histórias. Quando souberes tudo isto, ella bordará um manto de seda para ti; terás uma espada, e uma cruz no peito. Sim?

—A planta precisa de sol para crescer, a flôr precisa de agua para abrir; Pery precisa de liberdade para viver.

—Mas tu serás livre; e nobre como meu pai!

—Não!... O passaro que vôa nos ares cahe, se lhe quebrão as azas; o peixe que nada no rio morre, se o deitão em terra; Pery será como o passaro e como o peixe, se tu cortares as suas azas e o tirares da vida em que nasceu.

Cecilia bateu com o pé em signal de impaciencia.

—Não te zanga, senhora.

—Não fazes o que Cecy pede?... Pois Cecy não te quer mais bem; nem te chamará mais seu amigo. Vê; já não guardo a flôr que me déste.

E a linda menina, machucando a flôr que arrancou dos cabellos, correu para o seu quarto, e bateu a porta com violencia.

O indio voltou pezaroso á sua cabana.

De repente cortou o silencio da noite voz argentina, que cantava uma antiga chacara portugueza, com sentimento e expressão arrebatadora. Os sons doces de uma guitarra hespanhola fazião o acompanhamento da musica.

A chacara dizia assim:

Foi um dia.—Infância mouro
Deixou
Alcaçar de prata e ouro.

Montado no seu corcel,
Partio
Sem pagem, sem anadel.

Do castello á barbacã
Chegou
Viu formosa castellã.

Aos pés daquela a quem ama
Jurou
Ser fiel á sua dama.

A gentil dona e senhora
Sorrio;
Ai! que isenta ella não fora

«Tu és mouro; eu sou christã:»
Fallou
A formosa castellã.

«Mouro, tens o meu amor:
Christão,
Serás meu nobre senhor.»

Sua voz era um encanto,
O olhar
Quebrado, pedia tanto!

«Antes de ver-te. senhora.

Fui rei;
Serei teu escravo agora.
«Por ti deixo meu alcaçar
Fiel;
Meus paços d'ouro e de nacar.

«Por ti deixo o paraíso;
Meu céu
É teu mimoso sorriso.»

A dona em um doce enleio
Tirou
Seu lindo collar do seio.

E duas almas christãs,
Na cruz
Um beijo tornou irmãs.

A voz suave e meiga perdeu-se no silencio do ermo; o echo
repetio um momento as suas doces modulações.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

NOTAS DO TOMO PRIMEIRO.

PAG. 3.—Guarany.

O titulo que damos a este romance significa o *indigena brasileiro*. Na occasião da descoberta, o Brazil era povoado por nações pertencentes a uma grande raça, que conquistára o paiz havia muito tempo, e expulsára os dominadores. Os chronistas ordinariamente designavão esta raça pelo nome *Tupi* mas esta denominação não era usada senão por algumas nações. Entendemos que a melhor designação que se lhe podia dar era a da lingua geral que fallavão e naturalmente lembrava o nome primitivo da grande nação.

PAG. 3.—O Paquequer.

Para se conhecer a exactidão dessa descripção do rio Paquequer naquella epoca, lêa-se B., da Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, 1º tomo, pag. 162. Hoje as grandes plantações de café transformarão inteiramente aquelles lugares outr'ora virgens e desertos.

PAG. 4.—Brazão d'armas.

Este brazão da casa dos Marizes é historico; nos mesmos *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 1º, pag. 329, acha-se a sua descripção que copiei litteralmente.

PAG. 11.—D. Antonio de Mariz.

Este personagem é historico, assim como os factos que se referem ao seu passado, antes da epoca em que começa o romance.

Nos *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 1º, pag. 328, lêa-se uma breve noticia sobre sua vida.

PAG. 13.—**D. Pedro da Cunha.**

Deste projecto de transportar ao Brazil a coroa portugueza, falla Warnhagen na sua historia do Brazil.

PAG. 16.—**Aventureiros.**

O costume que tinham os capitães daquelle tempo de manterem uma banda de aventureiros ás suas ordens, é referido por todos os chronistas. Esse costume tinha o quer que seja dos usos da media idade, e a necessidade o fez reviver em nosso paiz onde faltavão tropas regulares para as conquistas e explorações.

PAG. 14.—**D. Lauriana.**

Segundo B. da S. Lisboa a mulher de D. Antonio de Mariz chamava-se Lauriana Simoa, e era natural de S. Paulo.

PAG. 19.—**D. Diogo de Mariz.**

Este personagem tambem é historico. Em 1607 era provedor da alfandega do Rio de Janeiro, cargo que tinha servido seu pai alguns annos antes. S. Lisboa.—*Annaes.*

PAG. 20.—**Pistoletes.**

Ou arcabuzes pequenos. Pela ord. nº 5, tit. 80, s. 13ª, era defesa trazê-los armados ou tê-los em casa.

PAG. 32.—**Um indio.**

O typo que descrevemos é inteiramente copiado das observações que se encontram em todos os chronistas. Em um ponto porém varião os escriptores; uns dão aos nossos selvagens uma estatura abaixo da regular; outros uma estatura alta. Neste ponto preferi

guiar-me por Gabriel Soares que escreveu em 1580, e que nesse tempo devia conhecer a raça indigena em todo o seu vigor, e não degenerada como se tornou depois.

PAG. 38.—**Forcado**.

Esta maneira de caçar uma onça, que a muitos parecerá extraordinaria, é referida por Ayres do Casal. Ainda hoje no interior ha sertanejos que caçam deste modo, e sem o menor risco ou difficuldade, tão habituados já estão.

PAG. 40.—**Ticum**.

O ticum é uma palmeira de cujos filamentos os indios usavão como os Europeus do linho. Della se servião para suas redes de pesca, para cordas de arco e outros misteres; o fio preparado por elles com a resina de almocega era fortissimo.

PAG. 42.—**Biribá**.

Era a arvore com que os indigenas tiravão fogo por meio do attrito, roçando fortemente um fragmento de encontro ao outro. B. da S. Lisboa.—Annaes.

PAG. 43.—**Gardenia**.

Nome scientifico que Fr. Velloso na sua Flora Fluminense dá á açucena silvestre; nos nossos campos encontra-se essa flôr da varias côres; a mais commum é a branca e escarlata.

PAG. 73.—**Pery**.

Palavra da lingua guarany que significa *junco silvestre*.

PAG. 80.—**Oleo**.

É uma das arvores mais elevadas de nossas florestas; cresce a mais de cem palmos, e o tronco chega a uma extraordinaria

grossura.

PAG. 94.—**Hirara**.

Especie de gato selvagem, indigena do Brazil.

PAG. 100.—**Soffrer**.

É um lindo passaro do Brazil, côr de ouro, com os encontros de um negro brilhante. O seu canto doce imita a palavra soffrer, razão por que os primeiros colonos lhe derão esse nome.

PAG. 102.—**Cecy**.

É um verbo da lingua guarany que significa *magoar*, *doer*.

PAG. 106.—**Sapucaia**.

Arvore de alta grandeza, que dá um fructo do tamanho e da confeição de um côco.

PAG. 107.—**Pequiá**.

Arvore de mais de cem palmos de altura, que tem uma pequena flôr de brilhante escarlata; floresce nos mezes de setembro e outubro.

PAG. 111.—**O cactus**.

Temos differentes especies de cactus; os mais lindos são o branco, o rosa e o amarello, a que os indigenas chamavão *urumbeba*. Todos elles abrem á meia noite e fechão ao despontar do sol.

PAG. 111.—**Graciola**.

É o nome scientifico que Fr. Velloso na sua *Flora Fluminense* dá á pequena flôr azul de um arbusto indigena.

PAG. 111.—**Malvalisco**.

Assim designa Saint-Hilaire uma especie de malva indigena brasileira, cuja flor é escarlate.

PAG. 112.—**Viuvinha.**

Pequeno passaro negro que canta ao amanhecer; dizem ser o primeiro que saúda o nascimento do dia.

PAG. 113.—**Jasmineiro.**

Ha uma especie de jasmineiro indigena do Brazil; assim o dizem os dous botanicos que citamos acima.

PAG. 115.—**Colhereira.**

É uma das aves aquaticas mais lindas do Brazil; suas pennas são de uma bella côr de rosa.

PAG. 146.—**O cão.**

Diz o Sr. Warnhagen na sua historia do Brazil que o cão era o companheiro constante do nosso indigena, ainda mais do que do Europeu.

PAG. 149.—**Cabuiba.**

A cabuiba ou cabureiba, *Balsamum Peruvianum* de Pison, *Cabuibaiba* de Maregrave e *Miroxilem Cabriuva* de outros naturalistas, é uma arvore das nossas mattas de mais de cem palmos, e a que vulgarmente se chama arvore do balsamo.

Distilla um licor louro de um cheiro agradavel, que dizem milagroso para cura de feridas frescas. (Gabriel Soares; S. Lisboa e Ayres do Casal.)

PAG. 154.—**Formigueiro.**

No sertão encontram-se frequentemente essas excavações subterrâneas, feitas por uma formiga, a que os indios chamárão *taciahy*.

PAG. 161.—**Garcia Ferreira.**

Garcia Ferreira foi provido no officio de tabellião do Rio de Janeiro por Salvador Corrêa de Sá, em 15 de Fevereiro de 1588. (B. da Silva Lisboa.)

PAG. 163.—**Roberio Dias.**

Roberio Dias offereceu a Felippe II o segredo de uma grande mina de prata, descoberta por elle nos sertões de Jacobina, provincia da Bahia; pedia em troca o titulo de marquez das Minas, que não lhe foi dado. Essas minas, falsas ou verdadeiras, nunca se descobrirão.

Roberio morreu pobre e desgraçado, recusando revelar o segredo das minas. (B. da S. Lisboa.)

PAG. 177.—**Convento do Carmo.**

«Logo que os carmelitas se estabelecerão em Santos pela doação de José Adorno, de 1589, se passou ao Rio do Janeiro o padre Fr. Pedro, para fundar aqui o convento do Carmo. Supposto não conste com certeza o anno da fundação é indisputavel todavia que fôra entre 1589 e 1590, pois que já estava aquelle feito em 1595. Corria por tradição geralmente ter sido o seu começo em 1590.» (B. da S. Lisboa, tom. VIIº, cap. 2º, § 6.)

PAG. 196.—**Arvores de ouro.**

A sapucaia perde a folha no tempo da florescencia, e cobre-se de tanta flor amarella que não se vê nem tronco, nem galhos; o mesmo succede á embaiba, ao páo d'arco e outras arvores. (G. Soares, *Roteiro do Brazil*, e B. da S. Lisboa Annaes).

Sendo epoca da florescencia dessas arvores em setembro, a phrase figurada do indio traduz-se da seguinte maneira: «Era o mez de setembro.»

PAG. 196.—**O mais forte.**

É sabido que entre as nossas tribus, o chefe era sempre aquelle que tinha maior reputação de valor e fortaleza. O principio de hereditariedade, se algumas vezes regulava a successão do mando, era ephemero.

PAG. 197.—**Taba dos brancos.**

Allude-se á colonia da Victoria, hoje capital da provincia do Espirito Santo, que foi duas vezes arrasada pelos Goytacazes Tupiniquins. É um desses combates que o indio conta de passagem.

PAG. 198.—**Senhora dos brancos.**

Pela descripção seguinte conhece-se que o selvagem viu na igreja, na occasião do incendio que devorou a villa da Victoria, uma imagem de Nossa Senhora, que o impressionou vivamente.

PAG.—**A estrella grande.**

O que dizem alguns chronistas, a respeito da ignorancia absoluta dos indigenas sobre a astronomia, me parece inexacto. Os Guarany's tinham os conhecimentos rudes, filhos da observação. Chamavam a estrella *jacy-tato*, fogo da lua; suppunhão pois que a lua é que transmittia a luz ás estrellas. Conhecião as quatro phases da lua: a lua nova, *jacy-peçaçu*; o quarto crescente, *jacy-jemorotuçu*; a lua cheia, *jacy-caboachu*; e o quarto minguinte, *jacy-jearoca*. Dividião o anno em duas estações: a estação do sol, *coaracyara*, e a estação da chuva, *ama'na-ara*; são as mesmas que hoje conhecemos, e as

unicas que realmente existem no Brazil. Muitas outras observações podíamos fazer, que omittimos para evitar prolixidade.

PAG. 199.—**Grande rio.**

Esta palavra é relativa: todas as nações chamavão assim o maior rio que havia no territorio que ellas conhecião, e é por isso que se encontrão tantos *rios grandes* nos nomes dos rios do nosso paiz. Para os Goytacazes o Rio-Grande era o Parabyba.

PAG. 218.—**A nação goytacaz.**

Esses factos lêem-se em qualquer dos escriptores que se têm occupado dos primeiros tempos coloniaes do Brazil, e especialmente em G. Soares, que foi contemporâneo delles.

PAG. 260—**Cipós.**

Diz Gabriel Soares: «Deu a natureza ao Brazil, por entre os arvoredos, umas cordas muito rijas, muitas que nascem aos pés dos arvores e atrepão por ellas acima, a que chamão cipós, com que os indios atão a madeira de suas casas e os brancos que não podem mais. Nestes mesmos mattos se crião outras cordas mais delgadas e primas a que os indios chamavão «timbós,» que são mais rijas que os cipós acima.»

A quantidade infinita de cipós é uma das originalidades das florestas do Brazil, e admirou os naturalistas estrangeiros que o visitarão.

PAG. 222.—**Candêa.**

Diz o mesmo autor: «Ha uma arvore meã que se chama «ibiriba» a qual os Indios fazem em fios para fachos, com que vão mariscar e para andarem de noite; e ainda que seja verde, cortada daquella hora, pega o fogo nella como em alcatrão, e não apaga o vento os

fachos della; e em casa servem-se os indios de achas dessa madeira, como de candêas.

PAG. 269.—**Cauan.**

É uma ave que devora as cobras, pelo que ellas fogem della, Os indios, segundo affirma Ayres do Casal, imitavão o seu canto, quando andavão á noite pelo matto, e assim preservavão-se de serem mordidos.

PAG. 338.—**Setta por elevação.**

A destreza e a habilidade com que os Indios atiravão a setta era tal, que os Europeus a admiravão. Para atirarem por elevação, deitavão-se, seguravão o arco com os dous dedos dos pés e lançavão ao ar a setta que, subindo, descrevia uma parabola e ia cahir no alvo. Ainda ha pouco tempo no Pará se vião, nas aldêas de indios já cathequisados, pareos deste jogo, em que o alvo era um tronco de bananeira decepado. O tenente Pimentel, filho do presidente de Matto-Grosso, foi assassinado pelos indios deste modo, cavalgando no meio de muitos cavalleiros. Nenhum foi ferido: e todas as settas abatêrão-se sobre o moço de quem os selvagens se querião vingar.

FIM DAS NOTAS DO TOMO PRIMEIRO.

J. DE ALENCAR

O
GUARANY

ROMANCE BRAZILEIRO

QUINTA EDIÇÃO

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

PARIS.—E. MELLIER, 17, RUA SÉGUIER.

Ficção reservados os direitos de propriedade.

1883

INDICE

TERCEIRA PARTE

OS AYMORÉS

- I.—A Partida
- II.—Preparativos
- III.—Verme e flôr
- IV.—Na treva
- V.—Deos dispõe
- VI.—Revolta
- VII.—Os selvagens
- VIII.—Desanimo
- IX.—Esperança
- X.—Na brecha
- XI.—O frade
- XII.—Desobediencia
- XIII.—Combate
- XIV.—O prisioneiro

QUARTA PARTE

A CATASTROPHE

- I.—Arrependimento
- II.—O sacrificio
- III.—Sortida
- IV.—Revelação
- V.—O paiol
- VI.—Tregoa

VII.—Peleja

VIII.—Noiva

IX.—O castigo

X.—Christão

XI.—Epilogo

Notas

TERCEIRA PARTE
OS AYMORÉS

I A PARTIDA

Na segunda-feira, erão seis horas da manhã, quando D. Antonio de Mariz chamou seu filho.

O velho fidalgo velara uma boa parte da noite; ou escrevendo ou reflectindo sobre os perigos que ameaçavão sua familia.

Pery lhe havia contado todas as particularidades de seu encontro com os Aymorés; e o cavalheiro, que conhecia a ferocidade e espirito vingativo dessa raça selvagem, esperava a cada momento ser atacado.

Por isso, de acordo com Alvaro, D. Diogo, com seu escudeiro Ayres Gomes, tinha tomado todas as medidas de precaução que as circumstancias e sua longa experiencia lhe aconselhavão.

Quando seu filho entrou, o velho fidalgo acabava de sellar duas cartas que escrevêra na vespera.

—Meu filho, disse elle com uma ligeira emoção, reflecti essa noite sobre o que nos pode acontecer, e assentei que debes partir hoje mesmo para S. Sebastião.

—Não é possível, senhor!... Afastais-me de vós justamente quando correis um perigo?

—Sim! É justamente quando um grande perigo nos ameaça, que eu, chefe da casa, entendo ser do meu dever salvar o representante do meu nome e meu herdeiro legitimo, o protector de minha familia orphã.

—Confio em Deos, meu pai, que vossos receios serão infundados; mas se elle nos quizesse submeter a tal prova, o unico lugar que

compete a vosso filho e herdeiro de vosso nome é nesta casa ameaçada, ao vosso lado, para defender-vos e partilhar a vossa sorte, qualquer que ella seja.

D. Antonio apertou seu filho ao peito.

—Eu te reconheço; tu és meu filho; é o meu sangue juvenil que gyra em tuas veias, e o meu coração de moço que falla pelos teus labios. Deixa porém que os cincoenta annos de experiencia que desde então passarão sobre minha cabeça encanecida te ensinem o que vai da mocidade á velhice, o que vai do ardente cavalheiro ao pai de uma familia.

—Eu vos escuto, senhor; mas pelo amor que vos consagro poupai-me a dôr e a vergonha de deixar-vos no momento em que mais precisais de um servidor fiel e dedicado.

O fidalgo proseguio já calmo:

—Não é uma espada, D. Diogo, que nos dará a victoria, fosse ella valente e forte como a vossa: entre quarenta combatentes que vão se medir talvez contra centenas e centenas de inimigos, um de mais ou de menos não importa ao resultado.

—Que assim seja, respondeu o cavalheiro com energia; reclamo o meu posto de honra, e a minha parte do perigo; não vos ajudarei a vencer, porém morrerei junto dos meus.

—E é por esse nobre mas esteril orgulho que quereis sacrificar o unico meio de salvação que talvez nos reste, se, como temo, as minhas previsões se realisarem?

—Que dizeis, senhor?

—Qualquer que seja a força e o numero de inimigos, conto que o valor portuguez e a posição desta casa me ajudarão a resistir-lhes

por algum tempo, por vinte dias, mesmo por um mez; mas por fim teremos de succumbir.

—Então?... exclamou D. Diogo pallido.

—Então, se meu filho D. Diogo, em vez de ficar nesta casa por uma obstinação imprudente, tiver ido ao Rio de Janeiro, e pedido o auxilio que fidalgos portuguezes não lhe recusarão de certo, poderá voar em socorro de seu pai, e chegar com tempo para defender sua familia. Então verá que esta gloria de ser o salvador de sua casa vale bem a honra de um perigo inutil.

D. Diogo deitou o joelho em terra, e beijou com ternura a mão do fidalgo:

—Perdão, meu pai, por não vos ter comprehendido. Eu devia adivinhar que D. Antonio de Mariz não pode querer para o filho senão o que é digno do pai.

—Vamos, D. Diogo, não ha tempo a perder. Lembrai-vos que uma hora, um minuto de tardança talvez tenha de ser contado anciosamente por aquelles que vão esperar-vos.

—Parto neste instante, disse o cavalheiro dirigindo-se á porta.

—Tomai; esta carta é para Martim de Sá, governador desta capitania; esta outra é para meu cunhado e vosso tio Crispim Tenreiro, valente fidalgo que vos poupará o trabalho de procurardes defensores para vossa familia. Ide despedir-vos de vossa mãe e vossas irmãs: eu farei tudo preparar para a partida.

O fidalgo, reprimindo a sua emoção, sahio do gabinete onde se passava esta scena, e foi ter com Alvaro que o procurava.

—Alvaro, escolhei quatro homens que acompanhem D. Diogo ao Rio de Janeiro.

—D. Diogo parte?... perguntou o moço admirado.

—Sim, depois vos direi as razões. Por agora dai-vos pressa em que tudo esteja prompto dentro de uma hora.

Alvaro dirigio-se immediatamente ao fundo da casa onde habitavão os aventureiros.

Havia ahi grande agitação: uns fallavão em tom de queixa, outros murmuravão apenas palavras entrecortadas; e alguns finalmente rião e motejavão do descontentamento de seus companheiros.

Ayres Gomes com todo o seu arrego militar passeava no meio do terreiro, a mão no punho da espada, a cabeça alta e o bigode retorcido. Quando o escudeiro passava, a voz dos aventureiros descia dous tons; mas á medida que elle se afastava, cada um dava livre desabafo ao seu máo humor.

Entre os mais inquietos et turbulentos distinguão-se tres grupos presididos por personagens de nosso conhecimento: Loredano, Ruy Soeiro e Bento Simões.

A causa desse descontentamento quasi geral era a seguinte:

Por volta de seis horas da manhã, Ruy, em virtude do emprazamento da vespera, dirigio-se o primeiro á escada para ganhar o matto.

Chegando ao fim da esplanada admirou-se de ver ahi Vasco Alphonso e Martim Vaz de vigia, o que era extraordinario; pois só á noite se usava de uma tal precaução, e esta cessava apenas amanhecia.

Ainda mais admirado porém ficou quando os dous aventureiros, cruzando as espadas, proferirão quasi ao mesmo tempo estas palavras:

—Não se passa.

—E por que razão?

—É a ordem, respondeu Martim Vaz.

Ruy empallideceu, e voltou apressadamente; a primeira idéa que lhe acudio foi que os tinham denunciado, e cuidou em prevenir a Loredano.

Ayres Gomes porém embargou-lhe o passo, e dirigio-se com elle para o terreiro: ahi o digno escudeiro desempenando o corpo, e levando a mão á bocca em fórma de busina, gritou:

Olá! Á frente toda a banda!

Os aventureiros chegarão-se formando um circulo ao redor de Ayres Gomes; Ruy já tinha tido occasião de lançar uma palavra ao ouvido do italiano; e ambos, um pouco pallidos mas resolutos, esperavão o desfecho daquela scena.

—O Sr. D. Antonio de Mariz, disse o escudeiro, por meu intermedio vos faz saber a sua vontade, e manda que ninguem se afaste um passo da casa sem sua ordem. Quem o contrario fizer perea morte natural.

Um silencio morno acolheu a enunciação desta ordem; Loredano trocou uma vista rapida com os seus dous complices.

—Estais entendidos? disse Ayres Gomes.

—O que nem eu, nem meus companheiros entendemos é a razão disto, retrucou o italiano avançando um passo.

—Sim; a razão? exclamou em coro a maioria dos aventureiros.

—As ordens cumprem-se, e não se discutem, respondeu o escudeiro com uma certa solemnidade.

—Comtudo nós... ia dizendo Loredano.

—Toca a debandar! gritou Ayres Gomes. Aquelle que não estiver contente, que o diga ao Sr. D. Antonio de Mariz.

E o escudeiro com uma fleugma imperturbavel rompeu o circulo, e começou a passear pelo terreiro olhando de travez os aventureiros, e rindo á sorrelfa do seu desapontamento.

Quasi todos estavam contrariados; sem fallar dos conspiradores que se havião emprazado para concertarem seu plano de campanha, os outros, cujo divertimento era caçar e bater os mattos, não recebem a ordem com prazer. Apenas alguns de genio mais bonachão e jovial tinhão tomado a cousa á boa parte, e zombavão da contrariedade que soffrião seus companheiros.

Quando Alvaro se aproximou todos os olhos se voltárão para elle, esperando a explicação do que se passava.

—Sr. cavalheiro, disse Ayres Gomes, acabo de transmittir a ordem para que ninguem arrede pé da casa.

—Bem, respondeu o moço, e continuou dirigindo-se aos aventureiros: Assim é preciso, meus amigos, estamos ameaçados de um ataque dos selvagens, e toda a prudencia é pouca nestas occasiões. Não é só a nossa vida que temos a defender, e essa pouco vale para cada um de nós; é sim a pessoa daquelle que confia em nosso zelo e coragem, e mais ainda o socego de uma familia honrada que todos prezamos.

As nobres palavras do cavalheiro, e a affabilidade do gesto que suavizava a firmeza de sua voz, serenárão completamente os animos; todos os descontentes mostrarão-se satisfeitos.

Apenas Loredano estava desesperado por ser obrigado a retardar a combinação do seu plano; pois era arriscado tenta-lo em casa, onde o menor gesto o podia trahir.

Alvaro trocou poucas palavras com Ayres Gomes, e voltou-se para os aventureiros:

—D. Antonio de Mariz precisa de quatro homens dedicados para acompanharem seu filho D. Diogo á cidade de S. Sebastião. É uma missão perigosa; quatro homens nestes desertos marchão de perigo em perigo. Quem de vós se offerece para desempenha-la?

Vinte homens se adiantarão; o cavalheiro escolheu tres entres elles.

—Vós sereis o quarto, Loredano.

O italiano, que se tinha escondido entre os seus companheiros, ficou como fulminado por estas palavras; sahir naquella occasião da casa era perder para sempre a sua mais ardente esperança; durante a ausencia tudo podia se descobrir.

—Peza-me ser obrigado a negar-me ao serviço que exigis de mim; mas sinto-me doente, e sem forças para uma viagem.

O cavalheiro sorrio.

—Não ha enfermidade que prive um homem de cumprir o seu dever; sobretudo quando é um homem valente e leal como vós, Loredano.

Depois abaixou a voz para não ser ouvido pelos outros aventureiros:

—Se não partis, sereis arcabuzado em uma hora. Esqueceis que tenho a vossa vida em minha mão, e vos faço esmola mandando-vos sahir desta casa?

O italiano compreendeu que não tinha remedio senão partir; bastava que o moço o accusasse de ter atirado sobre elle, bastava a palavra de Alvaro para fazê-lo condemnar pelo chefe e pelos seus proprios companheiros.

—Aviai-vos, disse o cavalheiro aos quatro aventureiros escolhidos por elle; partis em meia hora.

Alvaro retirou-se.

Loredano ficou um momento abatido pela fatalidade que pesava sobre elle; mas a pouco a pouco foi recobrando a calma, animando-se; por fim sorriu. Para que sorrisse era necessario que alguma inspiração infernal tivesse subido do centro da terra a essa intelligencia votada ao crime.

Fez um aceno a Ruy Soeiro, e os dous encaminhárão-se para um cubiculo que o italiano occupava no fim da esplanada. Ahi conversarão algum tempo, rapidamente e em voz baixa.

Forão interrompidos por Ayres Gomes, que bateu com a espada na porta:

—Eh! lá! Loredano. A cavallo, homem; e boa viagem.

O italiano abriu a porta, e ia sahir; mas voltou-se para dizer a Ruy Soeiro:

—Olhai os homens da guarda; é o principal.

—Ide tranquillo.

Alguns minutos depois, D. Diogo, com o coração cerrado e as lagrimas nos olhos, apertava nos braços sua mãe querida, Cecilia que elle adorava, e Isabel que já amava tambem como irmã.

Depois desprendendo-se com um esforço, encaminhou-se apressadamente para a escada e desceu ao valle; ahi recebeu a benção de seu pai e abraçando a Alvaro saltou na sella do cavallo, que Ayres Gomes tinha pela redea.

A pequena cavalgata partio; com pouco sumia-se na volta do caminho.

II PREPARATIVOS

Ao tempo que D. Antonio de Mariz e seu filho conversavam no gabinete, Pery examinava as suas armas, carregava as pistolas que sua senhora lhe havia dado na vespera, e sahia da cabana.

A physionomia do selvagem tinha uma expressão de energia e ardimento, que revelava resolução violenta, talvez desesperada.

O que ia fazer, nem elle mesmo sabia. Certo de que o italiano e seus companheiros se reunirão naquella manhã, contava antes que a reunião se effectuasse ter mudado inteiramente a face das cousas.

Só tinha uma vida como dissera; mas essa com a sua agilidade e a sua força e coragem valia por muitas; tranquillo sobre o futuro pela promessa de Alvaro, não lhe importava o numero dos inimigos: podia morrer mas esperava deixar pouco ou talvez nada que fazer ao cavalheiro.

Sahindo de sua cabana, Pery entrou no jardim: Cecilia estava sentada n'um tapete de pelles sobre a relva, e amimava ao seio a sua rolinha predilecta, offerecendo os labios de carmim ás caricias que a ave lhe fazia com o bico delicado.

A menina estava pensativa; doce melancolia desvanecia a vivacidade natural de seu semblante.

—Tu estás agastada com Pery, senhora?

—Não, respondeu a menina fitando nelle os grandes olhos azues. Não quizeste fazer o que eu pedi; tua senhora ficou triste.

Ella dizia a verdade com a ingénua franqueza da innocencia. Na vespera, quando se tinha recolhido enfadada pela recusa de Pery,

ficara contrariada.

Educada no fervor religioso de sua mãe, embora sem os prejuizos que a razão de D. Antonio corrigira no espirito de sua filha, Cecilia tinha a fé christã em toda a pureza e santidade. Por isso se affligia com a idéa de que Pery, a quem votava uma amizade profunda, não salvasse a sua alma, e não conhecesse o Deus bom e compassivo a quem ella dirigia suas preces.

Conhecia que a razão por que sua mãe e os outros desprezavam o indio era o seu gentilismo; e a menina no seu reconhecimento queria elevar o amigo e torna-lo digno da estima de todos.

Eis a razão por que ficara triste; era gratidão por Pery, que defendera sua vida de tantos perigos, e a quem ella queria retribuir salvando a sua alma.

Nesta disposição de espirito, seus olhos cahirão sobre a guitarra hespanhola que estava em cima da commoda e veio-lhe vontade de cantar. É cousa singular como a melancolia inspira! Seja por uma necessidade de expansão, seja porque a musica e a poesia suavisem a dôr, toda a creatura triste acha no canto um supremo consolo.

A menina tirou ligeiros preludios do instrumento enquanto repassava na memoria as letras de alguns solãos e cantigas que sua mãe lhe havia ensinado. A que lhe acudio mais naturalmente foi a chacara que ouvimos; havia nessa composição uns longes, um quer que seja que ella não sabia explicar, mas ia com seus pensamentos.

Quando acabou de cantar levantou-se, apanhou a flôr de Pery que tinha atirado ao chão, deitou-a nos cabellos, e fazendo a sua oração da noite, adormeceu tranquillamente. O ultimo pensamento que roçou a sua fronte alva foi um voto de gratidão pelo amigo que lhe salvára a vida naquella manhã. Depois um sorriso adejou sobre

seu rosto gracioso, como se a alma durante o somno dos olhos viesse brincar nos lábios entreabertos.

O índio, ouvindo as palavras que acabava de proferir Cecilia, sentio que pela primeira vez tinha causado uma mágoa real á sua senhora.

—Tu não entendestes Pery, senhora; Pery te pedio que o deixasses na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.

—Como?... Não te entendo!

—Pery, selvagem, é o primeiro dos seus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Pery, christão, será o ultimo dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.

—Um escravo!... Não! serás um amigo. Eu te juro! exclamou a menina com vivacidade.

O índio sorrio:

—Se Pery fosse christão, e um homem quizesse te offender, elle não poderia mata-lo, porque o teu Deus manda que um homem não mate outro. Pery selvagem não respeita ninguém; quem offende sua senhora é seu inimigo, e morre!

Cecilia, pallida de emoção, olhou o índio, admirada não tanto da sublime dedicação, como do raciocinio; ella ignorava a conversa que o índio tivera na vespera com o cavalheiro.

—Pery te desobedeceu por ti sómente; quando já não correres perigo, elle virá ajoelhar a teus pés, e beijar a cruz que tu lhe déste. Não fique zangada!

—Meu Deus!... murmurou Cecilia pondo os olhos no céu. É possível que uma dedicação tamanha não seja inspirada por vossa

santa religião!...

A alegria serena e doce de sua alma irradiava na physionomia encantadora:

—Eu sabia que tu não me negarias o que te pedi; assim não exijo mais; espero. Lembra-te sómente que no dia em que tu fôres christão, tua senhora te estimará ainda mais.

—Não ficas triste?

—Não; agora estou satisfeita, contente, muito contente!

—Pery quer pedir-te uma cousa.

—Dize, o que é?

—Pery quer que tu risques um papel para elle.

—Riscar um papel?...

—Como este que teu pai deo hoje a Pery.

—Ah! queres que eu escreva?

—Sim.

—O que?

—Pery vai dizer.

—Espera.

Ligeira e graciosa, a menina correu á banquinha, e tomando uma folha de papel e uma pena, fez signal a Pery que se aproximasse.

Não devia ella satisfazer os desejos do indio, como este satisfazia ás suas menores fantasias?

—Vamos: falla, que eu escrevo.

—Pery a Alvaro, disse o indio.

—É uma carta ao Sr. Alvaro? perguntou a menina corando.

—Sim: é para elle.

—Que vais tu dizer-lhe?

—Escreve.

A menina traçou a primeira linha, e depois, por pedido de Pery, o nome de Loredano e dos seus dous complices.

—Agora, disse o indio, fecha.

Cecilia sellou a carta.

—Entrega á tarde; antes não.

—Mas que quer isto dizer? perguntou Cecilia sem comprehender.

—Elle te dirá.

—Não que eu...

A menina balbuciou corando estas palavras: ia dizer que não fallaria ao cavalheiro e arrependeu-se; não queria revelar a Pery o que se tinha passado. Sabia que se o indio suspeitasse a scena da vespera, odiaria Isabel e Alvaro, só por lhe terem causado um pezar involuntario.

Emquanto Cecilia confusa procurava disfarçar o enleio, Pery fitava nella o seu olhar brilhante; mal pensava a menina que aquelle olhar era o adeos extremo que o indio lhe dizia.

Mas para isto fora preciso que adivinhasse o plano desesperado que elle havia concebido de exterminar naquelle dia todos os inimigos da casa.

D. Diogo entrou neste momento no quarto de sua irmã: vinha despedir-se della.

Quanto a Pery, deixando Cecilia dirigio-se á escada, e achou as mesmas vigias, que depois embargarão a passagem de Ruy Soeiro.

—Não se passa, disserão os aventureiros cruzando as espadas.

O indio levantou os hombros desdenhosamente; e antes que as sentinellas voltassem a si da surpresa, tinha mergulhado sob as espadas, e descido a escada. Então ganhou a matta, examinou de novo as suas armas e esperou; já estava cansado quando viu passar a pequena calvagata.

Pery não comprehendeu o que succedia; mas conheceu que o seu plano tinha abortado.

Foi ter com Alvaro.

O cavalheiro explicou-lhe como se aproveitára da ida de D. Diogo ao Rio de Janeiro para expulsar o italiano sem rumor e sem escandalo. Então o indio por sua vez contou ao moço o que tinha ouvido na touça de cardos; o projecto que formára de matar os tres aventureiros naquelle manhã; e finalmente a carta que lhe escrevêra por intermedio de Cecilia, para, no caso de succumbir elle, saber o cavalheiro quem erão os inimigos.

Alvaro duvidava ainda acreditar em tanta perfidia do italiano.

—Agora, concluiu Pery, é preciso que os dous tambem saião; se ficarem, o outro póde voltar.

—Não se animará! disse o cavalheiro.

—Pery não se engana! Manda sahir os dous.

—Fica descansado. Fallarei com D. Antonio de Mariz.

O resto do dia passou tranquillamente; mas a tristeza tinha entrado nesta casa ainda na vespera tão alegre e feliz; a partida de

D. Diogo, o temor vago que produz o perigo quando se aproxima, e o receio de um ataque dos selvagens, preocupavam os moradores do *Paquequer*.

Os aventureiros dirigidos por D. Antonio, executavam trabalhos de defesa tornando ainda mais inacessível o rochedo em que estava situada a casa.

Uns construíam palissadas em roda da esplanada; outros arrastavam para a frente da casa uma colubrina que o fidalgo por excesso de cautela mandára vir de S. Sebastião havia dous annos. Toda a casa emfim apresentava um aspecto martial, que indicava a vespera de um combate; D. Antonio preparava-se para receber dignamente o inimigo.

Apenas em toda esta casa uma pessoa se conservava alheia ao que se passava; era Isabel, que só pensava no seu amor.

Depois de sua confissão, arrancada violentamente ao seu coração por uma força irresistível, por um impulso que ella não sabia explicar, a pobre menina quando se vira só, no seu quarto, á noite, quasi morreu de vergonha.

Lembrava-se de suas palavras, e perguntava a si mesma como tivera a coragem de dizer aquillo, que antes nem mesmo os seus olhos se animavam a exprimir silenciosamente. Parecia-lhe que era impossivel tornar a ver Alvaro sem que cada um dos olhares do moço queimasse suas faces e a obrigasse a esconder o rosto de pejo.

Entretanto nem por isso seu amor era menos ardente; ao contrario agora é que a paixão, por muito tempo reprimida, se exacerbava com as lutas e contrariedades.

As poucas palavras doces que o moço lhe dirigira, a pressão das mãos, e o aperto rápido sobre o coração de Alvaro n'um momento de hallucinação, passavão e repassavão na sua memoria a lodo o momento.

Seu espirito, como uma borboleta em torno da flor, esvoaçava constantemente em torno das reminiscencias ainda vivas, como para libar todo o mel que encerravão aquellas sensações, as primeiras de seu infeliz amor.

Nesse mesmo dia de segunda-feira, á tarde, Alvaro encontrou-se um momento com Isabel na esplanada.

Ambos ficarão mudos, e corarão. Alvaro ia retirar-se.

—Sr. Alvaro... balbuciou a moça tremula.

—Que quereis de mim, D. Isabel? perguntou o moço perturbado.

—Esqueci-me restituir-vos hontem o que não me pertence.

—É ainda este malfadada bracelete?

—Sim, respondeu a moça docemente, é este malfadado bracelete: Cecilia teima que é elle vosso.

—Se meu é, vos peço que o aceiteis.

—Não, Sr. Alvaro, não tenho direito.

—Uma irmã não tem direito de aceitar a prenda que lhe offerece seu irmão?

—Tendes razão, respondeu a moça suspirando, eu o guardarei como lembrança vossa; não será adorno para mim, senão reliquia.

O moço não respondeu; retirou-se para cortar a conversa.

Desde a vespera Alvaro não podia eximir-se á impressão poderosa que causara nelle a paixão de Isabel; era preciso que não fosse homem para não se sentir profundamente commovido pelo amor ardente de uma mulher bella, e pelas palavras de fogo que corrião dos labios de Isabel impregnadas de perfume e sentimento.

Mas a razão direita do cavalheiro recalrava essa impressão no fundo do coração; elle não se pertencia; tinha aceitado o legado de D. Antonio de Mariz e jurado dar a sua mão a Cecilia.

Embora não esperasse mais realizar o seu sonho dourado, entendia que estava rigorosamente obrigado a sujeitar-se á vontade do fidalgo, a proteger sua filha, a dedicar-lhe sua existência. Quando Cecilia o repellisse abertamente, e D. Antonio o desobrigasse de sua promessa, então seu coração seria livre, se não estivesse morto pelo desengano.

O unico facto notavel que se deu nesse dia foi a chegada de seis aventureiros das vizinhanças, que prevenidos por D. Diogo vinhão offerecer seus serviços a D. Antonio.

Chegarão ao lusco-fusco; á frente delles vinha o nosso conhecido mestre Nunes, que um anno antes dera hospitalidade no seu pouso a frei Angelo di Lucca.

III VERME E FLOR

Erão onze horas da noite.

O silencio reinava na habitação e seus arredores, tudo estava tranquillo e sereno. Algumas estrellas brilhavão no céu; os sopros escassos da viração susurravão na folhagem.

Os dous homens de vigia, apoiados ao arcabuz e reclinados sobre o alcantil, sondavão a sombra espessa que se estendia pela aba do rochedo.

O vulto magestoso de D. Antonio de Mariz passou lentamente pela esplanada, e desapareceu no canto da casa. O fidalgo fazia a sua ronda nocturna, como um general na vespera de uma batalha.

Passados alguns momentos ouvio-se cantar uma coruja no valle, junto da escada de pedra; uma das vigias abaixou-se, e tomando dous pequenos seixos deixou-os cahir um depois do outro.

O som fraco que produzio a quedadas pedras sobre o arvoredado da varzea foi quasi imperceptivel; seria difficil distingui-lo do rumor do vento nas folhas.

Um instante depois um vulto subio ligeiramente a escada, e reunio-se aos dous homens que fazião a guarda nocturna:

—Tudo está preparado?

—Só esperamos por vós.

—Vamos! não ha tempo a perder.

Trocadas estas palavras rapidamente entre o que chegava e uma das vigias, os tres encaminhárão-se com todas as precauções para a

alpendrada em que habitava a banda dos aventureiros.

Ahi, como no resto da casa, tudo estava calmo e tranquillo; apenas via-se luzir na soleira da porta do aposento de Ayres Gomes a claridade de uma luz.

Um dos tres chegou-se á entrada do alpendre, e esgueirando-se pela parede perdeu-se na escuridão que havia no interior.

Os outros dous se dirigirão ao fim da casa, e ahi occultos pela sombra e pelo angulo que formava um largo pilar do edificio, começarão um dialogo breve e rapido.

—Quantos são? perguntou o homem que chegára.

—Vinte ao todo.

—Restão-nos?

—Dezenoze.

—Bem. A senha?

—Prata.

—E o fogo?

—Prompto.

—Aonde?

—Nos quatro cantos.

—Quantos sobraão?

—Dous apenas.

—Seremos nós.

—Precisais de mim?

—Sim.

Houve uma pequena pausa, em que um dos aventureiros parecia reflectir profundamente enquanto o outro esperava; por fim o primeiro ergueu a cabeça:

—Ruy, vós me sois dedicado?

—Dei-vos a prova.

—Preciso de um amigo fiel.

—Contai comigo.

—Obrigado.

O desconhecido apertou a mão de seu companheiro.

—Sabeis que amo uma mulher?

—Vós m'o dissestes.

—Sabeis que é mais por essa mulher do que por esse thesouro fabuloso que concebi este plano horrivel?

—Não; não o sabia.

—Pois é a verdade; pouco me importa a riqueza; sêde meu amigo; servi-me lealmente, e tereis a maior parte do meu thesouro.

—Fallai; que quereis que eu faça?

—Um juramento; mas um juramento sagrado, terrivel.

—Qual dizei!

—Hoje esta mulher me pertencerá; entretanto se por qualquer acaso eu vier a morrer, quero que...

O desconhecido hesitou:

—Quero que nenhum homem possa ama-la, que nenhum homem possa gozar a felicidade suprema que ella pode dar.

—Mas como?

—Matando-a!

Ruy sentio um calafrio.

—Matando-a, para que a mesma cova receba nossos dous corpos; não sei porque, mas parece-me que ainda cadaver, o contacto desta mulher deve ser para mim um gozo immenso.

—Loredano!... exclamou seu companheiro horrorizado.

—Sois meu amigo e sereis meu herdeiro! disse o italiano agarrando-lhe convulsivamente no braço. É a minha condição; se recusais, outro aceitará o thesouro que rejetais!

O aventureiro estava em luta com dous sentimentos oppostos; mas a ambição violenta, cega, esvairada, abafou o grito fraco da consciencia.

—Jurais? perguntou Loredano.

—Juro!... respondeu Ruy com a voz estrangulada.

—Avante então!

Loredano abriu a porta do seu cubiculo, e voltou algum tempo depois trazendo uma taboa longa e estreita que collocou sobre o despenhadeiro como uma especie de ponte suspensa.

—Ides segurar esta taboa, Ruy. Entrego em vossas mãos a minha vida, e nisto dou-vos a maior prova de confiança. Basta que deixeis esta prancha mover-se para que eu me precipite sobre os rochedos.

O italiano achava-se então no mesmo lugar que na noite da chegada, algumas braças distante da janella de Cecilia, onde não podia chegar por causa do angulo que formava o rochedo e o edificio.

A taboa foi collocada na direcção da janella; a primeira vez tinha-lhe bastado o seu punhal; agora porém necessitava de um apoio seguro, e do livre movimento de seus braços. Ruy collocou-se sobre a ponta da taboa, e segurando-se a um frechai do alpendre manteve immovel sobre o precipicio essa ponte pensil em que o italiano ia arriscar-se.

Quanto a este, sem hesitar, tirou as suas armas para ficar mais leve, descalçou-se, segurou a longa faca entre os dentes, e pôz o pé sobre a prancha.

—Esperar-me-heis do outro lado, disse o italiano.

—Sim, respondeu Ruy com a voz tremula.

A razão por que a voz de Ruy tremia, era um pensamento diabolico que começava a fermentar no seu espirito. Lembrou-lhe que tinha na mão Loredano e o seu segredo; que para vêr-se livre de um e senhor do outro, bastava afastar o pé e deixar a taboa inclinar sobre o abysmo.

Entretanto hesitava; não que o remorso anticipado lhe exprobasse o crime que ia commetter; já tinha-se afundado muito no vicio e na depravação para recuar. Mas o italiano exercia sobre seus complices tal prestigio e influencia tão poderosa, que Ruy não podia mesmo nesse momento esquivar-se a elles.

Loredano estava suspenso sobre o abysmo pela sua mão; podia salva-lo ou precipital-o no despenhadeiro; e comtudo dessa posição ainda elle impunha respeito ao aventureiro.

Ruy tinha medo: não comprehendia o motivo desse terror irresistivel; mas o sentia como uma obsessão e um pesadelo.

No entanto a imagem da riqueza esplendida, brilhante, radiando galas e luzimentos, passava diante de seus olhos e o deslumbrava; um pouco de coragem, e seria o unico senhor do thesouro fabuloso, de cujo segredo era o italiano depositario.

Mas coragem é o que lhe faltava; por duas ou tres vezes o aventureiro teve um impeto de suspender-se ao frechai, e deixar a taboa rolar no abysmo; não passou de um desejo.

Venceu a final a tentação.

Teve um momento de desvario: os joelhos acurvârão-se; a taboa soffreu uma oscillação tão forte, que Ruy admirou-se como o italiano se tinha podido suster.

Então o medo desapareceu; foi substituido por uma especie de raiva e frenesi que se apoderou do aventureiro; o primeiro esforço lhe dera a ousadia, como a vista do sangue excita a féra.

Um segundo abalo mais forte agitou a taboa, que oscillou á borda do rochedo; porém não se ouviu o baque de um corpo; não se ouviu mais que o choque da madeira sobre a pedra. Ruy, desesperado, ia soltar a prancha, quando chegou-lhe ao ouvido, abafada e sumida, a voz do italiano, que apenas se percebia no silencio profundo da noite.

—Estais cansado, Ruy?... Podeis tirar a taboa: não preciso mais della.

O aventureiro ficou espavorido; decididamente esse homem era um espirito infernal que plainava sobre o abysmo, e escarnecia do perigo; um ente superiora quem a morte não podia tocar.

Elle ignorava que Loredano, com a sua previdencia ordinaria, quando entrara no seu cubiculo para tirar a prancha, tivera o

cuidado de passar por um caibro do alpendre, que era de telhavan, a ponta de uma longa corda que cahio sobre a parte de fóra da parede uma braça distante da janella de Cecilia.

Assim, apenas deo o primeiro passo sobre a ponte improvisada, o italiano mio se descuidou de estender o braço e agarrar a ponta da corda, que logo atou á cintura: então se o apoio lhe faltasse ficaria suspenso no ar, e, embora com mais difficuldade, realisaria o seu intento.

Foi por isso que os dous abalos produzidos pelo seu complice não tiveram o resultado que elle esperava; logo de primeiro, Loredano adivinhou o que se passava n'alma de Ruy, mas não querendo dar-lhe a perceber que conhecia a sua traição, servio-se de um meio indirecto para dizer-lhe que estava em segurança, e que era inutil a tentativa de precipita-lo.

A taboa não fez mais um só movimento; conservou-se immovel como se estivera solidamente pregada ao rochedo.

Loredano adiantou-se, tocou a janella da moça, e com a ponta da faca conseguiu levantar a aldraba; as gelosias abrindo-se afastarão as cortinas de cassa que vendavão o asylo do pudor e da innocencia.

Cecilia dormia envolta nas alvas roupas de seu leito; sua cabecinha loura apparecia entra as rendas finissimas sobre as quaes se desenrolavão os lindos anneis dourados de seus cabellos. O doce amortecimento de um somno calmo e sereno vendava seu rosto gracioso, como a sombra esvaecida que desmaia o semblante das virgens de Murillo; seu sorriso era apenas enlevo.

O talho de sua anagoa abrindo-se deixava entrever um collo de linhas puras, mais alvo do que a cambraia; e com a ondulação que a

respiração branda imprimia ao seu peito, desenhavão-se sob a lençaria diaphana os seios mimosos.

Tudo isto resaltava como um quadro d'entre as ondas de uma colcha de damasco azul que nas suas largas dobras moldava sobre a alvura transparente do linho os contornos harmoniosos e puros.

Havia porém nessa belleza adormecida uma expressão indefinivel, um quer que seja de tão casto e innocente, que envolvia essa menina no seu somno tranquillo e parecia afugentar della um pensamento profano.

Chegando-se á beira daquelle leito, um homem ajoelhariá antes como ao pé de uma santa, do que se animaria a tocar na ponta dessas roupagens brancas que protegião a innocencia.

Loredano aproximou-se tremendo, pallido e offegante; toda a força de sua vigorosa organisação, toda a sua vontade poderosa e irresistivel, estava ahi vencida, subjugada, diante de uma menina adormecida. O que sentio quando seu olhar ardente cahio sobre o leito, é difficil dizer, é talvez mesmo difficil de comprehender. Foi a um tempo suprema ventura e horrivel supplicio.

A paixão brutal o devorava escaldando-lhe o sangue nas veias e fazendo saltar-lhe o coração; entretanto o aspecto dessa menina que não tinha para sua defesa senão a sua castidade, o encadeava.

Sentia que o fogo queimava-lhe o seio; sentia que seus labios tinhão sêde de prazer; e a mão gelada e inerte não se podia erguer, e o corpo estava paralyzado: apenas o olhar scintillava, e as narinas dilatadas aspiravão as emanações voluptuosas de que estava impregnada a sua atmosphaera.

E a menina sorria no seu placido somno, enleando-se talvez n'algum sonho gracioso, n'algum dos sonhos azues que Deus

esparge como folhas de rosas sobre o leito das virgens.

Era o anjo em face do demonio; era a mulher em face da serpente; a virtude em face do vicio.

O italiano fez um esforço supremo, e passando a mão pelos olhos como para arrancar uma visão importuna, encaminhou-se a um bofete e acendeu uma vela de cera côm de rosa.

O aposento, até então esclarecido apenas por uma lamparina collocada sobre uma cantoneira, illuminou-se; e a imagem graciosa de Cecilia appareceu cercada de uma aureola.

Sentindo a impressão da luz sobre os olhos, a menina fez um movimento, e voltando um pouco o rosto para o lado opposto continuou o somno, que nem fôra interrompido.

Loredano passou entre o leito e a parede, e pôde então admira-la em toda a sua belleza; não se lembrava de nada mais, esquecera o mundo e seu thesouro: nem pensava no rapto que ia praticar.

A rolinha que dormia sobre a commoda no seu ninho de algodão ergueu-se e agitou as azas; o italiano, despertado por este rumor, conheceu que já era tarde e que não tinha tempo a perder.

IV NA TREVA

Alguns esclarecimentos são necessários aos acontecimentos que acabavam de passar.

Quando Loredano viu-se obrigado pela ameaça de Alvaro a partir para o Rio de Janeiro, ficou succumbido; mas, depois de alguns momentos, um sorriso diabolico tinha enrugado os seus labios.

Este sorriso era uma idéa infame que luzira no seu espirito como a flamma desses fogos perdidos que brilhão no seio das trevas em noites de grande calma.

O italiano lembrou-se que no momento em que todos o suppunhão em viagem, podia preparar a execução do seu plano que elle realisaria naquella mesma noite.

Na conversa que tivera com Ruy Soeiro transmittio-lhe as suas instrucções, breves, simples e concisas; consistião em livrarem-se dos homens que podião pôr embaraços á sua empreza.

Para isso os seus complices recebêrão ordem de quando se recolhessem para dormir, collocarem-se ao lado de cada um dos homens da banda fieis a D. Antonio de Mariz.

Naquelle tempo e naquelles lugares não era possivel que os aventureiros tivessem cada um o seu cubiculo, poucos gozavão desse privilegio, e assim mesmo erão obrigados a partilhar o seu aposento com um companheiro: os outros dormião na vasta alpendrada que occupava quasi toda essa parte do edificio.

Ruy Soeiro tinha, conforme ás instrucções de Loredano, arranjado as cousas de tal modo que naquelle momento cada um

dos aventureiros dedicados a D. Antonio de Mariz tinha a seu lado um homem que parecia adormecido, e que só esperava ouvir pronunciara senha convencionada para enterrar o seu punhal na garganta do seu companheiro.

Ao mesmo tempo havia pelos cantos da casa grandes molhos de palha secca collocados junto das portas ou mettidos pela beirada do telhado, e que só esperavão uma faísca para atear o incendio em todo o edificio.

Ruy Soeiro, com uma sagacidade e uma prudencia dignas de seu chefe, dispuzera tudo isto; parte durante o dia, e parte nas horas mortas da noite em que tudo estava recolhido.

Não se esqueceu da recommendação especial de Loredano, e offereceu-se voluntariamente a Ayres Gomes para fazer a guarda nocturna com um dos seus companheiros, visto recer-se ataque de inimigo; o digno escudeiro, que o conhecia como um dos mais valentes da banda, cahio no laço e aceitou o offerecimento.

Senhor do campo, o aventureiro pôde então acabar livremente os seus preparativos, e para mais segurança arranhou traça de ver-se livre do escudeiro, que podia de um momento para outro vir incommoda-lo.

Ayres Gomes em companhia de seu velho amigo mestre Nunes esvasiava uma botella de vinho de Valverde que elles bebião lentamente, trago a trago, para assim disfarçarem a módica porção do liquido destinado a humedecer as guelas de dous formidaveis bebedores.

Mestre Nunes applicou voluptuosamente os labios á borda do cangirão, tomou uma vez de vinho, e dando um ligeiro estalinho com a lingua no céu da bocca, repimpou-se na tripeça em que

estava sentado, cruzando as mãos sobre o seu ventre proeminente com uma beatitude celeste.

—Ora estou desde que cheguei para perguntar-vos uma cousa, amigo Ayres; e sempre a passar-me.—Não a deixeis passar agora, Nunes. Aqui me tendes para responder-vos.

—Dizei-me cá, quem é um tal que acompanhava D. Diogo, e a quem dais um diabo de nome que não é portuguez?

—Ah! Quereis fallar de Loredano? Um tunante?

—Conheceis este homem, Ayres?

—Por Deus! se elle é dos nossos!

—Quando pergunto se o conheceis, quero dizer se sabeis donde veio, quem era e o que fazia?

—Á fé que não! Appareceu-nos aqui um dia a pedir hospitalidade; e depois como sahisse um homem, ficou em lugar delle.

—E quando isto, se vos lembra?

—Esperai! Estou com os meus cincoenta e nove...

O escudeiro contou pelos dedos consultando o seu calendario, que era a sua idade.

—Foi por este tempo, ha um anno; principios de março.

—Estais bem certo? exclamou mestre Nunes.

—Certissimo: é conta que não engana. Mas que tendes?

Com effeito mestre Nunes se erguêra espantado.

—Nada! Não é possível!

—Não acreditais?

—É outra cousa, Ayres! É um sacrilegio! uma obra de Satan! uma simonia horrenda!

—Que dizeis, homem, explicai-vos lá de uma vez.

Mestre Nunes conseguiu restabelecer-se da sua perturbação, e contou ao escudeiro as suas desconfianças a respeito de Frei Angelo di Lucca e da sua morte, que nunca fôra possível explicar: notou-lhe a coincidência do desaparecimento do carmelita com o aparecimento do aventureiro, e o facto de serem da mesma nação.

—Depois, concluiu Nunes, aquella voz, aquella olhar!... Quando o vi hoje estremeci, e recuei espavorido julgando que o frade tinha sahido debaixo da terra.

Ayres Gomes levantou-se furioso, e saltando sobre o seu catre, agarrou o espadão que tinha á cabeceira.

—Que ides fazer? gritou mestre Nunes.

—Mata-lo, e desta vez ás direitas; que não torne. Esqueceis que vai longe?

—É verdade! murmurou o escudeiro rangendo os dentes de raiva.

Ouvio-se um ligeiro rumor na porta; os dous amigos o attribuirão ao vento e não se voltarão sentados em face um do outro, continuarão em voz baixa a sua conversa interrompida pela brusca revelação de Nunes.

Entretanto fôra passavão-se cousas que devião excitar a attenção do digno escudeiro. O rumor que ouvira fôra produzido pela volta que Ruy dera á chave, fechando a porta.

O aventureiro tinha ouvido todo a conversa; a principio aterrado, cobrou animo, e lembrou-se que em todo o caso era bom estar senhor do segredo do italiano para qualquer emergencia futura.

Confiado nessa excellente idéa, Ruy metteu a chave no peito do gibão, e foi reunir-se a seu companheiro que estava de vigia junto da escada.

Esperava por Loredano, que devia entrar na casa alta noite, para dirigir toda essa trama que havia urdido com uma intelligencia superior.

O italiano tinha facilmente illudido a D. Diogo de Mariz; sabia que o ardente cavalheiro ia de rota batida, e que não se demoraria em caminho por motivo algum.

A tres leguas do Paquequer, inventou um pretexto de ter-se quebrado a cilha de sua cavalgadura, e parou para arranja-la; emquanto D. Diogo e seus companheiros pensavão que os seguia de perto, elle tinha voltado sobre os passos, e escondido nas vizinhanças esperava que a noite se adiantasse.

Quando percebeu que tudo estava em silencio aproximou-se; trocou o signal convencionado, que era o canto da coruja; e introduzio-se furtivamente na habitação.

O mais já vimos. Sabendo que tudo estava preparado e prompto ao primeiro signal, Loredano deo começo á execução de seu projecto, e conseguiu penetrar no quarto de Cecilia.

Tomar a menina nos braços, raptá-la, atravessar a esplanada, chegar á porta da alpendrada, e pronunciar a senha convencionada, era cousa que elle contava realisar n'um momento.

Quando Cecilia, arrancada de seu leito, lançasse um grito que elle não podesse abafar, isto pouco lhe importava; antes que alguém despertasse teria chegado ao outro lado, e então a uma palavra sua o fogo e o ferro virião em seu soccorro.

Ruy lançaria a chamma á palha preparada para este fim; e a faca de cada um dos seus complices se enterraria na gorja dos homens adormecidos.

Depois no meio desse horror e confusão, os vinte demonios acabariam a sua obra, e fugiriam como os máos espiritos das lendas antigas, quando a primeira luz da alvorada terminava o *sabbat* infernal.

Ião ao Rio de Janeiro; ahi, ligados todos por um mesmo laço do crime, por um mesmo perigo e uma só ambição, Loredano contava ter nelles agentes fieis e dedicados para levar ao cabo a sua empreza.

Emquanto a traição solapava assim o socego, a felicidade, a vida e a honra desta familia, todos dormião tranquilllos e descuidados; nem um presentimento os vinha advertir da desgraça que os ameaçava.

Loredano, graças á sua agilidade e á sua força, tinha conseguido chegar até ao leito da menina, sem que o menor rumor trahisse a sua presença, sem que na habitação alguém tivesse podido perceber o que se passava.

Certo pois do bom resultado, o italiano advertido pela innocente avezinha, que não sabia o mal que fazia, cuidou em consummar a sua obra. Abrio a commoda de Cecilia, tirou roupas de sedas e linho e fez de tudo isto um embrulho tão pequeno quanto era possivel; depois envolveu-o em uma das pelles que servião de tapete, e collocou n'uma cadeira, a geito de o poder apanhar com facilidade.

Era cousa original o pensamento deste homem. Ao passo que commettia um crime, tinha a lembrança delicada de querer suavisar a desgraça da menina fazendo que nada lhe faltasse na viagem incommoda que tinha de fazer.

Quando tudo estava preparado abriu a portinha que dava para o jardim, e estudou o caminho que tinha de seguir. Era preciso; porque apenas tomasse Cecilia nos braços devia partir e chegar d'uma só corrida direita, rápida e cega.

A porta ficava n'um canto do aposento, defronte do vão que havia entre o leito e a parede; collocado neste lugar, não tinha senão um movimento a fazer, agarrar a menina e lançar-se fóra do aposento.

Na ocasião em que elle se aproximava ouviu-se um gemido, quasi um suspiro, abafado e cheio de angustia.

Os cabellos irriçarão-se sobre a fronte do italiano; gotas de suor frio e gelado sulcárão as suas faces pallidas e contrahidas.

A pouco e pouco foi sahindo do estupor que o paralyzára, e volvendo lentamente ao redor de si uns esgares d'olhos allucinados.

Nada! Nem um insecto parecia acordado na solidão profunda da noite em que tudo dormia excepto o crime, o verdadeiro duende da terra, o máo genio das crenças de nossos pais.

Tudo estava em socego; até o vento parecia se ter abrigado no calice das flôres e adormecido neste berço perfumado, como n'um regaço de amante.

O italiano restabeleceu-se do violento abalo que soffrêra, deo um passo, e inclinou-se sobre o leito.

Cecilia sonhava neste momento.

Seu rosto esclareceu-se com uma expressão de alegria angelica; sua mãozinha, que repousava aninhada entre os seios, moveu-se com a indolencia e a molteza do somno, e recahiu sobre a face.

A pequena cruz de esmalte que tinha ao collo e que estava agora presa entre os dedos da mão roçou-lhe os labios; e uma musica

celeste escapou-se, como se Deus tivesse vibrado uma das cordas de sua harpa àolis.

Foi a principio um sorriso que adejou-lhe nos labios; depois o sorriso colheu as azas e formou um beijo por fim o beijo entreabriu-se como uma flôr e exhalou um suspiro perfumado.

—Pery!

O collo arfou docemente, e a mão descachando foi de novo aninhar-se entre o talho da sua anagoa de cambraia.

O italiano ergueu-se pallido.

Não se animava a tocar naquelle corpo tão casto, tão puro; não podia fitar aquella physionomia radiante de innocencia e de candura.

Mas o tempourgia.

Fez um esforço supremo sobre si mesmo; firmou o joelho na bordado leito, fechou os olhos, estendeu as mãos.

V DEOS DISPÕE

O braço de Loredano estendeu-se sobre o leito; porém a mão que se adiantava e ia tocar o corpo de Cecilia estacou no meio do movimento, e subitamente impellida foi bater de encontro á parede.

Uma setta, que não se podia saber d'onde vinha, atravessara o espaço com a rapidez de um raio, e antes que se ouvisse o sibillo forte e agudo pregára a mão do italiano no muro do aposento.

O aventureiro vacillou, e abateu-se por detrás da cama; era tempo, porque uma segunda setta, despedida com a mesma força e a mesma rapidez, cravava-se no lugar onde ha pouco se projectava a sombra de sua cabeça.

Passou-se então ao redor da innocente menina adormecida na isenção de sua alma pura uma scena horrivel, porém silenciosa.

Loredano nos transe da dôr por que passava comprehendêra o que succedia; tinha adivinhado naquella setta que o ferira a mão de Pery; e sem ver, sentia o indio aproximar-se terrivel de odio, de vingança, de colera e desespero pela offensa que acabava de soffrer sua senhora.

Então o reprobó teve medo; erguendo-se sobre os joelhos arrancou convulsivamente com os dentes a setta que pregava sua mão á parede, e precipitou-se para o jardim, cego, louco e delirante.

Nesse mesmo instante, dous segundos talvez depois que a ultima flecha cahira no aposento, a folhagem do oleo que ficava fronteiro á janella de Cecilia agitou-se e um vulto embalançando-se sobre o

abysmo, suspenso por um fragil galho da arvore, veio cahir sobre o peitoril.

Ahi agarrando-se á hobreira saltou dentro do aposento com uma agilidade extraordinaria; a luz dando em cheio sobre elle desenhou o seu corpo flexivel e as suas fórmãs esbeltas.

Era Pery.

O indio avançou-se para o leito, e vendo sua senhora salva respirou; com effeito a menina, a meio despertada pelo rumor da fugida de Loredano, voltára-se do outro lado e continuára o somno forte e reparador como é sempre o somno da juventude e da innocencia.

Pery quiz seguir o italiano e mata-lo, como já tinha feito aos seus dous complices; mas resolveu não deixar a menina exposta a um novo insulto, como o que acabava de soffrer, e tratou antes de velar sobre sua segurança e socego.

O primeiro cuidado do indio foi apagar a vela, depois fechando os olhos aproximou-se do leito e com uma delicadeza extrema puxou a colcha de damasco azul até ao collo da menina.

Parecia-lhe uma profanação que seus olhos admirassem as graças e os encantos que o pudor de Cecilia trazia sempre vendados; pensava que o homem que uma vez tivesse visto tanta belleza, nunca mais devia ver a luz do dia.

Depois desse primeiro desvelo, o indio restabeleceu a ordem no aposento; deitou a roupa na commoda, fechou a gelosia e as abas da janella, lavou as nodoas de sangue que ficarão impressas na parede e no soalho; e tudo isto com tanta solitudine, tão subtilmente, que não perturbou o somno da menina.

Quando acabou o seu trabalho, aproximou-se de novo do leito, e á luz frouxa da lamparina contemplou as feições mimosas e encantadoras de Cecilia.

Estava tão alegre, tão satisfeito de ter chegado a tempo de salva-la de uma offensa e talvez de um crime; era tão feliz de vê-la tranquilla e risonha sem ter soffrido o menor susto, o mais leve abalo, que sentio a necessidade de exprimir-lhe por algum modo a sua ventura.

Nisto seus olhos abaixando-se descobrirão sobre o tapete da cama dous pantufos mimosos forrados de setim e tão pequeninos que parecião feitos para os pés de uma criança; ajoelhou e beijou-os com respeito, como se forão reliquia sagrada.

Erão então perto de quatro horas; pouco tardava para amanhecer; as estrellas já ião se apagando a uma e uma; e a noite começava a perder o silencio profundo da natureza quando dorme.

O indio fechou por fóra a porta do quarto que dava para o jardim, e mettendo a chave na cintura, sentou-se na soleira como o cão fiel que guarda a casa de seu senhor, resolvido a não deixar ninguem aproximar-se.

Ahi reflectio sobre o que acabava de passar; e accusava-se a si mesmo de ter deixado o italiano penetrar no aposento de sua senhora; Pery, porém calumniava-se, porque só a Providencia podia ter feito nesta noite mais do que elle; porque tudo quanto era possivel á intelligencia, á coragem, á sagacidade e á força do homem, o indio havia realisado.

Depois da partida de Loredano, e da conversa que teve com Alvaro, certo de que sua senhora já não corria perigo, e de que os dous complices do italiano ião ser expulsos como elle, o indio não

pensando mais senão no ataque dos Aymorés partio immediatamente.

O seu pensamento era ver se descobrisse pelas vizinhanças do *Paquequer* indícios da passagem de alguma tribo da grande raça guarany a que elle pertencia; seria um amigo e um alliado para D. Antonio de Mariz.

O odio inveterado que havia entre as tribus da grande raça e a nação degenerada dos Aymorés, justificava a esperança de Pery; mas infelizmente, tendo percorrido todo o dia a floresta, não encontrou o menor vestigio do que procurava.

O fidalgo estava pois reduzido ás suas proprias forças; mas embora fossem estas pequenas, o indio não desanimou; tinha consciencia de si; e sabia que na ultima extremidade a sua dedicação por Cecilia lhe inspiraria meios de salvar a ella e a tudo que ella amava.

Voltou á casa já noite fechada: foi ter com Alvaro; perguntou-lhe o que era feito dos dous aventureiros; o cavalheiro disse-lhe que D. Antonio de Mariz recusára crer na accusação.

De facto, o fidalgo leal, habituado ao respeito e á fidelidade de seus homens, não admittia que se concebesse uma suspeita sem provas; entretanto, como a palavra de Pery tinha para elle toda a valia, ficára de ouvir de sua bocca a narração do que presenciára, para conhecer o peso que devia dar a semelhante accusação.

Pery retirou-se inquieto e arrependido de não ter persistido no seu primeiro projecto; emquanto estes dous homens que elle já suppunha expulsos estivessem ali, sabia que um perigo pairava sobre a casa.

Assim resolveu não dormir; tomou o seu arco e sentou-se na porta de sua cabana; apesar de possuir a clavina que lhe dera D. Antonio, o arco era a arma favorita de Pery; não demandava tempo para carregar; não fazia o menor estrepito; lançava quasi instantaneamente dous, tres tiros: e sua flecha era tão terrivel e tão certa como a bala.

Passado muito tempo o indio ouvio cantar uma coruja do lado da escada; esse canto causou-lhe estranheza por duas razões: a primeira, porque era mais sonoro do que é o cacarejar daquella ave agoureira; a segunda, porque em vez de partir do cimo de uma arvore sahia do chão.

Esta reflexão o fez levantar; desconfiou da coruja que tinha habitos differentes de suas companheiras; quiz conhecer a razão desta singularidade.

Viu do outro lado da esplanada tres vultos que atravessavão ligeiramente; isto augmentou a sua desconfiança; os homens de vigia erão ordinariamente dous e não tres.

Seguiu-os de longe; mas quando chegou ao pateo, não viu senão um dos homens que entrava na alpendrada; os outros tinham desaparecido.

Pery procurou-os por toda parte e não os viu; estavam occultos pelo pilar que se elevava na ponta do rochedo, e não lhe era possivel descobri-los.

Suppondo que tivessem tambem entrado no alpendre, o indio agachou-se e penetrou no interior; de repente a sua mão tocou uma lamina fria que conheceu immediatamente ser a folha de um punhal.

—És tu, Ruy? perguntou uma voz sumida.

Pery emmudeceu; mas de chofre aquelle nome de Ruy lembrou-lhe Loredano e o seu projecto; percebeu que se tramava alguma cousa: e tomou um partido.

—Sim! respondeu com a voz quasi imperceptivel.

—Já é hora?

—Não.

—Todos dormem.

Emquanto trocavão essas duas perguntas, a mão de Pery correndo pela lamina de aço tinha conhecido que outra mão segurava o cabo do punhal.

O indio sahio do alpendre, e dirigio-se ao quarto de Ayres Gomes; a porta estava fechada, e junto della tinhão collocado um grande montão de palha.

Tudo isto denunciava um plano prestes a realizar-se; Pery comprehendia, e tinha medo de já não ser tempo para destruir a obra dos inimigos.

Que fazia aquelle homem deitado que fingia dormir, e que tinha o punhal desembainhado na mão como se estivesse prompto a ferir? Que significava aquella pergunta da hora e aquelle aviso de que todos dormião? Que queria dizer a palha encostada á porta do escudeiro?

Não restava duvida; havia ali homens que esperavão um signal para matarem seus companheiros adormecidos, e deitarem fogo á casa; tudo estava perdido se o plano não fosse immediatamente destruido.

Cumpria acordar os que dormião, preveni-los do perigo que corrião, ou ao menos prepara-los para se defenderem e escaparem

de uma morte certa e inevitável.

O índio agarrou convulsamente a cabeça com as duas mãos como se quizesse arrancar a força de seu espírito agitado e em desordem um pensamento salvador. Seu largo peito dilatou-se; uma idéia feliz luzira de repente na confusão de tantos pensamentos encontrados que fermentavam no cérebro, e reanimára sua coragem e força.

Era uma idéia original.

Pery lembrára-se que o alpendre estava cheio de grandes talhas e vasos enormes contendo água potável, vinhos fermentados, licores selvagens de que os aventureiros faziam sempre uma ampla provisão.

Correu de novo ao saguão, e encontrando a primeira talha tirou a torneira; o líquido começou a derramar-se pelo chão; ia passar a segunda quando a voz, que já lhe tinha fallado, soou de novo, baixa mas ameaçadora.

—Quem vai lá?...

Pery comprehendeu que a sua idéa ia ficar sem effeito, e talvez não servisse senão de apresar o que elle queria evitar.

Não hesitou pois; e quando o aventureiro que fallava erguia-se, sentio duas tenazes vivas que cahião sobre o seu pescoço e o estrangulavam como uma golilha de ferro, antes que podesse soltar um grito.

O índio deitou o corpo hirto sobre o chão sem fazer o menor rumor, e consumou a sua obra; todas as talhas do alpendre esvasiavam-se a pouco e pouco e inundavam o chão.

Dentro de um segundo a frialdade acordaria todos os homens adormecidos, e os obrigaria a sahir do alpendre; era o que Pery

esperava.

Livre do maior perigo, o indio rodeou a casa para ver se tudo estava em socego; e teve então occasião de notar que por todo o edificio tinham Aposto feixes da palha para atear um incendio.

Pery inutilizando estes preparativos, chegou ao canto da casa que ficava defronte de sua cabana; parecia procurar alguém. Ahi ouviu a respiração offegante de um homem cosido com a parede junto do jardim de Cecilia.

O indio tirou a sua faca; a noite estava tão escura que era impossivel descobrir a menor sombra, o menor vulto entre as trevas.

Mas elle conheceu Ruy Soeiro.

Pery tinha o ouvido subtil e delicado, e o faro do selvagem que dispensa a vista; o som da respiração servia-lhe de alvo; escutou um momento, ergueu o braço, e a faca enterrando-se na bocca da victima cortou-lhe a garganta.

Nem um gemido escapou da massa inerte que se estorceu um momento e quedou de encontro ao muro.

Pery apanhou o arco que encostára á parede, e voltando-se para lançar um olhar sobre o quarto de Cecilia, estremeceu.

Acabava de ver pela soleira da porta o reflexo vivo de uma luz; e logo depois sobre a folhagem do oleo um clarão que indicava estar a janella aberta.

Ergueu os braços com um desespero e uma angustia inexprimivel; estava a dous passos de sua senhora e entretanto um muro e uma porta o separavão delia, que talvez áquella hora corria um perigo imminente.

Que ia fazer? Precipitar-se de encontro a essa porta quebra-la, espedaça-la? Mas podia aquella luz não significar cousa alguma, e a janella ter sido aberta por Cecilia.

Este ultimo pensamento tranquillizou-o, tanto mais quando nada revelava a existencia de um perigo, quando tudo estava em socego no jardim e no quarto da menina.

Lançou-se para a cabana, e segurando-se ás folhas da palmeira galgou o ramo do oleo, e aproximou-se para ver porque sua senhora estava acordada áquella hora.

O espectáculo que se apresentou diante de seus olhos fez correr-lhe um calafrio pelo corpo; a gelosia aberta deixou-lhe ver a menina adormecida, e o italiano que tendo aberto a porta do jardim dirigia-se ao leito.

Um grito de desespero e de agonia ia romper-lhe do seio; mas o indio mordendo os labios com força reprimio a voz, que se escapou apenas n'um som rouco e plangente. Então prendendo-se á arvore com as pernas, o indio estendeu-se ao longo do galho e esticou a corda do arco.

O coração batia-lhe violentamente; e por um momento o seu braço tremeu só com a idéa de que a sua flecha tinha de passar perto de Cecilia.

Quando porém a mão do italiano se adiantou e ia tocar o corpo da menina, não pensou, não viu mais nada senão esses dedos prestes a mancharem com o seu contacto o corpo de sua senhora, não se lembrou senão dessa horrivel profanação.

A flecha partio rapida, prompta, e veloz como o seu pensamento; a mão do italiano estava pregada ao muro.

Foi só então que Pery reflectio que teria sido mais acertado ferir essa mão na fonte da vida que a animava; fulminar o corpo a que pertencia esse braço: a segunda setta partio sobre a primeira, e o italiano teria deixado de existir se a dôr não o obrigára a curvar-se.

VI REVOLTA

Quando Pery acabou de reflectir sobre o que passara ergueu-se, abriu de novo a porta, fechou-a por dentro, e seguiu pelo corredor que ia do quarto de Cecilia ao interior da casa.

Estava tranquillo sobre o futuro; sabia que Bento Simões e Ruy Soeiro não o incomodariam mais, que o italiano não lhe podia escapar, e que áquella hora todos os aventureiros devião estar acordados; mas julgou prudente prevenir D. Antonio de Mariz do que occorria.

A este tempo Loredano já tinha chegado á alpendrada, onde o esperava uma nova e terrivel surpresa, uma ultima decepção.

Lançando-se do quarto de Cecilia, sua intenção era ganhar o fundo da casa, pronunciar a senha convencionada, e senhor do campo voltar com seus complices, raptar a menina, e vingar-se de Pery.

Mal sabia porém que o indio tinha destruido toda a sua machinação; chegando ao pateo viu o alpendre illuminado por fachos, e todos os aventureiros de pé cercando um objecto que não pôde distinguir.

Aproximou-se e descobriu o corpo de seu complice Bento Simões, que jazia no chão alagado do pavimento: o aventureiro tinha os olhos saltados das orbitas, a lingua sahida da bocca, o pescoço cheio de contusões; todos os signaes emfim de uma estrangulação violenta.

De livido que estava o italiano tornou-se verde; procurou com os olhos a Ruy Soeiro e não o viu; decididamente o castigo da Providencia cahia sobre as suas cabeças, conheceu que estava irremediavelmente perdido, e que só a audacia e o desespero o podião salvar.

A extremidade em que se achava inspirou-lhe uma idéa digna delle: ia tirar partido para seus fins daquelle mesmo facto que parecia destrui-los; ia fazer do castigo uma arma de vingança.

Os aventureiros espantados sem comprehenderem o que vião, olhãõ-se e murmura vãõ em voz baixa fazendo supposições sobre a morte do seu companheiro. Uns despertados de sobresalto pela agua que corria das talhas, outros que não dormião apenas admirados, se havião erguido, e no meio de um côro de imprecações e blasphemias acendêrão fachos para ver a causa daquella inundaçãõ.

Foi então que descobrirão o corpo de Bento Simões, e ficarão ainda mais surpresos; os complices temendo que aquillo não fosse um começo de punição, os outros indignados pelo assassinato de seu companheiro.

Loredano percebeu o que passava no espirito dos aventureiros:

—Não sabeis o que significa isto? disse elle.

—Oh! não! explicai-nos! exclamarão os aventureiros.

—Isto significa, continuou o italiano, que ha nesta casa uma vibora, uma serpente que nós alimentamos no nosso seio, e que nos morderá a todos com o seu dente envenenado.

—Como?... Que quereis dizer?... Fallai!...

—Olhai, disse o frade apontando para o cadaver e mostrando a sua mão ferida; eis a primeira victima, e a segunda que escapou por um milagre; a terceira... Quem sabe o que é feito de Ruy Soeiro?

—É verdade!... Onde está Ruy? disse Martim Vaz.

—Talvez morto tambem!

—Depois d'elle virá outro e outro até que sejamos exterminados um por um; até que todos os christãos tenham sido sacrificados.

—Mas por quem?... Dizei o nome do vil assassino! É preciso um exemplo! O nome!...

—E não adivinhais? respondeu o italiano. Não adivinhais quem nesta casa póde desejar a morte dos brancos, e a destruição da nossa religião? Quem senão o herege, o gentio, o selvagem traidor e infame?

—Pery?... exclamarão os aventureiros.

—Sim, esse indio que conta assassinar-nos a todos para saciar a sua vingança!

—Não ha de ser assim como dizeis, eu vos juro, Loredano! exclamou Vasco Affonso.

—Bofé! gritou outro, deixai isto por minha conta. Não vos dê cuidado!

—E não passa desta noite. O corpo de Bento Simões pede justiça.

—E justiça será feita.

—Neste mesmo instante.

—Sim; agora mesmo. Eia! Segui-me.

Loredano ouvia estas exclamações rapidas que denunciavão como a exacerbação ia lavrando com intensidade; quando porém os aventureiros quizerão lançar-se em procura do indio, elle os conteve com um gesto.

Não lhe convinha isto; a morte de Pery era cousa accidental para elle; o seu fim principal era outro, e esperava consegui-lo facilmente.

—O que ides fazer? perguntou imperativamente aos seus companheiros.

Os aventureiros ficarão pasmados com semelhante pergunta.

—Ides mata-lo?...

—Mas de certo!

—E não sabeis que não podereis fazê-lo? Que elle é protegido, amado, estimado por aquelles que pouco se importão se morremos ou vivemos?

—Seja embora protegido, quando é criminoso...

—Como vos illudis! Quem o julgará criminoso? Vós? Pois bem; outros o julgarão innocente e o defenderão; e não tereis remedio senão curvar a cabeça e calar-vos.

—Oh! isso é de mais!

—Julgais que somos alimarias que se podem matar impunemente! retrucou Martim Vaz.

—Sois peiores que alimarias; sois escravos!

—Por São Braz, tendes razão, Loredano.

—Vereis morrer vossos companheiros assassinados infamemente, e não podereis vinga-los; e sereis obrigados a tragar até as vossas queixas, porque o assassino é sagrado! Sim, não o podereis tocar, repita.

—Pois bem; eu vo-lo mostrarei!

—E eu! gritou toda a banda.

—Qual é vossa tenção? perguntou o italiano.

—A nossa tenção é pedirmos a D. Antonio de Mariz que nos entregue o assassino de Bento.

—Justo! E se elle recusar, estamos desligados do nosso juramento e faremos justiça pelas nossas mãos.

—Procedeis como homens de brio e pundonor: liguemo-nos todos e vereis que obteremos reparação; mas para isto é preciso firmeza e vontade. Não percamos tempo. Quem de vós se incumbe de ir como parlamentar a D. Antonio?

Um aventureiro dos mais audazes e turbulentos da banda offereceu-se: chamava-se João Feio.

—Serei eu!

—Sabeis o que lhe deveis dizer?

—Oh! ficai descansado. Ouvirá boas!

—Ides já?

—Neste instante.

Uma voz calma, sonora e de grave entonação, uma voz que fez estremecer todos os aventureiros, soou na entrada do alpendre:

—Não é preciso irdes, pois que vim. Aqui me tendes.

D. Antonio de Mariz, calmo e impassível, adiantou-se até o meio do grupo, e cruzando os braços sobre o peito, voltou lentamente pelos aventureiros o seu olhar severo.

O fidalgo não tinha uma só arma; e entretanto o aspecto de sua physionomia venerável, a firmeza de sua voz e a altivez de seu gesto nobre bastarão para fazer curvar a cabeça de todos esses homens que ameaçavam.

Advertido por Pery dos acontecimentos que tinham tido lugar naquella noite, D. Antonio de Mariz ia sahir, quando apparecerão Alvaro e Ayres Gomes.

O escudeiro, que depois de sua conversa com mestre Nunes tinha adormecido, fôra despertado de repente pelas imprecações e gritos que soltavão os aventureiros quando a agua começou a invadir as esteiras em que esta vão deitados.

Admirado desse rumor extraordinario, Ayres bateu o fuzil, acendeu a vela, e dirigio-se para a porta para conhecer o que perturbava o seu somno: a porta, como sabemos, estava fechada e sem chave.

O escudeiro esfregou os olhos para certificar-se do que via, e acordando Nunes, perguntou-lhe quem tomara aquella medida de precaução: seu amigo ignorava como elle.

Nesse momento ouvia-se a voz do italiano que excitava os aventureiros á revolta; Ayres Gomes percebeu então do que se tratava.

Agarrou mestre Nunes, encostou-o á parede como se fosse uma escada, e sem dizer palavra trepou do catre sobre os seus hombros, e levantando as telhas com a cabeça enfiou por entre as ripas dos caibros.

Apenas ganhou o telhado, o escudeiro pensou no que devia fazer; e assentou que o verdadeiro era dar parte a Alvaro e ao fidalgo, a quem cabia tomar as providencias que o caso pedia.

D. Antonio de Mariz sem se pertubar ouviu a narração do escudeiro, como tinha ouvido a do indio.

—Bem, meus amigos! sei o que me cumpre fazer. Nada de rumor; não perturbemos o socego da casa; estou certo que isto passará. Esperai-me aqui.

—Não posso deixar que vos arrisqueis só, disse Alvaro dando um passo para segui-lo.

—Ficai; vós e esses dous amigos dedicados velareis sobre minha mulher, Cecilia e Isabel. Nas circumstancias em que nos achamos, assim é preciso.

—Consenti ao menos que um de nós vos acompanhe?

—Não, basta a minha presença; enquanto que aqui todo o vosso valor e fidelidade não bastão para o thesouro que confio á vossa guarda.

O fidalgo tomou o seu chapéo, e poucos momentos depois apparecia imprevisamente no meio dos aventureiros, que tremulos, cabisbaixos, corridos de vergonha, não ousavão proferir uma palavra.

—Aqui me tendes! repetio o cavalheiro. Dizei o que quereis de D. Antonio de Mariz, e dizei-o claro e breve. Se fôr de justiça, sereis satisfeitos; se fôr uma falta, tereis a punição que merecerdes.

Nem um dos aventureiros ousou levantar os olhos; todos emmudecêrão.

—Calais-vos?... Passa-se então aqui alguma cousa que não vos atreveis a revelar? Acaso ver-me-hei obrigado a castigar severamente um primeiro exemplo de revolta e desobediencia? Fallai? Quero saber o nome dos culpados!

O mesmo silencio respondeu ás palavras firmes e graves do velho fidalgo.

Loredano hesitava desde o principio desta scena; não tinha a coragem necessaria para apresentar-se em face de D. Antonio; mas tambem sentia que se elle deixasse as cousas marcharem pela maneira por que ião, estava infallivelmente perdido.

Adiantou-se:

—Não ha aqui culpados, Sr. D. Antonio de Mariz, disse o italiano animando-se progressivamente; ha homens que são tratados como cães; que são sacrificados a um capricho vosso, e que estão resolvidos a reivindicarem os seus fóros de homens e de christãos!

—Sim! gritarão os aventureiros reanimando-se. Queremos que se respeite a nossa vida!

—Não somos escravos!

—Obedecemos, mas não nos captivamos.

—Valemos mais que um herege!

—Temos arriscado a nossa existência para defender-vos!

D. Antonio ouviu impassivel todas estas exclamações que ião subindo gradualmente ao tom da ameaça.

—Silencio, vilões! Esqueceis que D. Antonio de Mariz ainda tem bastante força para arrancar a lingua que o pretendesse insultar! Miseraveis, que lembrais o dever como um beneficio! Arriscastes a

vossa vida para defender-me?... E qual era vossa obrigação, homens que vendeis o vosso braço e sangue ao que melhor paga. Sim! Sois menos que escravos, menos que cães, menos que feras! Sois traidores infames e refeces!... Mereceis mais do que a morte; mereceis o desprezo.

Os aventureiros, cuja raiva fermentava surdamente, não se contiverão mais; das palavras de ameaça passarão ao gesto.

—Amigos! gritou Loredano aproveitando habilmente o ensejo. Deixareis que vos insultem atrozmente, que vos cuspiam o desprezo na cara? E por que motivo!...

—Não! Nunca! vociferarão os aventureiros furiosos.

Desembainhando as adagas estreitarão o circulo ao redor de D. Antonio de Mariz; era uma confusão de gritos, injurias, ameaças, que corria por todas as boccas, enquanto os braços suspensos hesitavam ainda em lançar o golpe.

D. Antonio de Mariz, sereno, magestoso, calmo, olhava todas essas physionomias decompostas com um sorriso de escarneo; e sempre altivo e sobranceiro, parecia sob os punhaes que o ameaçavam, não a victima que ia ser immolada, mas o senhor que mandava.

VII

OS SELVAGENS

Os aventureiros com o punhal erguido ameaçavam; mas não se animavam a romper o estreito circulo que os separava de D. Antonio de Mariz.

O respeito, essa força moral tão poderosa, dominava ainda a alma daquelles homens cegos pela cólera e pela exaltação; todos esperavam que o primeiro ferisse; e nem um tinha a coragem de ser o primeiro.

Loredano conheceu que era necessario um exemplo; o desespero de sua posição, as paixões ardentes que tumultuavam em seu coração, derão-lhe o delirio que supprime o valor nas circumstancias extremas.

O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo ás cegas, ergueu a mão para desfechar o golpe.

O fidalgo com um gesto nobre afastou o seio do gibão, e descobriu o peito; nem um tremor imperceptivel agitou os musculos de seu rosto; sua fronte alta conservou a mesma serenidade; o seu olhar limpido e brilhante não se turvou.

Tal era a influencia magnetica que exercia essa coragem nobre e altiva, que o braço do italiano tremeu, e a ponta do ferro tocando a vestia do fidalgo paralisou os dedos hirtos do assassino.

D. Antonio sorriu com desdem; e abaixando a sua mão fechada sobre o alto da cabeça de Loredano, abateu-o a suas plantas como

uma massa bruta e inerte: então erguendo a ponta do pé á frente do italiano, o estendeu de costas sobre o pavimento.

O baque do corpo no chão echoou no meio de um silencio profundo; todos os aventureiros, mudos e estaticos, pareião querer sumir-se pelo seio da terra.

—Abaixai as armas, miseraveis! O ferro que ha de ferir o peito de D. Antonio de Mariz não será manchado pela mão cobarde e traiçoeira de vis assassinos! Deus reserva uma morte justa e gloriosa áquelles que vivêrão uma vida honrada!

Os aventureiros aturdidos embainhárão machinalmente os punhaes; aquella palavra sonora, calma e firme tinha um accento tão imperativo, uma tal força de vontade, que era impossivel resistir.

—O castigo que vos espera ha de ser rigoroso; não deveis contar com a clemencia nem com o perdão: quatro d'entre vós á sorte soffrerão a pena de homizio; os outros farão o officio dos executores da alta justiça. Bem vêdes que tanto a pena como o officio são dignos de vós!

O fidalgo pronunciou estas palavras com um soberano desprezo, e encarou os aventureiros como para ver se d'entre elles partia alguma reclamação, algum murmurio de desobediencia; mas todos esses homens, ha pouco furiosos, estavam agora humildes, e cabisbaixos.

—Dentro de uma hora, continuou o cavalheiro apontando para o corpo de Loredano, este homem será justicado á frente da banda; para elle não ha julgamento; eu o condemno como pai, como chefe, como um homem que mata o cão ingrato que o morde. É ignobil de mais para que o toque com as minhas armas; entrego-o ao barão e ao cutelo.

Com a mesma impassibilidade e o mesmo socego que conservava desde o momento em que apparecêra imprevisitamente, o velho fidalgo atravessou por entre os aventureiros immoveis e respeitosos, e caminhou para a sahida.

Ahi voltou-se; e levando a mão ao chapéo descobrio a sua bella cabeça encanecida, que destacava sobre o fundo negro da noite e no meio do clarão avermelhado das tochas com um vigor de colorido admiravel.

—Se algum de vós der o menor signal de desobediencia; se uma das minhas ordens não fôr cumprida prompta e fielmente; eu, D. Antonio de Mariz, vos juro por Deus e pela minha honra, que desta casa não sahirá um homem vivo. Sois trinta; mas a vossa vida, de todos vós, tenho-a na minha mão; basta-me um movimento para exterminar-vos, e livrar a terra de trinta assassinos.

No momento em que o fidalgo ia retirar-se appareceu Alvaro pallido de emoção, mas brilhante de coragem e indignação.

—Quem se animou aqui a erguer a voz para D. Antonio de Mariz? exclamou o moço.

O velho fidalgo sorrindo com orgulho pôz a mão no braço do cavalheiro.

—Não vos occupeiis disto, Alvaro; sois bastante nobre para vingar uma affronta desta natureza, e eu bastante superior para não ser offendido por ella.

—Mas, senhor, cumpre que se dê um exemplo!

—O exemplo vai ser dado, e como cumpre. Aqui não ha senão culpados e executores da pena. O lugar não vos compete. Vinde!

O moço não resistio, e acompanhou D. Antonio de Mariz, que se dirigio lentamente á sala, onde achou Ayres Gomes.

Quanto a Pery, voltára ao jardim de Cecilia, decidido a defender sua senhora contra o mundo inteiro.

O dia vinha rompendo.

O fidalgo chamou Ayres Gomes e entrou com elle no seu gabinete de armas, onde tiverão uma longa conferencia de meia hora.

O que ahi se passou ficou um segredo entre Deus e estes dous homens; apenas Alvaro notou, quando a porta do gabinete se abriu, que D. Antonio estava pensativo, e o escudeiro livido como um morto.

Neste momento ouvio-se um pequeno rumor na entrada da sala; quatro aventureiros parados, immoveis, esperavão uma ordem do fidalgo para se aproximarem.

D. Antonio fez-lhes um signal; e elles vierão ajoelhar-se a seus pés; as lagrimas rolavão por essas faces queimadas pelo sol; e a palavra tremia balbuciando nesses labios pallidos que ha instantes vomitavão ameaças:

—Que significa isto? perguntou o cavalheiro com severidade.

Um dos aventureiros respondeu:

—Vimo-nos entregar em vossas mãos, preferimos appellar para o vosso coração do que recorrer ás armas para escaparmos á punição de nossa falta.

—E vossos companheiros? replicou o fidalgo.

—Deus lhes perdoe, senhor, a enormidade do crime que vão commetter. Depois que vos retirastes tudo mudou; preparam-se

para atacar-vos!

—Que venhão, disse D. Antonio, eu os receberei. Mas vós porque não os acompanhais? Não sabeis que D. Antonio de Mariz perdoa uma falta, mas nunca uma desobediencia?

—Embora, disse o aventureiro que fallava em nome de seus camaradas; aceitaremos de bom grado o castigo que nos impozerdes. Mandai, que obedeceremos. Somos quatro contra vinte e tantos; dai-nos essa punição de morrer defendendo-vos, de reparar pela nossa morte um momento de hallucinação!... É a graça que vos pedimos!

D. Antonio olhou admirado os homens que estavam ajoelhados a seus pés; e reconheceu nelles os restos dos seus antigos companheiros de armas no tempo em que o velho fidalgo combatia os inimigos de Portugal.

Sentio-se commovido; sua alma grande, inabalavel no meio do perigo, orgulhosa em face da ameaça, deixava-se facilmente dominar pelos sentimentos nobres e generosos.

Essa prova de fidelidade que davão aquelles quatro homens na occasião da revolta geral dos seus companheiros; a acção que acabavão de praticar, e o sacrificio com que desejavão expiar a sua falta, elevou-os no espirito do fidalgo.

—Erguei-vos. Reconheço-vos!... Já não seis os traidores que ha pouco reprehendi; sois os bravos companheiros que pelejastes a meu lado; o que fazeis agora esquece o que fizestes ha uma hora. Sim!... Mereceis que morramos juntos, combatendo ainda uma vez na mesma fileira. D. Antonio de Mariz vos perdoa. Podeis levantar a cabeça e trazê-la alta!

Os aventureiros erguerão-se radiantes do perdão que o nobre fidalgo tinha lançado sobre suas cabeças; todos elles estavam promptos a dar sua vida para salvarem o seu chefe.

O que tinha occorrido depois da sahida de D. Antonio do alpendre, seria longo de descrever.

Loredano tornando a si da vertigem que lhe causara o atordoamente e a violencia da queda, soube da ordem que havia a seu respeito. Não era preciso tanto para que o audaz aventureiro recorresse á sua eloquencia afim de excitar de novo a revolta.

Pintou a posição de todos como desesperada, attribuiu o seu castigo e as desgraças que ião succeder ao fanatismo que havia por Pery; esgotou emfim os recursos de sua intelligencia.

D. Antonio não estava mais ahi para conter com a sua presença a colera que ia fermentando, a excitação que começava a lavar, a principio surdamente, as queixas e os murmurios que a final fizerão côro.

Um incidente veio atear a chamma que lastrava; Pery, apenas começou a romper o dia, via a alguma distancia do jardim o cadaver do Ruy Soeiro; e temendo que sua senhora acordando não presenciasse este triste espectaculo, tomou o corpo, e atravessando a esplanada, veio atira-lo no meio do pateo.

Os aventureiros empallidecêrão, e ficarão estupefactos; depois rompeu a indignação feroz, raivosa, delirante; estavam como possessos de furor e vingança. Não houve mais hesitação; a revolta pronunciou-se; apenas o pequeno grupo de quatro homens que desde a sabida de D. Antonio se conservava em distancia, não tomou parte na insubordinação.

Ao contrario quando virão que seus companheiros com Loredano á frente se preparavão para atacar o fidalgo, forão, como vimos, offerecer-se voluntariamente ao castigo, e reunir-se ao seu chefe para partilharem a sua sorte.

Pouco tardou que João Feio não se apresentasse como parlamentar da parte dos revoltosos; o fidalgo não o deixou fallar.

—Dize a teus companheiros, rebelde, que D. Antonio de Mariz manda e não discute condições: que elles estão condemnados; e verão se sei ou não cumprir o meu juramento.

O fidalgo tratou então de dispôr os seus meios de defeza; apenas podia contar com quatorze combatentes; elle, Alvaro, Pery, Ayres Gomes, mestre Nunes com os seus companheiros, e os quatro homens que se havião conservado fieis; os inimigos erão em numero de vinte e tantos.

Toda a sua familia já então despertada recebeu a triste surpresa de tantos acontecimentos passados durante aquella noite fatal: D. Lauriana, Cecilia e Isabel recolhêrão-se ao oratorio, e rezavão enquanto se preparava tudo para uma resistencia desesperada.

Os aventureiros commandados por Loredano arregimentárão-se, e marcharão para a casa dispostos a dar um assalto terrivel; o seu furor redobrava tanto mais, quanto o remorso no fundo da consciencia começava a mostrar-lhes toda a hediondez de sua acção.

No momento em que dobra vão o canto ouviu-se um som rouco que se prolongou pelo espaço, como o echo surdo de um trovão em distancia.

Pery estremeceu, e lançando-se para a beira da esplanada estendeu os olhos pelo campo que costeava a floresta. Quasi ao

mesmo tempo um dos aventureiros que estava ao lado de Loredano cahio traspassado por uma flecha.

—Os Aymorés!...

Apenas soltou Pery esta exclamação, uma linha movediça, longo arco de côres vivas e brilhantes, agitou-se ao longe na planície, irradiando á luz do sol nascente.

Homens quasi nús, de estatura gigantesca e aspecto feroz, coberto de pelles de animaes e pennas amarellas e escarlates, armados de grossas clavas e arcos enormes, avançavão soltando gritos medonhos.

A inubia retroava; o som dos instrumentos de guerra misturado com os brados e alaridos formavão um concerto horrivel, harmonia sinistra que revelava os instinctos dessa horda selvagem reduzida á brutalidade das feras.

—Os Aymorés!... repetirão os aventureiros empallidecendo.

VIII

DESANIMO

Dous dias passárão depois da chegada dos Aymorés; a posição de D. Antonio de Mariz e de sua familia era desesperada.

Os selvagens tinham atacado a casa com uma força extraordinaria; diante delles a india terrivel de odio os excitava á vingança.

As settas escurecendo o ar abatião-se como uma nuvem sobre a esplanada, e crivavão as portas e as paredes do edificio.

Á vista do perigo imminente que corrião todos, os aventureiros revoltados retirárão-se e tratarão de defender-se do ataque dos selvagens.

Houve como que um armisticio entre os rebeldes e o fidalgo; sem se reunirem, os aventureiros conhecerão que devião combater o inimigo commum, embora depois levassem ao cabo a sua revolta.

D. Antonio de Mariz, encastellado na parte da casa que habitava, rodeado de sua familia e de seus amigos fieis, resolvêra defender até á ultima extremidade esses penhores confiados ao seu amor de esposo e de pai.

Se a Providencia não permittisse que um milagre os viesse salvar, morrerião todos; mas elle contava ser o ultimo, afim de velar que mesmo sobre os seus despojos não atirassem um insulto.

Era o seu dever de pai, e o seu dever de chefe, como o capitão que é o ultimo a abandonar o seu navio, elle seria o ultimo a abandonar a vida, depois de ter assegurado ás cinzas dos seus o respeito que se deve aos mortos.

Bem mudada estava essa casa que vimos tão alegre e tão animada! Parte do edificio que tocava com o fundo onde habitavão os aventureiros tinha sido abandonada por prudencia; D. Antonio concentrara sua familia no interior da habitação para evitar algum accidente.

Cecilia deixara o seu quartinho tão lindo e tão mimoso, e nelle estabelecêra Pery o seu quartel-general e o seu centro de operações; porque, é preciso dizer, o indio não partilhava o desanimo geral, e tinha uma confiança inabalavel nos seus recursos.

Serião dez horas da noite: a lampada de prata suspensa no tecto da grande sala illuminava uma scena triste e silenciosa.

Todas as janellas e portas estavam fechadas; de vez em quando ouvia-se o estrepito que fazia uma setta cravando-se na madeira, ou enfiando-se por entre as telhas.

Nas duas extremidades da sala e na frente tinham-se praticado no alto da parede algumas setteiras, junta das quaes os aventureiros fazião a noite uma sentinella constante, afim de prevenir uma surpresa.

D. Antonio de Mariz, sentado n'uma cadeira de espaldar, sob o docel, repousava um instante; o dia fôra rude; os indios tinham investido por differentes vezes a escada de pedra da esplanada; e o fidalgo com o pequeno numero de combatentes de que dispunha e com o auxilio da colubrina conseguira repelli-los.

A sua clavina carregada descansava de encontro ao espaldar da cadeira; e as suas pistolas estavam collocadas em cima de um bufete ao alcance do braço.

Sua bella cabeça encanecida pendida ao seio resaltava sobre o velludo preto de seu gibão, coberto por uma rede finissima de

malhas d' aço que lhe guarnecia o peito.

Parecia adormecido, mas de vez em quando erguia os olhos e corria o vasto aposento, contemplando com uma melancolia extrema a scena que se desenhava no fundo meio esclarecido da sala.

Depois voltava á mesma posição, e continuava suas dolorosas reflexões; o fidalgo conservava toda a firmeza e coragem, mas interiormente tinha perdido a esperança.

Do lado opposto Cecilia recostada em um sofá parecia desfallecida; seu rosto perdera a habitual vivacidade: seu corpo ligeiro e gracioso, alquebrado por tantas emoções, prostrava-se com indolencia sobre uma colcha de damasco. A mãozinha cahia immovel como uma flôr a que tivessem quebrado a haste delicada; e os labios descorados agitavão-se ás vezes murmurando uma prece.

De joelhos á beira do sofá, Pery não tirava os olhos de sua senhora; dir-se-hia que aquella respiração branda que fazia ondular os seios da menina, e que se exhalava de sua bocca entreaberta, era o sopro que alimentava a vida do indio.

Desde o momento da revolta não deixou mais Cecilia; seguiu-a como uma sombra; sua dedicação, já tão admiravel, tinha tocado o sublime com a imminencia do perigo. Durante estes dous dias elle havia feito cousas incriveis, verdadeiras loucuras de heroismo e abnegação.

Succedia que um selvagem aproximando-se da casa soltava um grito que vinha causar um ligeiro susto á menina?

Pery lançava-se como um raio, e antes que tivessem tempo de contê-lo, passava entre uma nuvem de flechas, chegava á beira da esplanada, e com um tiro de sua clavina abatia o Aymoré que

assustára sua senhora, antes que elle tivesse tempo de soltar um segundo grito.

Cecilia, afflicta e doente, recusava tomar o alimento que sua mãe ou sua prima lhe trazião?

Pery correndo mil perigos, arriscando-se a despedaçar-se nas pontas dos rochedos e a ser crivado pelas flechas dos selvagens, ganhava a floresta, e d'ahi a uma hora voltava trazendo um fructo delicado, um favo de mel envolto de flôres, uma caça exquisita, que sua senhora tocava com os labios para assim pagar ao menos tanto amor e tanta dedicação.

As loucuras do indio chegarão a ponto que Cecilia foi obrigada a prohibir-lhe que sahisse de junto della, e a guarda-lo á vista com receio de que não se fizesse matar a todo o momento.

Além da amizade que lhe tinha, um quer que seja, uma esperança vaga lhe dizia que na posição extrema em que se achavão, se alguma salvação podia haver para sua familia, seria á coragem, á intelligencia e á sublime abnegação de Pery que a deverião.

Se elle morresse, quem velaria sobre ella com a solitudine e o ardente zelo que tinha ao mesmo tempo o carinho de uma mãe, a protecção de um pai, a meiguice de um irmão? Quem seria seu anjo da guarda para livra-la de um pezar, e ao mesmo tempo seu escravo para satisfazer o seu menor desejo?

Não; Cecilia não podia de modo algum admittir nem a possibilidade de que seu amigo viesse a morrer; por isso mandou, pedio, e até supplicou-lhe que não sahisse de junto della; queria por sua vez ser para Pery o bom anjo de Deus, o seu genio protector.

Do mesmo lado em que estava Cecilia, mais n'um outro canto da sala, via-se Isabel sentada de encontro á hobreira da janella;

enfiava um olhar ardente, cheio de anciedade e de susto por uma pequena fresta, que ella entreabrira a furto.

O raio de luz que filtrava por esta aberta da janella servia de mira aos indios, que fazião chover settas sobre settas naquella direcção: mas Isabel, alheia de si, nem se importava com o perigo que corria.

Ella olhava Alvaro, que no alto da escada com a maior parte dos aventureiros fleis fazia a guarda nocturna; o moço passeava pela esplanada ao abrigo de uma ligeira palissada. Cada setta que passava por sua cabeça, cada movimento que fazia, causavão em Isabel uma afflicção immensa; sentia não poder estar junto d'elle para ampara-lo, e receber a morte que lhe fosse destinada.

D. Lauriana, sentada em um dos degrãos do oratorio, rezava: a boa senhora era uma das pessoas que mais coragem e mais calma mostravão no transe horrivel em que se achava a familia; animada pela sua fé religiosa e pelo sangue nobre que gyrava nas suas veias, ella se tinha conservado digna de seu marido.

Fazia tudo quanto era possivel; pensava os feridos, encorajava as meninas, auxiliava os preparativos de defeza, e ainda em cima dirigia sua casa como se nada se passasse.

Ayres Gomes encostado á porta do gabinete, com os braços cruzados, e immovel, dormia; o escudeiro guardava o posto que lhe fôra confiado pelo fidalgo. Desde a conferencia que os dous tinham tido, Ayres se postára naquelle lugar, donde não sabia senão quando D. Antonio vinha sentar-se na cadeira que havia junto da porta.

Dormia de pé; porém mal um passo, por mais subtil que fosse, soava no pavimento, acordava sobresaltado, com a pistola em punho, e a mão sobre o fecho da porta.

D. Antonio de Mariz levantou-se, e passando á cinta as suas pistolas e tomando a sua clavina, dirigio-se ao sofá onde repousava sua filha, e beijou-a na fronte; fez o mesmo a Isabel, abraçou sua mulher e sahio. O fidalgo ia render a Alvaro, que fazia o seu quarto desde o anoitecer; poucos momentos depois de sua sahida, a porta abrio-se de novo, e o cavalheiro entrou.

Alvaro trajava um gibão de lã forrado de escarlate; quando elle appareceu no vão da porta, Isabel soltou um grito fraco, e correu para elle.

—Estais ferido? perguntou a moça com anciedade, e tomando-lhe as mãos.

—Não; respondeu o moço admirado.

—Ah!... exclamou Isabel respirando.

Tinha-se illudido; o rasgão que uma flecha fizera sobre o hombro mostrando o forro escarlate do gibão, tinha de repente lhe parecido uma ferida.

Alvaro procurou desprender suas mãos das mãos de Isabel; mas a moça supplicando-o com o olhar, e arrastando-o docemente, levou-o até o lugar onde estava ha pouco, e obrigou o cavalleiro a sentar-se junto della.

Muitos acontecimentos se tinham passado entre elles nestes dous dias; ha circumstancias em que os sentimentos marchão com uma rapidez extraordinaria, e devorão mezes e annos n'um só minuto.

Reunidos nesta sala pela necessidade extrema do perigo, vendo-se a cada momento, trocando ora uma palavra, ora um olhar, sentindo-se emfim perto um do outro, esses dous corações, se não se amavão, comprehendião-se ao menos.

Alvaro fugia e evitava Isabel; tinha medo desse amor ardente que o envolvia n'um olhar, dessa paixão profunda e resignada que se curvava a seus pés sorrindo melancolicamente, sentia-se fraco para resistir, e entretanto o seu dever mandava que resistisse.

Elle amava, ou cuidava amar ainda a Cecilia; promettêra a seu pai ser seu marido; e na situação em que se achavão, aquella promessa era mais do que um juramento, era uma necessidade imperiosa, uma fatalidade que se devia cumprir.

Como podia elle pois alimentar uma esperança de Isabel? Não seria infame, indigno, aceitar o amor que ella lhe offerecêra supplicando? Não era seu dever destruir naquelle coração esse sentimento impossivel?

Alvaro pensava assim, e evitava todas as occasiões de estar só com a moça, porque conhecia a impressão vehemente, a attracção poderosa que exercia essa belleza fascinadora quando a paixão, animando-a, cercava-a de um brilho deslumbrante.

Dizia a si mesmo que não amava, que nunca amaria Isabel! entretanto sabia que se elle a visse outra vez como no momento em que lhe confessara seu amor, cahiria de joelhos a seus pés, e esqueceria o dever, a honra, tudo por ella.

A luta era terrivel; mas a alma nobre do cavalheiro não cedia, e combatia heroicamente: podia ser vencida, mas depois de ter feito o que fosse possivel ao homem para conservar-se fiel á sua promessa.

O que tornava a luta ainda mais violenta era que Isabel não o perseguia com o seu amor; depois daquella primeira hallucinação concentrava-se, e resignada amava sem esperança de nunca ser amada.

IX

ESPERANÇA

Sentando-se junto da moça, Alvaro sentio a sua coragem vacillar.

—Que me quereis, Isabel? perguntou elle com a voz um pouco tremula.

A menina não respondeu; estava embebida a contemplar o moço; saciava-se de olha-lo, de senti-lo junto de si, depois de ter soffrido a angustia de ver a morte roçando a sua cabeça, e ameaçando a sua vida.

É preciso amar para comprehender essa voluptuosidade do olhar que se repousa sobre o objecto amado, que não se cansa de ver aquillo que está impresso na imaginação, mas que tem sempre um novo encanto.

—Deixai-me olhar-vos! respondeu Isabel supplicando. Quem sabe! Talvez seja pela ultima vez!

—Porque essas idéas tristes? disse Alvaro com brandura. A esperança ainda não está de todo perdida.

—Que importa?... exclamou a moça. Ainda ha pouco vos vi de longe que passeáveis sobre a esplanada, e a cada momento me parecia que uma setta vos tocava, vos feria e...

—Como!... Tivestes a imprudencia de abrir a janella?...

O moço voltou-se, e estremeceu vendo a janella entreaberta, crivada da parte exterior pelas settas dos selvagens.

—Meu Deus!... exclamou elle, porque expondes assim a vossa vida, Isabel?...

—Que vale a minha vida, para que a conserve? disse a moça animando-se. Tem ella algum prazer, alguma ventura, que me prenda? De que serviria a existencia se não fosse para satisfazer um impulso de nossa alma? A minha felicidade é acompanhar-vos com os olhos e com o pensamento. Se esta felicidade me deve custar a vida, embora!...

—Não falleis assim, Isabel, que me partis a alma.

—E como quereis que falle? Mentir-vos é impossivel; depois daquelle dia, em que trahi o meu segredo, de escravo que elle era, tornou-se senhor, senhor despotico e absoluto. Sei que vos faço soffrer...

—Nunca disse semelhante cousa!

—Sois bastante generoso para dizê-lo, mas sentis. Eu conheço, eu leio nos vossos menores movimentos. Vós me estimais talvez como irmão, mas fugis de mim, e tendes receio que Cecilia pense que me amais; não é verdade?

—Não, exclamou Alvaro insensivelmente; tenho receio, tendo medo... mas é de amar-vos!

Isabel sentio uma commoção tão violenta, ouvindo as palavras rapidas do moço, que ficou como extatica sem fazer um movimento; as palpitações fortes do seu coração a suffocavão.

Alvaro não estava menos commovido; subjugado por aquelle amor ardente, impressionado pela abnegação da menina que expunha sua vida só para acompanhá-lo de longe com um olhar e protegê-lo com a sua solicitude, tinha deixado escapar o segredo da luta que se passava em sua alma.

Mas apenas pronunciara aquellas palavras imprudentes, conseguiu dominar-se, e tornando-se frio e reservado, fallou a Isabel em um tom grave.

—Sabeis que amo Cecilia; mas ignorais que prometti a seu pai ser seu marido. Emquanto elle por sua livre vontade não me desligar de minha promessa, estou obrigado a cumpri-la. Quanto ao meu amor, este me pertence, e só a morte me pode desligar d'elle. No dia em que eu amasse outra mulher, que não ella, me condemnaria a mim mesmo como um homem desleal.

O moço voltou-se para Isabel com um triste sorriso:

—E comprehendéis o que faz um homem desleal que tem ainda a consciencia precisa para se julgar a si?

Os olhos da moça brilharão com um fogo sinistro:

—Oh! comprehendo!... É o mesmo que faz a mulher que ama sem esperança, e cujo amor é um insulto ou um soffrimento para aquelle a quem ama!

—Isabel!... exclamou Alvaro estremecendo.

—Tendes razão! Só a morte póde desligar de um primeiro e santo amor aos corações como os nossos!

—Deixai-vos dessas idéas, Isabel! Crede-me; uma unica razão póde justificar semelhante loucura.

—Qual? perguntou Isabel.

—A deshonra.

—Ha ainda outra, respondeu a moça com exaltação; outra menos egoista, mas tão nobre como esta; a felicidade daquelles que se ama.

—Não vos comprehendo.

—Quando se sabe que se pôde ser uma causa de desgraça para aquelles que se estima, melhor é desatar o unico laço que nos prende á vida do que vê-lo despedaçar-se. Não dizieis que tendes medo de amar-me? Pois bem, agora sou eu que tenho medo de ser amada.

Alvaro não soube o que responder: estava n'uma terrivel agitação: conhecia Isabel, e sabia que força tinham aquellas palavras ardentes que soltavão os labios da moça.

—Isabel! disse elle tomando-lhe as mãos. Se me tendes alguma affeição, não me recuseis a graça que vou pedir-vos. Repelli esses pensamentos! Eu vos supplico!

A moça sorriu-se melancolicamente:

—Vós me supplicais?... Me pedis que conserve esta vida que recusastes!... Não é ella vossa? Aceitai-a; e já não tereis que supplicar!

O olhar ardente de Isabel fascinava; Alvaro não se pôde mais conter; ergueu-se; e reclinando-se ao ouvido da moça balbuciou:

—Aceito!...

Emquanto Isabel, pallida de emoção e felicidade, duvidava ainda da voz que resoava no seu ouvido, o moço tinha sahido da sala.

Durante que Alvaro e Isabel conversavão á meia voz, Pery continuava a contemplar sua senhora.

O indio estava pensativo: e via-se que uma idéa o preocupava, e absorvia toda a sua attenção.

Por fim levantou-se, e lançando um ultimo olhar repassado de tristeza a Cecilia, encaminhou-se lentamente para a porta da sala.

A menina fez um ligeiro movimento e levantou a cabeça:

—Pery!...

Elle estremeceu, e voltando foi de novo ajoelhar-se junto do sofá.

—Tu me promette não deixar tua senhora! disse Cecilia com uma doce exprobação.

—Pery quer te salvar.

—Como?

—Tu saberás. Deixa Pery fazer o que tem no pensamento.

—Mas não correrás nem um perigo?

—Porque perguntas isto, senhora? disse o indio timidamente.

—Porque?... exclamou Cecilia levantando-se com vivacidade. Porque se para nos salvar é preciso que tu morras, eu rejeito o teu sacrificio, rejeito-o em meu nome e no de meu pai.

—Socega, senhora; Pery não teme o inimigo; sabe o modo de vencê-lo.

A menina abanou a cabeça com ar incredulo.

—Elles são tantos!...

O indio sorriu com orgulho.

—Sejão mil; Pery vencerá a todos; aos indios e aos brancos.

Elle pronunciou estas palavras com a expressão de naturalidade e ao mesmo tempo de firmeza que dá a consciencia da força e do poder.

Comtudo Cecilia não podia acreditar o que ouvia; parecia-lhe inconcebivel que um homem só, embora tivesse a dedicação e o

heroísmo do índio, podesse vencer não só os aventureiros revoltados, como os duzentos guerreiros Aymorés que assaltavam a casa.

Mas ella não contava com os recursos immensos de que dispunha essa intelligencia vigorosa, que tinha ao seu serviço um braço forte, um corpo agíl, e uma destreza admiravel; não sabia que o pensamento é a arma mais poderosa que Deus deo ao homem, e que com ella se abatem os inimigos, se quebra o ferro, se doma o fogo, e se vence por essa força irresistivel e providencial que manda ao espirito dominar a materia.

—Não te illudas; vais fazer um sacrificio inutil. Não é possivel que um homem só vença tantos inimigos ainda mesmo que este homem seja Pery.

—Tu verás! respondeu o índio com segurança.

—E quem te dará força para lutar contra um poder tão grande?...

—Quem?... Tu senhora, tu só, respondeu o índio fitando nella o seu olhar brilhante.

Cecilia sorriu, como devem sorrir os anjos.

—Vai, disse ella, vai salvar-nos. Mas lembra-te que se tu morreres, Cecilia não aceitará a vida que lhe deres.

Pery ergueu-se.

—O sol que se levantar amanhã será o ultimo para todos os teus inimigos; Ceci poderá sorrir como dantes, e ficar alegre e contente.

A voz do índio tornou-se tremula; sentindo que não podia vencer a emoção atravessou rapidamente a sala e sahio.

Chegando á esplanada Pery olhou as estrellas que começavam a apagar-se, e viu que o dia pouco tardaria a raiar: não tinha tempo a perder.

Qual era o projecto que havia concebido, e que lhe dava uma certeza e uma convicção profunda a respeito do seu resultado? Que meio ousado tinha ella para contar com a destruição dos inimigos, e salvação de sua senhora?

Fôra difficil adivinhar; Pery guardava no fundo do coração esse segredo impenetravel, e nem a si mesmo o dizia com receio de trahir-se, e de annullar o effeito, que esperava com uma confiança inabalavel.

Tinha todos os inimigos na sua mão; e bastava-lhe um pouco de prudencia para fulmina-los a todos como a colera celeste, como o fogo de raio.

Pery dirigio-se ao jardim e entrou no quarto de Cecilia, então abandonado por sua senhora, por causa da proximidade em que ficava do fundo da casa occupado pelos aventureiros revoltados.

O quarto estava ás escuras: mas a tenue claridade que entrava pela janella bastava ao indio para distinguir os objectos perfeitamente; a perfeição dos sentidos é um dom que os selvagens possuem no mais alto gráo.

Elle tomou suas armas uma a uma, beijou as pistolas que Cecilia lhe havia dado e deitou-as no chão no meio do aposento, tirou os seus ornatos de pennas, sua faixa de guerreiro, a pluma brilhante do seu cocar e lançou-os como um tropheo sobre as suas armas.

Depois agarrou o seu grande arco de guerra, apertou-o ao seio e curvando-o de encontro ao joelho quebrou-o em duas metades, que forão juntar-se ás armas e aos ornatos.

Por algum tempo Pery contemplou com um sentimento de dôr profunda esses despojos de sua vida selvagem; esses emblemas de sua dedicação sublime por Cecilia, e de seu heroísmo admirável.

Em luta com essa emoção poderosa, insensivelmente murmurou na sua língua algumas destas palavras que a alma manda aos lábios nos momentos supremos:

—Arma de Pery, companheira e amiga, adeus! Teu senhor te abandona e te deixa: contigo elle venceria; contigo ninguém poderia vencê-lo. E elle quer ser vencido...

O índio levou a mão ao coração:

—Sim!... Pery, filho de Ararê, primeiro de sua tribo, forte entre os fortes, guerreiro goytacaz, nunca vencido, vai succumbir na guerra. A arma de Pery não pode ver seu senhor pedir a vida ao inimigo; o arco de Ararê, já quebrado, não salvará o filho.

Sua cabeça altiva e sobranceira enquanto pronunciava estas palavras cahio-lhe sobre o seio; por fim venceu a sua emoção, e cingindo nos seus braços esse tropheo de suas armas e de suas insignias de guerra, estreitou-as ao peito em um ultimo abraço de despedida.

Um aroma agreste das plantas que começavam a se abrir com a aproximação do dia, avisou-lhe que a noite estava a acabar.

Quebrou a axorca de fructos que trazia na perna sobre a artelho, como todos os selvagens: este ornato era feito de pequenos cocos ligados por um fio, e tingidos de amarello.

Pery tomou dous destes fructos, e partio-os com a faca, sem comtudo separar as cascas; fechando-os então na sua mão,

levantou o braço como fazendo um desafio ou uma ameaça terrível e lançou-se fora do aposento.

X

A BRECHA

Quando Pery entrou no quarto de Cecilia, Loredano passeava do outro lado da esplanada, em frente do alpendre.

O italiano reflectia sobre os acontecimentos que haviam passado nos ultimos dias, sobre as vicissitudes que corrêra a sua vida e a sua fortuna.

Por differentes vezes tinha posto o pé sobre o tumulto; tinha tocado a sua ultima hora; e a morte fugira delle, e o respeitára. Tambem por differentes vezes havia encarado a felicidade, o poder, a fortuna; e tudo se esvaecêra como um sonho.

Quando á frente dos aventureiros revoltados ia atacar a D. Antonio de Mariz que não lhe podia resistir, os Aymorés tinham apparecido de repente e mudado a face das cousas.

A necessidade da defeza contra o inimigo commum trouxe uma suspensão de hostilidades; acima da ambição estava o instinto da vida e da conservação. A luta de interesses e de odios cedeu á grande luta das raças inimigas.

Por isso no primeiro ataque dos selvagens, todos por um movimento espontaneo tratarão de repellir o inimigo, e de salvar a casa da ruina que a ameaçava. Depois separarão-se de novo, e sempre observando-se, sempre promptos a defenderem-se um do outro, os dous grupos continuarão a repellir os indios com a maior coragem.

No meio disto porém Loredano, que se constituíra o chefe da revolta, não abandonava o seu projecto de apoderar-se de Cecilia, e

vingar-se de D. Antonio de Mariz e de Alvaro.

Seu espirito tenaz trabalhava incessantemente procurando o meio de chegar áquelle resultado; atacar abertamente o fidalgo era uma loucura que não podia commetter. A menor luta que houvesse entre elles, entregava-os todos aos selvagens, que excitados pela vingança e pelos seus instinctos sanguinarios e ferozes, atacavão o edificio sem repouso e sem descanso.

A unica barreira que continha os Aymorés era a posição inexpugnavel da casa, assentada sobre um rochedo, apenas accessivel por um ponto, pela escada de pedra que descrevêmos no primeiro capitulo desta historia.

Esta escada era defendida por D. Antonio de Mariz e pelos seus homens; a ponte de madeira tinha sido destruida; mas apesar disto os selvagens a substituirião facilmente se não fosse a resistencia desesperada que o fidalgo oppunha aos seus ataques.

Desde o momento pois que, impellido pelo seu amor, D. Antonio corresse em defeza de sua familia, e abandonasse a escada, os duzentos guerreiros Aymorés se precipitarião sobre a casa, e não havia coragem que lhes podesse resistir.

O italiano, que comprehendia isto, estava bem longe de tentar o menor ataque a peito descoberto; a prudencia o aconselhava então como o tinha aconselhado no dia do primeiro assalto.

O que elle procurava era um meio de, sem estrepito, sem luta, imprevisamente, fazer morrer D. Antonio de Mariz, Pery, Alvaro, e Ayres Gomes; feito isto os outros se reunirião a elle pela necessidade da defeza, e pelo instincto da conservação.

Tornar-se-hia então senhor da casa; ou repellia os indios, salvava Cecilia, se realisava todos os seus sonhos de amor e de felicidade;

ou morria tendo ao menos esgotado até ao meio a taça do prazer que seus lábios nem sequer haviam tocado.

Era impossível que esse espirito satânico, fixando-se em uma idéa durante tres dias, não tivesse conseguido achar um meio para a consummação desse novo crime que planejava.

Não só o tinha achado, mas já havia começado a pô-lo em pratica; tudo o protegia, até mesmo o inimigo que o deixava em repouso, atacando unicamente o lado da casa protegido por D. Antonio de Mariz.

Passeava pois embalando-se de novo nas suas esperanças, quando Martim Vaz, sahindo do alpendre, chegou-se a elle.

—Uma com que não contávamos!... disse o aventureiro.

—O que? perguntou o italiano com vivacidade.

—Uma porta fechada.

—Abre-se!

—Não com essa facilidade.

—Veremos.

—Está pregada por dentro.

—Terão presentido?...

—Foi a idéa que já tive.

Loredano fez um gesto de desespero.

—Vem!

Os dous encaminharão-se para o alpendre, onde dormião os aventureiros armados, promptos ao menor signal de ataque.

O italiano acordou João Feio, e por precaução mandou-o fazer a guarda na esplanada, apesar de não haver receio que os selvagens atacassem do seu lado.

O aventureiro, ainda tonto do somno, ergueu-se e sahio.

Loredano e seu companheiro caminharão para uma sala interior que servia de cozinha e despensa a esta parte da casa. Quando ião entrar, a luz que o aventureiro levava na mão para esclarecer o caminho, apagou-se de repente.

—Sois um desasado! disse Loredano contrariado.

—E tenho eu culpa! Quexai-vos do vento.

—Bom! não gasteis o tempo em palavras! Tirai fogo!

O aventureiro voltou a procurar o seu fuzil.

Loredano ficou em pé na porta á espera que o seu companheiro voltasse; e pareceu-lhe ouvir perto delle a respiração de um homem. Applicou o ouvido para certificar-se; e por segurança tirou o seu punhal e collocou-se no centro da porta, para impedir a sahida de quem quer que fosse.

Não ouviu mais nada; porém sentio de repente um corpo frio e gelado que tocou-lhe a fronte; o italiano recuou, e brandindo a sua faca deu um golpe ás escuras.

Pareceu-lhe que tinha tocado alguma cousa; entretanto tudo conservou-se no mais profundo silencio.

O aventureiro voltou trazendo a luz.

—É singular, disse elle; o vento póde apagar uma candeia, mas não lhe tira o pavio.

—O vento, dizeis. Acaso o vento tem sangue?

—Que quereis dizer?

—Que o vento que apagou a vela é o mesmo que deixou o seu signal neste ferro.

E Loredano mostrou ao aventureiro a sua faca, cuja ponta estava tinta de sangue ainda liquido.

—Ha aqui então um inimigo?...

—De certo; os amigos não precisam occultar-se.

Nisto ouvirão um rumor no telhado, e um morcego passou agitando lentamente as grandes azas: estava ferido.

—Eis o inimigo!... exclamou Martim rindo-se.

—É verdade, respondeu Loredano no mesmo tom; confesso que já tive medo de um morcego.

Tranquillos a respeito do incidente que os havia demorado, os dous entrão na cozinha, e d'ahi por uma brecha estreita praticada na parede penetrão no interior da casa ha pouco habitada por D. Antonio de Mariz e sua familia.

Atravessão parte do edificio e chegarão a uma varanda que tocava de um lado com o quarto de Cecilia e do outro com o oratorio e o gabinete d'armas do fidalgo.

Ahi o aventureiro parou; e mostrando a Loredano a porta adufada de jacarandá, que dava entrada para o gabinete, disse-lhe:

—Não é com duas razões que a deitaremos dentro!

Loredano aproximou-se e reconheceu que a solidez e fortaleza da porta não lhe permittia a menor violencia: todo o seu plano estava destruido.

Contava durante a noite se introduzir furtivamente na sala, e assassinar a D. Antonio de Mariz, Ayres Gomes e Alvaro antes que elles podessem ser soccorridos por seus companheiros; consummado o crime, estava senhor da casa.

Como remover o obstaculo que lhe apparecia? A menor violencia contra a porta despertaria a attenção de D. Antonio de Mariz, e inutilisaria todo o seu projecto.

Emquanto reflectia nisto, os seus olhos cahirão sobre uma estreita fresta que havia no alto da parede do oratorio, e que servia mais para dar ar do que luz.

Por esta abertura o italiano conheceu que aquella parte da parede era singela, e feita de um só tijolo; com effeito o oratorio tinha sido outr'ora um corredor largo que ia da varanda á sala, e que fôra separado por uma ligeira divisão.

Loredano medio a parede de alto a baixo, e acenou ao seu companheiro.

—É por aqui que havemos de entrar, disse elle apontando para a parede.

—Como? A menos de não ser um mosquito para passar por aquella fresta!

—Esta parede assenta sobre uma viga; tirada ella, está aberto o caminho!

—Entendo.

—Antes que possão tornar a si do susto, teremos acabado.

O aventureiro quebrou com a ponta da faca o reboco da parede, e descobrio a viga que lhe servia de alicerce.

—Então?

—Não ha duvida. Daqui a duas horas dou-vos isto prompto.

Martim Vaz, depois da morte de Ruy Soeiro e Bento Simões, tinha-se tornado o braço direito de Loredano, era o unico a quem o italiano confiára o seu segredo, occulto para os outros em quem receava ainda a influencia de D. Antonio de Mariz.

O italiano deixou o aventureiro no seu trabalho, e voltou pelo mesmo caminho; chegando á cozinha, sentio-se suffocado por uma fumaça espessa que enchia todo o alpendre. Os aventureiros acordados de repente blasphemavão contra o autor de semelhante lembrança.

Quando Loredano no meio delles procurava indagar a causa do que succedia, João Feio appareceu na entrada do alpendre.

Havia na sua physionomia uma expressão terrivel de colera e ao mesmo tempo de espanto; de um salto aproximou-se do italiano, e chegando-lhe a bocca ao ouvido, disse:

—Renegado e sacrilego, dou-te uma hora para ires entregar-te a D. Antonio de Mariz, e obter delle o nosso perdão, e o teu castigo. Se o não fizeres dentro desse tempo, é comigo que te has de avir.

O italiano fez um movimento de raiva; mas conteve-se:

—Amigo, o sereno transtornou-vos o juizo; ide deitar-vos. Boa noite, ou antes bom dia.

A alvorada despontava no horizonte.

XI

O FRADE

Sahindo do quarto de Cecilia, Pery tomára pelo corredor que communicava com o interior do edificio.

O indio, á cuja perspicacia nada escapava do que se passava no interior da casa, por mais insignificante que fosse, havia percebido o plano de Loredano desde a primeira pancada dada para a abertura da brecha.

Na vespera o som do ferro na parede tinha ido despertar a sua attenção na sala onde elle repousava um momento, deitado aos pés do leito de sua senhora; seu ouvido fino e delicado auscultára o seio da terra. Levantou-se de salto, e atravessando todo o edificio chegou, guiado pelas pancadas, ao lugar onde Loredano e o aventureiro começavam a abrir uma fenda no muro.

Em vez de atemorisar-se com esta nova audacia do italiano, o indio sorriu-se; a brecha que praticava seria a sua perdição, porque ia dar facil passagem a elle Pery.

Contentou-se pois em examinar todas as portas que communicavão com a sala e prega-las por dentro; seria um novo obstaculo que demoraria os aventureiros, e lhe daria tempo de sobra para exterminá-los.

Foi por isso que do quarto de Cecilia, cuja porta fechou sobre si, caminhou direito á brecha e por ella penetrou na despensa dos aventureiros.

Era uma sala bastante espaçosa, onde havia uma mesa, algumas talhas e uma grande quartola de vinho; o indio mesmo ás escuras

chegou-se a cada um desses vasos; e por alguns instantes ouviu-se o fraco vascolear do liquido que elles continhão.

Então Pery viu uma luz que se aproximava; era Loredano e o seu companheiro.

A vista do italiano lhe gelou o sangue no coração. Tal odio votava a esse homem abjecto e vil, que teve medo de si, medo de o matar. Isso fôra agora uma imprudencia; pois inutilisaria todo o seu plano.

Muita vez depois da noite em que Loredano penetrára na alcova de Cecilia, Pery tivera impetos de ir vingar a injuria feita á sua senhora no sangue do italiano, para quem pensava que uma morte não era bastante punição.

Mas lembrava-se que não se pertencia; que precisava da vida para consummar sua obra salvando Cecilia de tantos inimigos que a cercavão. E recalrava a vingança no fundo do coração.

Fez o mesmo então: cosido com a parede conseguiu apagar a vela. Ia sahir, quando sentira que o italiano tomava a porta.

Hesitou.

Podia lançar-se sobre Loredano e subjuga-lo; mas isto produziria uma luta, e denunciaria a sua presença; era preciso que fugisse sem que restasse um só vestigio de sua passagem: a mais leve suspeita faria abortar o seu plano.

Teve uma idéa feliz, ergueu a mão molhada e tocou o rosto do italiano; enquanto este recuava para atirar a punhalada ás escuras, o indio resvalou entre elle e a porta.

A faca de Loredano tinha-lhe ferido o braço esquerdo; não soltou porém nem um gemido, não fez um movimento que o trahisse;

ganhou o fundo do alpendre antes que o aventureiro voltasse com a luz.

Mas Pery não estava contente; o seu sangue ia denuncia-lo; não lhe convinha de modo algum que o italiano suspeitasse que elle ali tinha estado.

Os morcegos que esvoaçavam espantados pelo tecto do alpendre lembrarão-lhe um excellente expediente; agarrou o primeiro que lhe passou ao alcance do braço, e abrindo-lhe uma cesura com a faca, soltou-o.

Elle sabia que o vampiro procuraria a luz, e iria esvoaçar em torno dos dous aventureiros; contava que as gotas de sangue que cahão de sua aza ferida os enganaria; a realidade correspondeu ás suas previsões.

Apenas Loredano desapareceu, Pery continuou a execução do seu plano; chegou-se a um canto do alpendre onde havia um resto de fogo encoberto pela cinza, e atirou sobre elle alguma roupa dos aventureiros que ahi estava a enxugar.

Este incidente, por insignificante que pareça, entrava nos planos de Pery; a roupa queimando-se devia encher a casa de fumaça, acordar os aventureiros e excitar-lhes a sêde. Era justamente o que desejava o indio.

Satisfeito do resultado que obtivera, Pery atravessou a esplanada: ahi porém foi obrigado a recuar, surprehendido do que via.

Um homem do lado de D. Antonio de Mariz e um aventureiro revoltado conversavam através da estacada que dividia esses dous campos inimigos; havia realmente motivo para que o indio se admirasse.

Não só isso era contra a ordem expressa de D. Antonio de Mariz, que prohibira qualquer relação entre seus homens e os revoltados, como contrariava o plano de Loredano, que temia ainda o respeito e o habito de obediencia que os aventureiros tinham para com o fidalgo.

O que se tinha passado antes explicava esse acontecimento extraordinario.

O aventureiro a quem Loredano mandára rondar a esplanada, enquanto elle entrava, tinha começado o seu gyro de uma ponta á outra do pateo.

Sempre que chegava junto da estacada, notava que do outro lado um homem se aproximava como elle, voltava, e se alongava pela beira da esplanada; adivinhou facilmente que era tambem uma sentinella.

João Feio era um franco o jovial companheiro, e não podia supportar o tédio de um passeio alta noite, no meio de um somno interrompido, sem uma pinga para beber, sem um camarada para conversar, sem uma distracção emfim.

Para maior desprazer, uma das vezes que se aproximava da estacada, sentio uma baforada de tabaco, e viu que o seu companheiro de guarda fumava.

Levou a mão ao bolso das bragas, e achou algumas folhas de fumo, mas não trazia o seu caximbo; ficou desesperado, e decidio dirigir-se ao outro.

—Olá, amigo! Tambem fazeis a vossa guarda?

O homem voltou-se, e continuou o seu caminho sem dar resposta.

No segundo gyro o aventureiro atirou segunda isca.

—Felizmente o dia não tarda a raiar; não vos parece?

O mesmo silencio que a primeira vez: o aventureiro comtudo não desanimou, e na terceira volta retrucou:

—Somos inimigos, camarada; mas isto não impede a um homem cortez de responder quando outro lhe falla.

Desta vez o silencioso sentinella voltou-se de todo:

—Antes da cortezia está a nossa santa religião, que manda a todo christão não fallar a um herege, a um reprobado, a um phariseo.

—Que é lá isto? Fallais serio, ou quereis fazer-me enraivar por nonadas?

—Fallo-vos serio, como se estivesse diante do nosso Santo Redemptor confessando as minhas culpas.

—Pois então, digo-vos que mentis! Porque tão bom podeis ser, porém melhor crente que eu não o é outrem.

—Tendes a lingua um pouco longa, amigo. Mas Belzebuth vos fará as contas, que não eu: perderia minha alma se tocasse o corpo de endemoniados!

—Por S. João Baptista, meu patrão, não me façais saltar esta estacada para perguntar-vos a razão por que tratais em ar de mofa a devoção dos mais. Chamai-nos rebeldes, mas hereges não.

—E como quereis então que chame os companheiros de um frade sacrilego, maldito, que abjurou dos seus votos, e atirou o seu habito ás ortigas?

—Um frade! Dissestes vós?

—Sim, um frade. Não o sabeis?

—O que? De que frade fallais vós?

—Do italiano, bofé!

—Elle!...

O homem, que não era outro senão o nosso antigo conhecido mestre Nunes, contou então, exagerando com o fervor de seus sentimentos religiosos, aquillo que sabia da historia de Loredano.

O aventureiro horrorizado, tremendo de raiva, não deixou mestre Nunes acabar a sua historia e lançou-se para o alpendre, onde viu-se a ameaça que fez ao italiano.

Quando elles se separarão, Pery saltou por cima da estacada, e dirigio-se para o quarto que ha pouco tinha deixado.

O dia vinha então rompendo; os primeiros raios do sol illuminavão já o campo dos Aymorés, assentado sobre a varzea á margem do rio. Os selvagens irritados olhavão de longe a casa, fazendo gestos de raiva por não poderem vencer a barreira de pedra que defendia o inimigo.

Pery olhou um momento aquelles homens de estatura gigantesca, de aspecto horrivel, aquelles duzentos guerreiros de força prodigiosa, ferozes como tigres.

O indio murmurou:

—Hoje cahirão todos como a arvore da floresta, para não se erguerem mais.

Sentou-se no vão da janella, e encostando a cabeça sobre a curva do braço, começou a reflectir.

A obra gigantesca que emprehendêra, obra que parecia exceder todo o poder do homem, estava prestes a realizar-se: já tinha levado ao cabo metade della, faltava a conclusão, a parte a mais difficil e a mais delicada.

Antes de lançar-se, Pery queria prever tudo; fixar bem no seu espirito as menores circumstancias; traçar a sua linha invariavel, afim de marchar firme, direito, infallivel ao alvo a que visada; afim de que a menor hesitação não pozesse em risco o effeito do seu plano.

Seu espirito percorreu em alguns segundos um mundo de pensamentos; guiado pelo seu instincto maravilhoso e pelo seu nobre coração, formulou n'um rapido instante um grande e terrivel drama, do qual devia ser o heróe; drama sublime de heroismo e dedicação, que para elle era apenas o cumprimento de um dever e a satisfação de um desejo.

As almas grandes têm esse privilegio; suas acções, que nos outros inspirão a admiração, se anihilão em face dessa nobreza innata do coração superior, para o qual tudo é natural e possivel.

Quando Pery ergueu a cabeça estava radiante de felicidade e orgulho; felicidade por salvar sua senhora; orgulho pela consciencia de que elle só bastava para fazer o que cincoenta homens não farião; o que o proprio pai, o amante, não conseguirão nunca.

Não duvidava mais do resultado: via nos acontecimentos futuros como no espaço que se estendia diante d'elle, e no qual nem um objecto escapava ao seu olhar limpido; tanto quanto é possível ao homem, elle tinha a certeza e a convicção de que Cecilia estava salva.

Cobrio o peito e as costas com uma pelle de cobra que ligou estreitamente ao corpo; vestio por cima o seu saiote de algodão; experimentou os musculos dos braços e das pernas; e sentindo-se forte, agil e flexivel, sahio inerme.

XII

DESOBEDIENCIA

Alvaro, recostado da parte de fora a uma das janellas da casa, pensava em Isabel.

Sua alma lutava ainda, mas já sem força, contra o amor ardente e profundo que o dominava; procurava illudir-se, mas a sua razão não o permittia.

Conhecia que amava Isabel, e que a amava como nunca tinha amado Cecilia; a affeição calma e serena de outr'ora fôra substituida pela paixão abrasadora.

Seu nobre coração revoltava-se contra essa verdade; mas a vontade era impotente contra o amor; não podia mais arranca-lo do seu seio; não o desejava mesmo.

Alvaro soffria; o que dissera na vespera a Isabel era realmente o que sentia; não se exaggerára; no dia em que deixasse de amar Cecilia e fosse infiel á promessa feita a D. Antonio, se condemnaria como um homem sem honra e sem lealdade.

Consolava-o a idéa de que a situação em que se achavão não podia durar muito; pouco tardava que exhaustos, enfraquecidos, succumbissem á força dos inimigos que os atacavão.

Então nos momentos extremos, á bordado tumulo, quando a morte o tivesse já desligado da terra, poderia com o ultimo suspiro balbuciar a primeira palavra do seu amor! poderia confessar a Isabel que a amava.

Até então lutaria.

Nisto Pery chegou-se e tocou-lhe no hombro:

—Pery parte.

—Para onde?

—Para longe.

—Que vais fazer?

O indio hesitou:

—Procurar soccorro.

Alvaro sorrio-se com incredulidade.

—Tu duvidas?

—De ti não; mas do soccorro.

—Escuta; se Pery não voltar, tu farás enterrar as suas armas.

—Podes ir tranquillo? eu te prometto.

—Outra cousa.

—O que é?

O indio hesitou de novo:

—Se tu vires a cabeça de Pery desligada do corpo, enterra-a com as suas armas.

—Porque este pedido? A que vem semelhante lembrança?

—Pery vai passar pelo meio dos selvagens, e pode morrer. Tu és guerreiro; e sabes que a vida é como a palmeira: murcha quando tudo reverdece.

—Tens razão. Farei tudo quanto pedes; mas espero ver-te ainda.

O indio sorrio.

—Ama a senhora, disse elle estendendo a mão ao moço.

O seu adeus era uma ultima prece pela felicidade de Cecilia.

Pery entrou na sala onde se achava reunida a familia.

Todos dormião; só D. Antonio de Mariz velava sempre, apesar da velhice; sua vontade poderosa cobrava novas forças, e reanimava o corpo gasto pelos annos. Não lhe restava senão uma esperança; a de morrer rodeado dos entes que amava, cercado de sua familia, como um fidalgo portuguez devia morrer; com honra e coragem.

O indio atravessou a sala, e collocando-se junto do sofa em que Cecilia adormecida repousava, contemplou-a um instante com um sentimento de profunda melancolia.

Dir-se-hia que nesse olhar ardente fazia uma ultima e solemne despedida; que partindo-se, o escravo fiel e dedicado queria deixar a sua alma enleada naquella imagem, que representava a sua divindade na terra.

Que sublime linguagem não fallavão aquelles olhos intelligentes, animados por um brilhante reflexo de amor e de fidelidade? Que epopéa de sentimento e de abnegação não havia naquella muda e respeitosa contemplação?

Por fim Pery fez um esforço supremo, e a custo conseguiu quebrar o encanto que o prendia, e o conservava immovel, como uma estatua, diante da linda menina adormecida. Reclinou sobre o sofá, e beijou respeitosamente a fimbria do vestido de Cecilia; quando ergueu-se, uma lagrima triste e silenciosa que deslisava pela sua face cahio sobre a mão da menina.

Cecilia, sentindo aquella gota ardente, entreabrio os olhos; mas Pery não viu este movimento, porque já se tinha voltado e aproximava-se de D. Antonio de Mariz.

O fidalgo, sentado na sua poltrona, recebeu-o com um sorriso pungente:

—Tu soffres? perguntou o indio.

—Por elles, por ella especialmente, por minha Cecilia.

—Por ti não? disse Pery com intenção.

— Por mim? Daria a minha vida para salva-la: e morreria feliz!

—Ainda que ella te pedisse que vivesse?

—Embora me supplicasse de joelhos.

O indio sentio-se alliviado como de um remorso.

—Pery te pede uma cousa?

—Falla!

—Pery quer beijar a tua mão.

D. Antonio de Mariz tirou o seu guante, e sem comprehender a razão do pedido do indio, estendeu-lhe a mão.

—Tu dirás a Cecilia que Pery partio; que foi longe; não deves contar-lhe a verdade: ella soffrerá. Adeus; Pery sente te deixar; mas é preciso.

Emquanto o indio proferia estas palavras em voz baixa e inclinado ao ouvido do fidalgo, este surprehendido procurava ligar-lhes um sentido que lhe parecia vago e confuso:

—Que pretendes tu fazer Pery? perguntou D. Antonio.

—O mesmo que tu querias fazer para salvar a senhora.

—Morrer!... exclamou o fidalgo.

—Pery levou o dedo aos lábios recommendando silencio; mas era tarde; um grito partido do canto da sala fê-lo estremecer.

Voltando-se viu Cecilia, que ao ouvir a ultima palavra de seu pai quizera correr para elle, e cahira de joelhos, sem forças para dar um passo. A menina com as mãos estendidas e supplicantes parecia pedir a seu pai que evitasse aquelle sacrificio heroico, e salvasse a Pery de uma morte voluntaria.

O fidalgo a comprehendeu:

—Não, Pery; eu, D. Antonio de Mariz, não consentirei nunca em semelhante cousa. Se a morte de alguém podesse trazer a salvação de minha Cecilia e de minha familia, era a mim que competia o sacrificio. E por Deus e pela minha honra o juro, que a ninguem o cederia; quem quizesse roubar-me esse direito me faria um insulto cruel.

Pery volvia os olhos de sua senhora afflictta e supplicante para o fidalgo severo erigido no cumprimento de seu dever; temia aquellas duas opposições differentes, mas que tinham ambas um grande poder sobre a sua alma.

Podia o escravo resistir a uma supplica de sua senhora, e causar-lhe uma mágoa, quando toda a sua vida fôra destinada a fazê-la alegre e feliz? Podia o amigo offender a D. Antonio de Mariz, a quem respeitava, praticando uma acção que o fidalgo considerava como uma injuria feita á sua honra?

Pery teve um momento de hallucinação, em que pareceu-lhe que o coração lhe estacava no peito, a vida lhe fugia, e a cabeça se despedaçava com a pressão violenta das idéas que tumultuavão no cerebro.

No rapido instante que durou a vertigem, elle viu gyrarem rapidamente em torno de si as figuras sinistras dos Aymorés, que ameaçavam a vida preciosa daquelles a quem mais amava no mundo. Vio Cecilia supplicando, não a elle, mas ao inimigo feroz e sanguinario, prestes a mancha-la com as mãos impuras; viu a bella e nobre cabeça do velho fidalgo rojar mutilada com os alvos cabellos tintos de sangue.

O indio horrorisado com estas imagens lugubres que lhe desenhava a sua imaginação em delirio, apertou a cabeça entre as mãos, com para arranca-la daquela febre.

—Pery balbuciava Cecilia; tua senhora te pede!...

—Morreremos todos juntos, amigo, quando chegar o momento, dizia D. Antonio de Mariz.

Pery levantou a cabeça, e lançou sobre a menina e o fidalgo um olhar hallucinado:

—Não!... exclamou elle.

Cecilia ergueu-se com um movimento instantaneo, de pé e pallida, soberba de cólera e indignação, a gentil e graciosa menina de outr'ora se tinha de repente transformado n'uma rainha imperiosa.

Sua bella fronte alva resplandecia com um assomo de orgulho; seus olhos azues tinham desses reflexos fulvos que illuminão as nuvens no meio da tormenta; seus labios tremulos e ligeiramente arqueados parecião reter a palavra para deixa-la cahir com toda a força.

Atirando a cabecinha loura sobre o hombro esquerdo commum gesto de energia, ella estendeu a mão para Pery:

—Prohibo-te que saias desta casa

O indio julgou que ia enlouquecer; quiz lançar-se aos pés de sua senhora, mas recuou anhelante, oppresso e suffocado. Um canto; ou antes uma celeuma dos selvagens soava ao longe.

Pery deo um passo para a porta; D. Antonio o reteve:

—Tua senhora, disse o fidalgo friamente, acaba de te dar uma ordem; tu a cumprirás. Tranquillisa-te, minha filha; Pery é meu prisioneiro.

Ouvindo esta palavra que destruia todas as suas esperanças, que o impossibilitava de salvar sua senhora, o indio retrahindo-se deo um salto, e cahio no meio da sala.

—Pery é livre!... gritou elle fora de si; Pery não obedece a ninguem mais; fará o que lhe manda o coração!

Emquanto D. Antonio de Mariz e Cecilia, admirados desse primeiro acto de desobediencia, olhavam espantados o indio de pé no meio do vasto aposento, elle lançou-se a um cabide de armas, e empunhando um pesado montante, como se fôra uma ligeira espada, correu á janella e saltou.

—Perdoa a Pery, senhora!

Cecilia soltou um grito, e precipitou-se para a janella.

Não viu mais Pery.

Alvaro e os aventureiros, de pé sobre a esplanada, tinham os olhos fitos sobre a arvore que se elevava a um lado da casa, na encosta opposta, e cuja folhagem ainda se agitava.

Longe descortinava-se o campo dos Aymorés; a brisa que passava trazia o rumor confuso das vozes e gritos dos selvagens.

XIII

COMBATE

Erão seis horas da manhã.

O sol elevando-se no horizonte derramava cascatas de ouro sobre o verde brilhante das vastas florestas.

O tempo estava soberbo; o céu azul, esmaltado de pequenas nuvens brancas que se achamalotavão como as dobras de uma lençaria.

Os Aymorés, grupados em torno de alguns troncos já meio reduzidos á cinza, fazião preparativos para dar um ataque decisivo.

O instinto selvagem suppria a industria do homem civilizado; a primeira das artes foi incontestavelmente a arte da guerra,—a arte da defeza e da vingança, os dous mais fortes estímulos do coração humano.

Nesse momento os Aymorés preparavão settas inflammaveis para incendiar a casa de D. Antonio de Mariz; não podendo vencer o inimigo pelas armas, contavão destrui-lo pelo fogo.

A maneira por que arranjavão esses terriveis projectis que lembravão os pelouros e bombardas dos povos civilizados era muito simples; envolvião a ponta da flecha com frocos de algodão embebido na resinada almecegueira.

Essas settas assim inflammadas, despedidas dos seus arcos voavão pelos ares e ião cravar-se nas vigas e portas das casas; o fogo que o vento incitava, lambia a madeira, estendia a sua lingua vermelha, e lastrava pelo edificio.

Emquanto se occupavão com esse trabalho, um prazer feroz animava todas essas physionomias sinistras, nas quaes a braveza, a ignorancia e os instinctos carniceiros tinham quasi de todo apagado o cunho da raça humana.

Os cabellos arruivados cahião-lhes sobre a fronte e occultavão inteiramente a parte mais nobre do rosto, creada por Deos para a séde da intelligencia, e para o throno d'onde o pensamento deve reinar sobre a materia.

Os labios decompostos, arregaçados por uma contracção dos musculos faciaes, tinham perdido a expressão suave e doce que imprimem o sorriso e a palavra; de labios de homem se haviam transformado em mandibulas de féra, affeitas ao grito e ao bramido.

Os dentes agudos como as presas do jaguar, já não tinham o esmalte que a natureza lhes dera; armas ao mesmo tempo que instrumentos da alimentação, o sangue os tingira da côr amarellenta que têm os dentes dos animaes carniceiros.

As grandes unhas negras e retorcidas que crescião nos dedos, a pelle aspera e callosa fazião de suas mãos antes garras temiveis, do que a parte destinada a servir ao homem e dar ao aspecto a nobreza do gesto.

Grandes pelles de animaes cobrião o corpo agigantado desses filhos das brenhas, que a não ser o porte erecto se julgaria alguma raça de quadrumanos indigena no novo mundo.

Alguns se ornavão de pennas, e collares de ossos; outros completamente nus tinham o corpo untado de oleo por causa dos insectos.

Entre todos distinguia-se um velho que parecia ser o chefe da tribu. Sua alta estatura, direita apesar da idade avançada, dominava

a cabeça dos seus companheiros sentados ou grupados em torno do fogo.

Não trabalhava; presidia apenas aos trabalhos dos selvagens, e de vez em quando lançava um olhar de ameaça para a casa que se elevava ao longe sobre o rochedo inexpugnável.

Ao lado delle, uma bella india na flôr da idade, queimava sobre uma pedra côva algumas folhas de tabaco cuja fumaça se elevava em grossas espiraes e cingia a cabeça do velho de uma especie de bruma ou nevoa.

Elle aspirava esse aroma embriagador que fazia dilatar o seu vasto peito, e dava á sua physionomia terrivel um quer que seja de sensual, que se poderia chamar a voluptuosidade dos seus instinctos de cannibal. Envolta pelo fumo espesso que se enovelava em torno delia, aquella figura fantastica parecia algum idolo selvagem, divindade creada pelo fanatismo desses povos ignorantes e barbaros.

De repente a pequena india que soprava o brasido queimando as folhas de *pityma* estremeceu levantou a cabeça e fitou os olhos no velho, como para interrogar a sua physionomia.

Vendo-o calmo e impassivel, a menina debruçou-se sobre o hombro do selvagem, e tocando-lhe de leve na cabeça, disse-lhe uma palavra ao ouvido. Elle voltou-se tranquillamente, e um riso sardonico mostrou os seus dentes; sem responder obrigou a india a sentar-se de novo, e a voltar á sua occupação.

Pouco tempo havia passado depois deste pequeno incidente, quando a menina tornou a estremeecer, tinha ouvido perto o mesmo rumor que já ouvira ao longe. Ao passo que ella espantada procurava confirmar-se, um dos selvagens sentados em roda do

fogo a trabalhar fez o mesmo movimento que a india, e levantou a cabeça.

Como se um fio electrico se communicasse entre esses homens e imprimisse a todos successivamente o mesmo movimento, um após outro interrompeu o seu trabalho de chofre, e inclinando o ouvido poz-se á escuta.

A menina não escutava só; collocando-se longe do fumo e de encontro á brisa que soprava, de vez em quando aspirava o ar com a finura de olfacto com que os cães farejão a caça.

Tudo isto passou rapidamente, sem que os actores desta scena tivessem nem sequer o tempo de trocar uma observação e dizer o seu pensamento.

De repente a india soltou um grito; todos voltárão-se para ella e a virão tremula, offegante, apoiando-se com uma mão sobre o hombro do velho cacique, e a outra estendida na direcção da floresta que passava a duas braças servindo de fundo a esse quadro.

O velho ergueu-se então sempre com a mesma calma feroz e sinistra; e empunhando a sua pesada tagapema, que parecia uma clava de cyclope, fê-la gyrar sobre a sua cabeça como um junco; depois fincando-a no chão e apoiando-se sobre ella, esperou.

Os outros selvagens armados de arcos e tacapes, especie de longas espadas de páo que cortavão como ferro, collocárão-se a par do velho, e promptos para o ataque, esperavão como elle. As mulheres misturárão-se com os guerreiros: as crianças e meninos, defendidos pela barreira que oppunhão os combatentes conservárão-se no centro do campo.

Todos com os olhos fitos, os sentidos applicados, contavão ver o inimigo apparecer a cada momento e se prepara vão para cahir

sobre elle com a audacia e o impeto de ataque que distinguia a raça dos Aymorés.

Um segundo se passou nesta expectativa inquieta.

O estalido que a principio tinham ouvido cessou completamente; e os selvagens cobrando-se do susto, voltarão aos seus trabalhos, convencidos de que tinham sido illudidos por algum vago rumor da floresta.

Mas o inimigo cahio no meio delles, subitamente, sem que podessem saber se tinha surgido do seio da terra, ou se tinha descido das nuvens.

Era Pery.

Altivo, nobre, radiante da coragem invencivel e do sublime heroismo de que já dera tantos exemplos, o indio se apresentava só em face de duzentos inimigos fortes e sequiosos de vingança.

Cahindo do alto de uma arvore sobre elles, tinha abatido dous; e volvendo o seu montante como um raio em torno de sua cabeça, abrio um circulo no meio dos selvagens.

Então encostou-se a uma lasca de pedra que descansava sobre uma ondulação do terreno, e preparou-se para o combate monstruoso de um só homem contra duzentos.

A posição em que se achava o favorecia, se isto é possível á vista de uma tal disparidade de numero; apenas dous inimigos podião ataca-lo de frente.

Passado o primeiro espanto, os selvagens bramindo atirarão-se todos como uma só mola, como uma tromba do oceano, contra o indio que ousava ataca-los a peito descoberto.

Houve uma confusão, um turbilhão horrível de homens que se repelião, tombavão e se estorcião; de cabeças que se levantavão e outras que desaparecião; de braços e dorsos que se agitavão e se contrahião, como se tudo isto fosse partes de um só corpo, membros de algum monstro desconhecido debatendo-se em convulsões.

No meio desse cahos via-se brilhar aos raios do sol com reflexos rapidos e luzentes a lamina do montante de Pery, que passava e repassava com a velocidade do relampago quando percorre as nuvens e atravessa o espaço.

Um còro de gritos, imprecações e gemidos roucos e abafados, confundindo-se com o choque das armas, se elevava desse pandemonio, e ia perder-se ao longe nos rumores da cascata.

Houve uma calma aterradora; os selvagens immoveis de espanto e de raiva suspendêrão o ataque; os corpos dos mortos fazião uma barreira entre elles e o inimigo.

Pery abaixou o seu montante e esperou; seu braço direito fatigado desse enorme esforço não podia mais servir-lhe, e cahia inerte; passou a arma para a mão esquerda.

Era tempo.

O velho cacique dos Aymorés se avançava para elle, sopesando a sua immensa clava crivada de escamas de peixe e dentes de féra; alavanca terrível que o seu braço possante fazia jogar com a ligeireza da flecha.

Os olhos de Pery brilhárão; endireitando o seu talhe, fitou no selvagem esse olhar seguro e certo, que não o enganava nunca.

O velho aproximando-se levantou a sua clava e imprimindo-lhe o movimento de rotação, ia descarrega-la sobre Pery e abatê-lo; não havia espada nem montante que podesse resistir áquelle choque.

O que passou-se então foi tão rapido, que não é possível descrevê-lo; quando o braço do velho volvendo a clava ia atira-la, o montante de Pery lampejou no ar e decepou o punho do selvagem; mão e clava forão rojar pelo chão.

O velho selvagem soltou um bramido, que repercutio ao longe pelos échos da floresta, e levantando ao céu o seu punho decepado atirou as gotas de sangue que vertião sobre os Aymorés, como conjurando-os á vingança.

Os guerreiros lançárão-se para vingar o seu chefe; mas um novo espectaculo se apresentava aos seus olhos.

Pery vencedor do cacique, volveu um olhar em torno d'elle, e vendo o estrago que tinha feito, os cadaveres dos Aymorés amontoados uns sobre os outros, fincou a ponta do montante no chão e quebrou a lamina. Tomou depois os dous fragmentos, e atirou-os ao rio.

Então passou-se nelle uma luta silenciosa, mas terrivel para quem podesse comprehendê-la. Tinha quebrado a sua espada, porque não queria mais combater; e decidira que era tempo de supplicar a vida ao inimigo.

Mas quando chegou o momento de realizar essa supplica conheceu que exigia de si mesmo uma cousa sobrehumana, uma cousa superior ás suas forças.

Elle, Pery, o guerreiro invencivel, elle o selvagem livre, o senhor das florestas, o rei dessa terra virgem, o chefe da mais valente nação dos Guarany's, supplicar a vida ao inimigo! Era impossivel.

Tres vezes quiz ajoelhar, e tres vezes as curvas de suas pernas distendendo-se como duas molas de aço o obrigarão a erguer-se.

Finalmente a lembrança de Cecilia foi mais forte do que a sua vontade.

Ajoelhou.

XIV

O PRISIONEIRO

Quando os selvagens se precipitavam sobre o inimigo, que já não se defendia e se confessava vencido, o velho cacique adiantou-se; e deixando cair a mão sobre o hombro de Pery, fez um movimento energico com o braço direito decepado.

Este movimento exprimia que Pery era seu prisioneiro, que lhe pertencia como o primeiro que tinha posto a mão sobre elle, como o seu vencedor; e que todos devião respeitar o seu direito de propriedade, o seu direito da guerra.

Os selvagens abaixarão as armas, e não derão um passo; esse povo barbaro tinha seus costumes e suas leis; e uma dellas era esse direito exclusivo do vencedor sobre o seu prisioneiro de guerra, essa conquista do fraco pelo forte.

Tinhão em tanta conta a gloria de trazerem um captivo de combate e sacrificá-lo no meio das festas e ceremonias que costumavão celebrar, que nenhum selvagem matava o inimigo que se rendia; fazia-o prisioneiro.

Quanto a Pery, vendo o gesto do cacique e o effeito que produzia, a sua physionomia expandio-se; a humildade tingida, a posição supplicante que por um esforço supremo conseguira tomar, desapareceu immediatamente.

Ergueu-se; e com um soberbo desdem estendeu os punhos aos selvagens que por mandado do velho se dispunhão a ligar-lhe os braços; parecia antes um rei que dava uma ordem aos seus vassallos, do que um captivo que se sujeitava aos vencedores; tal era a altivez do seu porte, e o desprezo com que encarava o inimigo.

Os Aymorés, depois de ligarem os punhos do prisioneiro, o conduzirão a alguma distancia a sombra de uma arvore, e ahi o prendêrão com uma corda de algodão matizada de varias côres, a que os Guaranys chamavão *mussurana*.

Depois, ao passo que as mulheres enterravão os mortos, reunirão-se em conselho, presididos pelo velho cacique, a quem todos ouvião com respeito, e respondião cada um por sua vez.

Durante o tempo que os guerreiros fallavão, a pequena india escolhia os melhores fructos, as bebidas mais bem preparadas, e offerencia ao prisioneiro, a quem estava encarregada de servir.

Pery, sentado sobre a raiz da arvore e apoiado contra o tronco, não percebia o que se passava em torno d'elle; tinha os olhos fitos na esplanada da casa que se elevava a alguma distancia.

Via o vulto de D. Antonio de Mariz que assomava por cima da palissada; e suspensa ao seu braço, reclinada sobre o abysmo, Cecilia, sua linda senhora, que lhe fazia de longe um gesto de desespero; ao lado Alvaro e a familia.

Tudo que elle havia amado neste mundo ali estava diante de seus olhos; sentia um prazer intenso por ver ainda uma vez esses objectos de sua dedicação extrema, de seu amor profundo.

Adivinhava e comprehendia o que sentia então o coração de seus bons amigos; sabia que soffrião vendo-o prisioneiro, proximo a morrer, sem terem o poder e a força para salva-lo das mãos do inimigo.

Consolava-o porém essa esperança que estava prestes a realisar-se; esse gozo ineffavel de salvar sua senhora, e de deixa-la feliz no seio de sua familia, protegida pelo amor de Alvaro.

Emquanto Pery, preocupado por essas idéas, enlevava-se ainda uma vez em contemplar mesmo de longe a figura de Cecilia, a india de pé de frente delle olhava-o com um sentimento de prazer misturado de surpresa e curiosidade.

Comparava suas fôrmas esbeltas e delicadas com o corpo selvagem de seus companheiros; a expressão intelligente de sua physionomia com o aspecto embrutecido dos Aymorés; para ella Pery era um homem superior e excitava-lhe profunda admiração.

Foi só quando Cecilia e D. Antonio de Mariz desaparecerão da esplanada, que Pery, lançando ao redor um olhar para ver se a sua morte ainda se demoraria muito, descobriu a india perto delle.

Voltou o rosto e continuou a pensar em sua senhora, e a rever a sua imagem; debalde a menina selvagem, lhe apresentava um lindo fructo, um alimento, um vinho saboroso; elle não lhe dava attenção.

A india tornou-se triste por causa dessa obstinação com que o prisioneiro recusava o que lhe offerecia; e achegando-se levantou a cabeça pensativa de Pery.

Havia nos olhos da menina tanto fogo, tanta lubricidade no seu sorriso; as ondulações morbidas do seu corpo trahião tantos desejos e tanta voluptuosidade, que o prisioneiro comprehendeu immediatamente qual era a missão dessa enviada da morte, dessa esposa do tumulto, destinada a embellezar os ultimos momentos da vida!

O indio voltou o rosto com desdem; recusava as flôres como tinha recusado os fructos; repellia a embriaguez do prazer como havia repellido a embriaguez do vinho.

A menina enlaçou-o com os braços, murmurando palavras entrecortadas de uma lingua desconhecida, da lingua dos Aymorés,

que Pery não entendia; era talvez uma supplica, ou um consolo com que procurava mitigar a dôr do vencido.

Mal sabia que o indio ia morrer feliz e esperava o supplicio como a realização de um sonho doce, como a satisfação de um desejo querido e por muito tempo afagado com amor.

Mas podia ella, pobre selvagem, presentir e mesmo comprehender semelhante cousa? O que sabia era que Pery ia ser morto; que ella devia suavisar-lhe a ultima hora; e cumpria esse dever com um certo contentamento.

Pery sentindo os braços da menina cingirem seu collo, repellio-a vivamente para longe de si; e voltando procurou ver por entre as folhas se descobria os preparativos que os Aymorés fazião para o sacrificio.

Tardava-lhe o momento supremo em que devia ser immolado á colera e á vingança dos inimigos; sua altivez revoltava-se contra essa humilhação do captiveiro.

A india continuava a olha-lo tristemente, e sem comprehender porque a repellia; ella era linda e desejada por todos os jovens guerreiros de sua tribu; seu pai, o velho cacique, tinha-a destinado para o mais valente prisioneiro, ou para o mais forte dos vencedores.

Depois de conservar-se muito tempo nesta posição, a menina adiantou-se de novo, tomou um vaso cheio de *cauim*, e apresentou-o a Pery sorrindo e quasi supplicante.

Ao gesto de recusa que fez o indio, ella deitou o vaso no rio, e escolhendo sobre as folhas um cardo vermelho e doce como um favo de mel, estendeu a mão e tocou com o fructo a bocca do prisioneiro.

Pery engeitou o fructo como tinha engeitado o vinho, e a virgem selvagem atirando-o por sua vez ao rio, aproximou-se e offereceu ao prisioneiro seus labios encarnados, ligeiramente destendidos como para receberem o beijo que pedião.

O indio fechou os olhos, e pensou em sua senhora. Elevando-se até Cecilia, seu pensamento desprendia-se do involucro terrestre, e adejava n'uma atmosphaera pura e isenta da fascinação dos sentidos que escravisa o homem.

Comtudo Pery sentia o halito ardente da menina que lhe requeimava as faces: entreabrio os olhos, e viu-a na mesma posição, esperando uma caricia, um afago daquelle a quem a sua tribu mandára que amasse, e a quem ella já amava espontaneamente.

Na vida selvagem, tão proxima da natureza, onde a conveniencia e os costumes não reprimem os movimentos do coração, o sentimento é uma flor que nasce como a flor do campo, e cresce em algumas horas com uma gota de orvalho e um raio de sol.

Nos tempos de civilisação, ao contrario, o sentimento torna-se planta exotica; e só vinga e floresce nas estufas, isto é, nos corações onde o sangue é vigoroso, e o fogo da paixão ardente e intenso.

Vendo Pery no meio do combate, só contra toda a sua tribu, a india o admirara: contemplando-o depois quando prisioneiro, o achára mais bello do que todos os guerreiros.

Seu pai a destinára para esposa do inimigo que ia ser sacrificado; e portanto ella que começára por admira-lo acabava por deseja-lo, por ama-lo algumas horas apenas depois que o tinha visto.

Mas Pery, frio e indifferente, não se commovia, nem aceitava essa affeição passageira e ephemera que tinha começado com o dia e

devia acabar com elle, sua idéa fixa, a lembrança de seus amigos, o protegia contra a tentação.

Voltando as costas, levantou os olhos ao céu para evitar o rosto da selvagem que acompanhava a sua vista, como certas flôres acompanhão a rotação apparente do sol.

Entre a folhagem das arvores passava-se uma das scenas graciosas e singelas, que a cada momento no campo se offerecem á attenção daquelles que estudão a natureza nas suas pequenas creaturas.

Um casal de corrixos, que tinha feito o seu ninho n'um ramo, sentindo a habitação do homem e o fogo em baixo da arvore, mudava a sua pequena casa de palha e algodão.

Um desfazia com o bico o ninho, e o outro conduzia a palha para longe, para o lugar onde ião novamente fabrica-lo; quando acabárão este trabalho, acariciárão-se, e batendo as azas forão esconder o seu amor n'algum lindo retiro.

Pery se divertia em ver esse innocente idyllio, quando a india levantando-se de repente soltou um pequeno grito de alegria e de prazer, e sorrindo mostrou ao prisioneiro os dous passarinhos que voavão um a par do outre sobre o cupola da floresta.

Emquanto elle procurava comprehender o que queria dizer este aceno, a virgem desapareceu, e voltou quasi immediatamente trazendo um instrumento de pedra que cortava como faca e um arco de guerra.

Aproximou-se do indio, soltou-lhe os laços que lhe ligavão os punhos, e partio a mussurana que o prendia á arvore. Executou isto com uma extrema rapidez; e entregando a Pery o arco e as flechas,

estendeu a mão na direcção da floresta, mostrando-lhe o espaço que se abria diante delles.

Seus olhos e o seu gesto fallavam melhor do que a sua linguagem inculta, e exprimião claramente o seu pensamento:

—Tu és livre. Partamos!

FIM DA TERCEIRA PARTE.

QUARTA PARTE A CATASTROPHE

I ARREPENDIMENTO

Quando Loredano afastou-se de João Feio que o acabava de ameaçar, chamou quatro companheiros em quem mais confiava, e retirou-se com elles para a despensa.

Fechou a porta afim de interceptar a communição com os aventureiros, e poder tranquillamente tratar o negocio que tinha em mente.

Nesse curto instante havia feito uma modificação no seu plano da vespera; as palavras de ameaça ha pouco proferidas lhe revelarão que o descontentamento começava a lavrar. Ora, o italiano não era homem que recuasse diante de um obstaculo, e deixasse roubarem-lhe a esperança, que nutria desde tanto tempo.

Resolveu trazer as cousas rapidamente e executar naquelle mesmo dia o seu intento: seis homens fortes e destemidos bastavão para levar ao cabo a empreza que projectára.

Tendo fechado a porta, guiou os quatro aventureiros á sala que tocava com o oratorio, e onde Martim Vaz continuava a sua obra de demolição, minando a parede que os separava da familia.

—Amigos, disse o italiano, estamos n'uma posição desesperada; não temos força para resistir aos selvagens, e mais dia menos dia havemos de succumbir.

Os aventureiros abaixarão a cabeça e não respondêrão; sabião que aquella era a triste verdade.

—A morte que nos espera é horrivel; serviremos de pasto a esses barbaros que se alimentão de carne humana; nossos corpos sem

sepultura cevarão os instintos ferozes dessa horda de cannibae!...

A expressão do horror se pintou na physionomia daquelles homens, que sentirão um calafrio percorrer-lhes os membros e penetrar até á medulla dos ossos.

Loredano demorou um instante o seu olhar perspicaz sobre esses rostos decompostos:

—Tenho porém um meio de salvar-vos.

—Qual? perguntarão todos á uma voz.

—Esperai. Posso salvar-vos; mas isto não quer dizer que esteja disposto a fazê-lo.

—Por que razão?

—Por que... Porque todo o serviço tem o seu preço.

—Que exigis então? disse Martim Vaz.

—Exijo que me acompanheis, que me obedeçais cegamente, succeda o que succeder.

—Podeis ficar descansado, disse um dos aventureiros; eu respondo pelos meus companheiros.

—Sim! exclamarão os outros.

—Bem! Sabeis o que vamos fazer, já, neste momento?

—Não; mas vós nos direis.

—Escutai! Vamos acabar de demolir esta parede e atira-la dentro; entrar nessa sala, matar tudo quanto encontrarmos, menos uma pessoa.

—E essa pessoa...

—É a filha de D. Antonio de Mariz, Cecilia. Se algum de vós deseja a outra, póde toma-la; eu vol-a dou.

—E depois disto feito?

—Tomamos conta da casa; reunimos os nossos companheiros, e atacamos os Aymorés.

—Mas isto não nos salvará, retrucou um dos aventureiros; ha pouco dissestes que não temos força para resistir-lhes.

—De certo! acudio Loredano; não lhes resistiremos, mas nos salvaremos.

—Como! disserão os aventureiros desconfiados.

O italiano sorriu.

—Quando disse que atacaremos o inimigo, não fallei claro: queria dizer que os outros o atacam.

—Não vos entendo ainda; fallai mais claro.

—Ahi vai pois. Dividiremos os nossos homens em duas bandas; nós e mais alguns pertenceremos a uma que ficará sob a minha obediencia.

—Até aqui vamos bem.

—Isto feito, uma das bandas sahirá da casa para fazer uma sortida enquanto os outros atacam os selvagens do alto do rochedo; é um estratagema já velho e que deveis conhecer; metter o inimigo entre dous fogos.

—Adiante; continuai.

—Como a expedição de sahir é a mais perigosa e arriscada, tomo-a sobre mim; vós me acompanhais e marchamos. Sómente em lugar

de marchar sobre o inimigo, marchamos sobre o mais proximo povoado.

—Oh! exclamarão os aventureiros.

—Sob pretexto de que os selvagens podem cortar-nos a entrada da casa por alguns dias, levamos provisão de viveres. Caminhamos sem parar, sem olhar atrás; e prometto-vos que nos salvaremos.

—Uma traição! gritou um dos aventureiros. Entregarmos nossos companheiros nas mãos dos inimigos!

—Que quereis? A morte de uns é necessaria para a vida dos outros; este mundo é assim: não seremos nós que o havemos de emendar; andemos com elle.

—Nunca! Não faremos isto! É uma vilania!

—Bom, respondeu Loredano friamente, fazei o que vos aprouver. Fica; quando vos arrependerdes será tarde.

—Mas, ouvi...

—Não; não conteis já comigo. Julgei que fallava a homens a quem valesse salvar a vida; vejo que me enganei. Adeus.

—Se não fôra uma traição...

—Que fallais em traição!... replicou o italiano com arrogancia. Dizei-me, credes vós que algum escapará d'aqui na posição em que nos achamos? Morreremos todos. Pois se assim é, mais vale que se salvem alguns.

Os aventureiros parecêrão abalados por este argumento.

—Elles mesmos, continuou Loredano, a menos de serem egoistas, não terão o direito de se queixarem; e morrerão com a satisfação de

que sua morte foi útil aos seus companheiros, e não esteril como deve ser se ficarmos todos de braços cruzados.

—Vá feito; tendes razões a que não se resiste. Contai connosco, acudio um aventureiro.

—Comtudo levarei sempre um remorso, disse outro.

—Faremos dizer uma missa por sua alma.

—Bem lembrado! respondeu o italiano.

Os aventureiros forão ajudar o seu companheiro na demolição surda da parede, e Loredano ficou só retirado a um canto.

Por algum tempo acompanhou com a vista o trabalho dos cinco homens; depois tirou um largo cinto de escamas de aço que apertava o seu gibão.

Da parte interior desse cinto havia uma estreita abertura pela qual elle sacou um pergaminho dobrado ao comprido, era o famoso roteiro das *minas de prata*.

Revendo esse papel, todo o seu passado debuxou-se na sua memoria, não para deixar-lhe o remorso, mas para exita-lo a proseguir em busca desse thesouro que lhe pertencia, e do qual não podia gozar.

Foi tirado da sua distracção por um dos aventureiros, que se achegára para elle despercebido, e depois de olhar por muito tempo o papel, dirigio-lhe a palavra:

—Não podemos derrubar a parede.

—Porque? perguntou Loredano erguendo-se. Está segura?

—Não é isso, basta um empurrão; mas o oratorio?

—Que tem o oratorio?

—Que tem? Os santos, as sagradas imagens bentas não são cousa que se atire ao chão! Se tão damnada tentação nos tomasse, pediríamos a Deus que nos livrasse della.

Loredano desesperado dessa nova resistencia, cuja força elle conhecia, passeava pela sala de uma ponta á outra.

—Estupidos! murmurava elle. Basta um fragmento de madeira e um pouco de argila para fazê-los recuar! E dizem que são homens! Animaes sem intelligencia, que nem sequer têm o instincto da conservação!...

Alguns momentos decorrerão: os aventureiros parados esperavão a resolução do seu chefe.

—Tendes medo de tocar nos santos, disse Loredano avançando para elles; pois bem, serei eu que deitarei a parede abaixo. Continuai, e avisai-me quando for tempo.

Emquanto isto se passava, o resto dos aventureiros que ficara no alpendre ouvia a narração de João Feio, que lhes communicava as revelações de mestre Nunes.

Quando elles souberão que Loredano era um frade que abjurára dos seus votos, erguerão-se furiosos, e quizerão procura-lo e espedaça-lo.

—Que ides fazer? gritou o aventureiro. Não é assim que elle deve acabar; a sua morte ha de ser uma punição, uma terrivel punição. Deixai-me arranjar isto.

—Para que mais demora? respondeu Vasco Affonso.

—Prometto-vos que não haverá demora; hoje mesmo será condemnado; amanhã receberá o castigo de seus crimes.

E porque não hoje?

—Deixemos-lhe o tempo de arrepender-se; é preciso que antes de morrer sinta remorso do que praticou.

Os aventureiros decidirão por fim seguir esse conselho, e esperarão que Loredano apparecesse para se apoderarem delle, e o condemnarem summariamente.

Passou-se um bom espaço de tempo, e nada do italiano sahir; era quasi meio-dia.

Os aventureiros estavam desesperados de sêde; a sua provisão de agua e de vinho, já bastante diminuida depois do sitio dos selvagens, achava-se na despensa, cuja porta Loredano fechara por dentro.

Felizmente descobrirão no quarto do italiano algumas garrafas de vinho, que bebêrão no meio de risadas e chacotas, fazendo brindes ao frade que ião dentro em pouco condemnar á pena de morte.

No meio da hilaridade algumas palavras revelavão o arrependimento que começava a se apoderar delles; fallavão de ir pedir perdão ao fidalgo, de se reunir de novo a elle, e ajuda-lo a bater o inimigo.

Se não fosse a vergonha da má acção que tinham praticado, correrião a lançar-se ao joelhos de D. Antonio de Mariz immediatamente; mas resolvêrão fazê-lo quando o principal autor da revolta tivesse recebido o castigo do seu crime.

Seria esse o seu primeiro titulo ao perdão que ião supplicar; seria mais a prova da sinceridade do seu arrependimento.

II O SACRIFICIO

Pery comprehendêra o gesto da india; não fez porém o menor movimento para segui-la.

Fitou nella o seu olhar brilhante e sorrio.

Por sua vez a menina tambem comprehendeu a expressão daquelle sorriso e a resolução firme e inabalavel que se lia na fronte serena do prisioneiro.

Insistio por algum tempo, mas debalde. Pery tinha atirado para longe o arco e as flechas, e recostando-se ao tronco da arvore, conservava-se calmo e impassivel.

De repente o indio estremeceu.

Cecilia apparecêra no alto da esplanada, e lhe acenára; sua mãozinha alva e delicada agitando-se no ar parecia dizer-lhe que esperasse; Pery julgou mesmo ver no rostinho gentil de sua senhora, apezar da distancia, brilhar um raio de felicidade.

Quando com os olhos fitos naquella graciosa visão elle esforçava-se por adivinhar a causa de tão subita alegria, a india soltou um segundo grito selvagem, um grito terrivel.

Tinha pela direcção do olhar do prisioneiro visto Cecilia sobre a esplanada; tinha percebido o gesto da menina, e comprehendêra vagamente a razão por que Pery recusára a liberdade e o seu amor. Precipitou-se sobre o arco que estava atirado ao chão; mas apezar da rapidez desse movimento, quando ella estendia a mão, já Pery tinha posto o pé sobre a arma.

A selvagem, com os olhos ardentes, os labios entreabertos, tremula de ciúme e de vingança, levantou sobre o peito do indio a faca de pedra com que lhe cortara os laços ha pouco; mas a arma cahio-lhe da mão, e vacillando apoiou-se no seio que ameaçára.

Pery tomou-a nos braços, deitou-a sobre a relva, e sentou-se de novo junto ao tronco da arvore, tranquillo a respeito de Cecilia, que desapparecêra da esplanada e estava fora de perigo.

Era a hora em que a sombra das montanhas sobe ás encostas, e o jacaré deitado sobre a arêa se aquece aos raios do sol.

O ar estrugio com os sons roucos da inubia e do maracá; ao mesmo tempo um canto selvagem, o canto guerreiro dos Aymorés, misturou-se com a harmonia sinistra daquelles instrumentos ásperos e retumbantes.

A india deitada junto da arvore sobresaltou-se; e erguendo-se rapidamente, acenou ao prisioneiro mostrando-lhe a floresta e supplicando-lhe que fugisse. Pery sorriu como da primeira vez; tornando a mão da menina a fez sentar perto d'elle, e tirou do pescoço a cruz de ouro que Cecilia lhe havia dado.

Então começou entre elle e a selvagem uma conversa por acenos de que seria difficil dar uma idéa.

Pery dizia á menina que lhe dava aquella cruz como uma lembrança, mas que só depois que elle morresse é que devia tira-la do pescoço. A selvagem entendeu ou julgou entender o que Pery procurava exprimir symbolicamente, e beijou-lhe as mãos em signal de reconhecimento.

O prisioneiro obrigou-a a atar de novo os laços que o ligavão, e que ella no seu generoso impulso de dar-lhe a liberdade havia desfeito.

Nesse momento quatro guerreiros Aymorés dirigirão-se á arvore em que se achava Pery; e segurando as pontas da corda o conduzirão ao campo, onde tudo estava já preparado para o sacrificio.

O indio ergueu-se e caminhou com o passo firme e a fronte alta diante dos quatro inimigos, que não percebêrão o olhar rapido que nessa occasião elle lançou ás pontas da sua tunica de algodão, torcidas em dous nós pequenos.

O campo cortado em ellipse no meio das arvores estava cercado por cento e tantos guerreiros armados em guerra e cobertos de ornatos de pennas.

No fundo as velhas pintadas de listras negras e amarellas, de aspecto horrido, preparavão um grande brasido, lavavão a lage que devia servir de mesa, e afiavão as suas facas de ossos e lascas de pedra.

As moças grupadas de um lado guardavão os vasos cheios de vinho e bebidas fermentadas, que offerecião aos guerreiros quando estes passavão diante dellas entoando o canto de guerra dos Aymorés.

A menina que fôra incumbida de servir ao prisioneiro, e o acompanhára ao lugar do sacrificio, conservava-se a alguma distancia, e olhava tristemente todo esses preparativos; pela primeira vez seu instincto natural parecia relevar-lhe a atrocidade desse costume tradicional de seus pais, a que ella tantas vezes assistira com prazer.

Agora que ia representar como heroina no drama terrivel, e como esposa do prisioneiro devia acompanhá-lo até o momento supremo, insultando-lhe a dôr e a desgraça, o seu coração confrangia-se;

porque realmente amava Pery, tanto quanto amar era possível a uma natureza como a sua.

Chegados ao campo, os selvagens que conduzião o prisioneiro passarão as pontas da corda ao tronco de duas arvores, e esticando o laço o ohrigarão a ficar immovel no meio do terreiro. Os guerreiros desfilarão em roda entoando o canto da vingança; as inubias retroarão de novo; os gritos confundirão-se com o som dos maracás, e tudo isto formou um concerto horrivel.

Á medida que se animavão, a cadencia apressava-se, de modo que a marcha triumphal dos guerreiros se tornava uma dansa macabria, uma corrida veloz, uma valsa fantastica, em que todos esses vultos horrendos, cobertos de pennas que brilhavão á luz do sol, passavão como espiritos satanicos envoltos na chamma eterna.

A cada volta que fazia esse sabbat, um dos guerreiros destacava-se do circulo, e adiantando-se para o prisioneiro o desafiava ao combate, e conjurava-o a que dêsse provas de sua coragem, de sua força e de seu valor.

Pery, sereno e altivo, recebia com um soberbo desdem a ameaça e o insulto, e sentia um certo orgulho pensando que no meio de todos aquelles guerreiros fortes e armados, elle, o prisioneiro, o inimigo que ia ser sacrificado, era o verdadeiro, o unico vencedor.

Talvez pareça isto incomprehensivel; mas o facto é que Pery o pensava, e que só o segredo que elle guardava no fundo de sua alma podia explicar a razão desse pensamento e a tranquillidade com que esperava o supplicio.

A dansa continuava no meio dos cantos, dos alaridos e das constantes libações, quando de repente tudo emmudeceo, e o mais profundo silencio reinou no campo dos Aymorés.

Todos os olhos se voltárão para uma cortina de folhas que occultava uma especie de cabana selvagem, construida a um lado do campo em face do prisioneiro.

Os guerreiros se afastárão, as folhas se abrirão, e entre aquellas franjas de verdura assomou o vulto gigantesco do velho cacique. Duas pelles de tapir ligadas sobre os hombros cobrião seu corpo como uma tunica; um grande cocar de pennas escarlates ondeava sobre a sua cabeça, e realçava-lhe a grande estatura.

Tinha o rosto pintado de uma cor esverdeada e oleosa, e o pescoço cingido de uma colleira feita com as pennas brilhantes do tucano; no meio desse aspecto horrendo os seus olhos brilhavão como dous fogos vulcanicos no seio das trevas. Trazia na mão esquerda a tagapema coberta de plumas resplandecentes, e amarrada ao punho direito uma especie de busina formada de um osso enorme da canella de algum inimigo morto em combate.

Chegando á entrada do campo o velho selvagem levou á bocca o seu instrumento barbaro, e tirou d'elle um som estrondoso; os Aymorés saudárão com gritos de alegria e de entusiasmo o apparecimento do vencedor.

Ao cacique cabia a honra de ser o algóz da victima, o matador do prisioneiro; seu braço devia consummar a grande obra da vingança, esse sentimento que constituia para aquelles povos fanaticos a verdadeira gloria.

Apenas cessárão as acclamações com que foi acolhida a entrada do vencedor, um dos guerreiros que o acompanhavão adiantou-se e fincou na extrema do campo uma estaca destinada a receber a cabeça do inimigo, logo que ella fosse decepada do corpo.

Ao mesmo tempo a joven india que servia de esposa ao prisioneiro, tirou o *tacape* que pendia do hombro de seu pai, e caminhando para Pery desligou-lhe os braços e offereceu-lhe a arma, fitando nelle um olhar triste, ardente e cheio de amarga exprobação.

Nesse olhar dizia-lhe que se tivesse aceitado o amor que lhe offerecêra, e com o amor a vida e a liberdade, ella não seria obrigada pelo costume tradicional de sua nação a escarnecer assim da sua morte.

Com effeito esse offerecimento que os selvagens fazião ao prisioneiro de uma arma para se defender, era uma ironia cruel; ligado pelo laço que o prendia, immovel pela tensão da corda, de que lhe servia vibrar o *tacape* no ar, se não podia attingir os inimigos?

Pery aceitou a arma que a menina lhe trazia; calcando-a aos pés cruzou os braços e esperou o cacique, que avançava lentamente, terrivel e ameaçador.

Chegado em face do prisioneiro, a physionomia do velho esclareceu-se com um sorriso feroz, reflexo dessa embriaguez do sangue, que dilata as narinas do jaguar prestes a saltar sobre a presa.

—Sou teu matador! disse em guarany.

Pery não se admirou ouvindo a sua bella lingua adulterada pelos sons roucos e guturaes que sahião dos labios do selvagem.

—Pery não te teme!

—És Goytacaz?

—Sou teu inimigo!

—Defende-te!

O indio sorrio:

—Tu não mereces.

Os olhos do velho fuzilárão de raiva: a mão cerrou o punho da tagapema; mas elle reprimio logo o assomo da colera.

A esposa do prsioneiro atravessou o campo e offereceu ao vencedor um grande vaso de barro vidrado cheio de vinho de ananaz ainda espumante.

O selvagem virou de um trago a bebida aromatica, e endireitando o seu alto talhe, lançou ao prisioneiro um olhar soberbo:

—Guerreiro Goytacaz, tu és forte e valente; tua nação é temida na guerra. A nação Aymoré é forte entre as mais fortes, valente entre as mais valentes. Tu vais morrer.

O côro dos selvagens respondeu a essa especie de canto guerreiro, que preludiava o tremendo sacrificio.

O velho continuou:

—Guerreiro Goytacaz, tu és prisioneiro; tua cabeça pertence ao guerreiro Aymoré; teu corpo aos filhos de sua tribu; tuas entranhas servirão ao banquete da vingança. Tu vais morrer.

Os gritos dos selvagens respondêrão de novo: e o canto se prolongou por muito tempo lembrando os feitos gloriosos da nação Aymoré, e as acções de valor de seu chefe.

Emquanto o velho fallava, Pery o escutava com a mesma calma e impassibilidade; nem um dos musculos do seu rosto trahia a menor emoção; seu olhar limpido e sereno ora fitava-se no rosto do

cacique, ora volvia-se pelo campo examinando os preparativos do sacrificio.

Apenas quem o observasse veria que de braços cruzados como estava, uma das mãos desfazia imperceptivelmente um dos nós que havião na ponta de seu saio de algodão.

Quando o velho acabou de fallar encarou o prisioneiro, e recuando dous passos elevou lentamente a pesada clava que empunhava na mão esquerda. Os Aymorés anciosos esperavão; as velhas com as suas navalhas de pedra estremecião de impaciencia; as jovens indias sorrião, emquanto a noiva do prisioneiro voltava o rosto para não ver o espectáculo horrivel que ia apresentar-se.

Nesse momento Pery levando as duas mãos aos olhos cobrio o rosto, e curvando a cabeça ficou algum tempo nessa posição, sem fazer um movimento que revelasse a menor perturbação.

O velho sorrio.

—Tens medo!

Ouvindo estas palavras, Pery ergueu a cabeça com ar senhoril. Uma expressão de jubilo e serenidade irradiava no seu rosto, dir-se-hia o extasi dos martyres da religião que na ultima hora, através do tumulto, entrevêm a felicidade suprema.

A alma nobre do indio prestes a deixar a terra parecia exhalar já do seu involucro; e pousando nos seus labios, nos seus olhos, na sua fronte, esperava o momento de lançar-se no espaço para ir se abrigar no seio do Creador.

Erguendo a cabeça, fitou os olhos no céu, com se a morte que ia cahir sobre elle fosse uma visão encantadora que descesse das nuvens sorrindo-lhe. Era que nesse ultimo sonho da existência via a

linda imagem de Cecilia, feliz, alegre e contente; via sua senhora salva.

—Fere!... disse Pery ao velho cacique.

Os instrumentos retumbarão de novo; os gritos e os cantos se confundirão com aquelles sons roucos, e rebóarão pela floresta como o trovão rolando pelas nuvens.

A tagapema coberta de plumas gyrou no ar scintillando aos raios de sol que ferião as côres brillantes.

No meio desse turbilhão ouvio-se um estrondo, uma ancia de agonisante e o baque de um corpo: tudo isto confusamente, sem que no primeiro instante se podesse perceber o que havia passado.

III SORTIDA

O estrondo que se ouviu, fôra causado por um tiro que partio d'entre as arvores.

O velho Aymoré vacillou; seu braço que vibrava o tacape com uma força herculea, cahio inerte; o corpo abateu-se como o ipê da floresta cortado pelo raio.

A morte tinha sido quasi instantanea; apenas um estertor de agonia resoou no seu peito largo e ainda ha pouco vigoroso: cahira já cadaver.

Emquanto os selvagens permanecião estaticos diante do que se passava, Alvaro com a espada na mão e a clavina ainda fumegante precipitava-se no meio do campo. De dous talhos rapidos cortou os laços de Pery, e com as evoluções de sua espada conteve os selvagens, que voltando a si cahião sobre elle bramindo de furor.

Immediatamente ouviu-se uma descarga de arcabuzes; dez homens destemidos tendo á sua frente Ayres Gomes saltarão por sua vez com a arma em punho, e começarão a talhar de alto a baixo a grandes golpes de espada.

Não parecião homens, e sim dez demonios, dez machinas de guerra vomitando a morte de todos os lados; enquanto a sua mão direita imprimia á lamina da espada mil voltas, que erão outros tantos golpes terriveis, a esquerda jogava a adaga com destreza e segurança admiravel.

O escudeiro e seus homens tinhão feito um semi-circulo em roda de Alvaro e de Pery, e apresentavão uma barreira de ferro e fogo ás

ondas de inimigos que bramião, recuavão, e lançavão-se de novo quebrando-se de encontro a esse dique.

No curto instante que mediou entre a morte do cacique e o ataque dos aventureiros, Pery de braços cruzados olhava impassível para tudo o que se passava em torno d'elle. Comprehendia então o gesto que sua senhora ha pouco lhe fizera do alto da esplanada, e o raio de esperança e de alegria que elle julgára ver brilhar no seu semblante.

Com effeito no primeiro momento de afflicção Cecilia se lançára para ver o indio, chama-lo ainda, e supplicar-lhe mesmo que não expozesse a sua vida inutilmente.

Não tendo mais visto Pery, a menina sentio um desespero cruel; voltou-se para seu pai, e com as faces orvalhadas de lagrimas, com o seio anhelante, com a voz cheia de angustia, pediu-lhe que salvasse Pery.

D. Antonio de Mariz, antes que sua filha lhe fizesse esse pedido, já tinha-se lembrado de chamar os seus companheiros fieis, e seguido por elles correr contra o inimigo, e livrar o indio da morte certa e inevitavel que procurava.

Mas o fidalgo era um homem de uma lealdade e de uma generosidade a toda a prova; sabia que aquella empreza era de um risco immenso, e não queria obrigar os seus companheiros a partilhar um sacrificio que elle só faria de bom grado á amizade que votava a Pery.

Os aventureiros que se havião dedicado com tanta constancia á salvação de sua familia, não tinham as mesmas razões para se arriscarem por causa de um homem que não pertencia á sua religião, e que não tinha com elles o menor laço de communidade.

D. Antonio de Mariz perplexo, irresoluto entre a amizade e o seu escrupulo generoso, não soube o que responder a sua filha; procurou consola-la, afflicto por não poder satisfazer immediatamente a sua vontade.

Alvaro, que contemplava esta scena pungente a alguma distancia, no meio dos aventureiros fieis e dedicados que tinha sob suas ordens, tomou repentinamente uma resolução.

Seu coração partia-se vendo Cecilia soffrer; e embora amasse Isabel, a sua alma nobre sentia ainda pela mulher a quem votára os seus primeiros sonhos, uma affeição pura, respeitosa, uma especie de culto.

Era uma cousa singular na vida dessa menina; todas as paixões, todos os sentimentos que a envolvão soffrião a influencia de sua innocencia, e ião a pouco e pouco depurando-se e tomando um quer que seja de ideal, um cunho de adoração.

O mesmo amor ardente e sensual de Loredano, quando se tinha visto em face della, adormecida na sua casta isenção, emmudecêra e hesitara um momento se devia manchar a santidade do seu pudor.

Alvaro trocou com os aventureiros algumas palavras; e dirigio-se para o grupo que formavão D. Antonio de Mariz e sua filha.

—Consolai-vos, D. Cecilia; disse o moço, e esperai!

A menina fitou nelle os seus olhos azues cheios de reconhecimento; aquella palavra era ao menos uma esperança.

—Que contaís fazer! perguntou D. Antonio ao cavalheiro.

—Tirar Pery das mãos do inimigo!

—Vós!... exclamou Cecilia.

—Sim, D. Cecilia, disse o moço; aquelles homens dedicados vendo a vossa afflicção sentirão-se commovidos e desejão poupar-vos uma justa mágoa.

Alvaro attribuia a generosa iniciativa aos seus companheiros, quando elles não tinham feito senão aceita-la com enthusiasmo.

Quanto a D. Antonio de Mariz, sentira uma intima satisfação ouvindo as palavras do moço: seus escrúpulos cessavam desde que seus homens espontaneamente se offerecião para realizar aquella difficil empreza.

—Cedereis-me uma parte dos nossos homens; quatro ou cinco me bastão; continuou o moço dirigindo-se ao fidalgo; ficareis com o resto para defender-vos no caso de algum ataque imprevisto.

—Não; respondeu D. Antonio; levai-os todos, já que se prestão a essa tão nobre acção, que não me animava a exigir de sua coragem. Para defender a minha filha, basto eu, apesar de velho.

—Desculpai-me, Sr. D. Antonio, replicou Alvaro; mas é uma imprudencia a que me opponho; pensai que a dous passos de vós existem homens perdidos, que nada respeitam, e que espião o momento de fazer-vos mal.

—Sabeis se prezo e estimo esse thesouro cuja guarda me foi confiada por Deus. Julgais que haja neste mundo alguma cousa que me faça expo-lo a um novo perigo? Acreditai-me: D. Antonio de Mariz, só, defenderá sua familia, emquanto vós salvareis um bom e nobre amigo.

—Confiais demasiado em vossas forças!...

—Confio em Deus, e no poder que elle collocou em minha mão: poder terrivel, quando chegar o momento fulminará todos os

nossos inimigos com a rapidez do raio.

A voz do velho fidalgo pronunciando estas palavras tinha-se revestido de uma solemnidade imponente; o seu rosto illuminou-se com uma expressão de heroismo e de magestade que realçou a belleza severa do seu busto veneravel.

Alvaro olhou com uma admiração respeitosa o velho cavalheiro enquanto Cecilia, pallida e palpitante das emoções que sentira, esperava com anciedade a decisão que ião tomar.

O moço não insistio e sujeitou-se á vontade de D. Antonio de Mariz;

—Obedeço-vos; iremos todos e voltaremos mais promptos.

O fidalgo apertou-lhe a mão:

—Salvai-o!

—Oh! sim, exclamou Cecilia, salvai-o, Sr. Alvaro.

—Juro-vos, D. Cecilia, que só a vontade do céu fará que eu não cumpra a vossa ordem.

A menina não achou uma palavra para agradecer essa generosa promessa; toda a sua alma partio-se n'um sorriso divino.

Alvaro inclinou-se diante della; foi juntar-se aos aventureiros, e deo-lhes ordem de se prepararem para partir. Quando o moço entrou na sala então deserta para tomar a suas armas, Isabel, que já sabia do seu projecto, correu a elle pallida e assustada.

—Ides bater-vos? disse ella coma voz tremula.

Em que isto vos admira? Não nos batemos todos os dias com o inimigo!

—De longe!... Defendidos pela posição! Mas agora é diferente!

—Não vos assusteis. Isabel! Daqui a uma hora estarei de volta.

O moço passou a clavina á tiracollo e quiz sahir.

Isabel tomou-lhe as mãos com um movimento arrebatado; seus olhos scintillavão com um fogo estranho; suas faces estavam incendiadas de vivo rubor.

O moço procurou tirar as mãos daquella pressão ardente e apaixonada:

—Isabel, disse elle com uma doce exprobação; quereis que falte á minha palavra, que recue diante de um perigo?

—Não! Nunca eu vos pediria semelhante cousa! Era preciso que não vos conhecesse, e que não... vos amasse!...

—Mas então dexai-me partir.

—Tenho uma graça a supplicar-vos?

—De mim?... Neste momento?

—Sim! Neste momento!... Apesar do que me dizieis ha pouco, apesar do vosso heroismo, sei que caminhais a uma morte certa, inevitavel.

A voz de Isabel tornou-se balbuciante:

—Quem sabe... se nos veremos mais neste mundo?!

—Isabel!... disse o moço querendo fugir para evitar a commoção que se apoderava delle.

—Promettestes fazer-me a graça que vos pedi.

—Qual?

—Antes de partir, antes de me dizer adeus para sempre...

A moça fitou no cavalheiro um olhar que fascinava.

—Fallai!... fallai!...

—Antes de nos separarmos, eu vos supplico, deixai-me uma lembrança vossa!... Mas uma lembrança que fique dentro de minha alma!

E a menina cahio de joelhos aos pés de Alvaro, occultando seu rosto que o pudor revoltado em luta com a paixão cobria de um brillante carmim.

Alvaro ergueu-a confusa e vergonhosa do que tinha feito, e chegando os seus labios ao ouvido proferio, ou antes murmurou uma phrase.

O semblante de Isabel expandio-se; uma aureola de ventura cingio a sua fronte; seu seio dilatou-se, e respirou com a embriaguez do coração feliz.

—Eu te amo!

Era a phrase que Alvaro deixára cahir na sua alma, e que a enchia toda como um effluvio celeste, como um canto divino que resoava nos seus ouvidos e fazia palpar todas as suas fibras.

Quando ella sahio desse extasi, o moço tinha sahido da sala, e unia-se aos seus companheiros prompts a marchar.

Foi nessa occasião que Cecilia, chegando imprudentemente á palissada, fez a Pery un aceno que lhe dizia esperasse.

A pequena columna partio commandada por Alvaro e por Ayres Gomes, que depois de tres dias não deixava o seu posto dentro do gabinete do fidalgo.

Quando os bravos combatentes desaparecerão na floresta, D. Antonio de Mariz recolheu-se com sua familia para a sala, e sentando-se na sua poltrona esperou tranquillamente. Não mostrava o menor temor de ser atacado pelos aventureiros revoltados, que estavam a alguns passos de distancia apenas, e que não deixariam de aproveitar um ensejo tão favoravel.

D. Antonio tinha a este respeito uma completa segurança; tendo fechada as portas e examinado a escorva de suas pistolas, recommendou silencio, afim de que nem um rumor lhe escapasse.

Vigilante e attento, o fidalgo reflectia ao mesmo tempo sobre o facto que se acabava de passar, e que o tinha profundamente impressionado.

Conhecia Pery e não podia comprehender como o indio, sempre tão intelligente e tão perspicaz, se deixára levar por uma louca esperança a ponte de ir elle só atacar os selvagens.

A extrema dedicação do indio por sua senhora, o desespero da posição em que se achavam, podia explicar essa hallucinação, se o fidalgo não soubesse quanto Pery tinha a calma, a força e o sangue-frio que tornão o homem superior a todos os perigos. O resultado de suas reflexões foi que havia no procedimento de Pery alguma cousa que não estava clara e que devia explicar-se mais tarde.

Ao passo que elle se entregava a esses pensamentos, Alvaro tinha feito uma volta, e favorecido pela festa dos selvagens se aproximara sem ser percebido.

Quando avistou Pery a algumas braças de distancia, o velho cacique levantava a tagapema sobre a sua cabeça.

O moço levou a clavina ao rosto; e a bala sibilando foi atravessar o craneo do selvagem.

IV REVELAÇÃO

Apenas Alvaro, com a chegada dos seus companheiros, viu-se livre dos inimigos que o atacavam, voltou a Pery, que assistia immovel a toda esta scena.

—Vinde! disse o moço com autoridade.

—Não! respondeu o indio friamente.

—Tua senhora te chama!

Pery abaixou a cabeça com uma profunda tristeza.

—Dize á senhora que Pery deve morrer; que vai morrer por ella. E tu parte, porque senão seria tarde.

Alvaro olhou a physionomia intelligente do indio para ver se descobria nella algum signal de perturbação de espirito: porque o moço não comprehendia, nem podia comprehender a causa desta obstinação insensata.

O rosto de Pery, calmo e sereno, não lhe deixou ver senão uma resolução firme, inabalavel, tanto mais profundo quando se mostrava sob uma apparencia de socego e tranquillidade.

—Assim, tu não obedece á tua senhora?

Pery custou a arrancar a palavra dos labios.

—A ninguem.

Quando pronunciava esta palavra, um grito fraco soou ao lado d'elle; voltando-se viu a india que lhe haviam destinado por esposa cahindo atravessada por uma flecha.

O tiro fôra destinado a Pery por um dos selvagens, e a menina lançando-se para cobrir o corpo daquelle que amára uma hora recebêra a setta no peito.

Seus olhos negros, desmaiados pelas sombras da morte, volvêrão a Pery um ultimo olhar; e cerrando tornárão a abrir-se, já sem vida e sem brilho. Pery sentio um movimento de piedade e sympathia vendo essa victima de sua dedicação, que como elle sacrificava sem hesitar a sua existencia para salvar aquelle a quem amava.

Alvaro nem se apercebeu do que acabava de passar; lançando um olhar para seus homens que batião-se valentemente com os Aymorés fez um aceno a Ayres Gomes.

—Escuta, Pery; tu sabes se costume cumprir a minha palavra. Jurei a Cecilia levar-te; e ou tu me acompanhas, ou morreremos todos neste lugar.

—Faze o que quizeres! Pery não sahira d'aqui.

—Vês estes homens?... são os unicos defensores que restão á tua senhora; se todos elles morrem, bem sabes que é impossivel que ella se salve.

Pery estremeceu. Ficou um momento pensativo; depois, sem dar tempo a que o seguissem, lançou-se entre as arvores.

D. Antonio de Mariz e sua familia, tendo ouvido os tiros dos arcabuzes, esperavão com anciedade o resultado da expedição.

Dez minutos havião decorrido na maior impaciencia, quando sentirão tocar na porta, e ouvirão a voz de Pery; Cecilia correu, e o indio ajoelhou-se a seus pés pedindo-lhe perdão.

O fidalgo, livre do pezar de perder um amigo, assumira a sua costumada severidade, como sempre que se tratava de uma falta

grave.

—Commetteste uma grande imprudencia, disse elle ao indio; fizeste soffrer teus amigos; expozeste a vida daquelles que te amão; não precisas de outra punição além desta.

—Pery ia salvar-te!

—Entregando-te nas mãos do inimigo?

—Sim!

—Fazendo-te matar por elles?

—Matar e...

—Mas qual era o resultado dessa loucura?

O indio calou-se.

—É preciso explicar-te, para que não julguemos que o amigo intelligente e dedicado de outr'ora tornou-se um louco e um rebelde.

A palavra era dura; e o tom em que foi dita ainda aggravava mais a reprehensão severa que ella encerrava.

Pery sentio um lagrima humedecer-lhe as palpebras:

—Obrigas Perry a dizer tudo!

—Deves fazê-lo, se desejas rehabilitar-te na estima que te votava, e que sinto perder.

—Pery vai fallar.

Alvaro entrava nesse momento tendo deixado no alto da esplanada os seus companheiros já livres de perigo, e quites por algumas feridas que não erão felizmente muito graves.

Cecilia apertou as mãos do moço com reconhecimento; Isabel enviou-lhe n'um olhar toda a sua alma.

As pessoas presentes se gruparão ao redor da poltrona de D. Antonio, em face do qual Pery de pé com a cabeça baixa, confuso e envergonhado como um criminoso, ia justificar-se.

Dir-se-hia que confessava uma acção indigna e vil: ninguém adivinhava que sublime heroísmo, que concepção gigantesca havia nesse acto, que todos condemnarão como uma loucura.

Elle começou:

«Quando Ararê deitou o seu corpo sobre a terra para não tornar a erguê-lo, chamou Pery e disse:

«Filho de Ararê, teu pai vai morrer; lembra-te que tua carne é a minha carne; que teu sangue é meu sangue. Teu corpo não deve servir ao banquete do inimigo.

«Ararê disse, e tirou suas contas de fructos que deo a seu filho; estavam cheias de veneno; tinham nellas a morte.

«Quando Pery fosse prisioneiro, bastava quebrar um fructo, e ria do vencedor que não se animaria a tocar no seu corpo.

«Pery viu que a senhora soffria e olhou as suas contas; teve uma idéa; a herança de Ararê podia salvar a todos.

«Se tu deixasses fazer o que queria, quando a noite viesse não acharia um inimigo vivo; os brancos e os indios não te offenderião mais.»

Toda a familia ouvia esta narração com uma surpresa extraordinaria; comprehendião delia que havia em tudo isto uma arma terrivel,—o veneno; mas não podião saber os meios de que o

indio se servira ou pretendia servir-se para usar desse agente de destruição.

—Acaba! disse D. Antonio; por que modo contavas então destruir o inimigo?

—Pery envenenou a agua que os brancos bebem, e o seu corpo, que devia servir ao banquete dos Aymorés!

Um grito de horror acolheu essas palavras ditas pelo indio em um tom simples e natural.

O plano que Pery combinára para salvar seus amigos acabava de revelar-se em toda a sua abnegação sublime, e com o cortejo de scenas terriveis e monstruosas que devião acompanhar a sua realisação.

Confiado nesse veneno que os indios conhecião com o nome de *curarê*, e cuja fabricação era um segredo de algumas tribus, Pery com a sua intelligencia e dedicação descobrira um meio de vencer elle só aos inimigos, apesar do seu numero e da sua força.

Sabia a violencia e o effeito prompto daquella arma que seu pai lhe confiára na hora da morte; sabia que bastava uma pequena parcella desse pó subtil para destruir em algumas horas a organização a mais forte e a mais robusta. O indio resolveu pois usar desse poder que na sua mão heroica ia tornar-se um instrumento de salvação, e o agente de um sacrificio tremendo feito á amizade.

Dous fructos bastarão; um servio para envenenar a agua e as bebidas dos aventureiros revoltados; o outro acompanhou-o até o momento do supplicio, em que passou de suas mãos aos seus labios.

Quando o cacique vendo-o cobrir o rosto perguntou-lhe se tinha medo, Pery acabava de envenenar o seu corpo, que devia d'ahi a algumas horas ser um germen de morte para todos esses guerreiros bravos e fortes.

O que porém dava a esse plano um cunho de grandeza e de admiração, não era sómente o heroismo do sacrificio; era a belleza horrivel da concepção, era o pensamento superior que ligára tantos acontecimentos, que os submettêra á sua vontade, fazendo-os succeder-se naturalmente e caminhar para um desfecho necessario e infallivel.

Porque, é preciso notar, a menos de um facto extraordinario, desses que a providencia humana não pode prevenir, Pery quando sahio da casa tinha a certeza de que as cousas se passarião como de facto se passarão.

Atacando os Aymorés a sua intenção era excita-los á vingança; precisava mostrar-se forte, valente, destemido, para merecer que os selvagens o tratassem como um inimigo digno de seu odio. Com a sua destreza e com a precaução que tomára tornando o seu corpo impenetravel, contava evitara morte antes de poder realizar o seu projecto; quando mesmo cahisse ferido, tinha tempo de passar o veneno aos labios.

A sua previsão porém não o illudio; tendo conseguido o que desejava, tendo excitado a raiva dos Aymorés, quebrou a sua arma, e supplicou a vida ao inimigo; foi de todo o sacrificio o que mais lhe custou.

Mas assim era preciso; a vida de Cecilia o exigia; a morte que o havia respeitado até então podia sorprendê-lo; e Pery queria ser feito prisioneiro, como foi, e contava ser.

O costume dos selvagens, de não matar na guerra o inimigo e de captiva-lo para servir ao festim da vingança, era para Pery uma garantia e uma condição favoravel á execução do seu projecto.

Quanto á peripecia final, que a intervenção de Alvaro obstára; não fôra esse incidente imprevisto, que seria igualmente infallivel.

Segundo as leis tradicionaes do povo barbaro, toda a tribu devia tomar parte no festim, as mulheres moças tocavão apenas na carne do prisioneiro; mas os guerreiros a saboreavão como um manjar delicado, adubado pelo prazer da vingança: e as velhas com a gula feroz das harpias que se cevão no sangue de suas victimas.

Pery contava pois com toda a segurança que dentro de algumas horas o corpo envenenado da victima levaria a morte ás entranhas do seus algozes, e que elle só destruiria toda uma tribu, grande, forte, poderosa, apenas com auxilio dessa arma silenciosa.

Póde-se agora comprehender qual tinha sido o seu desespero vendo esse plano inutilizado; depois de ter desobedecido á sua senhora, depois de haver tudo realizado, quando só faltava o desfecho, quando o golpe que ia salvar a todos cahia, mudar-se de repente a face das cousas, e ver destruida a sua obra, filha de tanta meditação!

Ainda assim quiz resistir, quiz ficar, esperando que os Aymorés continuarião o sacrificio; mas conheceu que a resolução de Alvaro era inabalavel como a sua; que ia ser causa da morte de todos os defensores fieis de D. Antonio, sem ter já a certeza de sua salvação.

No primeiro momento que succedeu á confissão de Pery, todos os actores dessa scena, pallidos, tomados de espanto e de terror, com os olhos cravados no indio, duvidavão ainda do que tinham ouvido; o

espírito horrorisado não formulava uma idéa; os lábios tremulos não achavão uma palavra.

D. Antonio foi o primeiro que recobrou a calma; no meio da admiração que lhe causava aquella acção heroica, e das emoções produzidas por essa idéa ao mesmo tempo sublime e horrivel, uma circumstancia o tinha sobretudo impressionado.

Os aventureiros ião ser victimas do envenenamento; e por maior que fosse o gráo de baixeza e aviltamento a que tinham descido esses homens pela sua traição, a nobreza do fidalgo não podia soffrer semelhante homicidio.

Elle os puniria a todos com a morte ou com o desprezo, essa outra morte moral; mas o castigo na sua opinião elevava a morte á altura de um exemplo; emquanto que a vingança a fazia descer ao nivel do assassinato.

—Vai, Ayres Gomes, gritou D. Antonio ao seu escudeiro; corre e previne a esses desgraçados, se ainda é tempo!

V O PAIOL

Cecilia ouvindo a voz de seu pai estremeceu como se acordasse de um sonho.

Atravessou o aposento com passo vacillante, e chegando-se a Pery, fitou nelle os seus lindos olhos azues com uma expressão indefinivel.

Havia nesse olhar ao mesmo tempo a admiração immensa que lhe causava a acção heroica do indio; a dôr profunda que sentia pela sua perda; e uma exprobação por não ter elle ouvido as suas supplicas.

O indio nem se animava a levantar os olhos para sua senhora; não tendo realisado o sen desejo, considerava agora tudo quanto fizera como uma loucura.

Sentia-se criminoso, e de toda a sua acção heroica e sublime para os outros, só lhe restava o pezar de ter offendido Cecilia, e de lhe haver causado inutilmente um degosto.

—Pery, disse a menina com desespero, porque não fizeste o que tua senhora te pedia?...

O indio não sabia o que responder; temia ter perdido a affeição de Cecilia, e essa idéa martyrisava os últimos momentos que lhe restavão a viver.

—Cecilia não te disse, continuou a menina soluçando, que ella não aceitaria a salvação com o sacrificio de tua vida?

—Pery já te pediu que perdoasses! mnrmurou o indio

—Oh! Se tu soubesses o que fizeste hoje soffrer á tua senhora!... Mas ella te perdôa.

—Ah!... exclamou Pery, cuja physionomia illuminou-se.

—Sim!... Cecilia te perdôa tudo que soffreu, e tudo que vai soffrer! Mas será por pouco tempo...

A menina dizia essas palavras com um triste sorriso de sublime resignação; conhecia que não havia mais esperança de salvação, e esta idéa quasi a consolava.

Não pôde acabar porém; a palavra ficou-lhe presa aos labios, tremula, consulva: seus olhos se fixavão em Pery com um sentimento de terror e de espanto.

A physionomia do indio se tinha decomposto; seus traços nobres alterados por contracções violentas, o rosto encovado, os labios roxos, os dentes que se entrechocavão, os cabellos erriçados da vão-lhe um aspecto medonho.

—O veneno!... gritarão os espectadores dessa scena horrorisados.

Cecilia fez um esforço extraordinario; e lançando-se para o indio, procurou reanima-lo.

—Pery!... Pery... balbuciava a menina aquecendo nas suas as mãos geladas de seu amigo.

—Pery vai-te deixar para sempre, senhora.

—Não!... Não!... exclamou a menina fora de si.

Não quero que tu nos deixes!... Oh! tu és máo muito máo!... Se estimasses tua senhora, não a abandonarias assim!...

As lagrimas orvalhavão as faces da menina, que no seu desespero não sabia o que dizia. Erão palavras entrecortadas, sem sentido;

mas que revelavam a sua angustia.

—Tu queres que Pery viva, senhora? disse o indio com a voz commovida.

—Sim!... respondeu a menina supplicante. Quero que tu vivas!

—Pery viverá!

O indio fez um esforço supremo, e restituindo um pouco de elasticidade aos seus membros entorpecidos, dirigio-se á porta e desapareceu.

Todas as pessoas presentes o acompanharão com os olhos e o virão descer á varzea e ganhar a floresta correndo.

A ultima palavra que elle proferira tinha um momento restituído a esperança a D. Antonio de Mariz; mas quasi logo a duvida apoderou-se do seu espirito; julgou que o indio se illudia.

Cecilia porém tinha mais do que uma esperança; tinha quasi uma certeza de que Pery não se enganára; a promessa de seu amigo lhe inspirava uma confiança profunda. Nunca Pery lhe havia dito uma cousa que se não realisasse; o que parecia impossivel aos outros, tornava-se facil para a sua vontade firme e inabalavel, para o poder sobrehumano de que a força e a intelligencia o revestia.

Quando D. Antonio de Mariz e sua familia se recolhêrão tristemente impressionados, Alvaro de pé na porta do gabinete fez um gesto de espanto ao fidalgo, e apontou-lhe para o oratorio.

A parede do fundo, prestes a tombar, oscillava sobre a sua base como uma arvore balançada pelo vento.

D. Antonio sorriu, e ordenando a sua familia que entrasse no gabinete, tirou a pistola da cinta, armou-a e esperou na porta ao lado de Alvaro.

No mesmo instante ouviu-se um grande estrondo, e no meio da nuvem espessa de pó que se elevou desse montão de ruínas seis homens precipitarão-se na sala.

Loredano foi o primeiro; apenas tocou o chão, ergueu-se com extraordinária rapidez, e seguido pelos seus companheiros caminhou direito ao gabinete onde se achava recolhida a família.

Recuarão porém lívidos e tremulos; horrorizados diante da cena muda e terrível que se apresentava aos seus olhos espantados.

No meio do aposento via-se um desses grandes vasos de barros vidrados, feitos pelos índios, e que continha pelo menos uma arroba de pólvora. De uma aberta que havia nesse vaso corria um largo trilho que ia perder-se no fundo do paiol, onde se achavam enterradas todas as munições de guerra do fidalgo.

Duas pistolas, a de D. Antonio de Mariz e a de Alvaro, esperavam um movimento dos aventureiros para lançarem a primeira faísca ao vulcão. D. Lauriana, Cecília e Isabel de joelhos, oravam julgando a cada momento ver confundirem-se no turbilhão todos os espectadores dessa cena.

Era esta a arma terrível de que fallára ha pouco D. Antonio, quando dizia a Alvaro que Deus lhe havia confiado o poder de fulminar todos os seus inimigos. O moço comprehendeu então a razão por que o fidalgo o tinha obrigado a partir com todos os homens para salvar Pery, julgando-se bastante forte para defender elle só, a sua família.

Quanto aos aventureiros, lembrarão-se do juramento solemne de D. Antonio de Mariz; o fidalgo os tinha todos fechados na sua mão, e bastava apertar essa mão para esmagá-los como um terrão de argila. Lançando um olhar esvairado em torno de si os seis

criminosos quizerão fugir, mas não tiverão animo de dar um passo, e ficarão como pregados ao solo.

Ouvio-se então um rumor de vozes da parte de fora, e Ayres Gomes seguido pelos aventureiros apresentou-se á porta da sala.

Loredano conheceu que desta vez estava irremediavelmente perdido, e assentou de vender caro a sua vida; mas a desgraça pesava sobre elle. Dous dos seus companheiros cahirão a seus pés estorcendo-se em convulsões horriveis, e soltando gritos que mettião dó e compaixão.

A principio ninguém comprehendeu a causa dessa morte subita e violenta; mas a lembrança do veneno de Pery acudio logo á memoria de alguns e explicou tudo.

Os aventureiros que chegavão guiados por Ayres Gomes apoderarão-se de Loredano, e forão ajoelhar-se confusos e envergonhados aos pés de D. Antonio de Mariz, pedindo-lhe o perdão de sua falta.

O fidalgo tinha assistido a todos esses acontecimentos que se succedião tão rapidamente, sem deixar a sua primeira posição; dir-se-hia que sobre essas paixões humanas que se debatião a seus pés elle plainava como um genio, prestes a vibrar o raio celeste.

—A vossa falta é daquellas que não se perdoão, disse D. Antonio; mas estamos nesse momento extremo em que Deus manda esquecer todas as offensas. Levantai-vos e preparemo-nos todos para morrer como christãos.

Os aventureiros erguêrão-se, e arrastando Loredano para fóra da sala, retirarão-se para o alpendre, com a consciencia alliviada de um grande peso.

A família pôde então, depois de tantas emoções, gozar um pouco de socego e repouso; apesar da posição desesperada em que se achavam, a reunião dos aventureiros revoltados tinha trazido um fraco vislumbre de esperança.

Só D. Antonio de Mariz não se illudia, e desde aquella manhã tinha conhecido que, quando os Aymorés não o vencessem pelas armas, o vencerião pela fome. Todos os viveres estavam consumidos, e só uma sortida vigorosa podia salvar a família desse martyrio que a ameaçava, martyrio muito mais cruel do que uma morte violenta.

O fidalgo resolveu esgotar os ultimos recursos antes de confessar-se vencido; queria morrer com a consciencia tranquilla de ter cumprido o seu dever, e de haver feito o que fosse humanamente possivel. Chamou Alvaro e entreteve-se com o moço durante algum tempo em voz baixa; concertavam um meio de realisar essa idéa de que dependia toda a esperança de salvação.

Ao mesmo tempo que isto se passava, os aventureiros reunidos em conselho, julgavam a Frei Angelo di Lucca, e o condemnavam por um voto unanime.

Proferida a sentença, apresentáram-se diversas opiniões sobre o supplicio que devia ser infligido ao culpado; cada um lembrava o genero de morte mais cruel; porém a opinião geral adoptou a fogueira como o castigo consagrado pela inquisição para punir os hereges.

Fincáram no meio do terreiro um alto poste, e o cercáram com uma grande pilha de madeira e outros combustiveis; depois sobre essa pyra ligáram o frade, que soffria todos os insultos e todas as injurias sem proferir uma palavra.

Uma especie de atonia apoderára do italiano desde o momento em que os aventureiros o havião arrastado da sala de D. Antonio de Mariz; elle tinha a consciencia do seu crime, e a certeza de sua condemnação.

Entretanto na occasião em que o atavão á fogueira, um incidente espertou de repente a sensibilidade desse homem embrutecido pela idéa da morte, e pela convicção de que não podia escapar a ella.

Um dos aventureiros, um dos cinco complices da ultima conspiração, chegou-se a Loredano, e tirando-lhe a cinta que prendia o seu gibão, mostrou-a aos seus companheiros. O italiano vendo-se separado do seu thesouro sentio uma dôr muito mais forte do que a que ia soffrer na fogueira; para elle não havia supplicio, não havia martyrio que igualasse a este.

O que o consolava na sua ultima hora era a idéa de que esse segredo que possuia, e do qual não podéra utilizar-se, ia morrer com elle, e ficaria perdido para todos; que ninguem gozaria do thesouro que lhe escapava.

Por isso apenas o aventureiro tirou-lhe a cinta onde guardava o roteiro, soltou um rugido de colera e de raiva impotente; seus olhos injectarão-se de sangue, e seus membros crispando-se ferirão-se contra as cordas que os ligavão ao poste.

Era horrivel de ver nesse momento; seu aspecto tinha a expressão brutal e feroz de um hydrophobo, seus labios espumavão, silvando como a serpente; e seus dentes ameaçavão de longe os seus algozes como as presas do jaguar.

Os aventureiros rirão-se do desespero do frade por ver roubarem-lhe o seu precioso thesouro, e divertirão-se em

augmentar-lhe o supplicio, promettendo que apenas livres dos Aymorés farião uma expedição ás minas de prata.

A raiva do italiano redobrou quando Martim Vaz atou a cinta ao corpo, e disse-lhe sorrindo:

—Bem sabeis o proverbio: «O bocado não é para quem o faz.»

VI TREGOA

Erão oito horas da noite.

Os aventureiros, sentados no terreiro em roda de um pequeno fogo, esperavão tristemente que cozinhassem alguns legumes destinados á magra cêa.

A penuria tinha succedido á abundancia de outr'ora; privados da caça, sua alimentação ordinaria, estavam reduzidos a simples vegetaes. Os seus vinhos e as bebidas fermentadas de que fazião largas libações, tinhão sido envenenadas por Pery, e forão pois obrigados a deita-las fóra, muito felizes ainda por não terem sido victimas dellas.

Loredano fechando a porta da despensa foi que os tinha salvado; apenas dous dos aventureiros que o havião acompanhado tinhão tocado nessas bebidas, e por isso poucas horas depois cahirão mortos, como vimos, na occasião em que ião atacar D. Antonio de Mariz.

Não erão porém essas scenas de luto e a situação critica em que se achavão, que infundião nesses homens sempre alegres e tão galhofeiros aquella tristeza que não lhes era habitual. Morrer com as armas na mão, batendo-se contra o inimigo, era para elles uma cousa natural, uma idéa a que a suavidade aventuras e de perigos os tinha affeito.

O que realmente os entristecia, era não terem uma boa cêa, e um cangirão de vinho diante de si; era o seu estomago que se contrahia por falta de alimento, e que tirava-lhes toda a disposição de rir e de folgar.

A chamma avermelhada da fogueira ás vezes oscillava ao sopro do vento, e estendendo-se pelo terreiro ia illuminar a alguma distancia com o seu frouxo clarão o vulto de Loredano atado ao poste sobre a pyra de lenha.

Os aventureiros tinham resolvido demorar o supplicio, e dar tempo a que o frade se arrependesse dos seus crimes e se decidisse a morrer como christão, humilde e penitente; por isso deixarão-lhe a noite para reflectir.

Talvez entrasse tambem nessa resolução um requinte de maldade e de vingança; julgando o italiano a verdadeira causa da posição em que estavam collocados, os seus companheiros o odiavão e querião prolongar o seu soffrimento como uma reparação do mal que lhes tinha feito.

Assim, de vez em quando um delles se erguia, e chegando-se ao frade exprobrava-lhe a sua perversidade, e cobria-o de improperios e de injurias. Loredano estorcia-se de raiva, mas não proferia uma palavra, porque seus algozes o tinham ameaçado de cortar-lhe a lingua.

Ayres Gomes veio chamar os aventureiros da parte de D. Antonio de Mariz; todos se apressarão em obedecer, e pouco depois entrarão na sala onde estava reunida toda a familia.

Tratava-se de uma sortida como fim de procurar viveres que podessem alimentar os habitantes da casa, até que D. Diogo tivesse tempo de chegar com o soccorro que tinha ido procurar. D. Antonio de Mariz reservava dez homens para defender-se; os outros partião com Alvaro; se fossem felizes, havia ainda uma esperança de salvação; se fossem mal succedidos, uns e outros, os que fossem e os que ficassem morrerião como christãos e portuguezes.

Immediatamente a expedição preparou-se, e favorecida pelo silencio da noite partio e internou-se pela floresta; devia afastar-se sem ser percebida pelos Aymorés, e procurar pelas vizinhanças fazer uma ampla provisão de alimentos.

Durante a primeira hora que succedeu á partida, todos os que ficarão, com o ouvido attento escutavão, temendo ouvir a cada momento o estrondo de tiros que annunciasse um combate entre os aventureiros e os indios. Tudo conservou-se em silencio; e uma esperança, bem que vaga e tenue, veio pousar nesses corações quebrados por tantos soffrimentos e tantas angustias.

A noite passou-se tranquillamente; nada indicava que a casa estivesse cercada por um inimigo tão terrivel como os Aymorés.

D. Antonio admirava-se que os selvagens, depois do ataque da manhã, se conservassem tranquillos no seu campo, e não tivessem investido a habitação uma só vez. Passou-lhe pelo espirito a idéa de que se tivessem retirado com a perda de alguns dos seus principaes guerreiros; mas elle conhecia de ha muito o espirito vingativo e tenacidade dessa raça para admittir semelhante supposição.

Cecilia recostou-se n'um sofá, e alquebrada de fadiga conseguiu adormecer apesar das idéas tristes e das inquietações que a agitavão. Isabel, com o coração cerrado por um terrivel presentimento, lembrava-se de Alvaro, e acompanhava-o de longe na sua perigosa expedição, misturando as suas preces com as palavras ardentes do seu amor.

Assim passou-se esta noite; a primeira, depois de tres dias, em que a familia de D. Antonio de Mariz pôde gozar alguns momentos de socego.

De vez em quando o fidalgo chegando á janella via ao longe, perto do rio, brilharem os fogos do campo dos Aymorés, mas uma calma profunda reinava em toda aquella planicie. Nem mesmo se ouvia o écho enfraquecido de uma dessas cantigas monotonas com que os selvagens costumão á noite acompanhar o embalar de sua rede de palha; apenas o sussurrar do vento nas folhas, a queda da agua sobre as pedras, e o grito do oitibó.

Contemplando a solidão, o fidalgo insensivelmente voltava a essa esperança que ha pouco sorrira, e que o seu espirito tinha repellido como uma simples illusão. Tudo com effeito parecia indicar que os selvagens havião abandonado o seu campo, deixando nelle apenas os fogos que havião servido para esclarecer os seus preparativos de partida.

Para quem conhecia, como D. Antonio, os costumes desses povos barbaros, para quem sabia quanto era activa, agitada, ruidosa essa existencia nomada, o silencio em que estava sepultada a margem do rio era um signal certo de que os Aymorés já alli não estavam.

Comtudo o fidalgo, demasiadamente prudente para se fiar em apparencias, recommendára aos seus homens que redobrassem de vigilancia para evitar alguma surpresa.

Talvez que aquelle socego e aquella serenidade fossem apenas uma dessas calmas sinistras que preludião as grandes tempestades, e durante as quaes os elementos parecem concentrar as suas forças para entrarem nessa luta espantosa, que tem por campo de batalha o espaço e o infinito.

As horas corréão silenciosamente; a viuvinha cantou pela primeira vez; e a luz branca da alvorada veio empallidecer as sombras da noite.

Pouco a pouco o dia foi rompendo; o arrebol da manhã desenhou-se no horizonte, tingindo as nuvens com todas as côres do prisma. O primeiro raio do sol, desprendendo-se daquelles vapores tenues e diaphanos, deslisou pelo azul do céu, e foi brincar no cabeço dos montes.

O astro assomou, e torrentes de luz inundarão toda a floresta, que nadava n'um mar de ouro marchetado de brilhantes que scintillavão em cada uma das gotas do orvalho suspensas ás folhas das arvores.

Os habitantes da casa, despertando, admiravão esse espectáculo magnifico do nascer do dia, que depois de tantas tribulações e de tantas angustias, lhes parecia completamente novo.

Uma noite de quietação e socego os tinha como que restituído á vida; nunca esses campos verdes, esse rio puro e limpido, essas arvores florescentes, esses horizontes descortinados se havião mostrado a seus olhos tão bellos, tão risonhos como agora.

É que o prazer e o soffrimento não passam de um contraste; em luta perpetua e continua, elles se acrysolão um no outro, e se depurão; não ha homem verdadeiramente feliz senão aquelle que já conheceu a desgraça.

Cecilia, com a frescura da manhã, tinha-se expandido como uma flôr do campo; suas faces colorirão-se de novo, como se um raio do sol beijando-as lhes tivesse imprimido o seu reflexo roseado; os olhos brilhárão; e os labios entreabrindo-se para aspirarem o ar puro e embalsamado da manhã, arqueárão-se graciosamente quasi sorrindo.

A esperança, esse anjo invisivel, essa doce amiga dos que soffrem, tinha vindo pousar no seu coração, e murmurava-lhe ao ouvido

palavras confusas, cantos mysteriosos, que ella não comprehendia, mas que a consolavão e vertião em sua alma um balsamo suave.

Sentia-se em todas as pessoas da casa um quer que seja, uma animação, um começo de bem-estar que revelava uma grande transformação operada na situação da vespera; era mais do que a esperança, menos do que a seguridade.

Só Isabel não partilhava essa impressão geral; como sua prima, ella tambem viera contemplar o raiar do dia; mas fôra para interrogar a natureza, e perguntar ao sol, á luz, ao céu, se as lugubres imagens que tinham passado e repassado na sua longa vigilia, erão uma realidade ou uma visão.

E cousa singular! Esse sol tão brilhante, essa luz esplendida, esse céu azul, que aos outros reanimára, e que devia inspirar a Isabel o mesmo sentimento, pareceu-lhe ao contrario uma amarga ironia.

Comparou a scena radiante que se apresentava aos seus olhos com o quadro que se desenhava em sua alma; emquanto a natureza sorria, o seu coração chorava. No meio dessa festa esplendida do nascer do dia, a sua dôr, só, isolada, não achava uma sympathia, e repellida pela creação voltava a recalcar-se em seu seio. A moça recostou a cabeça sobre o hombro de sua prima, e escondeu ahi o rosto para não perturbar a doce serenidade que se expandia no semblante de Cecilia.

Entretanto D. Antonio tinha tratado de averiguar se as suas suspeitas da vespera erão reaes; certificou-se de que os selvagens havião abandonado o campo. Ayres Gomes, acompanhado de mestre Nunes, chegou mesmo a sahir da casa, e aproximar-se com todas as cautelas do lugar onde na vespera os Aymorés festejavão o sacrificio de Pery.

Tudo estava deserto; não se vião mais no campo os vasos de barro, as peças de caça suspensas aos galhos da arvore, e as redes grosseiras que indicavão a alta de uma horda selvagem. Não havia já duvida, os Aymorés tinham partido desde a vespera á noite, depois de enterrarem os seus mortos.

O escudeiro voltou a dar esta noticia ao fidalgo, que recebeu-a menos favoravelmente do que se devia suppôr; ignorava a causa e o fim dessa partida repentina, e desconfiava della.

Não ha que admirar nisto; D. Antonio era um homem prudente e avisado; a sua experiencia de quarenta annos o tinha tornado suspeito; por cousa nenhuma queria dar aos seus uma esperança que viesse a frustrar-se.

VII PELEJA

Quando a familia de D. Antonio de Mariz gozava dos primeiros momentos de tranquillidade que succedião a tantas afflicções, soou um grito na escada de pedra.

Cecilia levantou-se estremecendo de alegria e felicidade; tinha reconhecido a voz de Pery.

No momento em que ia correr ao encontro de seu amigo, mestre Nunes já tinha abaixado uma prancha que servia de ponte levadiça, e Pery chegava á porta da sala.

D. Antonio de Mariz, sua mulher e sua filha ficarão mudos de espanto e terror; Isabel cahio fulminada, como se a vida lhe faltasse de repente.

Pery trazia nos seus hombros o corpo inanimado de Alvaro; e no rosto uma expressão de tristeza profunda. Atravessando a sala, depôz sobre o sofá o seu fardo precioso, e olhando o rosto livido daquelle que fôra seu amigo, enxugou uma lagrima que lhe corria pela face.

Nunhuma das pessoas presentes se animava a quebrar o silencio solemne que envolvia aquella scena lugubre; os aventureiros que havião acompanhado Pery quando passára no meio delles correndo, pararão na porta, tomados de compaixão e respeito por aquella desgraça.

Cecilia nem pôde gozar da alegria de ver Pery salvo; seus olhos apezar dos soffrimentos passados, ainda tinham lagrimas para chorar essa vida nobre e leal que a morte acabava de ceifar. Quanto

a D. Antonio de Mariz, sua dôr era a de um pai que havia perdido um filho, era a dôr muda e concentrada que abala as organizações fortes, sem comtudo abatê-las.

Depois dessa primeira commoção produzida pela chegada de Pery, o fidalgo interrogou o indio e ouvio de sua bocca a narração breve dos acontecimentos, cuja peripecia tinha diante dos olhos.

Eis o que havia passado.

Partindo na vespera, no momento em que começava a sentir os primeiros effeitos do veneno terrivel que tomára, Pery ia cumprir a promessa que tinha feito a Cecilia. Ia procurar a vida em um contra-veneno infallivel cuja existencia só era conhecida pelos velhos *payás* da tribu, e pelas mulheres que os auxiliavão nas suas preparações medicinaes.

Sua mãe, quando elle partira para a primeira guerra lhe tinha revelado esse segredo que devia salva-lo de uma morte certa no caso de ser ferido por alguma setta hervada.

Vendo o desespero de sua senhora, o indio sentio-se com forças de resistir ao torpor do envenenamento que começava a ganhar-lhe o corpo, e ir ao fundo da floresta procurar essa herva poderosa que devia restituir-lhe a saude, o vigor e a existencia.

Comtudo, quando atravessava a matta parecia-lhe ás vezes que já era tarde, que não chegaria a tempo: então tinha medo de morrer longe de sua senhora, sem poder volver para ella o seu ultimo olhar. Arrependia-se quasi de ter partido de casa e não deixar-se ficar aos pés de Cecilia até exhalar o seu ultimo suspiro; mas lembrava-se que a menina o esperava, lembrava-se que ella ainda precisava de sua vida e creava novas forças.

Pery entranhou-se no mais basto e sombrio da floresta, e ahi, na sombra e no silencio passou-se entre elle e a natureza uma scena da vida selvagem, dessa vida primitiva, cuja imagem nos chegou tão incompleta e desfigurada. O dia declinou: veio a tarde, depois a noite, e sob essa abobada espessa em que Pery dormia como em um santuario, nem um rumor revelára o que ahi se passou.

Quando o primeiro reflexo do dia purpureou o horizonte, as folhas se abrirão, e Pery exausto de forças, vacillante, emmagrecido como se acabasse de uma longa enfermidade, sahio do seu retiro.

Mal se podia suster, e para caminhar era obrigado a sustentar-se aos galhos das arvores que encontrava na sua passagem: assim adiantou-se pela floresta, e colheu alguns fructos, que lhe restabelecêrão um tanto as forças.

Chegando á beira do rio, Pery já sentia o vigor que voltava, e o calor que começava a animar-lhe o corpo en torpecido; atirou-se á agua e mergulhou. Quando voltou á margem, era outro homem; uma reacção se havia operado; seus membros tinhão adquirido a elasticidade natural; o sangue gyrava livremente nas veias.

Então tratou de recuperar as forças que havia perdido, e tudo quanto a floresta lhe offerecia de saboroso nutriente servio a esse banquete da vida, em que o selvagem festejava a sua victoria sobre a morte e o veneno.

O sol tinha raiado havia horas; Pery, acabada a sua refeição, caminhava pensativo, quando ouviu uma descarga de armas de fogo, cujo estrondo reboou pelo ambito da floresta.

Lançou-se na direcção dos tiros, e a pouca distancia, n'um claro da matta, descobriu um espectáculo grandioso.

Alvaro e os seus nove companheiros divididos em duas columnas de cinco homens com as costas apoiadas ás costas uns dos outros, estavam cercados por mais de cem Aymorés que se precipitavam sobre elles com um furor selvagem.

Mas as ondas dessa torrente de barbaros que soltavão bramidos espantosos, não quebrar-se contra essa pequena columna, que não parecia de homens, mas de aço; as espadas jogavão com tanta velocidade que a tornavão impenetravel; no raio de uma braça o inimigo que se adiantava cahia morto.

Havia uma hora que durava esse combate, começado com armas de fogo; mas os Aymorés atacarão com tanta furia, que breve tinham chegado á luta corpo a corpo e á arma branca.

No momento em que Pery assomava á margem da clareira, um incidente veio modificar a face do combate.

O aventureiro que dava as costas a Alvaro, levado pelo ardor da peleja, adiantou-se, alguns passos para ferir um inimigo; os selvagens o envolvêrão, deixando a columna interrompida e Alvaro sem defeza.

Entretando o valente cavalleiro continuava a fazer prodigios de valor e de coragem; cada volta que descrevia sua espada era um inimigo de menos, uma vida que se extinguia a seus pés n'um rio de sangue. Os selvagens redobravão de furor contra elle, e cada vez o seu braço agil movia-se com mais segurança e mais certeza, fazendo jogar como um raio a lamina de aço que mal se via brilhar nas suas rapidas evoluções.

Desde porém que os Aymorés virão o moço sem defeza pelas costas, e exposto aos seus golpes, concentráram-se nesse ponto; um

delles adiantando-se, ergueu com as duas mãos a pesada tagapema e atirou-a ao alto da cabeça de Alvaro.

O moço cahio; mas na sua queda a espada descreveu ainda um semi-circulo e abateu o inimigo que o tinha ferido á traição; a dôr violenta dera a esse ultimo golpe uma força sobrenatural.

Quando os indios ião precipitar-se sobre o cavalheiro, Pery saltou no meio delles, e agarrando a espingarda que estava a seus pés fez delia uma arma terrivel, uma clava formidavel, cujo poder em breve sentirão os Aymorés. Apenas se viu livre do turbilhão dos inimigos o indio tomou Alvaro nos seus hombros, e abrindo caminho com a sua arma temivel, lançou-se pela floresta e desapareceu.

Alguns o seguirão; mas Pery voltou-se e fê-los arrepender-se de sua ousadia; livrando-se do peso que levava, carregou a espingarda com as munições que Alvaro trazia e mandou uma bala áquelle que o perseguia mais de perto; os outros, que o conhecião pelo combate da vespera, retrocedêrão.

A idéa de Pery era salvar Alvaro, não só pela amizade que lhe tinha, como por causa de Cecilia, que elle suppunha amar o cavalheiro; vendo porém que o corpo continuava inanimado, acreditou que Alvaro estava morto. Apesar disto não desistio do seu proposito; morto ou vivo devia leva-lo áquelles que o amavão, ou para o restituirem á vida, ou para derramarem sobre o seu corpo o pranto da despedida.

Quando Pery acabou a sua narração, o fidalgo commovido chegou-se á beira do sofá, e apertando a mão gelada e fria do cavalheiro, disse:

—Até logo, bravo e valente amigo; até logo! A nossa separação é de poucos instantes; breve nos reuniremos na mansão dos justos

onde deveis estar, e onde espero que Deus me concederá a graça de entrar.

Cecilia deo á memoria do moço as ultimas lagrimas, e ajoelhando aos pés do moribundo com sua mãe dirigio ao céu uma prece ardente.

D. Lauriana tinha esgotado todos os recursos dessa medicina domestica que no interior das casas substituia a falta dos homens profissionais, muito raros naquella epoca, e sobretudo longe das cidades; o moço não deo porém o menor signal de vida.

D. Antonio de Mariz, que comprehendêra perfeitamente o que devia esperar da pretendida retirada dos Aymorés, mandou que os seus homens se preparassem para a defeza, não que tivesse a menor esperança, mas porque desejava resistir até o ultimo momento.

Pery, depois de ter respondido a todas as perguntas de Cecilia a respeito do modo por que se havia salvado do veneno, sahio da sala e percorreu a esplanada, observando os arredores. O indio infatigavel sempre que se tratava de sua senhora, apenas acabava de uma empreza gigantesca, como a que o tinha levado ao campo dos Aymorés, cuidava já em combinar outro projecto para salvar Cecilia.

Depois do seu exame estrategico, entrou no quarto que havia abandonado na ante-vespera, e no qual encontrou ainda as suas armas, do mesmo modo que as tinha deixado.

Lembrou-se do pedido que fizera a Alvaro, da contradicção do destino que lhe restituía a vida a elle um homem tres vezes morto, e roubava-a ao cavalheiro a quem elle havia deixado são e salvo.

VIII NOIVA

Uma hora depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, Pery, recostado á janella do quarto que tinha pertencido á sua senhora, olhava com uma grande attenção para uma arvore que se elevava a algumas braças de distancia.

Seu olhar parecia estudar as curvas dos galhos retorcidos, medinho-lhe a distancia, a altura e o tamanho, como se disso dependesse a solução de uma grande difficuldade com que lutava o seu espirito. No momento em que estava de todo entregue a esse exame minucioso, o indio sentio uma mão timida e delicada tocar-lhe de leve no hombro.

Voltou-se; era Isabel que estava junto d'elle, e que se havia aproximado como uma sombra, sem fazer o menor rumor. Uma pallidez mortal cobria as feições da moça, que apenas sahia do seu desmaio; mas o rosto tinha uma calma ou antes uma immobildade que assustava.

Voltando a si, Isabel correu um olhar pelo aposento, como para certificar-se de que não era um sonho o que havia passado.

A sala estava deserta; D. Antonio de Mariz tinha sahido para dar as suas ordens; sua mulher, ajoelhada no oratorio sobre um montão de ruinas, rezava ao pé de uma cruz que ficára junto ao altar. No fundo do aposento, sobre o sofá, destacava-se o vulto immovel do cavalheiro, aos pés do qual ardia uma vela de cêra, lançando pallidos clarões.

Cecilia é que estava perto della, e apertava no seio a sua cabeça desfallecida, procurando reanima-la.

Quando o olhar de Isabel cahio sobre o corpo de seu amante, ella ergueu-se como impellida por uma força sobrenatural, atravessou rapidamente a sala, e foi por sua vez ajoelhar-se em face desse leito mortuario. Mas não era para fazer uma prece que ajoelhava, era para embeber-se na contemplação desse rosto livido e gelado, desses labios frios, desses olhos extinctos, que ella amava apesar da morte.

Cecilia respeitou a dôr de sua prima, e por um instincto de delicadeza que só possuem as mulheres, comprehendeu que o amor, mesmo em face de um cadaver, tem o seu pudor e a sua castidade; sahio para deixar que Isabel chorasse livremente.

Passado algum tempo depois da sahida de Cecilia, a moça ergueu-se, percorreu automaticamente a casa, e vendo Pery de longe aproximou-se d'elle o tocou-lhe no hombro.

O indio e a moça se odiavão desde o primeiro dia em que se tinham visto; em Isabel era o odio de uma raça que a rebaixava a seus proprios olhos; em Pery era essa repugnancia natural que sente o homem por aquelles em quem reconhece um inimigo.

Por isso Pery, vendo Isabel junto d'elle, ficou extremamente admirado, sobretudo quando reparou no gesto supplicante que a moça lhe dirigia, como se esperasse d'elle uma graça.

—Pery!...

O indio sentio-se commovido ao aspecto daquelle soffrimento, e pela primeira vez na sua vida dirigio a palavra a Isabel.

—Precisas de Pery? disse elle.

—Vinha pedir-te um serviço. Não m'o negarás, sim? balbuciou a moça.

—Falla; se fôr cousa que Pery possa fazer, elle não te negará.

—Promettes então? exclamou Isabel, cujos olhos brillarão com uma expressão de alegria.

—Sim, Pery te promette.

—Vem!

Dizendo essa palavra, a moça fez um gesto ao indio e dirigio-se acompanhada por elle á sala que ainda estava deserta como tinha deixado. Parou junto do sofá, e apontando para o corpo inanimado de seu amante, acenou a Pery que o tomasse nos seus braços.

O indio obedeceu, e acompanhou Isabel até um gabinete retirado a um lado da casa; ahi deitou o seu fardo sobre um leito, cujas cortinas a moça entreabrio, corando como uma noiva.

Corava porque o gabinete onde tinha entrado era o quarto em que habitára e encontrava ainda povoado de todos os sonhos de seu amor; porque o leito, que recebia seu amante, era o seu leito de virgem casta e pura; porque ella era realmente uma noiva do tumulo.

Pery, tendo satisfeito o desejo da moça, retirou-se e voltou ao seu trabalho, que elle proseguia com uma constancia infatigavel.

Apenas ficou só, Isabel sorrio; mas o seu sorriso tinha um quer que seja do extasi da dôr, da voluptuosidade do soffrimento, que faz sorrir na sua ultima hora os martyres e os desgraçados.

Tirou do seio a redoma de vidro onde guardava os cabellos de sua mãe e fitou nella um olhar ardente; mas abanou a cabeça com um gesto de expressão indefinivel. Tinha mudado de resolução; o segredo que encerrava essa joia, o pó subtil que empanava a face

interior do crystal, a morte que sua mãe lhe confiara não a satisfazia; era muito rápida, quasi instantanea.

Sahio então furtivamente e acendeu uma vela de cêra, que havia sobre a commoda ao lado de um crucifixo de marfim; depois fechou a porta, cerrou as janellas e interceptou as frestas por onde a luz do dia podia penetrar. O gabinete ficou ás escuras; apenas em torno do cirio que ardia, uma aureola pallida se destacava no meio das trevas e illuminava a imagem de Christo.

A moça ajoelhou e fez uma oração breve; pedia a Deus uma ultima graça; pedia a eternidade e a ventura do seu amor, que tinha passado tão rapido pela terra.

Acabando a prece, tomou a luz, deitou-a na cabeceira do leito, afastou o cortinado e começou a contemplar o seu amante com enlevo.

Alvaro parecia adormecido apenas; sua bella physionomia não tinha a menor alteração; a morte imprimindo nos seus traços o descoramento da cêra e do marmore, havia unicamente immobilisado a expressão e feito do gentil cavalheiro um bella estatua.

Isabel interrompeu o enlevo de sua contemplação para chegar-se de novo á commoda, onde se vião algumas conchas de mariscos tintas de nacar que se apanhão nas nossas praias, e uma cesta de palha matizada.

Esta cesta continha todas as resinas aromaticas, todos os perfumes que dão as arvores de nossa terra; o anime da aroeira, as perolas do beijoim, as lagrimas crystallisadas da embaiba, e gotas do balsamo, esse sandalo do Brazil.

A moça deitou na concha a maior parte dos perfumes, e acendeu algumas bagas de beijoim; o oleo de que estavam impregnadas, alimentando a chamma, communicou-a ás outras resinas.

Frocos de fumo alvadio impregnado de perfumes embriagadores se elevarão da caçoula em grossas espiraes, e enchêrão o gabinete de nuvens transparentes que oscillavão á luz pallida do cirio.

Isabel, sentada á beira do leito, com as mãos do seu amante nas suas e com os olhos embebidos naquella imagem querida, balbuciava phrases entrecortadas, confidencias intimas, sons inarticulados, que são a linguagem verdadeira do coração.

Ás vezes sonhava que Alvaro ainda vivia, que lhe murmurava ao ouvido a confissão do seu amor; e ella fallava-lhe como se seu amante a ouvisse, contava-lhe os segredos de sua paixão, vertia toda a sua alma nas palavras que cahião dos labios. Sua mão, delicada afastava os cabellos do moço, descobria a sua fronte, animava a sua face gelada, e roçava aquelles labios frios e mudos como pedindo-lhe um sorriso.

—Porque não me fallas? murmurava ella docemente: Não conheces tua Isabel?... Dize outra vez que me amas! Dize sempre essa palavra, para que minha alma não duvide da felicidade! Eu te supplico!...

E com o ouvido attento, com os labios entreabertos, o seio palpitante, ella esperava o som dessa voz querida e o echo dessa primeira e ultima palavra de seu triste amor.

Mas o silencio só lhe respondia; seu peito aspirava apenas as ondas dos perfumes inebriantes, que fazião circular nas suas veias uma chamma ardente.

O aposento apresentava então um aspecto fantastico: no fundo escuro desenhava-se um circulo esclarecido, envolto por uma nevoa espessa.

Nessa esphera luminosa como no meio de uma visão surgião Alvaro deitado no leito e Isabel reclinada sobre o rosto de seu amante, a quem continuava a fallar, como se elle a escutasse. A menina começava a sentir a respiração faltar-lhe; seu seio oppresso suffocava-a, e entretanto uma voluptuosidade inexprimivel a embriagava: um gozo immenso havia nessa asphyxia de perfumes que se condensavão e rarefazião o ar.

Louca, perdida, hallucinada, ella ergueu-se, seu seio dilatou-se, e sua bocca, entreabrindo-se, collou-se aos labios frios e gelados de seu amante; era o seu primeiro e ultimo beijo; o seu beijo de noiva.

Foi uma agonia lenta, um pesadelo horrivel em que a dôr lutava com o gozo, em que as sensações tinhão um requinte de prazer e de soffrimento ao mesmo tempo; em que a morte, torturando o corpo, vertia na alma effluvios celestes.

De repente pareceu a Isabel que os labios de Alvaro se agitavão, que um tenue suspiro se exhalava de seu peito, ainda ha pouco insensivel como o marmore.

Julgou que se illudia, mais não; Alvaro estava vivo, realmente vivo, suas mãos apertavão as della convulsamente; seus olhos, brilhando com um fogo estranho, se tinhão fitado no rosto da moça: um sopro reanimou seus labios, que exhalárão uma palavra quasi imperceptivel.

—Isabel!...

A moça soltou um grito debil de alegria, de espanto, de medo; entre as idéas confusas que se agitavão na sua cabeça desvairada,

lembrou-se com horror que era ella quem matava seu amante, quem o ia sacrificar por causa de um engano fatal. Fazendo um esforço extraordinario, conseguiu erguer a cabeça e ia precipitar-se para janella, abri-la e dar entrada ao ar livre; sabia que a morte era inevitavel; mas salvaria Alvaro.

No momento, porém, em que se levantava, sentio as mãos do moço que apertavão as suas, e a obrigárão a reclinar-se sobre o leito; seus olhos encontrárão de novo os olhos de seu amante.

Isabel não tinha mais forças para resistir e realizar seu heroico sacrificio; deixou cahir a cabeça desfallecida, e seus labios se unirão outra vez n'um longo beijo, em que essas duas almas irmãs, confundindo-se n'uma só, voárão ao céo, e forão abrigar-se no seio do Creador.

As nuvens de fumaça e de perfume se condensavão cada vez mais e envolvião como um lençol aquelle grupo original, impossivel de descrever.

Por volta de duas horas da tarde, a porta da gabinete, impellida por um choque violento, abrio-se; e um turbilhão de fumo lançou-se por essa aberta, e quasi suffocou as pessoas que ahi estavam.

Erão Cecilia e Pery.

A menina, inquieta pela longa ausencia de sua prima, soube de Pery que ella estava no seu quarto; mas o indio occultou parte da verdade, e não disse onde deitára o corpo de Alvaro.

Duas vezes Cecilia viera até á porta, escutára e nada ouvira; por fim resolveu-se a bater, a fallar a Isabel, e não teve a menor resposta. Chamou Pery e contou-lhe o que se passava; o indio, tomado de um presentimento metteu o hombro á porta e abrio-a.

Quando a corrente de ar expellio a fumaça do aposento, Cecilia pôde entrar e ver a scena que descrevêmos.

A menina recuou, e respeitando esse mysterio de um amor profundo, fez um gesto a Pery e retirou-se.

O indio fechou de novo a porta e acompanhou sua senhora.

—Ella morreu feliz! disse Pery.

Cecilia fitou nelle os seus grandes olhos azues, e córou.

IX

O CASTIGO

O dia declinava rapidamente e as sombras da noite começavam a estender-se sobre o verde-negro da floresta.

D. Antonio de Mariz, apoiado ao umbral da porta, junto de sua mulher, passava o braço pela cintura de Cecilia. O sol a esconder-se illuminava com o seu reflexo esse grupo de familia, digno do quadro magestoso que lhe servia de baixo-relevo.

O fidalgo, Cecilia e sua mãe, com os olhos no horizonte, recebem esse ultimo raio de despedida, e mandam o adeus extremo á luz do dia, ás montanhas que os cercam, ás arvores, aos campos, ao rio, á toda a natureza.

Para elles esse sol era a imagem de sua vida; o occaso era a sua hora derradeira; e as sombras da eternidade se estendem já como as sombras da noite.

Os Aymorés tinham voltado, depois do combate em que os aventureiros venderão caro a sua vida; e cada vez mais sequiosos de vingança, esperavam que anoitecesse para assaltar a casa. Certos desta vez que o inimigo extenuado não resistiria a um ataque violento, tinham tratado de destruir todos os meios que podessem favorecer a fuga de um só dos brancos.

Isto era facil; além da escada de pedra, o rochedo formava um despenhadeiro por todos os lados; e só a arvore, que lançava os galhos sobre a cabana de Pery, offerecia um ponto de comunicação praticavel para quem tivesse a agilidade e a força do indio.

Os selvagens, que não querião que lhes escapasse um só inimigo, e ainda menos que esse fosse Pery, abaterão a arvore, e cortarão assim a unica passagem por onde um homem poderia sahir do rochedo, no momento do ataque.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o grosso tronco do oleo, Pery estremeceu, e, saltando sobre a sua clavina, ia despedaçar a cabeça do selvagem; mas sorrio-se, e encostou tranquillamente a arma á parede. Sem inquietar-se com a destruição que fazião os Aymorés, continuou no seu trabalho interrompido, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que servião de esteio á sua cabana.

Elle tinha o seu plano: e para realisa-lo, começára por cortar as duas palmeiras e trazê-las para o quarto de Cecilia; depois rachou uma das arvores, e durante toda a manhã occupou-se em tercer essa longa corda, a que dava uma extraordinaria importancia.

Quando Pery terminava a sua obra, ouviu o baque da arvore que tombava sobre o rochedo; chegou-se de novo á janella, e seu rosto exprimio uma satisfação immensa. O oleo, cortado pela raiz, deitára-se sobre o precipicio, elevando a uma grande altura os seus galhos seculares, mais frondosos e mais robustos do que uma arvore nova da floresta.

Os Aymorés, tranquillos por esse lado, continuárão nos seus preparativos para o combate que conta vão dar durante as horas mortas da noite.

Quando o sol desapareceu no horizonte e a que luz do crepúsculo cedeu ás trevas que envolvião a terra, Pery dirigio-se á sala.

Ayres Gomes, sempre infatigável, guardava a porta do gabinete; D. Antonio de Mariz estava recostado na sua cadeira de espaldar; e Cecilia, sentada sobre os seus joelhos, recusava beber uma taça que seu pai lhe apresentava.

—Bebe, minha Cecilia, dizia o fidalgo; é um cordial que te fará muito bem.

—De que serve, meu pai? Por uma hora, se tanto nos resta a viver, não vale a pena! respondia a menina, sorrindo tristemente.

—Tu te enganas! Ainda não estamos de todo perdidos.

—Tendes alguma esperança? perguntou ella incredula.

—Sim, tenho uma esperança, e esta não me illudirá! respondeu D. Antonio, com um accento profundo.

—Qual? Dizei-me!

—És curiosa? replicou o fidalgo sorrindo. Pois só te direi se fizeres o que te peço.

—Quereis que beba essa taça?

—Sim.

Cecilia tomou a taça das mãos de seu pai, e depois de beber, volveu para elle o seu olhar interrogador.

—A esperança que eu tenho, minha filha, é que nenhum inimigo passará nunca do limiar daquella porta; pódes crer na palavra de teu pai e dormir tranquilla. Deus vela sobre nós.

Beijando a fronte pura da menina, elle ergueu-se, tomou-a nos seus braços, e, recostando-a sobre a poltrona em que estivera sentado, sahio do gabinete e foi examinar o que se passava fóra da casa.

Pery, que tinha assistido a esse dialogo entre o pai e a filha, estava occupado em procurar no gabinete varios objectos de que tinha necessidade apparentemente.

Logo que achou quanto desejava, o indio encaminhou-se para a porta.

—Onde vais? disse Cecilia, que tinha acompanhado todos os seus movimentos.

—Pery volta, senhora.

—E porque nos deixas?

—Porque é preciso.

—Ao menos volta logo. Não devemos morrer todos juntos, da mesma morte?

O indio estremeceu.

—Não; Pery morrerá: mas tu has de viver, senhora.

—Para que viver, depois de ter perdido todos os seus amigos?...

Cecilia, que lia alguns momentos sentia a cabeça vacillar, os olhos cerrarem-se e um somno invencivel apoderar-se della, deixou-se cahir sobre o espaldar da cadeira.

—Não!... Antes morrer como Isabel! murmurou a menina já entorpecida pelo somno.

Um meigo sorriso veio adejar nos seus labios entreabertos, por onde se escapava a respiração doce, branda e igual.

Pery a principio assustou-se com esse somno repentino que não lhe parecia natural e com a pallidez subita de que se cobrirão as feições de Cecilia.

Seus olhos cahirão sobre a taça que estava em cima da mesa; deitou nos lábios algumas gotas do liquido que tinham ficado no fundo e tomou-lhes o sabor: não podia conhecer o que continha; mas satisfez-se em não achar o que receiára.

Repellio a idéa que lhe assaltára o espirito, e lembrou-se que D. Antonio sorria no momento em que pedia a sua filha para beber, e que a sua mão não tremêra apresentando-lhe a taça. Tranquillo a este respeito, o indio, que não tinha tempo a perder, ganhou a esplanada, correu para o quarto que occupava, e desapareceu.

A noite já estava fechada, e uma escuridão profunda envolvia a casa e os arredores. Durante esse tempo nenhum acontecimento extraordinario viera modificar a posição desesperada em que se achava a familia; a calma sinistra, que precede as grandes tempestades, plainava sobre a cabeça d'essas victimas que contavão, não as horas, mas os instantes de vida que lhes restavão.

D. Antonio passeava ao longo da sala, com a mesma serenidade dos seus dias tranquillos e placidos de outr'ora; de vez em quando o fidalgo parava na porta do gabinete, lançava um olhar sobre sua mulher que orava e sua filha adormecida; depois continuava o passeio interrompido.

Os aventureiros grupados junto á porta seguião com os olhos o vulto do fidalgo que se perdia no fundo escuro da sala, ou se destacava cheio de vigor e de colorido na esphera luminosa a que cingia a lampada de prata suspensa ao tecto.

Mudos, resignados, nenhum d'esses homens deixava escapar uma queixa, um suspiro que fosse; o exemplo de seu chefe reanimava nelles essa coragem heroica do soldado que morre por uma causa santa.

Antes de obedecerem á ordem de D. Antonio de Mariz, elles tinham executado a sua sentença proferida contra Loredano; e quem passasse então sobre a esplanada veria em torno do poste, em que estava atado o frade, uma lingua vermelha que lambia a fogueira, enroscando-se pelos toros de lenha.

O italiano sentia já o fogo que se aproximava e a fumaça, que, enovelando-se, envolvia-o n'uma nevoa espessa: é impossivel descrever a raiva, a colera e o furor que se apossarão d'elle n'esses momentos que precedêrão o supplicio.

Mas voltemos á sala em que se achavão reunidos os principaes personagens d'essa historia, e onde se vão passar as scenas talvez mais importantes do drama.

A calma profunda que reinava n'essa solidão não tinha sido perturbada; tudo estava em silencio; e as trevas espessas da noite não deixavão perceber os objectos a alguns passos de distancia.

De repente listras de fogo atravessarão o ar, e se abatêrão sobre o edificio; erão as settas inflammadas dos selvagens que annunciavão o começo do ataque; durante alguns minutos foi como uma chuva de fogo, uma cascata de chammas que cahio sobre a casa.

Os aventureiros estremecêrão; D. Antonio sorrio.

—É chegado o momento, meus amigos. Temos uma hora de vida; preparai-vos para morrer como christãos e portuguezes. Abri as portas para que possamos ver o céu.

O fidalgo dizia que lhe restava uma hora de vida, porque, tendo destruido o resto da escada de pedra, os selvagens não podião subir ao rochedo senão escalando-o; e por maior que fosse a sua habilidade, não era possivel que consumissem n'isso menos tempo.

Quando os aventureiros abrirão as portas, um vulto resvalou na sombra, e entrou na sala.

Era Pery.

X CHRISTÃO

O indio dirigio-se rapidamente a D. Antonio de Mariz.

—Pery quer salvar a senhora.

O fidalgo abanou a cabeça em signal de duvida.

—Escuta! replicou o indio.

Aproximando os labios do ouvido de D. Antonio, fallou-lhe por algum tempo em voz baixa, e n'um tom rapido e decisivo.

—Tudo está preparado: parte, desce o rio; quando a lua estender o seu arco chegarás á tribu dos Goytacazes. A mãe de Pery te conhece: cem guerreiros te acompanharão á grande taba dos brancos.

D. Antonio de Mariz ouviu em profundo silencio as palavras do indio; e quando elle terminou, apertou-lhe a mão com reconhecimento.

—Não, Pery: o que me propões é impossivel. D. Antonio de Mariz não pode abandonar a sua casa, a sua familia e os seus amigos no momento do perigo, ainda mesmo para salvar aquillo que elle mais ama n'este mundo. Um fidalgo portuguez não pode fugir diante do inimigo, qualquer que elle seja; morre vingando a sua morte.

Pery fez um gesto de desespero.

—Assim tu não queres salvar a senhora?

—Não posso, respondeu o cavalheiro; o meu dever manda que fique, e partilhe a sorte de meus companheiros.

O indio no seu fanatismo não comprehendia que houvesse uma razão capaz de sacrificar a vida de Cecilia, que para elle era sagrada.

—Pery pensou que tu amasses a senhora! disse elle fôra de si.

D. Antonio olhou-o com uma expressão de dignidade e nobreza.

—Perdôo-te a offensa que me fizeste, amigo; porque é ainda uma prova de tua grande dedicação. Mas acredita-me; se fosse preciso que eu me votasse só ao sacrificio barbaro dos selvagens para salvar minha filha, eu o faria sorrindo.

—E porque recusas o que Pery te pede?

—Porque?... Porque o que tu pedes não é um sacrificio, é uma vergonha; é uma traição. Tu abandonarias tua mulher, teus companheiros, para salvar-te do inimigo, Pery?...

O indio abaixou a cabeça com abatimento.

—Demais, essa empreza demanda forças com que um velho como eu já não póde contar. Havia duas pessoas que a poderião realizar.

—Quem? perguntou Pery com um raio de esperança.

—Uma era meu filho, que a esta hora esta bem longe d'aqui; a outra deixou-nos esta manhã e nos espera; era Alvaro.

—Pery fez pela senhora o que podia; tu não queres salva-la; Pery vai morrer a seus pés.

Morrer? disse o fidalgo. Quando tens a liberdade e a vida á tua disposição? E julgas que consentirei nisto?... Nunca! Vai, Pery; conserva a lembrança de teus amigos; a nossa alma te acompanhará na terra. Adeus. Parte: o tempo urge.

O indio ergueu a cabeça com um gesto soberbo de indignação.

—Pery arriscou bastantes vezes a sua vida por ti, para ter o direito de morrer contigo; tu não podes abandonar teus companheiros; o escravo não póde abandonar sua senhora.

—És injusto, amigo; exprimi um desejo, não quiz arrogar-te uma injuria. Se exiges uma parte do sacrificio, esta te pertence, e tu és digno d'ella; fica.

Um grito dos selvagens retroou nos ares.

D. Antonio, fazendo um gesto aos aventureiros, encaminhou-se para o gabinete.

Cecilia, adormecida sobre a cadeira de espaldar, sorria como se algum sonho alegre a embalasse no seu somno tranquillo; o rosto um pouco pallido, moldurado pelas tranças louras de seus cabellos, tinha a expressão suave da innocencia feliz.

O fidalgo, contemplando sua filha, sentio uma dôr pungente e quasi arrependeu-se de não ter aceitado o offerecimento de Pery, e de não tentar ao menos esse ultimo esforço para defender aquella vida que apenas começava a expandir-se.

Mas podia elle mentir ao seu passado e faltar ao dever imperioso que o obrigava a morrer no seu posto? Podia trahir na sua ultima hora aquelles que havião partilhado a sua sorte?

Tal era o sentimento de honra naquelles antigos cavalheiros, que D. Antonio nem um momento admittio a idéa de fugir para salvar sua filha; se houvesse outro meio, de certo o receberia como um favor do céu; mas aquelle era impossivel.

Emquanto o espirito do fidalgo se debatia nessa luta cruel, Pery, de pé junto de Cecilia, parecia querer ainda protegê-la contra a morte inevitavel que a ameaçava. Dir-se-hia que o indio esperava

algun soccorro imprevisto, algum milagre que salvasse sua senhora; e que aguardava o momento de fazer por ella tudo quanto fosse possivel ao homem.

D. Antonio, vendo a resolução que se pintava no rosto do selvagem, tornou-se ainda mais pensativo; quando passado esse momento de reflexão, ergueu a cabeça, seus olhos brilhavam com um raio de esperança.

Atravessou o espaço que o separava de sua filha, e, tomando a mão de Pery, disse-lhe com uma voz profunda e solemne:

—Se tu fosses christão, Pery!...

O indio voltou-se extremamente admirado daquellas palavras.

—Porque?... perguntou elle.

—Porque?... disse lentamente o fidalgo. Porque se tu fosses christão, eu te confiaria a salvação de minha Cecilia, estou convencido de que a levarias ao Rio de Janeiro, á minha irmã.

O rosto do selvagem illuminou-se; seu peito arquejou de felicidade; seus labios tremulos mal podião articular o turbilhão de palavras que lhe vinhão do intimo d'alma.

—Pery quer ser christão! exclamou elle.

D. Antonio lançou-lhe um olhar humido de reconhecimento.

—A nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo o homem possa dar o baptismo. Nós estamos com o pé sobre o tumulo. Ajoelha, Pery!

O indio cahio aos pés do velho cavalheiro, que impoz-lhe as mãos sobre a cabeça.

—Sê christão! Dou-te o meu nome.

Pery beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe apresentou, e ergueu-se altivo e sobranceiro, prompto a affrontar todos os perigos para salvar sua senhora.

—Escuso exigir de ti a promessa de respeitares e defenderes minha filha. Conheço a tua alma nobre, conheço o teu heroísmo e a tua sublime dedicação por Cecilia. Mas quero que me faças um outro juramento.

—Qual? Pery está prompto para tudo.

Jura que, se não poderes salvar minha filha, ella não cahirá nas mãos do inimigo?

—Pery te jura que elle levará a senhora a tua irmã; e que se o senhor do céu não deixar que Pery cumpra a sua promessa, nenhum inimigo tocará em tua filha; ainda que para isso seja preciso queimar uma floresta inteira.

—Bem; estou tranquillo. Ponho minha Cecilia sob tua guarda: e morro satisfeito. Podes partir.

—Manda fechar todas as portas.

Os aventureiros obedecerão á ordem do fidalgo; todas as portas se fecharão; o indio empregava este meio para ganhar tempo.

Os gritos e bramidos dos selvagens, que continuavam com algumas interrupções, foram-se aproximando da casa; conhecia-se que escalavam o rochedo nesse momento.

Alguns minutos se passarão n'uma anciedade cruel. D. Antonio de Mariz depositou um ultimo beijo na fronte de sua filha; D. Lauriana apertou ao seio a cabeça adormecida da menina e envolveu-a n'uma manta de seda.

Pery, com o ouvido attento, o olhar fito na porta, esperava. Ligeiramente apoiado sobre o espaldar da cadeira ás vezes estremecia de impaciencia e batia com o pé sobre o pavimento da sala.

De repente, um grande clamor soou em tomo da casa; as chammas lambêrão com as suas linguas de fogo as frestas das portas e janellas: o edificio tremeu desde os alicerces com o embate da tromba de selvagens que se lançava furiosa no meio do incendio.

Pery, apenas ouviu o primeiro grito, reclinou sobre a cadeira e tomou Cecilia nos braços; quando o estrondo soou na porta larga do salão, o indio já tinha desaparecido.

Apezar da escuridão profunda que reinava em todo o interior da casa, Pery não hesitou um momento; caminhou direita ao quarto onde habitára sua senhora e subio á janella.

Uma das palmeiras da cabana estendia-se por cima do precipicio e apoiava-se a trinta palmos de distancia sobre um dos galhos da arvore que os Aymorés tinham abatido durante o dia para tirarem aos habitantes da casa a menor esperanza de fuga.

Pery apertando Cecilia nos braços, firmou o pé sobre essa ponte fragil, cuja faça convexa tinha quando muito algumas pollegadas de largura.

Quem lançasse os olhos nesse momento para aquella banda da esplanada veria ao pallido clarão do incendio deslizar-se lentamente por cima do precipicio o vulto hirto, como um dos fantasmas que, segundo a crença popular, atravessavão á meia noite as velhas amêas de algum castello em ruinas.

A palmeira oscillava, e Pery, embalançando-se sobre o abysmo, adiantava-se vagarosamente para a encosta opposta. Os gritos dos

selvagens repercutião nos ares de envolta com o estrepito dos *tacapes* que abalavão as porta da sala e as paredes do edificio.

Sem se inquietar com a scena tumultuosa que deixava após si, o indio ganhou a encosta opposta, e segurando com uma mão nos galho da arvore, conseguiu tocar a terra sem o menor accidente.

Então, fazendo uma volta para não aproximar-se do campo dos Aymorés, dirigio-se á margem do rio; ahi estava escondida entre as folhas a pequena canoa que servia outr'ora para os habitantes da casa atravessarem o *Paquequer*.

Durante a ausencia de uma hora que Pery tinha feito, quando deixára Cecilia adormecida, elle havia tudo preparado para essa empreza arriscada que devia salvar sua senhora.

Graças á sua actividade espantosa, armou com o auxilio da corda a ponte pensil sobre o precipicio, correu ao rio, amarrou a canôa no lugar que lhe pareceu mais propicio, e em duas viagens levou a esse barquinho, que ia servir de morada a Cecilia durante alguns dias, tudo quanto a menina podia carecer.

Erão roupas, uma colcha de damasco com que se poderia arranjar um leito, alguns alimentos que restavão na casa; lembrou-se até que D. Antonio devia ter necessidade de dinheiro logo que chegasse ao Rio de Janeiro, porque Pery contava que o fidalgo não duvidaria salvar sua filha.

Chegando á beira do rio, o indio deitou sua senhora no fundo da canôa, como uma menina no seu berço, envolveu-a na manta de seda para abrita-la do orvalho da noite, e tomando o remo, fez a canôa saltar como um peixe sobre as aguas.

A algumas braças de distancia, por entre uma aberta da floresta, Pery viu sobre o rochedo a casa illuminada pelas chammas do

incendio, que começava a lavrar com alguma intensidade.

De repente uma scena fantastica, terrivel, passou, diante de seus olhos, como uma dessas visões rapidas que brilhão e se apagão de repente no delirio da imaginação.

A frente da casa estava ás escuras; o fogo ganhára as outras faces do edificio e o vento o lançava para o fundo. Pery do primeiro olhar tinha visto os vultos dos Aymorés a se moverem nas sombras; e a figura horivel e medonha de Loredano, erguendo-se como um espectro no meio das chammas que o devoravão.

De repente a fachada do edificio tombou sobre a esplanada esmagando na sua queda um grande numero de selvagens.

Foi então que o quadro fantastico se desenhou aos olhos de Pery.

A sala era um mar de fogo; os vultos que se movião nessa esphera luminosa parecião nadar em vagas de chammas.

No fundo destacava-se o vulto magestoso de D. Antonio de Mariz, de pé no meio do gabinete, elevando com a mão esquerda uma imagem de Christo e com a direita abaixando a pistola para a cava escura onde dormia o volcão.

Sua mulher abraçava os seus joelhos calma e resignada; Ayres Gomes e os poucos aventureiros que restavão, immoveis e ajoelhados a seus pés, formavão o baixo-relevo dessa estatua digna de um grande cinzel.

Sobre o montão de ruinas formado pela parede que desmoronára, desenhavão-se as figuras sinistras dos selvagens, semelhantes a espiritos diabolicos dansando nas chammas infernaes.

Tudo isso, Pery viu de um só relance d'olhos; como um painel vivo illuminado um momento pelo clarão instantaneo do relampago.

Um estampido horrível reboou por toda aquella solidão: a terra tremeu, as aguas do rio se encapellarão como batidas pelo tufão. As trevas envolverão o rochedo ha pouco esclarecido pelas chammas, e tudo entrou de novo no silencio profundo da noite.

Um soluço partio o peito de Pery, talvez a unica testemunha dessa grande catastrophe.

Dominando a sua dôr, o indio vergou sobre o remo, e a canôa voou pela face lisa e polida do *Paquequer*.

XI EPILOGO

Quando o sol, erguendo-se no horizonte, illuminou os campos um montão de ruínas cobria as margens do *Paquequer*.

Grandes lascas de rochedos, talhadas de um golpe e semeadas pelo campo, paredão ter saltado do malho gigantesco de Novos Cyclopes.

A eminencia sobre a qual estava situada a casa tinha desaparecido, e no seu lugar via-se apenas uma larga fenda semelhante á cratera de algum volcão subterraneo.

As arvores arrancadas dos seus alveolos, a terra revolta, a cinza ennegrecida que cobria a floresta, annunciavão que por ahi tinha passado algum desses cataclysmas que deixão após si a morte e a destruição.

Aqui e alli por entre os comoros das ruínas apparecia alguma india, resto da tribu dos Aymorés, que tinha ficado para chorar a morte dos seus, e levar ás outras tribus a noticia dessa tremenda vingança.

Quem plainasse nesse momento sobre aquella solidão, e lançasse os olhos pelos vastos horizontes que se abrião em torno, se a vista podesse devassar a distancia de muitas leguas, veria ao longe, na larga esteira do Parahyba, passar rapidamente uma forma vaga e indecisa.

Era a canoa de Pery, que impellida pelo remo e pela viração da manhã corria com uma velocidade espantosa semelhante uma sombra a fugir das primeiras claridades do dia.

Toda a noite o indio tinha remado sem descansar um momento; não ignorava que D. Antonio de Mariz na sua terrivel vingança havia exterminado a tribu dos Aymorés, mas desejava apartar-se do theatro da catastrophe, e aproximar-se dos seus campos nativos.

Não era o sentimento da patria, sempre tão poderoso no coração do homem; não era o desejo de ver sua cabana reclinada á beira do rio, e abraçar sua mãe e seus irmãos, que dominava sua alma nesse momento e lhe dava esse ardor.

Era sim a idéa de que ia salvar sua senhora e cumprir o juramento que tinha feita ao velho fidalgo; era o sentimento de orgulho que se apoderava d'elle, pensando que bastava a sua coragem e a sua força para vencer todos os obstaculos, e realisar a missão de que se havia encarregado.

Quando o sol, no meio de sua carreira, lançava torrentes de luz sobre esse vasto deserto, Pery sentio que era tempo de abrigar Cecilia dos raios abrazadores, e fez a canôa abicar á beira do rio na sombra de uma ramagem de arvores.

A menina envolta na sua manta de seda com a cabeça apoiada sobre a prôa do barquinho dormia ainda o mesmo somno tranquillo da vespera; as côres tinham voltado, e sob a alvura transparente de sua pelle alva brilhavão esses tons côr de rosa, esse colorido suave, que só a natureza, artista sublime, sabe crear.

Pery tomou a canôa nos seus braços, como se fôra um berço mimoso, e deitou-a sobre a relva que cobria a margem do rio; depois sentou-se ao lado, e com os olhos fitos em Cecilia, esperou que ella sahisse desse somno prolongado que começava a inquieta-lo.

Tremia lembrando-se da dôr que sua senhora ia sentir quando soubesse a desgraça de que elle fôra testemunha na vespera; e não se achava com forças de responder ao primeiro olhar de surpresa que a menina lançaria em torno de si logo que despertasse no meio do deserto.

Emquanto durou o somno, Pery, com o braço apoiado á borda da canôa e o corpo reclinado sobre o rosto da menina, esperando com anciedade o momento que elle desejava e temia ao mesmo tempo, velava sobre Cecilia com um cuidado e uma solicitude admiravel.

A mãe mais extremosa não se desvelaria tanto por seu filho, como esse amigo dedicado por sua senhora; uma restea de sol que, enfiando-se pelas folhas, vinha brincar no rosto da menina, um passarinho que cantava sobre um ramo do arbusto, um insecto que saltava na relva, tudo elle afastava para não perturbar o seu repouso.

Cada minuto que passava era uma nova inquietação para elle; porém era tambem um instante mais de socego e de tranquillidade que a menina gozava, antes de saber a desgraça que pesava sobre ella, e que a privára de sua familia.

Um longo suspiro elevou o seio de Cecilia; seus lindos olhos azues se abrião e cerrarão, deslumbrados pela claridade do dia; ella passou a mão delicada pelas palpebras rosadas, como para afugentar o somno, e seu olhar limpido e suave foi pousar no rosto de Pery. Soltou um gritozinho de prazer, e sentando-se com vivacidade, lançou um olhar de surpresa e admiração em torno da especie de pavilhão de folhagem que a cercava; parecia interrogar as arvores, o rio, o céu; mas tudo emmudecia.

Pery não se animava a pronunciar uma palavra, via o que se passava n'alma de sua senhora, e não tinha a coragem de dizer a primeira letra do enigma que ella não tardaria a comprehender.

Por fim, a menina, baixando a vista para ver onde estava, descobriu a canôa, e lançando um volveo rapido para o vasto leito do Parahyba que se espreguiçava indolentemente pela floresta, ficou branca como a cambraia do seu roupão.

Voltou-se para o indio com os olhos extremamente dilatados, os labios tremulos, a respiração presa, o seio offegante, e supplicando com as mãozinhas juntas:

—Meu pai!... meu pai!... exclamou soluçando.

O selvagem deixou cahir a cabeça sobre o peito e escondeu o rosto nas mãos.

—Morto!... Minha mãe também morta!... Todos mortos!...

Vencida pela dôr, a menina apertou convulsamente o seio que lhe estalava com os soluços, e reclinando-se como o calice delicado de uma flôr que a noite enchêra de orvalho, desfez-se em lagrimas.

—Pery só podia salvar a ti, senhora! murmurou o indio tristemente.

Cecilia ergueu a cabeça altiva.

—Porque não me deixaste morrer com os meus?... exclamou ella n'uma exaltação febril. Pedi-te eu que me salvasses? Precisava de teus serviços?...

Seu rosto tomou uma expressão de energia extraordinaria.

—Tu vais me levar ao lugar onde descansa o corpo de meu pai. É ahí que deve estar sua filha... Depois partirás!... Não careço de ti.

Pery estremeceu.

—Escuta, senhora... balbuciou elle em tom submisso.

A menina lançou-lhe um olhar tão imperioso, tão soberano, que o indio emmudeceu, e voltando o rosto escondeu as lagrimas que lhe molhavam as faces.

Cecilia caminhou até á beira do rio, e com os olhos estendidos pelo horizonte, que ella suppunha occultar o lugar em que habitára, ajoelhou e fez uma oração longa e ardente.

Quando ergueu-se, estava mais calma: a dôr tinha-se repassado do consolo sublime da religião, dessa doçura e suavidade que infiltra no coração a esperança de uma vida celeste, que reúne aquelles que se amirão na terra.

Ella pôde então reflectir sobre o que se tinha passado na vespera; e procurou lembrar-se das circumstancias que havião precedido á morte de sua familia. Todas as suas recordações, porém, chegãõ unicamente até o momento em que, já meia adormecida, fallava a Pery, e dizia essa palavra ingénua e innocente que lhe escapára do intimo d'alma.

—Antes morrer como Isabel!

Lembrando-se dessa palavra, córou; e vendo-se só no deserto com Pery, sentio uma inquietação vaga e indefinida, um sentimento de temor e de receio, cuja causa não sabia explicar.

Seria essa desconfiança subita proveniente da colera que ella sentira, porque o indio salvára a sua vida, e a arrancára da desgraça que tinha destruido toda a sua familia?

Não; não era essa a causa: ao contrario Cecilia conhecia que fôra injusta para com seu amigo que tinha talvez feito impossiveis por

ella; e a não ser o receio instintivo que se apoderára involuntariamente de sua alma, já o teria chamado para pedir-lhe perdão daquellas palavras duras e crueis.

A menina ergueu os olhos timidos e encontrou o olhar triste e supplice de Pery: não pôde resistir; esqueceu os seus receios, e um tenue sorriso fugio-lhe pelos labios.

—Pery!...

—O indio estremeceu, mas desta vez de alegria e de contentamento: veio cahir aos pés de sua senhora, que elle encontrava de novo boa como sempre tinha sido.

—Perdoa a Pery, senhora!

—És tu que me deves perdoar, porque te fiz soffrer; não é verdade? Mas bem sabes!... Não podia abandonar meu pobre pai!

—Foi elle que mandou a Pery que te salvasse! disse o indio.

—Como?... exclamou a menina. Conta-me, meu amigo.

O indio fez a narração da scena da noite antecedente desde que Cecilia tinha adormecido até o momento em que a casa saltára com a explosão, restando delia apenas um montão de ruinas.

Contou que elle tinha preparado tudo para que D. Antonio de Mariz fugissem, salvando Cecilia; mas que o fidalgo recusára, dizendo que a sua lealdade e a sua honra mandavão que morresse no seu posto.

—Meu nobre pai! murmurou a menina enxugando as lagrimas.

Houve um instante de silencio, depois do qual Pery concluiu a sua narração, e referio como D. Antonio de Mariz o tinha baptisado, e lhe havia confiado a salvação de sua filha.

—Tu és christão, Pery?... exclamou a menina, cujos olhos brilharão com uma alegria ineffavel.

—Sim; teu pai disse: «Pery; tu és christão; dou-te o meu nome!»

—Obrigado, meu Deus, disse a menina juntando as mãos e erguendo os olhos ao céu.

Depois, envergonhada desse movimento espontaneo, escondeu o rosto: o rubor que cobrio as suas faces tingio de longes côr de rosa as linhas puras do collo assetinado.

Pery ergueu-se e foi colher alguns fructos delicados que servirão de refeição á sua senhora.

O sol tinha quebrado a sua força, era tempo de continuar a viagem e aproveitar a frescura da tarde para vencer a distancia que os separava do campo dos Goytacazes.

O indio chegou-se tremulo para a menina:

—Que queres tu que Pery faça, senhora?

—Não sei; respondeu Cecilia indecisa.

—Não queres que Pery te leve á taba dos brancos?

—É a vontade de meu pai?... Deves cumpri-la.

—Pery prometteu a D. Antonio levar-te a sua irmã.

O indio fez a canôa boiar sobre as aguas do rio, e quando tomou a menina nos seus braços para deita-la no barquinho, ella sentio pela primeira vez na sua vida que o coração de Pery palpitava sobre o seu seio.

A tarde estava soberba; os raios do sol no occaso, filtrando por entre as folhas das arvores, douravão as flôres alvas que cresião

pela beira do rio.

As rolas começavam a soltar os seus arrulhos no fundo da floresta; e a brisa, que passava ainda tepida das exalações da terra, vinha impregnada de aromas silvestres.

A canôa resvalou pela flôr d'agua, como uma garça ligeira levada pela correnteza do rio.

Pery remava sentado na prôa.

Cecilia, deitada no fundo, meio apoiada sobre uma alcatifa de folhas que Pery tinha arranjado, engolfava-se nos seus pensamentos, e aspirava as emanações suaves e perfumadas das plantas, e a frescura do ar e das aguas.

Quando seus olhos encontravam os de Pery, os longos cilios desciam occultando um momento o seu olhar doce e triste.

A noite estava serena.

A canôa, vogando sobre as aguas do rio, abria essas flôres de espuma, que brilham um momento á luz das estrellas, e se desfazem como o sorriso da mulher.

A brisa tinha escasseado; e a natureza adormecida respirava a calma tepida e perfumada das noites americanas, tão cheias de enlevo e encanto.

A viagem fora silenciosa; essas duas creaturas abandonadas no meio do deserto, sós em face da natureza, emmudeção, como se temessem despertar o echo profundo da solidão.

Cecilia repassava na memoria toda a sua vida innocente e tranquilla, cujo fio dourado tinha-se rompido de uma maneira tão cruel; mas era sobretudo o ultimo anno dessa existencia, desde o

dia do apparecimento imprevisto de Pery, que se desenhava na sua imaginação.

Porque interrogava ella assim os dias que tinha vivido no remanso da felicidade? Porque o seu espirito voltava ao passado, e procurava ligar todos esses factos a que na descuidosa ingenuidade dos primeiros annos dera tão pouco apreço?

Ella mesma não saberia explicar as emoções que sentia; sua alma innocente e ignorante tinha-se illuminado com uma subita revelação: novos horizontes se abrião aos sonhos castos de seu pensamento.

Volvendo ao passado admirava-se de sua existencia, como os olhos se deslumbrão com a claridade depois de um somno profundo; não se reconhecia na imagem do que fôra outr'ora, na menina isenta e travessa.

Toda a sua vida estava mudada; a desgraça tinha operado essa revolução repentina, e um outro sentimento ainda confuso ia talvez completar a transformação mysteriosa da mulher.

Em torno della tudo se resentia dessa mudança; as côres tinham tons harmoniosos, o ar perfumes inebriantes, a luz reflexos avelludados, que seus sentidos não conhecião.

Uma flôr que antes era para ella apenas uma bella fórma, parecia-lhe agora uma creatura que sentia e palpitava; a brisa que outr'ora passava como um simples bafejo das auras, murmurava ao seu ouvido nesse momento melodias ineffaveis, notas mysticas que resoavão no seu coração.

Pery, julgando sua senhora adormecida, remava docemente para não perturbar o seu repouso; a fadiga começava a vencê-lo; apesar

de sua coragem indomável e de sua vontade poderosa, as forças estavam exaustas.

Apenas vencedor da luta terrível que travara com o veneno, tinha começado a empresa quasi impossível da salvação de sua senhora; havia tres dias que seus olhos não se cerravam, que seu espirito não repousava um instante.

Tudo quanto a natureza permittia á intelligencia e ao poder do homem, elle tinha feito; e comtudo não era a fadiga do corpo que o vencia, erão sim as emoções violentas por que passára durante esse tempo.

O que elle tinha sentido quando plainava sobre o abysmo, e que a vida de sua senhora dependia de um passo falso, de uma oscillação da haste fragil que lhe servia de ponte pensil, ninguem comprehenderia.

O que soffreu quando Cecilia no seu desespero pela morte de seu pai o accusava por tê-la salvado, e lhe dava ordem de leva-la ao lugar onde repousavam as cinzas do velho fidalgo, é impossível de descrever.

Forão horas de martyrio, de soffrimento horrivel, em que sua alma succumbiria, se não achasse na sua vontade inflexivel e na sua dedicação sublime um conforto para a dôr, e um estímulo para triumphar de todos os obstaculos.

Erão essas emoções que o vencião, e ainda depois de vencidas, elle conheceu que seus musculos de aço, escravos submissos que obedecião ao seu menor desejo, se destendião como a corda do arco depois do combate. Lembrou-se que sua senhora precisava d'elle e que devia aproveitar esses momentos em que ella repousava para pedir ao somno novo vigor e novas forças.

Ganhou o meio do rio, e escolhendo um lugar onde não chegava nem um galho das arvores que cresião nas ribanceiras, amarrou a canôa nos nenuphares que boiavão á tona d'agua.

Tudo estava quieto; a terra ficava a uma distancia de muitas braças; portanto podia sua senhora dormir sem perigo sobre esse chão prateado, debaixo da abobada azul do céu; as ondinhas a embalarão no seu berço, as estrellas vigiarião o seu somno.

Livre de inquietação, Pery encostou a cabeça na borda da canôa; um momento depois suas palpebras entorpecidas cerrarão-se a pouco e pouco; seu ultimo olhar, esse olhar vago e incerto que adeja na pupilla já meio adormecida, viu desenhar-se na sombra uma forma alva e graciosa que se reclinava docemente para elle.

Não era um sonho, essa linda visão. Cecilia sentindo a canôa immovel despertou das suas recordações; sentou-se, e debruçando-se um pouco viu que seu amigo dormia, e accusou-se por não ter ha mais tempo exigido d'elle esse instante de repouso.

O primeiro sentimento que se apoderou da menina, vendo-se só, foi o terror solemne e respeitoso que infunde a solidão no meio do deserto, nas horas mortas da noite.

O silencio parece fallar; as sombras se povoão de seres invisiveis; os objectos, na sua immobibilidade, como que oscillão pelo espaço.

E ao mesmo tempo o nada com o seu vacuo profundo, immenso, infinito; e o chãos com a sua confusão, as suas trevas, as suas formas increadas; a alma sente que falta-lhe a vida ou a luz em torno.

Cecilia recebeu essa impressão com um temor religioso; mas não se deixou dominar pelo susto; a desgraça a habituára ao perigo; e a

confiança que tinha no seu companheiro era tanta, que mesmo dormindo parecia-lhe que Pery velava sobre ella.

Contemplando essa cabeça adormecida, a menina admirou-se da belleza inculta dos traços, da correcção das linhas do perfil altivo, da expressão de força e intelligencia que animava aquelle busto selvagem moldado pela natureza.

Como era que até então ella não tinha percebido naquelle aspecto senão um rosto amigo? Como seus olhos tinham passado sem ver sobre essas feições talhadas com tanta energia?

Era que a revelação physica que acabava de illuminar o seu olhar, não era senão o resultado dessa outra revelação moral que esclarecêra o seu espirito; dantes via com os olhos do corpo, agora via com os olhos da alma.

Pery, que durante um anno não fôra para ella senão um amigo dedicado, apparecia-lhe de repente como um heróe; no seio de sua familia estimava-o, no meio dessa solidão admirava-o.

Como os quadros dos grandes pintores que precisão de luz, de um fundo brilhante, e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua belleza primitiva.

No meio de homens civilisados, era um indio ignorante, nascido de uma raça barbara, a quem a civilisação repellia, e marcava o lugar de captivo. Embora para Cecilia e D. Antonio fosse um amigo, era apenas um amigo escravo.

Aqui, porém, todas as distincções desapparecião; o filho das mattas, voltando ao seio de sua mãe, recobrava a liberdade; era o rei

do deserto, o senhor das florestas, dominando pelo direito da força e da coragem.

As altas montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as arvores seculares, servião de throno, de docel, de manto e sceptro a esse monarca das selvas cercado de toda a magestade e de todo o esplendor da natureza.

Que effusão de reconhecimento e de admiração não havia no olhar de Cecilia! Era nesse momento que ella comprehendia toda a abnegação do culto santo e respeitoso que o indio lhe votava!

As horas corrêrão silenciosamente nessa muda contemplação; a aragem fresca que annuncia o despontar do dia bafejou o rosto da menina; e pouco depois o primeiro albor da manhã desmaiou o negrume do horizonte.

Sobre o relevo que formava o perfil escuro da floresta, nas sombras da noite, luzio limpida e brilhante a estrella d'alva; as aguas do rio arfárão docemente; e os leques das palmeiras se agitarão rumorejando.

A menina lembrou-se do seu despertar tão placido de outr'ora, de suas manhãs tão descuidosas, de sua prece alegre e risonha em que agradecia a Deus a ventura que vertia sobre ella e sua familia.

Uma lagrima pendeu nos cilios dourados, e cahio sobre a face de Pery; abrindo os olhos, e vendo ainda a mesma doce visão que o adormecêra, o indio julgou que o sonho continuava.

Cecilia sorriu-lhe; e passou a mãozinha pelas palpebras ainda meio cerradas de seu amigo:

—Dorme, disse ella, dorme; Cecy vela.

A musica dessas palavras despertou completamente o selvagem.

—Não! balbuciou elle envergonhado de ter cedido á fadiga. Pery sente-se forte.

—Mas tu deves ter necessidade de repouso! Ha tão pouco tempo que adormeceste!

—O dia vai raiar; Pery deve velar sobre sua senhora.

—E porque tua senhora não velará tambem sobre ti? Queres tomar tudo; e não me deixas nem mesmo a gratidão!

O indio lançou um olhar cheio de admiração á menina:

—Pery não entende o que tu dizes. A rolinha quando atravessa o campo e sente-se fatigada, descansa sobre a aza de seu companheiro que é mais forte; é elle que guarda o seu ninho enquanto ella dorme, que vai buscar o alimento, que a defende e que a protege. Tu és como a rolinha, senhora.

Cecilia córou da comparação ingénua de seu amigo.

—E tu? perguntou ella confusa e tremula de emoção.

—Pery... é teu escravo, respondeu o indio naturalmente.

A menina abanou a cabeça com uma inflexão graciosa:

—A rolinha não tem escravo.

Os olhos de Pery brilhárão, uma exclamação partio de seus labios:

—Teu...

Cecilia com o seio palpitante, as faces vermelhas, os olhos humidos, levou a mãozinha aos labios de Pery, e reteve a palavra que ella mesma na sua innocente faceirice tinha provocado.

—Tu és meu irmão! disse ella com um sorriso divino.

Pery olhou o céu, para fazê-lo confidente de sua felicidade.

A claridade da alvorada estendia-se sobre a floresta e os campos como um vêo finissimo; a estrella da manhã scintillava em todo o seu fulgor.

Cecilia ajoelhou-se.

—Salve, rainha!...

O indio contemplava-a com uma expressão de ventura ineffavel.

—Tu és christão, Pery! disse ella lançando-lhe um olhar supplicante.

Seu amigo comprehendeu-a, e ajoelhando, juntou as mãos como ella.

—Tu repetirás todas as minhas palavras; e faze por não esquecer-las. Sim?

—Ellas vêm de teus labios, senhora.

—Senhora, não! irmã!

Dahi a pouco os murmurios das aguas confundião-se com os accents maviosos da voz de Cecilia que recitava o hymno christão repassado de tanta uncção e poesia.

A palavra de Pery repetia como um écho a phrase sagrada.

Terminada a prece christã, talvez a primeira que tinham ouvido aquellas arvores seculares, a viagem continuou.

Logo que o sol chegou ao zenith, Pery procurou como na vespera um abrigo para passar as horas de calma.

A canôa pojou n'um pequeno seio do rio, Cecilia saltou em terra; e seu companheiro escolheu uma sombra onde ella repousasse.

—Espera aqui; Pery já volta.

—Onde vais? perguntou a menina inquieta.

—Ver fructos para ti.

—Não tenho fome.

—Tu os guardarás.

—Pois bem; eu te acompanho.

—Não; Pery não consente.

—E porque? Não me queres junto de ti?

—Olha tuas roupas; olha teus pés, senhora; os espinhos do cardo te offenderão.

Com effeito Cecilia estava vestida com um ligeiro roupão de cambraia; e seu pézinho que descansava sobre a relva, calçava um borzeguim de seda.

—Então me deixas só? disse a menina entristecendo.

O indio ficou um momento indeciso; mas de repente sua physionomia expandio-se.

Cortou a haste de um iris que se balançava ao sopro da aragem, e apresentou a flôr á menina.

—Escuta, disse elle. Os velhos da tribu ouvirão de seus pais, que a alma do homem quando sahe do corpo, se esconde n'uma flôr, e fica alli até que a *ave do céu* vem busca-la e leva-la bem longe. É por isso que tu vês o *guanumby*, saltando de flôr em flôr, beijando uma, beijando outro; e depois batendo as azas e fugindo.

Cecilia, habituada á linguagem poetica do selvagem esperava a ultima palavra que devia fazê-la comprehender o seu pensamento.

O indio continuo:

—Pery não leva a sua alma no corpo, deixa-a nesta flôr. Tu não ficas só.

A menina sorriu, e tomando a flôr escondeu-a no seio.

—Ella me acompanhará. Vai, meu irmão, e volta logo.

—Pery não se afastará; se tu o chamares, elle ouvirá.

—E me responderás, sim?... para que eu te sinta perto de mim...

O indio, antes de partir, circulou a alguma distancia o lugar onde se achava Cecilia de uma corda de pequenas fogueiras feitas de louro, de canella, uratahy e outras arvores aromaticas.

Desta maneira tornava aquelle retiro impenetravel: o rio de um lado, e do outro as chammas que afugentarião os animaes damnhos, e sobretudo os reptis, o fumo odorifero que se escapava das fogueiras afastaria até mesmo os insectos. Pery não soffreria que uma vespa e uma mosca sequer offendesse a cutis de sua senhora, e sugasse uma gota desse sangue precioso; por isso tomára todas essas precauções.

Cecilia devia pois ficar tranquilla como se estivesse em um palacio; e de facto era um palacio de rainha do deserto esse sombrio cheio de frescura a que a relva servia de alcatifa, as folhas de docel, as grinaldas em flôres de cortinas, os sabiás de orchestra, as aguas de espelho, e os raios do sol de arabescos dourados.

A menina vio de longe o desvelo com que seu amigo tratava de sua segurança, e acompanhou-o com o olhar até o momento em que elle desapareceu no mais espesso da matta.

Foi então que ella sentio a soledade estender-se em torno e envolvê-la; insensivelmente levou a mão ao seio e tirou a flôr que Pery lhe tinha dado.

Apezar de sua fé christã, não pôde vencer essa innocente superstição do coração: pareceu-lhe, olhando o iris, que já não estava só e que a alma de Pery a acompanhava.

Qual é o seio de dezaseis annos que não abriga uma dessas illusões encantadoras, nascidas com o fogo dos primeiros raios do amor? Qual é a menina que não consulta o oraculo de um malmequer, e não vê n'uma borboleta negra a sibylla fatidica que lhe annuncia a perda da mais bella esperanza?

Como a humanidade na infancia, o coração nos primeiros annos tem tambem a sua mythologia; mythologia mais graciosa e mais poetica do que as creações da Grecia; o amor é o seu Olympo povoado de deosas ou deoses de uma belleza celeste e immortal.

Cecilia amava; a gentil e innocente menina procurava illudir-se a si mesma, attribuindo o sentimento que enchia sua alma a uma affeição fraternal, e occultando, sob o doce nome de irmão, um outro mais doce que titillava nos seus labios, mas que seus labios não ousavam pronunciar.

Mesmo só, de vez em quando um pensamento que passava no seu espirito, incendia-lhe as faces de rubor, fazia palpitar-lhe o seio e pender mollemente a cabeça, como a haste da planta delicada quando o calor do sol fecunda a florescencia.

Em que pensava ella, com os olhos fitos no iris, que o seu habito bafejava, comas palpebras meio cerradas e o corpo reclinado sobre os joelhos?

Pensava no passado que não voltaria; no presente que devia escoar-se rapidamente; e no futuro que lhe apparecia vago, incerto e confuso.

Pensava que de todo o seu mundo só lhe restava um irmão de sangue, cujo destino ignorava, e um irmão d'alma, em que tinha concentrado todas as afeições que perdera.

Um sentimento de tristeza profunda annuviava seu semblante, lembrando-se de seu pai, de sua mãe, de Isabel, de Alvaro, de todos que amava e que formavam o universo para ella; então o que a consolava era a esperança de que os dous unicos corações que lhe restavam não a abandonariam nunca.

E isto a fazia feliz; não desejava mais nada; não pedia a Deos mais ventura do que a que sentiria vivendo junto de seus amigos e enchendo o futuro com as recordações do passado.

A sombra das arvores já beijava as aguas do rio, e Pery ainda não tinha voltado; Cecilia assustou-se, e, temendo que não lhe tivesse succedido alguma cousa, chamou por elle.

O indio respondeu de longe, e pouco depois appareceu entre as arvores; o seu tempo não tinha sido inutilmente empregado, a julgar pelos objectos que trazia.

—Como tardaste!... disse-lhe Cecilia erguendo-se e indo ao seu encontro.

—Tu estavas socegado; Pery aproveitou para não te deixar amanhã.

—Amanhã só?

—Sim, porque depois chegaremos.

—Aonde? perguntou a menina com vivacidade.

—Aos campos dos Goytacazes, á cabana de Pery, onde tu mandarás a todos os guerreiros da tribu.

—E depois, como iremos ao Rio de Janeiro?

—Não te inquietes; os Goytacazes tem *igaras* grandes como aquella arvore que toca ás nuvens; quando elles atirão o remo, ellas voão sobre as aguas como a *atyaty* de azas brancas. Antes que a lua, que vai nascer, tenha desaparecido, Pery te deixará com a irmã de teu pai.

—Deixará!... exclamou a menina, empallidecendo. Tu queres me abandonar?

—Pery é um selvagem, disse o indio tristemente; não pôde viver na taba dos brancos.

—Porque? perguntou a menina com anciedade. Não és tu christão como Cecy?

—Sim; porque era preciso ser christão para te salvar; mas Pery morrerá selvagem como Ararê.

—Oh! não, disse a menina, eu te ensinarei a conhecer Deus, Nossa Senhora, as suas virgens e os seus anginhos. Tu viverás comigo e não me deixarás nunca!

—Vê, senhora: a flor que Pery te deu já murchou porque sahio de sua planta; e a flôr estava no teu seio. Pery na taba dos brancos, ainda mesmo junto de ti, será como esta flôr; tu terás vergonha de olhar para elle.

—Pery!... exclamou a menina offendida.

—Tu és boa; mas todas as que têm a tua côr não têm o teu coração. Lá, o selvagem seria um escravo dos escravos; e quem nasceu o primeiro pôde ser teu escravo; mas é senhor dos campos, e mando aos mais fortes.

Cecilia, admirando o reflexo de nobre orgulho que brilhava na fronte do indio, sentio que não podia combater a sua resolução dictada por um sentimento elevado. Reconheceu que havia no fundo de suas palavras uma grande verdade, que o seu instincto adivinhava; ella tinha a prova na revolução que se operára no seu espirito, vendo Pery no meio do deserto, livre, grande, magestoso com um rei.

Qual não seria pois a consequencia dessa outra transição, muito mais brusca? N'uma cidade, no meio da civilisação, o que seria um selvagem, senão um captivo, tratado por todos com desprezo?

No intimo de sua alma quasi que approvava a resolução de Pery; mas não podia afazer-se á idéa de perder seu amigo, seu companheiro, a unica affeição que talvez ainda lhe restava no mundo.

Durante esse tempo, o indio preparava a simples refeição que lhes offerencia a natureza. Deitou sobre uma folha larga os fructos que tinha colhido: erão os aracás, os jambos corados, os ingás de polpa macia, os cocos de varias especies.

A outra folha continha favos de uma pequena abelha, que fabricára a sua colmeia no tronco de uma cabuiba, de sorte que o mel puro e claro tinha perfumes deliciosos: dir-se-hia mel de flôres.

O indio tornou concava uma palma larga e encheu-a com o succo do ananaz, cuja fragrancia é como a essencia do sabor: era o vinho que devia servir ao banquete frugal.

N'uma segunda palma tambem concava, apanhou a agua crystallina da corrente que murmurava a alguns passos; devia servir para Cecilia lavar as mãos depois da refeição.

Quando acabou esses preparativos que elle fazia com uma satisfação inexprimivel, Pery sentou-se junto da menina, e começou a trabalhar n'um arco de que precisava. O arco era sua arma favorita, e sem elle, embora possuísse a clavinha e as munições que por precaução deitára na canôa para servirem a D. Antonio de Mariz, não tinha tranquillidade de espirito e confiança plena na sua agilidade.

Reparando, porém, que sua senhora não tocava nos alimentos, ergueu a cabeça e vio o rosto da menina banhado de lagrimas, que cahião em perolas sobre os fructos, e os rociavão como gotas de orvalho.

Não era preciso adivinhar, para conhecer a causa dessas lagrimas.

—Não chores, senhora, disse o indio afflicto; Pery te fallou o que sentia; manda, e Pery fará a tua vontade.

Cecilia olhou-o com uma expressão de melancolia que partia a alma.

—Queres que Pery fique contigo? Elle ficará; todos serão seus inimigos; todos o tratarão mal; desejará defender-te e não poderá; quererá servir-te e não o deixarão; mas Pery ficará.

—Não, respondeu Cecilia; não exijo de ti esse ultimo sacrificio. Deves viver onde nasceste, Pery.

—Mas tu vais ainda chorar!

—Vê, disse a menina enxugando as lagrimas; estou contente.

—Agora toma uma fructa.

—Sim; jantaremos juntos, como jantavas outr'ora no meio das mattas com tua irmã.

—Pery nunca teve irmã.

—Mas tens agora, respondeu ella sorrindo.

E como uma filha das florestas, uma verdadeira americana, a gentil menina fez a sua refeição partilhando-a com seu companheiro, e acompanhando-a dos gestos innocentes e faceiros que só ella sabia ter.

Pery admirava-se da mudança brusca que se tinha operado em sua senhora, e no fundo do seu coração sentia um aperto, pensando que ella se consolára bem depressa com a lembrança da separação.

Mas elle não era egoista, e preferia a alegria de sua senhora a seu prazer; porque vivia antes da vida della do que da sua propria.

Depois da refeição, Pery voltou ao seu trabalho.

Cecilia, que desde o primeiro dia sentia-se abatida e languida, tinha recobrado um pouco de sua vivacidade e gentileza dos bons dias.

O rosto mimoso conservava ainda a sombra melancolica que lhe deixarão impressas as scenas tristes de que fora testemunha, e sobretudo a ultima desgraça que a tinha privado de seu pai e de sua mãe.

Mas essa mágoa tomava nas suas feições uma expressão angelica, e tal mansuetude e suavidade que dava novo encanto á sua belleza ideal.

Deixando seu companheiro distrahido com a sua obra, chegou á beira do rio e sentou-se junto de uma moita de uvaías, á qual estava amarrada a canôa.

Pery viu-a afastar-se, e, sempre seguindo-a com os olhos, continuou a preparar a vergontea que devia servir-lhe de arco, e as

cannas selvagens, ás quaes o seu braço ia dar o vôo da ave altaneira.

A menina com a face apoiada na mão e os olhos postos na correnteza do rio, scimava; ás vezes as palpebras cerravão-se; os labios se agitavão imperceptivelmente; nesses momentos parecia que conversava com algum espirito invisivel.

Outras vezes, um doce sorriso despontava nos seus labios e desfazia-se logo, como se o pensamento que viera pousar ali voltasse a esconder-se no fundo do coração, donde se tinha escapado.

Por fim ergueu a fronte com o meneio de rainha, que ás vezes tomava a sua cabecinha loura, á qual só faltava o diadema; a physionomia mostrou uma expressão de energia, que lembrava o character de D. Antonio de Mariz.

Tinha tomado uma resolução; uma resolução firme, inabalavel, que ia cumprir com a mesma força de vontade e coragem que herdára de seu pai, e dormia no fundo de sua alma, para só revelar-se nas occasiões extremas.

Levantou os olhos ao céu, e pedio a Deos um perdão para uma falta, e ao mesmo tempo uma esperança para uma boa acção que ia praticar; sua oração foi breve, mas ardente e cheia de fervor.

Emquanto isso se passava, Pery, vendo que as sombras da terra já se deitavão sobre o leito do Parahyba, conheceu que era tempo de partir, e preparou-se para continuar a viagem.

No momento em que levantava-se, Cecilia, correu para elle, e collocou-se em face, de modo a lhe occultar a vista do rio.

—Tu sabes? disse ella sorrindo; tenho uma cousa a pedir-te.

Esta só palavra bastava para que Pery não visse mais nada senão os olhos e os labios de sua senhora, que ião dizer-lhe o que ella desejava.

—Quero que apanhes muito algodão para mim e me tragas uma pelle bonita. Sim?

—Para que? perguntou o indio admirado.

—Do algodão fiarei um vestido; da pelle tu cobrirás os meus pés.

Pery, cada vez mais admirado, ouvia sua senhora sem comprehendê-la:

—Assim, disse a menina sorrindo, tu me deixarás acompanhar-te, os espinhos não me farão mal.

O espanto do indio tinha-o tornado immovel, mas de repente soltou um grito, e quiz precipitar-se para o rio.

A mãozinha de Cecilia apoiando-se no seu peito, reteve-o.

—Espera!

—Olha; respondeu o indio inquieto apontando o rio.

A canôa desprendida do tronco a que estava amarrada resvalava á discrição das aguas, e, gyrando sobre si, desapparecia levada pela correnteza.

Cecilia depois de olhar se voltou sorrindo:

—Fui eu que soltei!

—Tu senhora! Porque?

—Porque não precisamos mais della.

Fitando então no seu amigo os lindos olhos azues, disse com o tom grave e lento que revela um pensamento profundamente

reflectido e uma resolução inabalável.

—Pery não pôde viver junto de sua irmã na cidade dos brancos; sua irmã fica com elle no deserto, no meio das florestas.

Era essa a idéa que ella ha pouco acariciava no seu espirito, e para a qual tinha invoeado a graça divina.

Não foi sem algum esforço que ella conseguiu dominar os primeiros temores que a assaltarão, quando encarou em face essa existencia longe da sociedade, na solidão, no isolamento.

Mas qual era o laço que a prendia ao mundo civilizado? Não era ella quasi uma filha desses campos, criada com o seu ar puro e livre, com as suas aguas crystallinas?

A cidade lhe apparecia apenas como uma recordação da primeira infancia, como um sonho do berço; deixara o Rio de Janeiro aos cinco annos, e nunca mais alli voltára.

O campo, esse tinha para ella outras recordações ainda vivas e palpitantes; a flor da sua mocidade tinha sido bafejada por essas auras; o botão desatára aos raios desse sol esplendido.

Toda a sua vida, todos os seus bellos dias, todos os seus prazeres infantis vivião alli, fallavão naquelles échos da solidão, naquelles murmurios confusos, naquelle silencio mesmo.

Ella pertencia, pois, mais ao deserto do que á cidade; era mais uma virgem brasileira do que uma menina cortezã; seus habitos e seus gostos prendião-se mais ás pompas singelas da natureza, do que ás festas e ás galas da arte e da civilisação.

Decidio ficar.

A unica felicidade que ainda podia gozar neste mundo, depois da perda de sua familia, era viver com os dous entes que a amavão;

essa felicidade não era possível; devia escolher entre um delles.

Ahi o seu coração foi impellido pela força invencível que o arrastava; mas depois, envergonhando-se de ter cedido tão depressa, procurou desculpar-se a si mesma.

Disse então que entre seus dous irmãos era justo que acompanhasse antes aquelle que só vivia para ella, que não tinha um pensamento, um cuidado, um desejo que não fosse inspirado por ella.

D. Diogo era um fidalgo, herdeiro do nome de seu pai; tinha um futuro diante de si, tinha uma missão a cumprir no mundo; elle escolheria uma companheira para suavisar-lhe a existencia.

Pery tinha abandonado tudo por ella; seu passado, seu presente, seu futuro, sua ambição, sua vida, sua religião mesmo; tudo era ella, e unicamente ella; não havia pois que hesitar.

Depois Cecilia tinha ainda um pensamento que lhe sorria: queria abrir ao seu amigo o céu que ella entrevia na sua fé christã; queria dar-lhe um lugar perto della na mansão dos justos, aos pés do throno celeste do Creador.

É impossivel descrever o que se passou no espirito do selvagem ouvindo as palavras de Cecilia: sua intelligencia inculta, mas brilhante, capaz de elevar-se aos mais altos pensamentos, não podia comprehender aquella idéa; duvidou do que escutava.

—Cecilia fica no deserto!... balbuciou elle.

—Sim! respondeu a menina tomando-lhe as mãos; Cecilia fica contigo e não te deixará. Tu és rei destas florestas, destes campos, destas montanhas; tua irmã te acompanhará!

—Sempre?...

—Sempre!.... Vivemos juntos como ontem, como hoje, como amanhã. Tu cuidas?... Eu também sou filha desta terra; também me criei no seio desta natureza. Amo este bello paiz!...

—Mas, senhora, tu não vês que tuas mãos foram feitas para as flores e não para os espinhos; teus pés para brincar e não para andar; teu corpo para a sombra e não para o sol e a chuva?

—Oh! Eu sou forte! exclamou a menina erguendo a cabeça com altivez. Junto de ti não tenho medo. Quando eu estiver cansada, tu me levarás nos teus braços. A rolinha não se apoia sobre a asa de seu companheiro?

Era preciso ver a gentileza e a garridice com que ella dizia todas essas phrases graciosas, que borbulhavam dos seus labios! A irradiação do seu olhar, a animação do seu rosto e a travessura de seu gesto fascinavam.

Pery ficou estatico diante da perspectiva dessa felicidade immensa, com a qual nunca sonhara; mas jurou de novo em sua alma que cumpriria a promessa feita a D. Antonio.

A tarde descahia; e era preciso tratar de prover aos meios de passar a noite em terra, o que seria muito mais perigoso; não para elle a quem bastava o galho de uma arvore; mas para Cecilia.

Seguindo pela margem para escolher o lugar mais favoravel, Pery soltou uma palavra de surpresa vendo a canôa que se tinha embarçado numa dessas ilhas fluctuantes feitas pelas parasitas do rio que boiã sobre as aguas.

Era o melhor leito que podia ter a menina no meio do deserto; puxou a canôa, alcatifou o fundo com as folhas macias das palmeiras, e, tomando Cecilia nos braços, deitou-a no seu berço.

A menina não consentio que Pery remasse; e a canôa deslisou docemente pelo leito do rio, apenas impellida pela correnteza.

Cecilia brincava; debruçava-se sobre as aguas para colher uma flôr de passavem, para perseguir um peixe que beijava a face lisa das ondas, para ter o prazer de molhar as mãos nessa agua crystallina, para rever a sua imagem nesse espelho vacillante.

Quando tinha brincado bastante, voltava-se para seu amigo e fallava-lhe com o gazeio argentino, mimoso chilrear dos labios travessos de uma linda menina, onde as cousas mais ligeiras e mais frivolas revestem encantos e graça suprema.

Pery estava distrahido; seu olhar fitava-se no horizonte com uma attenção extraordinaria; a inquietação que se desenhava no seu semblante era indicio de algum perigo, embora ainda remoto.

Sobre a linha azulada da cordilheira dos Orgãos, que se destacava n'um fundo de purpura e rosicler, amontoavão-se grossas nuvens escuras e pesadas, que, feridas pelos raios do occaso, lançavão reflexos acobreados.

Dahi a pouco a serrania desapareceu envolta nesse manto côr de bronze, que se elevava como as columnas e abobadas de stalactites que se encontrão nas grutas das nossas montanhas. O azul puro e risonho que cobria o resto do firmamento contrastava com a cinta escura, que ia ennegrecendo gradualmente á medida que a noite cahia.

Pery voltou-se.

—Tu queres ir para terra, senhora?

—Não; estou tão bem aqui! Não foste tu que me trouxeste?

—Sim; mas...

—O que?

—Nada; pódes dormir sem receio!

Elle tinha-se lembrado que entre dous perigos o melhor era preferir o mais remoto; aquelle que ainda estava longe e talvez não viesse.

Por isso resolveu não dizer nada a Cecilia, e conservar-se attento e vigilante para salva-la, se o que elle temia se realisasse.

Pery havia lutado com o tigre, os homens, com uma tribu de selvagens, com o veneno; e tinha vencido. Era chegada a occasião de lutar com os elementos; com a mesma confiança calma e impassivel, esperou prompto a aceitar o combate.

Anoiteceu.

O horizonte, sempre negro e fechado, se illuminava ás vezes com um lampejo phosphorescente: um tremor surdo parecia correr pelas entranhas da terra e fazia ondular a superficie das aguas, como o seio de uma vela enfunada pelo vento.

Entretanto, ao redor tudo estava quieto; as estrellas recamavão o azul do céu; a viração aninhava-se nas folhas das arvores; os murmurios doces da solidão cantavão o hymno da noite.

Cecilia adormeceu no seu berço, murmurando uma prece.

Era alta noite; sombras espessas cobrião as margens do Parahyba.

De repente um rumor surdo e abafado, como de um tremor subterraneo, propagando-se por aquella solidão, quebrou o silencio profundo do ermo.

Pery estremeceu: ergueu a cabeça e estendeu os olhos pela larga esteira do rio, que, enroscando-se como uma serpente monstruosa

de escamas prateadas, ia perder-se no fundo negro da floresta.

O espelho das aguas, liso e polido como um crystal, reflectia a claridade das estrellas, que já desmaiavam com a aproximação do dia; tudo estava immovel e quêdo.

O indio curvou-se sobre a borda da canôa, e de novo applicou o ouvido; pela superficie do rio rolava um som estrepitoso, semelhante ao quebrar-se da catadupa precipitando-se do alto dos rochedos.

Cecilia dormia tranquillamente; sua respiração ligeira resoava com a harmonia doce e subtil das folhas da canna quando estremecem ao sopro tenue da aragem.

Pery lançou um olhar de desespero para as margens que se destacavam a alguma distancia sobre a corrente placida do rio. Quebrou o laço que prendia a canôa, e impellio-a para a terra com toda a força do remo, que fendeu a agua rapidamente.

Á beira do rio elevava-se uma bella palmeira, cujo alto tronco era coroado pela grande cupola verde, formada com os leques de suas folhas lindas e graciosas. Os cipós e as parasitas, engrazando-se pelos ramos das arvores vizinhas, descião até o chão, formando grinaldas e cortinas de folhagem, que se prendião ás hastes da palmeira.

Tocando a margem, Pery saltou em terra, tomou Cecilia meio adormecida nos seus braços, e ia entranhar-se pela matta virgem que se elevava diante delle.

Nesse momento, o rio arquejou como um gigante estorcendo-se em convulsões, e deitou-se de novo no seu leito, soltando um gemido profundo e cavernoso.

Ao longe o crystal da corrente achamalotou-se; as aguas frisárão-se; e um lençol de espuma estendeu-se sobre essa face lisa e polida, semelhante a uma vaga do mar desenrolando-se pela arêa da praia.

Logo todo o leito do rio cobrio-se com esse delgado sendal que se desdobrava com uma velocidade espantosa, rumorejando como um manto de seda.

Então no fundo da floresta troou um estampido horrivel, que veio reboando pelo espaço; dir-se-hia o trovão correndo nas quebradas da serrania.

Era tarde!

Não havia tempo para fugir; a agua tinha soltado o seu primeiro bramido, e, erguendo o collo, precipitava-se furiosa, invencivel, devorando o espaço como algum monstro do deserto.

Pery tomou a resolução prompta que exigia a eminencia do perigo: em vez de ganhar a matta, suspendeu-se a um dos cipós, e galgando o cimo da palmeira, ahi abrigou-se com Cecilia.

A menina, despertada violentamente e procurando conhecer o que se passava, interrogou seu amigo.

—A agua!... respondeu elle, apontando para o horizonte.

Com effeito, uma montanha branca, phosphorescente, assomou entre as arcarias gigantescas formadas pela floresta, e atirou-se sobre o leito do rio, mugindo como o oceano quando açouta os rochedos com as suas vagas.

A torrente passou, rapida, veloz, vencendo na carreira o tapir das selvas ou a ema do deserto; seu dorso enorme se estorcia e enrolava pelos troncos diluvianos das grandes arvores, que estremecião com o embate herculeo.

Depois, outra montanha, e outra, e outra, se elevarão no fundo da floresta; arremessando-se no turbilhão, lutarão corpo a corpo, esmagando com o peso tudo que se oppunha á sua passagem.

Dir-se-hia que algum monstro enorme, dessas giboias tremendas quo vivem nas profundezas da agua, mordendo a raiz de uma rocha, fazia gyrar a cauda immensa, apertando nas suas mil voltas a matta que se estendia pelas margens.

Ou que o Parahyba, levantando-se qual novo Briareo no meio do deserto, estendia os cem braços titanicos, e apertava ao peito, estrangulando-a em uma convulsão horrivel, toda essa floresta secular que nascêra com o mundo.

As arvores estalavão; arrancadas do seio da terra ou partidas pelo tronco, prostravão-se vencidas sobre o gigante, que, carregando-as ao hombro, precipitava-se para o oceano.

O estrondo dessas montanhas d'agua que se quebravão, o estampido da torrente, os trôos do embate desses rochedos move-diços, que se pulverisavão enchendo o espaço de neblina espessa, formavão um concerto horrivel, digno do drama magestoso que se representava no grande scenario.

As trevas envolvião o quadro, e apenas deixavão ver os reflexos prateados da espuma e a muralha negra que cingia esse vasto recinto, onde um dos elementos reinava como soberano.

Cecilia, apoiada ao hombro de seu amigo, assistia horrorisada a esse espectaculo pavoroso; Pery sentia o seu corpinho estremecer; mas os labios da menina não soltárão uma só queixa, um só grito de susto.

Em face desses trances solemnes, desses grandes cataclysmas da natureza, a alma humana sente-se tão pequena, anihila-se tanto,

que se esquece da existencia; o receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emmudece e paralysa.

O sol, dissipando as trevas da noite, assomou no oriente; seu aspecto magestoso illuminou o deserto; as ondas de sua luz brilhante derramárão-se em cascatas sobre um lago immenso, sem horizontes.

Tudo era agua e céu.

A inundação tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas d'agua, que o temporal durante uma noite inteira vertêra sobre as cabeceiras dos confluentes do Parahyba, descêrão das serranias, e, de torrente em torrente, havião formado essa tromba gigantesca que se abatêra sobre a varzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que apparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céu, azul e limpido, sorria mirando-se no espelho das aguas.

A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as arvores pequenas desaparecião; e a folhagem dos soberbos jacarandás sobrenadava já como grandes moitas de arbustos.

A cupola da palmeira, em que se achavão Pery e Cecilia, parecia uma ilha de verdura banhando-se nas aguas da corrente; as palmas que se abrião formavão no centro um berço mimoso, onde os dous amigos, estreitando-se, pedião ao céu para ambos uma só morte, pois uma só era a sua vida.

Cecilia esperava o seu ultimo momento com a sublime resignação evangelica, que só dá a religião de Christo; morria feliz; Pery tinha confundido as suas almas na derradeira prece que expirára dos seus labios.

—Podemos morrer, meu amigo! disse ella com uma expressão sublime.

Pery estremeceu; ainda nessa hora suprema seu espirito revoltava-se contra aquella idéa, e não podia conceber que a vida de sua senhora tivesse de perecer como a de um simples mortal.

—Não! exclamou elle. Tu não podes morrer.

A menina sorriu docemente.

—Olha? disse ella com a sua voz maviosa, a agua sobe, sobe...

—Que importa! Pery vencerá a agua, como venceu a todos os teus inimigos.

—Se fosse um inimigo, tu o vencerias, Pery. Mas é Deos... É o seu poder infinito!

—Tu não sabes? disse o indio como inspirado pelo seu amor ardente, o Senhor do céu manda ás vezes áquelles a quem ama um bom pensamento!

E o indio ergueu os olhos com uma expressão ineffavel de reconhecimento.

Fallou com um tom solemne:

«Foi longe, bem longe dos tempos de agora. As aguas cahirão, e começarão a cobrir toda a terra. Os homens subirão ao alto dos montes; um só ficou na varzea com sua esposa.

«Era Tamandaré; forte entre os fortes; sabia mais que todos. O Senhor fallava-lhe de noite; e de dia elle ensinava aos filhos da tribu o que aprendia do céu.

«Quando todos subirão aos montes, elle disse:—Ficai comigo; fazei como eu, e deixai que venha a agua.

«Os outros não o escutarão; e forão para o alto; e deixarão elle só na varzea com sua companheira, que não o abandonou.

«Tamandaré tomou sua mulher nos braços e subio com ella ao olho da palmeira; ahi esperou que a agua viesse e passasse; a palmeira dava fructos que os alimentavão.

«A agua veio, subio e cresceu; o sol mergulhou e surgiu uma, duas e tres vezes. A terra desapareceu; a arvore desapareceu; a montanha desapareceu.

«A agua tocou o céu; e o Senhor mandou então que parasse. O sol olhando só viu céu e agua, e entre a agua e o céu, a palmeira que boiava levando Tamandaré e sua companheira.

«A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subio com ella; subió acima do valle, acima da arvore, acima da montanha.

«Todos morrerão. A agua tocou o céu tres sões com tres noites; depois baixou: baixou até que descobrio a terra.

«Quando veio o dia, Tamandaré viu que a palmeira estava plantada no meio da varzea; e ouviu a avezinha do céu, o guanumby, que batia as azas.

«Desceu com a sua companheira, e povoou a terra.»

Pery tinha fallado com o tom inspirado que dão as crenças profundas; com o entusiasmo das almas ricas de poesia e sentimento.

Cecilia o ouvia sorrindo, e bebia uma a uma as suas palavras como se fossem as particulas do ar que respirava; parecia-lhe que a alma de seu amigo, essa alma nobre e bella, se desprendia do seu corpo

em cada uma das phrases solennes, e vinha embeber-se no seu coração, que se abria para recebê-la.

A agua subindo molhou as pontas das largas folhas da palmeira, e uma gota, resvalando pelo leque, foi embeber-se na alva cambraia das roupas de Cecilia.

A menina, por um movimento instinctivo de terror, conchegou-se ao seu amigo; e nesse momento supremo, em que a inundaçãõ abria fauce enorme para traga-los, murmurou docemente:

—Meu Deus!... Pery!...

Então passou-se sobre esse vasto deserto d'agua e céu uma scena estupenda, heroica, sobrehumana; um espectaculo grandioso, uma sublime loucura.

Pery hallucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçãõ pelos ramos das arvores já cobertas d'agua, e com esforço desesperado cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até ás raizes.

Tres vezes os seus musculos de aço, estorcendo-se, inclinãrãõ a haste robusta; e tres vezes o seu corpo vergou, cedendo á retracção violenta da arvore, que voltava ao lugar que a natureza lhe havia marcado.

Luta terrivel, espantosa, louca, esvairada, luta da vida contra a materia; luta do homem contra a terra; luta da força contra a immobildade.

Houve um momento de repouso em que o homem, concentrando todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a arvore; o impeto foi terrivel; e pareceu que o corpo ia despedaçar-se nessa distensão horrivél.

Ambos, arvore e homem, embalançaráo-se no seio das aguas: a haste oscillou; as raizes desprendêrão-se da terra já minada profundamente pela torrente.

A cupola da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flôr d'agua como um ninho de garças ou alguma ilha fluctuante, formada pelas vegetações aquaticas.

Pery estava de novo sentado junto de sua senhora quasi inanimada; e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um accento de ventura suprema:

—Tu viverás!

Cecilia abrio os olhos, e vendo seu amigo junto della, ouvindo ainda suas palavras, sentio o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

—Sim?... murmurou ella; viveremos!... lá no céu, no seio de Deos, junto daquelles que amamos!...

O anjo espanejava-se para remontarão berço.

—Sobre aquelle azul que tu vês, continuou ella, Deos mora no seu throno, rodeado dos que o adorão. Nós iremos lá, Pery! Tu viverás com tua irmã, sempre!..

Ella embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e languida reclinou a loura fronte.

O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos: os labios abrirão como as azas purpureas de um beijo soltando o vôo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumio-se no horizonte.

FIM DA QUARTA E ULTIMA PARTE.

NOTAS DO TOMO SEGUNDO

PAG. 7.—**Crispim Tenreiro.**

Foi um dos fundadores do Rio de Janeiro; era casado com D. Isabel Mariz, irmã de D. Antonio.

PAG. 153.—**Mussurana.**

«Os contrarios que os Tupinambás captivão na guerra ou de outra maneira, mettem-nos em prisões, as quaes são cordas de algodão grossas, que para isso tem muito louças, a que chamão mussuranas.»—G.S. de SOUZA, *Roteiro do Brazil*.

PAG. 155.—**Esposa do tumulto.**

«Dão a cada um prisioneiro por mulher a mais formosa moça que ha na sua casa; a qual moça tem o cuidado de o servir e dar-lhe o necessario para comer e beber.»—G. SOARES DE SOUZA, *Roteiro do Brazil*, cap. 71.

PAG. 156.—**Cardo.**

Fructo da urumbeba e de outras palmas de espinhos de que ha diferentes especies; é vermelho na casca, de polpa branca e sementes pretas.

PAG. 158.—**Corrixo.**

Corrixo é um passarinho que tem o dom de arremedar a todos os outros.

«Temos o passaro que entôa
Por mil differentes modos,

Porque elle remeda a todos,
Seu proprio nome é corrixo.»

J. J. LISBOA, *Desc. curiosa.*

PAG. 159.—**És livre.**

«Mas tambem ha algumas que tomárão tamanho amor aos captivos que as tomárão por mulher, que lhes derão muito geito para se acolherem e fugirem das prisões que elle cortão com alguma ferramenta que ellas ás escondidas lhes derão, etc.»—G. SOARES DE SOUZA, *Roteiro do Brazil*, cap. 171.

PAG. 173.—**Sacrificio.**

Os costumes dos Aymorés não erão inteiramente conhecidos, por causa do afastamento em que sempre viverão dos colonos. Em algumas cousas porém assemelhavão-se á raça tupy; e é por isso que na descripção do sacrificio aproveitámos o que dizem Simão de Vasconcellos e Lamartinière a respeito dos Tupinambás e outras tribus mais ferozes.

PAG. 201.—**Veneno.**

Os indigenas fabricavão diversos venenos, e a sua perfeição foi objecto de admiração para os colonisadores. Humboldt, á vista dos seus conhecimentos toxicologicos, concluo que devia ter havido na America antigamente uma grande civilisação, e que delia havião os selvagens herdado esses usos. Os principaes desses venenos erão o *bororé* e o *uirari*.

PAG. 202.—**Curarê.**

«Le bororé, dont le révérend père Grumilha a donné la description dans son *Orenoco illustrado*, parait être exactement le même dont l'abbé Gilly parle dans son *Histoire de l'Amérique*, et

qu'on désigne aujourd'hui par le nom de *curarê*. Suivant M. Humboldt, c'est un strichnos, et il ne faut pas le confondre avec le *tucunas*, composé toxique dont parle M. de la Condamine dans la relation de son voyage aux Amazones.»—D^r SIGAUD, *Du climat et des maladies du Brésil*.

PAG. 203.—**Em algumas horas.**

Sobre a violencia do *curarê* diz ainda o D^r Sigaud o seguinte:

«En 1830, le président C. J. de Nyemer apporta du Pará à Rio de Janeiro une petite portion de *curarê* qu'on fit prendre à petites doses à divers animaux, qui tous ont succombé en peu d'heures dans des convulsions violentes. Le docteur Lacerda, qui a longtemps pratique au Pará et au Maranhão, a fait, dit-on, d'importantes recherches sur les poisons indiens encore inédites; le *curarê* est, de son aveu, un poison violent, causant d'abord un état tétanique, ensuite une torpeur générale qui précède la mort.»

PAG. 229.—**Contraveneno.**

Segundo Humboldt, o assucar é um contraveneno do *curarê*. Os indios porém conheção naturalmente outros muito mais efficazes, e que hoje ignorão-se, do mesmo modo que o da cascavel.

PAG. 229.—**Setta hervada.**

O *curarê* tambem servia aos indios para hervarem as settas, e nesse caso tinha uma preparação especial. Vid. GUMILHA, *Orenoco illustrado*.

PAG. 292.—**Guanumby.**

Segundo uma tradição dos indios, o colibri, que conheção pelo nome de *guanumby*, levava e trazia as almas do outro mundo.

PAG. 296.—**Igara**.

Significa em guarany *canôa*; *atyaty* é o nome que davão á gaivota.

PAG. 321.—**Tamandaré**.

É o nome do Noé indigena. A tradição rezava que na occasião do diluvio elle escapara no olho de uma palmeira, e depois povoára a terra. É a lenda que conta Pery.

FIM DAS NOTAS DO TOMO SEGUNDO.